



DEMÔNIOS NÃO CHORAM



SAMUEL CARDEAL



DEMÔNIOS
NÃO CHORAM

SAMUEL **C**ARDEAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



 EMÔNIOS
NÃO CHORAM

DEMÔNIOS
NÃO CHORAM

SAMUEL **C**ARDEAL

Copyright © 2013, Samuel Cardeal
Projeto gráfico, diagramação e capa
Samuel Cardeal

Revisão

Sandalo Salgado Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cardeal, Samuel de Castro Santana, 1986

Demônios não Choram/ Samuel de Castro Santana Cardeal. Belo Horizonte:

Edição do Autor, 2013.

ISBN 978-85-916116-0-7

1. Demônios – Ficção 2. Ficção brasileira

I. Título

CDD B869.33

Agradeço a todos que se dispuseram a ler esta obra, minha irmã Janaina, a amiga Bruna e o amigo e colaborador inestimável Sandalo. E, especialmente, à minha amada esposa Priscila, que tentou ler, mas morreu de medo.

“O inferno está vazio
e todos os demônios estão aqui”

(William Shakespeare)

QUATORZE HORAS E TRINTA E SETE MINUTOS, dois de novembro de 2184. A Chispa foi ligada e iluminou discretamente o apartamento através da janela, a luz fraca era incapaz de fazer Ezequiel despertar do sono profundo, induzido a litros de destilado na noite anterior, porém foi suficiente para que as moscas rondassem persistentes ao seu ouvido, convencendo-o de que era hora de se levantar. Na penumbra, sentou-se ao sofá e analisou o cenário: ratos caminhavam sobre o assoalho, algumas garrafas vazias espalhadas pelo chão, guimbas ao redor de um cinzeiro vazio, um pequeno e contido caos. Observou mais um pouco e então encontrou o que procurava: a garrafa que ainda não fora completamente sorvida.

Levantou-se e apanhou a garrafa, seguindo até a bancada junto à pia onde havia um enorme copo de vidro. Despejou o que sobrara do destilado, sem se preocupar se o copo estava limpo ou não, e em seguida pegou seis ovos em um recipiente abaixo da bancada, quebrando um a um e juntando o conteúdo ao destilado, formando uma mistura de aparência nada atraente. Num gole só, derramou todo o líquido do copo garganta abaixo. Ezequiel afirmava que uma refeição nutritiva era mais importante que qualquer prazer que por ventura um café da manhã pudesse trazer, não que houvesse muitas opções em sua dispensa, mas pensar assim o fazia sentir-se no controle das coisas.

A vontade de Ezequiel era de tomar um belo banho quente para curar sua ressaca, porém em tempos de escassez total de água, não podia se dar

a tal luxo. O mais próximo de um banho que conseguiria, seria uma precária limpeza com uma *dry water*, um tipo de esponja artificialmente umidificada. Quando o Atlântico foi drenado pelos russos, o governo norte-americano distribuiu essas esponjas para os países da América do Sul, assim poderiam desviar toda a fonte de água dessas regiões.

Após o “banho”, Ezequiel se vestiu, acomodando os acessórios que sempre carregava consigo. Seu sobretudo cinza era provido de uma série de compartimentos especiais na parte de dentro, onde se acomodavam confortavelmente três pistolas automáticas, uma do lado direito e outras duas do lado esquerdo, duas facas de tamanho médio em cada lado, alguns frascos com substâncias especiais, e um livro velho e desgastado com uma capa de couro cru. Na parte externa do sobretudo, ele prendeu uma espada na vertical. Apanhou uma gaiola coberta por um tecido escuro e deixou o apartamento, ganhando a cidade.

Nas ruas, o silêncio era aterrorizante, não havia ninguém em parte alguma. Como tantas outras naquele tempo, Belo Horizonte era uma verdadeira “cidade fantasma”. A maior parte das pessoas que viviam na cidade foi morta ou sequejada pela última explosão nuclear, as que escaparam, fugiram para o deserto ou para o subterrâneo. E era sob a cidade que se encontrava o destino de Ezequiel. Após alguns minutos de caminhada ele entrou em um beco escuro e desceu por uma boca de lobo até o velho esgoto da cidade. Os esgotos abrigavam cidades dentro das cidades fantasmas, era lá onde se podia encontrar todo tipo de artigo, e como o dinheiro há tempos perdera seu valor, tudo funcionava por meio do escambo.

No mundo subterrâneo Ezequiel era uma figura conhecida, e apesar de não ser do tipo amigável, a maioria dos “comerciantes” o cumprimentava, ele respondia com não mais que um aceno discreto com a cabeça. Cada indivíduo naquele local tinha um produto diferente, alguns ofereciam carne de roedores, outros roupas, temperos, medicamentos, drogas, armas. Qualquer coisa que pudesse interessar a qualquer um era moeda de troca. Mas Ezequiel tinha destino certo e sabia exatamente o que viera buscar. Seguiu caminhando até alcançar uma tenda grande de lona preta. Entrando lá, não encontrou ninguém, bateu com força sobre um maltratado balcão de madeira e após alguns segundos surgiu um homem. Era um sujeito enorme, negro, aparentava ter uns 45 anos e tinha por volta de 2,30 metros de altura. O corpo largo era forte como o de um gorila. O homem descansou as mãos sobre o balcão e fulminou Ezequiel com um olhar pervertido.

- O que tem pra mim hoje, garoto?- Perguntou o negro.

- Preciso recarregar o estoque, André. – Respondeu Ezequiel, removendo o tecido que cobria a gaiola e revelando um grupo assustador de três pequenas e idênticas criaturas. Os monstros se assemelhavam a diminutos e subnutridos seres humanos, porém com asas como as de um morcego, mãos esqueléticas e orelhas compridas como as de um coelho. No rosto tinham somente dois pequenos orifícios no centro, necessários a sua respiração.

André surpreendeu-se, encantado com as criaturas. Era um homem de paixões excêntricas, em sua residência, nos esgotos, havia um

verdadeiro zoológico dos horrores, todo tipo de criatura estranha e monstruosa era acolhida com entusiasmo à sua bizarra coleção. Obviamente, ele era solteiro.

- Onde conseguiu? – Perguntou o negociante.

- Longa história, qualquer dia te conto. – Respondeu sucinto. - Me traga o que você tem de melhor no estoque, e nada de tentar me passar pra trás, eu sei o tipo de porcaria inútil que você passa aos novatos.

André sorriu, voltando para os fundos da tenda. Passados alguns minutos ele retornou com um rolo de lona marrom, atirou o objeto sobre o balcão e o desenrolou vagarosamente. O tecido tinha cerca de dois metros de comprimento, e era provido de inúmeros compartimentos, acolhendo dezenas de pequenos frascos de vidro com líquidos das mais variadas cores e consistências.

- Material de primeira! – Afirmou André, batendo de leve sobre o balcão. – Sangue de cordeiro, lágrimas de morcego, sal israelense, chifre de búfalo, leite de dragão, pó de marfim, osso de xamã... só os seus preferidos.

São diversas as manifestações do maligno, e cada uma delas demanda um tipo diferente de arma, um tipo diferente de proteção. As lendas sobre eventos sobrenaturais sempre existiram e seres míticos sempre foram temidos. Vampiros, fantasmas, poltergeists, lobisomens, monstros e criaturas de todas as espécies. Suas origens foram contadas por gerações, mas por aqueles que pouco conheciam sobre a verdade. Todas essas manifestações misteriosas, que geram tantas versões não confirmadas de uma mesma história, têm uma única origem: demônios. Todos saídos de um mesmo Inferno que encontram brechas, se misturam e aterrorizam no mundo exterior. Ezequiel conhecia bem tais criaturas e tinha uma forma específica para lidar com cada uma delas, os suprimentos que buscava com André eram necessários para cobrir o máximo de possibilidades, já que era impossível prever que tipo de manifestação cruzaria seu caminho.

- Perfeito. – Ezequiel enrolou a lona e guardou na bolsa que carregava.

Ele se despediu com uma continência contida, o homem retribuiu acenando. No caminho de volta à superfície, Ezequiel buscou no bolso de seu casaco um antigo relógio de bolso dourado, na tampa era possível observar, discretamente estampada, a inscrição “*vires et fidem*”. Suavemente correu o polegar sobre a tampa para em seguida abri-la, e apesar dos ponteiros permanecerem inertes ele conferiu as horas e conduziu o relógio de volta ao bolso.

De volta à cidade fantasma Ezequiel seguiu caminhando ligeiro, até ficar de frente a um portão de garagem, o alumínio, completamente tomado pela ferrugem, estava preso ao chão com um enorme cadeado prateado. Ele apanhou uma faca presa à sua canela por uma bainha de couro, ao pressionar o cabo da arma surgiu na base inferior uma chave, com a qual ele rapidamente abriu o cadeado, fazendo subir o enferrujado portão de alumínio e revelando uma motocicleta. A moto de Ezequiel não era um veículo comum, a superfície era totalmente negra e, apesar do local extremamente sujo e fétido onde ela se encontrava, a lataria estava impecável e brilhante. Com a silhueta curvilínea, o veículo lembrava uma pantera negra atacando sua presa.

Apesar de sua expressão séria, desprovida de qualquer traço de ternura, a maneira com a qual Ezequiel subia na moto denotava uma relação de proximidade entre ele e aquele conglomerado de peças metálicas. A inclinação, quase totalmente horizontal, de seu corpo sobre a motocicleta sugeria um abraço entre o homem e sua reluzente companheira de aço.

A máquina foi ligada, e ambos deslizaram até o asfalto. Ezequiel acelerou vigorosamente e uma nuvem de poeira marcou seu rastro enquanto desaparecia no horizonte. A dupla seguia livre pelas ruas da cidade fantasma, em seu caminho não havia obstáculos. Apesar da deterioração de todas as áreas urbanas, as ruas permaneciam intactas, isso devido ao asfalto ter sido fabricado a partir de um complexo rochoso extremamente resistente, extraído das perfurações subterrâneas feitas em Marte. As fontes minerais do Planeta Vermelho foram integralmente exauridas na chamada “*corrida do minério espacial*”, mas foram suficientes para pavimentar as ruas das principais cidades do mundo de uma forma que perdurasse, no mínimo, tanto quanto a existência humana.

Alguns minutos depois Ezequiel chegava à velha Estação Central do Metrô. Não havia mais trens, não havia mais lojas, apenas meia dúzia de vagabundos que ainda insistiam em permanecer na superfície e não temiam as criaturas que se moviam pelas sombras. Não tinham medo, pois já estavam mortos de qualquer maneira. Ainda sobre a motocicleta, Ezequiel desceu pela escadaria até o subsolo, apesar de abandonadas e em estado de decomposição, as fachadas ainda estavam lá, e sobre a grossa camada de poeira era possível ler alguns nomes. Ezequiel estacionou em frente ao Empório *Bela Constanza*.

As portas estavam abertas, e apesar de a sujeira sugerir anos de abandono, tudo no interior da loja estava em seu devido lugar, as prateleiras estavam vazias, mas cada objeto ocupava sua posição, como se o estabelecimento tivesse sido inaugurado no dia anterior. Ezequiel caminhou diretamente até os fundos da loja, atrás do balcão, se abaixou e bateu três vezes no chão, esperando alguns segundos até que uma porta horizontal se abrisse em direção ao subsolo e a pouca luz existente no local revelasse um escada de madeira. Desceu as escadas sumindo na escuridão e empurrando a pequena porta de volta ao seu lugar, restaurando o velho e empoeirado chão da loja.

No fundo do porão, iluminado apenas por uma pequena lâmpada de 40 watts, Abel estava de pé, selando cartuchos de calibre 12 numa prensa de aparência precária. Cada projétil era milimetricamente enfileirado em uma mesa de madeira estreita e comprida. Ao lado dos cartuchos de 12, um grupo não menos organizado de balas calibre 38, e um terceiro grupo de calibre 44. Os três grupos estavam cuidadosamente divididos, como um verdadeiro exército de metal. Ezequiel se aproximou de Abel tirando do casaco o rolo que adquirira a pouco, e assim como André fizera, ele o desenrolou sobre a mesa, retirou alguns frascos e os posicionou ao lado da prensa, onde jaziam outros recipientes, vazios ou quase vazios. Abel apanhou um dos frascos novos e despejou o conteúdo na mistura que utilizava para “recheiar” as cápsulas. Ezequiel foi até o exército de metal, retirou da bolsa um cinturão cheio de compartimentos individuais, e calmamente os preencheu com os cartuchos enfileirados por Abel.

Ezequiel olhou para um *Ipod* surrado ao lado da prensa e disse:

- Você não cansa dessa música?

- Você sabe Z, são as melhores 28 canções de todos os tempos. – Ezequiel torceu o canto da boca, perfazendo uma leve careta.

- Tem alguma coisa pra mim?

Abel, sem interromper seu trabalho, tirou um pedaço de papel do bolso de trás da calça e o colocou sobre a mesa:

- Aí está o endereço. – Disse ele. - É uma velha mansão abandonada. A menina tem aproximadamente 14 anos, está sozinha, aparentemente possuída, não mora ninguém por perto, mas dizem que os gritos são intermitentes e podem ser ouvidos a quilômetros.

- Pode ser divertido. – Disse Ezequiel, apanhando o pedaço de papel e guardando no bolso interno do casaco.

Abel manteve o silêncio, se concentrando em seu trabalho, enquanto o visitante ia embora tão rápido quanto chegara. Ezequiel voltou a sua moto e deixou a estação rumo a uma cidade no Estado da Bahia onde, de acordo a anotação de Abel, ficava a mansão. Essa região foi uma das mais atingidas pelos testes nucleares no ano de 2100, oitenta e quatro anos depois, a radiação ainda estava em toda parte e ninguém se aventurava a passar por aquela área.

Era um caminho longo a percorrer, cerca de 1.300 quilômetros, pelo menos 4 horas de estrada. Para viagens longas, Ezequiel abria as duas placas captadoras de energia solar para abastecer as baterias da motocicleta. Apesar de não existir mais o sol, a Chispa era capaz de fornecer energia suficiente para manter o veículo em movimento com uma velocidade aproximada de 350 quilômetros por hora.



Durante o século XXII, a energia hidroelétrica tornou-se impossível em virtude da escassez absoluta de água. Com os desequilíbrios naturais causados pela devastação, também não era viável a geração de energia eólica, e a solução julgada como mais apropriada, foi a energia nuclear. As usinas nucleares supriram a necessidade do planeta por alguns anos, porém, após os desastres nucleares, as usinas remanescentes passaram a operar em potência máxima, em virtude desta sobrecarga todas as usinas entraram em colapso causando explosões devastadoras nos quatro cantos do mundo.

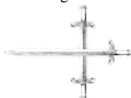
Sem nenhuma forma de energia disponível, foram reunidos sumidades do universo científico para solucionar o problema. As mentes mais brilhantes de todo o mundo uniram-se, e juntos esses cientistas desenvolveram uma tecnologia que “sugava” a energia solar a uma intensidade 10.000 vezes maior que a natural, podendo assim abastecer todo o planeta. Nos dez anos posteriores, o mundo seguiu adiante, utilizando indiscriminadamente a energia solar para todos os fins imagináveis. Mas ao contrário do que todos pensavam o

sol também não era uma fonte inesgotável e certo dia ele simplesmente morreu, se transformando em apenas uma enorme esfera de carvão.

Durante anos, enquanto a humanidade sobrevivia nas trevas, os mesmos cientistas que desenvolveram a tecnologia responsável pela morte prematura do sol, trabalharam em um novo projeto que envolvia busca de plutônio nas áreas de alta exposição radioativa. O plutônio recolhido era tratado e concatenado a um grupo. Assim, após sete anos de trabalho, conseguiram criar uma fonte de luz com uma relativa estabilidade, uma enorme esfera do tamanho de um pequeno planeta, aproximadamente 40% do tamanho de Plutão. A esfera foi lançada ao espaço de modo a se posicionar entre o sol e a terra, e então novamente houve luz. A essa esfera, deram o nome de Chispa.

A Chispa iluminava a terra de forma precária. Semelhante ao sol poente, e somente durante algumas horas do dia. Devido ao seu sistema autônomo de gerenciamento de energia, sua luz era ligada durante algumas horas e desligada até a estabilização de sua carga. A Terra teve novamente luz, porém nunca mais houve um verdadeiro amanhecer.

Ezequiel nasceu sob a luz da Chispa no ano de 2155. Naquele tempo, o mundo não era menos sombrio, então, para ele, não havia do que se queixar em tal aspecto. Quando se acostuma a passar a maior parte do tempo nas trevas, não é difícil se satisfazer com alguns raios de luz.



Vencidos os primeiros 200 quilômetros, o asfalto chegava ao fim, e pelo resto do caminho era necessário enfrentar a terra batida e as eventuais irregularidades do terreno, o que não fazia, de forma alguma, Ezequiel reduzir sua velocidade sobre a motocicleta. O caçador (sim, era esse seu trabalho, e assim gostava de ser chamado) usava um capacete preto aberto na parte da frente e óculos para protegê-lo da poeira e outros fragmentos que frequentemente saltavam contra seu rosto.

Ao alcançar a metade do caminho, a luz da Chispa reduziu gradativamente até se apagar completamente, o resto da viagem seria na escuridão. Ezequiel verificou o nível da bateria, a carga estava quase completa, mais que o suficiente para completar seu percurso. Ele gostava de pilotar nas sombras, *um mundo tão obscuro e devastado não há porque ser iluminado*, ele pensava. Mas nem sempre ele pensou assim.

II

AOS CINCO ANOS DE IDADE, EZEQUIEL ERA UM ÓRFÃO que vivia nas ruas, se abrigando em qualquer buraco que encontrasse. Naquela época o mundo já não passava de um dejetos do que um dia foi o submundo do planeta. O garoto não se lembrava de seus pais, ou de qualquer outra pessoa, só lembrava-se de estar sozinho, de estar sempre sozinho.

Era difícil encontrar outras crianças, a maioria delas não sobreviviam ao primeiro ano, devido a infecções e subnutrição. Já os órfãos abandonados como ele, raramente resistiam aos primeiros dias. No entanto, desde suas mais remotas memórias, Ezequiel sempre quis viver, e essa vontade o levou a aprender a se virar desde cedo. Conseguir o que comer, arranjar um lugar seguro pra dormir, desafios assim não eram momentos, era o que acontecia todo o tempo.

Durante os séculos XX e XXI, a palavra de ordem era "consumir", e a sociedade sempre comprava mais do que precisava, e mais do que conseguia de fato consumir, produzindo lixo em demasia, de modo que não era difícil servir um farto banquete se utilizando somente de sobras facilmente encontradas nas latas de lixo espalhadas pela cidade. No século XXII se alimentar de sobras e restos do lixo era privilégio de poucos. Ezequiel aprendeu rápido que sua única chance de se alimentar eram as criaturas que, assim como ele, se escondiam e rastejavam pelas frestas escuras dos becos da cidade.

Em pouco tempo Ezequiel tornou-se um habilidoso caçador, se um roedor ou um pequeno réptil passasse por perto, facilmente escaparia. Mas nem

sempre o cardápio era tão farto e durante muitos dias o ápice de sua alimentação era obtido por meio de algumas baratas e outros insetos que eventualmente encontrava.

Durante alguns anos ele viveu assim, se alimentando do lixo de um mundo do qual só restaram sobras. À medida que o tempo passava, Ezequiel se aprimorava na arte de caçar, e da abundante sucata que recheava a cidade, surgiram suas primeiras armas e armadilhas. Facas, machados, lanças e dardos. A essa altura, já se sentia à vontade para andar por toda a cidade, com 12 anos de idade manejava a faca com destreza e não mais temia os maniacos e pedófilos que eventualmente perambulavam pelas ruas.

Certa manhã, Ezequiel garimpava em um grande ferro velho no centro da cidade. Carros velhos sempre rendiam itens interessantes. Quando as fontes de petróleo se exauriram, todos os veículos movidos à gasolina se tornaram peso morto e foram abandonados por toda a cidade. Os melhores achados sempre estavam escondidos nos porta-malas que, mesmo trancados, Ezequiel era capaz de abri-los em poucos segundos, uma breve olhada, nada encontrado, próximo carro, assim ele seguia verificando um a um em busca de algo útil.

O próximo carro era um velho Chevette preto duas portas, ao se aproximar, Ezequiel notou que a fechadura já havia sido arrombada, tal fato lhe causou estranheza, já que nunca vira ninguém naquela região. Sem saber que surpresa lhe aguardava, ele usou um pedaço de metal para cuidadosamente erguer a porta. Levou um tremendo susto com o que viu, dando um passo para trás e fazendo a porta se fechar novamente.

Apesar do pouco tempo que a porta ficara aberta, Ezequiel viu algo que se parecia com uma pessoa, um menino para ser mais preciso. Durante os anos que viveu sozinho nas ruas, ele nunca havia visto outra criança, ao ver a fechadura estourada esperava encontrar algum tipo de animal selvagem, um cadáver ou até mesmo um dos vagabundos e pervertidos que ainda perambulavam pela cidade, mas uma criança era algo para o qual ele, definitivamente, não estava preparado.

Novamente Ezequiel se aproximou e abriu a porta de uma vez, o menino, que olhava pela fresta da porta, se afastou assustado para o fundo do porta-malas.

- Hei! O que você faz aí? – Perguntou Ezequiel, sem obter resposta do garoto, que apenas se encolhia ainda mais. – Calma, eu não vou te machucar. Saia daí pra gente poder conversar.

A não ser pelo tremor de seu corpo, a criança permanecia imóvel, fitando preocupado a barra de ferro na mão de Ezequiel. Ao perceber o olhar do garoto, ele atirou o objeto metálico para longe e estendeu sua mão para o forasteiro.

- Meu nome é Ezequiel. Que tal vir aqui pra fora? Pode confiar em mim. Pela sua cara você não come há dias, eu posso ajudar, hoje pela manhã fiz uma boa caçada e não vai fazer mal dividir com você.

Estendendo a mão e segurando a de Ezequiel, o garoto saiu do porta-malas, ficou de pé e, ainda assustado, deu dois passos para trás. Em meio à

sujeira do rosto e os trapos que cobriam seu corpo, se destacavam dois grandes e brilhantes olhos azuis.

- Qual o seu nome? Tem alguém com você? – Ele não respondeu – Tudo bem, vem comigo, vamos comer alguma coisa, do jeito que você está fraco é provável que nem consiga andar caso se esforce pra falar.

Ao começar a andar, Ezequiel percebeu que o garoto, assustado, não o acompanhava, então o pegou pelo braço e o conduziu até o seu abrigo atual. Em um beco escuro e úmido, um pequeno barracão construído a partir de sucata, dentro dele havia um pouco de lenha e uma panela improvisada de restos de escapamento dos carros abandonados. Ao lado da panela jazia a carne, já cortada, dos animais abatidos pela manhã.

- Senta aí, vou preparar um cozido com esses roedores. Já comeu carne de rato antes?

Com um balançar de cabeça o garoto respondeu negativamente.

- Você sabe falar, garoto?

Novamente balançando a cabeça ele respondeu, porém, dessa vez, positivamente.

- Pode me dizer seu nome? - perguntou Ezequiel

- É Elias. – Respondeu o garoto, com timidez.

- Tem família, Elias? Como é que você veio parar aqui?

- Eu me perdi do meu pai e não sei voltar pra casa.

- E onde fica sua casa? Sabe me dizer? Talvez eu possa ajudar.

- Moramos na Fazenda, a fazenda do meu pai.

- É, agora ficou bem fácil encontrar. – Ironizou Ezequiel – Agora você precisa se alimentar, amanhã podemos pensar no que fazer.

O cozido ficou pronto e Elias se alimentou vorazmente, como se aquela comida não fosse durar mais que alguns segundos ao seu alcance. Ao terminar, ele emitiu um encorpado e sonoro arroto. Ezequiel, ainda comendo, parou e olhou para o visitante e após alguns segundos de silêncio os dois caíram na gargalhada.

- Vamos trancar tudo, o sol já se pôs. - Àquela época, Ezequiel ainda achava que era realmente o sol que iluminava a cidade, mesmo que seus horários fossem tão inconstantes. - Durante a noite as criaturas mais sombrias vagueiam à procura de algum desavisado.

- Que criaturas são essas? São animais?

- Nem queira saber sobre elas, você só precisa saber que durante a noite quem não tem um abrigo seguro, dificilmente verá o dia amanhecer. Pode ficar com esse cobertor. Você estava realmente com fome, comeu todas as minhas reservas, amanhã levantamos com o sol pra caçar. Boa noite. – Disse cordialmente Ezequiel, apagando o fogo e se deitando num pedaço surrado de papelão.

- Boa noite, e... e obrigado.

Ao primeiro sinal de luz do dia, Ezequiel já estava de pé preparando suas armas, podia parecer muito para pegar ratos de esgoto raquíticos e famintos, mas ele levava tudo o que fazia a sério, como se estivesse em uma missão em tempo integral. Elias acordou com o barulho das armas de

sucata sendo separadas e aderidas ao corpo do pequeno caçador.

- O que está fazendo? – Perguntou o garoto perdido.

- Se esqueceu? Não temos o que comer, e a comida não virá rastejando até nós. – Respondeu, atirando para Elias uma pequena faca de lata embrulhada em uma baihna feita de couro de rato.

- O que eu faço com isso?

- É simples, segure pelo cabo, encontre a presa e acerte pra matar.

- Não consigo fazer isso!

- Consegue ter fome? Então vai conseguir. – Respondeu, enquanto removia as corrente que selavam a porta do barracão. – Não se preocupe, eles também estão fracos e com fome, não será nenhum grande combate.

Os dois saíram para a caçada. Ezequiel assumiu a dianteira e Elias o seguiu ligeiramente apavorado. Trinta minutos de caminhada e enfim surgiu uma boa presa, uma avantajada ratazana que rapidamente os notou, denunciados pelo bater dos dentes de Elias. Porém, a velocidade em que o animal fugia não era suficiente para salvá-lo.

- Chega mais perto, Elias. Acerta ela bem no pescoço.

-Não consigo.

-Ela está rastejando, quase não tem forças pra andar, vá até lá e enfie a faca na coitada.

Apesar de relutante, Elias se aproximou do animal, a faca balançava para cima e para baixo, de acordo o tremor incessante de suas mãos. Estava preparado para o golpe quando a ratazana olhou pra ele e emitiu um grasnado fraco e agudo. A faca caiu de suas mãos trêmulas e ele recuou com medo, deixando a arma para trás. O café da manhã dos dois garotos estava fugindo com um aumento discreto em sua velocidade, Ezequiel olhou para Elias escondido atrás de uma lata de lixo, olhou de volta para a ratazana e a viu se distanciando, ele puxou um punhal afiado na parte inferior de sua calça e atirou no animal. Foi um lance certo e a morte instantânea. Pela ponta do rabo ele segurou o corpo sem vida da ratazana e jogou-o para Elias, que segurou o animal com certa repulsa.

- Você sabe cozinhar? – Perguntou Ezequiel

- Sim.

- Então vamos voltar, hoje é a sua vez de preparar nossa comida.

- Sinto muito, nunca vou conseguir fazer isso! – Lamentou o garoto, se referindo ao seu fracasso como caçador.

- Fica frio, esse aí só vai dar pro café. Vai ter outras chances.

Durante algumas semanas os dois repetiram a rotina de caça, cozinha e buscas pelas pilhas de sucatas, não demorou para que Elias efetuasse seu primeiro abate, seu medo se dissipava dia a dia e em pouco tempo Elias e Ezequiel já estavam muito parecidos, eram como dois irmãos. Mas, apesar da amizade construída entre as duas crianças, a saudade de casa às vezes batia mais forte e Elias se escondia para chorar, quando ele reaparecia, Ezequiel agia como se tudo estivesse normal, mesmo que o vermelho dos olhos denunciasse o amigo.

Em uma manhã chuvosa, Ezequiel saiu para caçar, como a chuva era extremamente ácida, ele havia confeccionado um traje especial com a

lataria de alguns carros mais resistentes, só havia um traje, então Elias ficou no barracão esperando. Horas mais tarde, Ezequiel voltou, trazendo apenas alguns pequenos animais que conseguiu encontrar. Quando abriu a porta, encontrou Elias desmaiado sobre uma poça vermelha no chão, havia cortes em seus pulsos e sua pele estava branca como cera. Ezequiel correu até seu corpo, aparentemente sem vida, e repousou o ouvido em seu peito, apesar de fraco, o coração ainda batia. Rapidamente rasgou tiras de tecido de suas roupas e as usou para enfaixar os pulsos cortados.

Em suas buscas pelo ferro velho, Ezequiel eventualmente encontrava livros e revistas velhas, e apesar de não saber ler, as letras pretas sobre as folhas amareladas lhe causavam um imenso fascínio, alguns encadernados eram repletos de figuras multicoloridas impressas em páginas brilhantes, o que aumentava ainda mais seu encanto. Ezequiel observava aqueles símbolos e sua vontade de ser capaz de decifrá-los era tão grande que ele chegava a passar horas mergulhado naquelas páginas. Aos poucos, ele notou que os símbolos se repetiam e se repetiam, separados em grupos, alguns pequenos, outros um pouco maiores, e ainda, que algumas letras ficavam sozinha entre dois grupos. Dia após dia ele lia e lia os símbolos incompreensíveis, de modo que a cada nova passagem, as letras se tornavam menos estranhas e mais familiares, e o tamanho de cada grupo mudava, assim como as palavras que saíam de sua boca também variavam quanto ao tempo de emissão.

Ezequiel aprendeu a ler por si próprio e passou a valorizar tudo o que encontrava onde havia escrita, tanto quanto o alimento que conseguia. A variedade da leitura era abissal, lia de culinária a livros de autoajuda. Ao ver Elias e todo aquele sangue fora de seu corpo, Ezequiel se lembrou dos livros de medicina que já havia lido e sobre um procedimento onde um enfermo que havia perdido muito sangue recebia o sangue retirado de uma pessoa saudável.

Pelo que se lembrava, era preciso uma agulha de seringa e um tubo para passar o sangue, mas, infelizmente, só havia sucata no barracão. Ezequiel despejou uma pequena porção de água na boca de Elias, apoiou sua cabeça em um caixote, em seguida correu até os aglomerados de sucatas. Entre todos aqueles carros, ele procurava os mais novos, rapidamente ele encontrou uma mangueira no sistema de freios de um carro de luxo, a agulha foi improvisada a partir do sistema de limpeza de pára-brisa de outro veículo mais antigo.

Com os objetos em mãos, a corrida de volta ao barracão foi frenética. Quando ele chegou, Elias continuava estático, seu pulso estava ainda mais fraco, não tinha muito tempo. Rapidamente Ezequiel preparou as agulhas, conectou a mangueira com o auxílio de tiras de borracha de pneus, procurou a veia de Elias e introduziu a agulha, previamente esterilizada com fogo, em seguida apanhou a outra ponta e levou a agulha até sua própria veia. Imediatamente o vermelho tomou conta da mangueira amarela semitransparente e o sangue começou a verter do corpo de Ezequiel direto para o corpo moribundo de Elias.

III

QUATRO HORAS DE VIAGEM, EZEQUIEL ESTAVA PRÓXIMO de seu destino. Reduziu a velocidade, a fim de procurar pela velha mansão. A maior parte da cidade não passava de ruínas, e sem números para seguir, o endereço que levava em seu bolso tinha pouca utilidade.

Aproximadamente novecentos quilômetros adiante, surgia, sob a neblina, uma imensa e isolada casa. Ezequiel parou e com um binóculo tentou ver melhor a casa, não havia dúvida, aquele era o lugar. Ligou novamente a motocicleta e acelerou, nesse momento Ezequiel sentiu uma terrível dor de cabeça que o fez perder totalmente o controle do veículo, fazendo-o colidir contra uma rocha e atirando seu corpo ao solo.

Ezequiel se contorcia, atordoado pela dor que sentia. Ao colocar seu indicador direito sobre a testa, sentiu o relevo, formando um estranho símbolo que ardia em brasa, queimando seus dedos ao tocá-lo. Cinco minutos de agonia mais tarde tudo cessou: a dor, o ardor, o relevo, nada mais existia. Porém, ainda levou alguns minutos para que conseguisse se levantar.

Aquilo não foi algo novo, desde criança, Ezequiel tinha episódios como esses, na infância eram bastante intensos, cessando em parte da adolescência e início da vida adulta e voltando a ocorrer recentemente, cada vez com mais intensidade. O símbolo revelado em sua testa era sempre o mesmo. Durante anos ele procurou o significado de tal símbolo, livros religiosos, de ocultismo, livros proibidos, apócrifos, bíblias de simbologia, nada e ninguém foi capaz de desvendar o mistério. Depois de algum tempo, Ezequiel desistiu de fazer

perguntas que não podiam ser respondidas.

Depois de verificar sua moto, já há uns cem metros da casa, ele decidiu completar o percurso a pé. Com um caminhar ainda lento, seguiu até a casa, parou em frente à porta e examinou-a cautelosamente. No chão havia uma espécie de pó de coloração amarelada, Ezequiel se abaixou e tocou o pó com os dedos, levando-os até bem perto do nariz, o cheiro de ovo podre era inconfundível, enxofre, a prova cabal de que estava no lugar certo.

Ezequiel retrocedeu, se afastando da porta enquanto retirava de sua bolsa dois recipientes cilíndricos, abriu o maior deles, onde havia sal até a boca. Posicionou o recipiente na diagonal com a boca direcionada ao solo e começou a caminhar ao redor da casa, fazendo uma volta completa e formando um círculo sem falhas.

O segundo recipiente tinha um tampa bem pequena, o suficiente para dispensar um modesto filete de água (desperdiçar água não era uma opção aceitável). O sal iria impedir que outras entidades penetrassem na casa, já a água, enfraqueceria o demônio para que Ezequiel pudesse fazer seu trabalho.

Água benta é indispensável quando se combate criaturas das trevas, porém é difícil, para um andarilho solitário, tê-la sempre em estoque. Considerando todas as armas e demais itens que Ezequiel carregava consigo, seu suprimento de água benta estava sempre no mínimo possível. Por isso, era sempre recomendável ter em mente um bom ritual para "baptizar" qualquer tipo de água a qualquer tempo.

Assim como fez com o sal ele fez com a água, esguichando o filete nas paredes da casa enquanto executava o ritual de bênção:

-*Exorcizo te, creatura aquæ* - Ele dizia, enquanto contornava a casa - *in nomine Dei Patris omnipotentis, et in nomine Jesu Christi* - seu tom de voz era grave e sereno - *Filii ejus Domini nostri, et in virtute Spiritus Sancti....* - ele continuou a circular a casa até o fim do ritual.

Ao fim da terceira volta em torno da mansão, estava preparado para entrar. A porta era de madeira reforçada e a fechadura extremamente resistente, porém, ao primeiro giro da maçaneta a porta se abriu sem problemas. A sala de entrada carregava uma grossa camada de poeira sobre a mobília antiga, porém, intacta.

O silêncio mantinha sua soberania, o que fazia Ezequiel questionar se ainda havia alguém ali ou se chegara tarde demais. Cada espaço no primeiro pavimento da mansão foi verificado, não havia o mínimo sinal de vida. Através da larga escadaria de madeira, o caçador se encaminhou ao segundo pavimento. A cada degrau o ambiente ficava mais escuro, chegando ao topo, a escuridão era quase total e já era possível ouvir um som abafado e confuso vindo de algum lugar no corredor principal.

Pelo largo corredor, recheado de portas, Ezequiel seguiu lentamente, abrindo porta por porta, em cada cômodo sempre o mesmo: móveis velhos e camadas sobre camadas de poeira. À medida que avançava, o som ficava mais alto e um pouco mais nítido, já era possível identificar algo parecido com gritos e um barulho incessante de pancadas. Perto do fim do corredor encontrou uma porta por cuja fresta inferior passava uma luz esverdeada. Da

mesma fresta ouvia-se os gritos e as pancadas de forma bem nítida e sonora.

Ezequiel tentou a maçaneta, mas não teve a mesma sorte da entrada. Aparentemente a porta era bem fina e a fechadura claramente frágil, ele forçou a porta com o ombro e nada, se afastou e tentou com o pé, nada, era como se dispensasse toda sua força contra uma grossa parede de concreto. Perdendo opções, retirou uma pistola do coldre sob o casaco e disparou seis vezes contra a fechadura. Nada aconteceu.

Eu já vi isso antes, pensou Ezequiel. Dois anos atrás, havia um velho possuído em um barracão de madeira, as paredes eram finas como papelão, mas quando ele tentava entrar era como se aquelas frágeis madeiras fossem fortes como aço. Ao resgatar tal lembrança da memória, Ezequiel já sabia o que fazer.

Com o que sobrara do sal e água benta nos recipientes, Ezequiel fez uma mistura, acrescentando um pó de cor azulada que apanhara no bolso interno de seu casaco. Depois do conteúdo misturado de forma homogênea e com o recipiente levemente inclinado para baixo, ele começou a molhar o batente da porta da extremidade inferior direita até a esquerda. Com mais um pouco de sal guardado em um novo recipiente traçou um linha no chão por debaixo da porta, fechando assim um retângulo perfeito.

Do bolso da calça tirou um isqueiro metálico com tampa retrátil, de outro bolso um estojo do mesmo material com alguns cigarros. Acomodou um cigarro na boca, acendendo-o em seguida com a ajuda do isqueiro. Depois de uma forte tragada, segurou o cigarro pelo filtro e levou a ponta em brasa até o batente, imediatamente o fogo tomou conta de todo o entorno da porta. Com um pouco de sangue de cordeiro, desenhou um símbolo, ao fim do desenho o fogo se apagou e a porta se abriu lentamente.

Como um pistoleiro que adentra o *saloon* para um acerto de contas, Ezequiel atravessou do corredor ao interior do quarto. O cenário era caótico, a menina levitava sobre a cama e gritava histericamente, como se travasse um embate de forças contra seu possessor. Durante a luta seu corpo era atirado repetidas vezes contra o teto e contra a cama.

Os olhos daquela criança estampavam um vermelho cor de sangue e sua pele branca apresentava tons pastéis de amarelo. Apesar de seu estado de degradação, algo de belo e puro ainda conseguia transparecer em seu rosto. Suas vestes se resumiam a uma camisola branca, as mãos estavam fechadas e os braços esticados, perpendiculares ao tronco. Os cabelos compridos e molhados acompanham o movimento do corpo para cima e para baixo, contra o teto e contra a cama.

Ezequiel apagou seu cigarro e o atirou indiscriminadamente ao chão. Apesar de já ter analisado a situação, no que dizia respeito a demônios sempre poderiam ocorrer surpresas. Antes de iniciar a "desinfecção", sempre preferia amarrar a pessoa. Com um bom pedaço de corda em uma das mãos ele se aproximou da cama para amarrá-la, mas, semelhante ao que ocorreu com a porta, havia uma espécie de campo de força que o impedia de chegar até a menina. Deixou a corda de lado e se fez valer do pote de sal grosso tirado do fundo da mochila. Sem muito capricho desenhou um círculo branco ao redor da

cama. Ao fechar o círculo, a levitação cessou. Os gritos e grunhidos continuaram, no entanto, com uma considerável redução em volume e intensidade.

Antes de amarrá-la à cama ele examinou seu corpo. Às vezes o desgaste físico era tão grande, que o possuído não sobrevivia a um exorcismo. Apesar de pequena e aparentemente frágil, a garota tinha uma estrutura sólida e aparentemente aguentaria o procedimento. Após amarrá-la pelos pulsos e calcanhares, Ezequiel apanhou um frasco com água e repetiu o ritual da bênção, derrubando todo o líquido sobre a menina. Sua pele queimou em contato com a água benta, e seus gritos deram lugar a rugidos de tons graves. A criatura já não se sentia tão confortável dentro do corpo ensopado daquele líquido que, para ela, era puro veneno.

O corpo da menina se agitava para um lado e para o outro, e sua boca vomitava palavras dos piores tipos.

- Deixa ela! É minha, é minha! Sai desgraçado! Eu te mato, te mato.....

- Eu não vou repetir. – Falou Ezequiel, sentado ao lado da cama – Você só vai ter uma chance, te darei três segundos pra deixar esse corpo pacificamente, depois disso não tem mais volta. Um, dois.....

No três, Ezequiel, que já havia se levantado, subiu em cima da garota, como quem monta um touro bravo, e com a palma da mão direita segurou sua testa, enquanto a outra mão segurava um rosário de madeira. Ele aproximou o rosto do ouvido e quase balbuciando proclamou:

- *egna terrae, cantate deo, psállite dómíno, tribuite virtutem deo Exorcizamus te, omnis immundus spiritus, omnis satanica potestas...*

Ele rugia e seu corpo lutava para escapar das mãos do exorcista.

...*omnis incursio infernalis adversarii, omnis legio, omnis congregatio et secta Diabolica, in nomine et virtute Domini Nostri Jesu + Christi eradicare et effugare a Dei Ecclesia, ab animabus ad imaginem Dei conditis ac pretioso divini Agni sanguine redemptis +....*

- Nãaaaaaa! – Gritava feroz a criatura.

... *Non ultra audeas, serpens callidissime, decipere humanum genus, Dei Ecclesiam persequi, ac Dei electos excutere et cribrare sicut triticum + . Imperat tibi Deus altissimus + , cui in magna tua superbia te similem haberi adhuc præsumis; qui omnes homines vult salvos fieri et ad agnitionem veritatis venire. Imperat tibi Deus Pater +....*

A voz de Ezequiel se elevava gradativamente, a pele da garota queimava e fumaça brotava de seus poros, sua agitação era tão grande que a cama balançava de um lado para o outro e a madeira não mais tocava o chão.

... *imperat tibi Deus Filius + ; imperat tibi Deus Spiritus Sanctus + . Imperat tibi majestas Christi, æternum Dei Verbum, caro factum + , qui pro salute generis nostri tua invidia perdit, humiliavit semetipsum facinus hōbediens usque ad mortem; qui Ecclesiam suam edificavit supra firmam petram, et portas inferi adversus eam nunquam esse prævalituras edixit, cum ea ipse permansurus omnibus diebus usque ad consummationem sæculi....*

O vento abriu as janelas que, assim como as portas, batiam sem

parar. Como se um tornado tivesse se formado dentro do quarto, os poucos móveis que ali estavam começaram a voar, saindo pela porta e pelas janelas. O rosto da menina se escureceu, como se sua pele queimasse de dentro para fora, seu corpo se contorcia ao som de ossos quebrando e se reconstruindo, misturado aos gritos, grunhidos, rugidos e injúrias que saíam de sua boca.

Num reflexo involuntário a menina se agarrou as laterais da cama com as mãos e seu pescoço inflou como um balão, os grunhidos deram lugar a um som abafado de engasgo.

...Imperat tibi sacramentum Crucis + , omniumque christianæ fidei Mysteriorum virtus +. Imperat tibi excelsa Dei Genitrix Virgo Maria + , quæ superbissimum caput tuum a primo instanti immaculatæ suæ conceptionis in sua humilitate contrivit. Imperat tibi fides sanctorum Apostolorum Petri et Pauli, et ceterorum Apostolorum...

A mão de Ezequiel permanecia sobre a testa da menina, seus olhos lacrimejavam sangue sobre a pele escurecida, o inchaço na garganta subia e algo começava a surgir de dentro de sua boca, algo negro e com penas.

... Imperat tibi Martyrum sanguis, ac pia Sanctorum et Sanctarum omnium intercessio.

Um corvo, negro e com as penas empapadas, atravessou a garganta da criança e se espremeu entre os lábios até se libertar, assim que o pássaro deixou a menina, ela perdeu os sentidos, cessando todos os seus movimentos. O corvo voou apressado pela janela, gritando. Ezequiel pegou uma de suas pistolas e tentou alvejá-lo, mas a distância já era grande e a criatura desapareceu em meio ao céu nebuloso.

IV

NO ABRIGO SUBTERRÂNEO 538, SOFIA LECIONAVA para as crianças. A idade dos alunos ia dos sete aos doze anos, e apesar da amplitude da faixa etária, não havia conflitos. Sofia sempre foi uma mulher de coração puro e vivia para os outros, desde pequena manifestava o forte desejo de ensinar, seguindo o que já era quase uma tradição em sua família, a linhagem de professores vinha desde os avós de seus avós, senão de mais longe.

Neste dia, sua aula tratava das quatro estações do ano, ela adorava descrever como o clima mudava de tempos em tempos e como cada estação era repleta de beleza, cada uma com suas peculiaridades, mesmo que, em toda a sua vida, jamais tivesse visto um pôr do sol.

Dos vinte e sete alunos, apenas doze conheciam seus pais, desses doze, somente sete não os havia perdido ainda. Os órfãos nunca iam à superfície, e não era necessário, pois o orfanato ocupava os abrigos de 539 a 545, todos interligados por túneis sob a terra.

A maioria dos que viviam ali, nasceram no subterrâneo. Depois das explosões nucleares, os sobreviventes da cidade de Florianópolis, seguindo o exemplo de tantos outros lugares, construíram abrigos subterrâneos por todo o território, o que salvou grande parte da população da segunda onda de explosões. Quando Sofia nasceu, a cidade sobre a terra já estava inteiramente devastada.

Os abrigos foram construídos em grupos de dez a quinze, em cada grupo, os abrigos foram interligados por estreitos túneis, porém para ir de um grupo até outro era necessário ir à superfície. A maioria das pessoas tinha medo

da superfície e não permitiam que suas crianças frequentassem as aulas de Sofia. Outros a consideram uma louca por querer ensinar algo de um mundo que há tempos se fora.

Ao término da aula, ela acompanhava os alunos residentes de outros blocos até suas casas, fazia questão de esperá-los entrar e imergir no subterrâneo de seus abrigos. Após deixar a última criança em segurança com seus pais, Sofia subia em sua bicicleta e seguia em direção a sua casa.

Sofia sempre terminava sua aula enquanto ainda havia luz no céu, caso a Chispa estivesse desligada, ela aguardava que se acendesse novamente. Após mais uma entrega de crianças, Sofia estava quase chegando em casa quando sentiu um estranho calafrio, uma sensação ruim, olhou para trás e tudo que vislumbrou foi quilômetros de um deserto tedioso e interminável. Chegando ao seu abrigo, ela destrancou o cadeado e levantou a portinhola. Quando seu pé direito encontrou o primeiro degrau da escada que levava ao interior do abrigo, seu rosto foi coberto por um pedaço de tecido branco, o forte odor que penetrou por suas narinas lhe roubou o equilíbrio e suas pernas não responderam mais a seus comandos. Ela desmaiou.

Horas mais tarde, Sofia começou a recobrar os sentidos, a cabeça doía, a boca seca guardava um gosto rançoso. Aos poucos, sentiu que seus braços e pernas estavam amarrados, e uma mordalha lhe impedia de gritar. Pela visão, ainda turva, viu o vulto de três pessoas ao seu redor, as três vestiam preto, à medida que a visão se clareava, ela pôde ver a chama de um charuto na boca de um dos homens, o mais forte dos três.

Com a força dos membros parcialmente restaurada, a professora tentou se soltar, mas era inútil, os laços que prendiam seu corpo à cama eram fortes como correntes. Enquanto ela se debatia, tentando se soltar, os três homens vestidos de preto apenas observam.

- Vamos acabar com isso logo, *pápa*. – Disse o mais jovem deles

- Tudo a seu tempo, Fredo. – Respondeu o homem mais velho, se virando em seguida para o terceiro. – Antônio, ela está pronta. Você e seu irmão esperem lá fora.

- Eu quero participar. – Protestou Antônio.

- Está questionando seu pai?

- Não *pápa*, vamos esperar lá fora.

Antônio sinalizou com as mãos para que Alfredo saísse e o seguiu até a superfície. O carro estava estacionado há aproximadamente cem metros, Alfredo foi até ele, sentou-se no banco do carona e ligou o som, os alto falantes tocavam *All we need is Love*. Alfredo reclinou parcialmente o banco e fechou os olhos, apreciando a música que tanto lhe agradava. Ao ouvir a canção que vinha do carro, Antônio se aproximou, sentou no banco do motorista e apertou um botão no painel, cessando aquela música que, para ele, não passava de uma barulheira insuportável.

- Quantas vezes já te disse pra não ouvir essa porcaria, seu idiota? – disse Antônio, extremamente irritado. Estava frustrado por não poder participar do que o pai faria.

- Não seja amargo, talvez um pouco de música faça melhorar

essa sua cara. – Respondeu Alfredo, ligando novamente à música.

De dentro do paletó, Antônio sacou uma pistola, e do bolso externo apanhou um silenciador, calmamente acoplou o equipamento à arma, apontou para o som do carro e disparou três vezes seguidas. Um ruído se seguiu, e então o silêncio. Removeu o silenciador com uma serenidade ímpar, guardando-o novamente no bolso e acomodando em seguida a pistola de volta ao coldre debaixo do terno. Antônio reclinou seu banco, removeu os óculos escuros do rosto e fechou os olhos, se recostando confortavelmente no estofado do carro.

- Mas que droga, Toni! Você sabe o quanto foi difícil encontrar um som ainda funcionando? Sabe irmão, eu tenho uma notícia triste pra você, por mais que você alimente essa amargura, ela não vai te matar.

Dentro do abrigo, o pai de Alfredo e Antônio sentou-se à beirada da cama. Em silêncio, ele observava Sofia enquanto degustava um grande e fedorento charuto. A moça ainda se debatia, porém não com a mesma intensidade de antes. O raptor permaneceu impassível diante do desespero de Sofia, até que ela, enfim, desistiu de lutar contra as cordas.

- Já era hora de parar, não é mesmo, minha cara? As pessoas sempre desperdiçam suas forças em batalhas as quais não podem vencer, não é uma atitude inteligente, mas faz parte da natureza humana. – Disse o homem, entre uma baforada e outra. - Vou remover a mordaça de sua boca e, para o seu bem, eu sinceramente espero que você se mantenha calma e não irrompa em inúteis gritos de socorro. Tudo bem?

Com a cabeça Sofia acenou, aceitando a proposta. Ele, então, desfez o nó da mordaça e a removeu devagar. O rosto branco da mulher tinha agora duas marcas vermelhas, estendendo seus lábios à esquerda e à direita. Apesar de estar livre da mordaça, ela não conseguiu pronunciar uma palavra sequer.

- Eu acho que você deve ter algumas perguntas, vou lhe poupar tempo e me apresentar. Eu sou Don Giovanni, mas pode me chamar de Giovanni se quiser. Estou aqui, pois sua conduta tem desagradado bastante alguém muito importante.

- Do que você está falando? Que tipo de doente é você? – Questionou furiosa Sofia, com o pouco de voz que conseguiu produzir.

- Ah, minha querida, você não vai querer saber que tipo de monstro eu sou. E por favor, sem choramingar, se você soubesse tudo o que eu já vi, tudo o que eu já fiz, não perderia seu tempo tentando me sensibilizar. Ouça bem Sofia, você viveu sua vida em função das outras pessoas, você amou demais os outros, ajudou demais, se doou demais. E tudo em troca de nada. Você não cobiçou, não odiou, não maltratou.

-O que há de errado nisso? – Perguntou assustada.

- Para muitos não haveria nada de errado nisso, muito pelo contrário, sua bondade é vista como um exemplo a ser seguido. Sua vida de sacrifício pelo bem alheio faz as pessoas se envergonharem de seus vícios, de seu egoísmo. Eu sirvo a um senhor que se alimenta do lado sombrio de cada pessoa que vaga sobre a Terra e o seu comportamento mata a cada dia essa preciosa essência da maldade humana.

- Você é louco. Não pode fazer isso. Se você pensa que me amedronta com esse seu discurso insano, está muito enganado. A essência de uma pessoa é pura bondade, e esse lado sombrio de que você fala vem de monstros pervertidos como você. Mas Deus...

Don Giovanni a interrompeu, posicionando seu indicador direito suavemente sobre seus lábios.

- Não faça isso. – Balbuciou o Don. - Você ainda acredita que Deus proverá alguma coisa? Olhe ao seu redor, ele já te abandonou há muito tempo atrás. Eu poderia dizer que sinto muito pelo que vou fazer, mas não há porque mentir pra alguém em seus últimos minutos. Foi bom conversar com você, minha cara, mas receio que não temos mais tempo.

O homem apanhou uma seringa em seu bolso, preparou habilidosamente uma veia no braço de Sofia e drenou uma generosa porção de seu sangue, deixando todo o líquido verter para uma bolsa plástica hospitalar, acoplada à seringa.

Sofia nada disse, mas as lágrimas brotaram de seus olhos, escorrendo pelo seu rosto até morrerem sobre o travesseiro. Percebeu que era inútil lutar e decidiu passar seus últimos momentos em paz. A professora acreditava que o pós-morte era uma dádiva e não havia o que temer.

Don Giovanni posicionou a palma da mão direita sobre as têmporas de Sofia, com a mão esquerda tirou o chapéu e com ele cobriu seus olhos, os objetos no quarto começam a tremer e as velas que iluminavam o quarto se apagaram. A única luz no recinto era a do charuto que permanecia aceso. Sofia ainda tentou se mover, mas não conseguiu. Uma dor excruciante tomou conta de todo o seu corpo, de um modo que nunca sentira antes. Sua pele ardeu como se estivesse em chamas e o ar se recusava a passar por sua garganta. O sofrimento não durou mais que alguns segundos, até todo o seu corpo entrar em colapso e seu coração não mais bater. A moça estava morta.

Quando ele afastou sua mão, na testa de Sofia surgiu um símbolo marcado na pele, o mesmo que Ezequiel viu surgir em sua testa tantas e tantas vezes. Don Giovanni deixou o corpo sem vida da professora confortavelmente deitado em sua cama, se levantou e seguiu até o carro. Assim que o pai adentrou o automóvel, Antônio deu a partida e os três se afastaram do abrigo, deixando para trás a cidade devastada de Florianópolis.

V

O DEMÔNIO FOI EXPULSO DO CORPO DA JOVEM GAROTA, porém ela ainda estava inconsciente e fraca. Apesar do pior ter passado, a casa ainda estava cheia de vibrações malignas. Ezequiel pegou a menina no colo e a levou para fora da casa. Deixou-a sob uma árvore seca e retornou à mansão.

A casa tem que ser incendiada, concluiu o caçador. Sem nenhum líquido inflamável à sua disposição, teria que improvisar, lembrou-se então de ter visto alguns rolos de feno do lado de fora da casa. Provavelmente, quando o gado, que outrora viveu ali, morreu por falta de água, não houve utilidade para o feno, já que não havia nenhuma forma de vida por ali.

O feno é feito com a extração total da água contida em plantas, fazendo-o seco, porém mantendo seu valor nutritivo. A desidratação facilitaria a combustão do vegetal e seria suficiente para transformar em cinzas aquela velha mansão. Ezequiel foi até o exterior da casa onde vira o feno mais cedo, separou uma boa porção do material e acomodou em sua bolsa, o restante levou para dentro da casa e espalhou por todos os cômodos, deixando o chão com a aparência de um grande tapete de mato seco. Com uma porção em uma mão e o isqueiro em outra, ele acendeu o chumaço de feno, fazendo surgir uma encorpada chama. Atirou a tocha improvisada dentro da casa, e uma enorme onda de fogo se espalhou por toda a residência.

Do lado de fora, Ezequiel observava enquanto o fogo tomava conta da mansão, escapando ocasionalmente pelas janelas e frestas nas paredes. Aos poucos, as chamas ficavam mais visíveis que a casa. O fogo consumiu com

rapidez toda a estrutura da construção, até que tudo enfim desmoronou, como um castelo de cartas se desmanchando ao soprar do vento. O caçador recostou-se na árvore onde a menina jazia desmaiada, cobrindo parcialmente o rosto com o chapéu enquanto aguardava o despertar da pobre criança. Apanhou um cantil no bolso do casaco e tomou um trago de destilado. Rendido pelo cansaço, ele dormiu depois de alguns minutos.

Horas depois, a garota acordou atordoada, ouvindo um estranho e incomodo ruído, tentou se levantar, mas seu corpo estava muito fraco. Sentiu a direção do barulho e varreu o lugar com os olhos, ao seu lado encontrou um homem escorado na árvore, aparentemente o sujeito dormia profundamente, seu tórax se elevava e se retraía, acompanhando o ritmo do ronco exagerado que a despertou. Sem saber exatamente o que havia acontecido, ela tentou se arrastar e se afastar o máximo possível daquele homem mal encarado, antes que ele acordasse.

Apesar de parecer dormir como uma pedra, ao mínimo ruído do arrastar da menina, Ezequiel acordou.

- Hei, garota. – Disse ele, fazendo-a aumentar o ritmo do rastejar.

– Tem algum compromisso pra sair assim, com tanta pressa?

Ezequiel se levantou, apanhou um pacote em sua bolsa, caminhou até a menina e lhe ofereceu o embrulho de papel pardo.

- Saia de perto de mim! Seu perverso! – Ela gritava.

- Pegue. – Ele insistiu. - Tem comida no pacote. Sem comer não vai conseguir ir muito longe, nem mesmo se arrastando. Depois que se alimentar, verifiquem se está limpa e pode seguir seu caminho, seja lá qual for.

Mesmo relutante, ela pegou o pacote, dentro havia uma espécie de carne seca, não dava pra saber de que animal, mas ela não se importou e devorou de forma voraz o alimento. Ezequiel se virou e voltou a se sentar sob a árvore.

- Não coma tão rápido, garota. A comida não vai fugir, e se você não mastigar, em poucas horas estará morrendo de fome outra vez. – Advertiu o caçador, cobrindo o rosto com o chapéu.

- Quem é você? O que eu estou fazendo no chão com essa camisola horrível? – Perguntou ela, virando-se e vendo o que sobrou da mansão. – O que você fez com a minha casa? Você acabou com ela!

- Vejo que já se recuperou. – Respondeu, tirando novamente o chapéu e se levantando. - Fique de pé. – Ordenou.

Ela se levantou com os braços esticados para baixo. Como se fosse um médico, Ezequiel examinou seus olhos, língua, ouvidos, pulsação. Aparentemente tudo bem. De dentro da bolsa o caçador tirou um frasco semelhante a um saleiro e balançou o objeto, liberando um pó esverdeado sobre cabeça da menina.

- Tudo bem, está livre, pode ir. – Finalizou o caçador.

- Hã? Ir? Mas eu nem mesmo sei o que está acontecendo! Quem Diabos é você? Não me lembro bem das coisas, eu preciso de algumas respostas!

- Você foi possuída. Eu vim até aqui e fiz um exorcismo. Agora eu vou seguir meu caminho e você vai pra onde bem entender.

- Como assim possuída? Possuída por quem? Por quê? Está tudo confuso na minha cabeça, eu só me lembro da dor e um monte de palavras e vozes que não fazem o menor sentido.

- Você acredita em demônios?

- Não sei, nunca pensei sobre isso.

- Pois é. Um demônio, uma criatura das trevas, fez do seu corpo sua morada. Alimentou-se de sua energia vital.

- Como foi que isso aconteceu? E porque eu não me lembro de nada?

- Não dá pra saber quanto tempo, mas pelo seu estado, algumas semanas. Talvez um mês. E se você não se lembra do que aconteceu, devia agradecer por isso. Agora se me permite, eu tenho outras coisas pra fazer, bem longe daqui.

- Mas você destruiu minha casa, não tenho pra onde ir. Minhas coisas, você queimou tudo. O que eu vou fazer?

- Isso já não é problema meu.

Ezequiel lhe deu as costas, pegando suas coisas e caminhando até sua motocicleta.

- Ninguém te chamou aqui! – Reclamou a garota, seguindo Ezequiel - Você veio até aqui e destruiu tudo que eu tinha, eu sou sua responsabilidade agora.

- Vai sonhando. – Respondeu ele sorrindo.

- Eu vou com você. Onde quer que você esteja indo, vai ter que me levar.

- Eu viajo sozinho e já tenho o suficiente de carga para levar.

- Eu posso ajudar, posso fazer qualquer coisa. Você não pode me deixar aqui, sozinha, sem abrigo e sem comida.

- Eu te alimentei, já está forte o bastante pra encontrar um teto e conseguir sua própria comida. – Retrucou, avançando em passos largos e apressados.

Ainda de costas para a garota, ele subiu em sua moto e ligou o motor. A menina, com lágrimas nos olhos, apanhou uma pedra no chão, a qual mal cabia em sua mão. Ela ergueu o braço e lançou o artefato contra Ezequiel, a pedra acertou em cheio sua cabeça.

- Seu covarde! – Ela gritou. O caçador se virou, um pouco tonto com a pancada. - Se era pra me deixar aqui pra morrer, por que se deu o trabalho de vir até aqui me salvar? Você não é melhor que o tal demônio do qual diz ter me salvado.

Ezequiel desligou o veículo e desmontou. A menina, inerte, olhava fixamente para os olhos do caçador. Seus punhos estavam cerrados e a cabeça erguida, como um soldado em posição de sentido.

- Tá legal. Qual é o seu nome? – Perguntou Ezequiel, visivelmente irritado.

- Lília, Lília Thomaz.

- Pois bem, Lília. Vou lhe fazer esse favor, você pode vir comigo, mas só até encontrar um lugar pra ficar.

Lília abraçou-o agradecida. Ele a afastou, segurando-a pelos braços.

- Eu não terminei. Pra vir comigo, vai ter que me obedecer, você vai fazer tudo que eu disser sem questionar.

- Tudo bem, tudo que você mandar.

- Mais uma coisa. Eu gosto de silêncio, então se não for estritamente necessário, você vai manter a boca fechada.

Ela assentiu, acenando com a cabeça. Ezequiel acomodou suas coisas novamente na motocicleta, ocupou seu lugar e ligou o veículo.

- Você vem ou não? – Disse ele, sem olhar para a garota.

Imediatamente Lília subiu desajeitada na garupa da moto, segurando forte a cintura de Ezequiel. Ele acelerou, levantando poeira ao seu redor e se afastando das ruínas da mansão.

VI

SENTADO NO CANTO DO BARRACÃO, EZEQUIEL OBSERVAVA Elias desmaiado no chão. A transfusão de sangue fora feita a cerca de meia hora e ele ainda não havia retomado a consciência. Ezequiel sentia-se fraco, e se o procedimento não surtisse efeito, não seria capaz de fazer mais nada. Depois de perder tanto sangue, tinha dificuldade para se levantar, se arrastando, aproximou-se de Elias e tentou mais uma vez fazê-lo ingerir um pouco de água.

Desperdiçar água era algo inaceitável. A única água que podiam conseguir, vinha da chuva, porém, por ser extremamente ácida, não podia ser consumida antes de tratada. Havia filtros especiais para fazer da água da chuva algo consumível, porém não era fácil conseguir um. Consultando um dos livros que achara, Ezequiel fabricou seu próprio filtro, seu funcionamento não era o ideal, mas o impedia de morrer de sede, apesar do gosto metálico que permanecia na água.

Ezequiel levantou a cabeça de Elias e despejou uma pequena quantidade de água e pela primeira vez o líquido não voltou, descendo suave pela garganta do garoto. Motivado, Ezequiel despejou mais um pouco de água, repetindo o procedimento até conseguir esvaziar o copo. Se aproximando do rosto de Elias, percebeu que a respiração já era mais forte e o som de seu coração batia mais nítido, sendo facilmente notado ao encostar o ouvido em seu peito.

Com as costas na parede do barracão, Ezequiel deitou Elias em seu colo, mantendo sua cabeça erguida. Com o corpo fraco e mal alimentado, depois de alguns minutos ele pegou no sono com o corpo do amigo nos braços. Cerca de

três horas depois, Ezequiel acordou com Elias se mexendo e balbuciando palavras a esmo.

- Elias...Elias..., acorde! Abra os olhos. – Disse Ezequiel, tentando acordar o amigo. – Vamos! Abra seus olhos.

As pálpebras de Elias se moviam muito lentamente, e dificilmente mantinha os olhos abertos por mais que um segundo, naquele momento suas pálpebras pesavam feito chumbo. Ezequiel pegou mais um pouco de água para hidratar o garoto, agora ele já era capaz de engolir com mais rapidez, aos poucos seus olhos começavam a se abrir por completo. Sua respiração se fortalecia, apesar de ainda fraca. Ezequiel posicionou seu corpo de modo que ele ficasse sentado com as costas apoiadas contra a parede.

- Coma isso. – Disse Ezequiel, lhe passando um pedaço de carne seca de rato.

Com grande dificuldade, Elias levantou seu braço direito e apanhou o pedaço de carne. Os movimentos de sua mandíbula eram lentos e doloridos, entretanto, a fome era ainda mais voraz e em segundos ele deu fim ao pedaço de carne.

- Agora descanse.Vou preparar uma sopa e te acordo quando estiver pronta.

Ezequiel o cobriu com um pedaço de tecido, Elias fechou os olhos e dormiu quase de imediato.

Apesar de tudo que passara e as dificuldades que enfrentava todos os dias, Ezequiel sempre lutou para sobreviver, nunca passou por sua cabeça tirar a própria vida, não por achar uma atitude covarde, própria de pessoas fracas, mas porque sempre levou consigo uma imensa vontade de viver, a esperança era algo que fazia parte do seu espírito. Quando viu que Elias tentara se matar, sua surpresa foi enorme, não podia conceber como uma pessoa poderia tirar a própria vida, desistir daquilo de mais precioso que possuía. Além do mais, um livro religioso que lera certa vez dizia que aqueles que abdicassem da dádiva da vida, habitariam eternamente na escuridão, e apesar de viver sozinho, num mundo sujo e devastado, sua fé se mantinha firme e forte.

Não havia muito para comer, então Ezequiel juntou todos os restos que havia no barracão e jogou tudo na panela, um pouco de água e aquilo seria seu jantar, uma sopa de restos. Não era incomum uma refeição assim, o mundo era um resto naquele momento e quem ainda conseguia se alimentar estava por cima.

Pronta a mistura, ele despejou parte da sopa em um recipiente e levou até Elias.

- Hei, acorde. É hora de comer.

Elias pegou o recipiente e, ainda que em um ritmo lento, tomou a sopa com voracidade. Do outro lado do barracão, de cabeça baixa, Ezequiel tomava sua sopa sem dizer uma palavra. O silêncio entre os dois era absoluto, chegando a ser constrangedor. Em poucos minutos terminaram a refeição, porém, naquele silêncio, os minutos pareciam se arrastar por uma eternidade. Após sorver até a última gota de sopa, Elias deixou o pote em cima de um caixote ao seu lado, se virou para o canto e puxou o cobertor com a intenção de

voltar a dormir. Ezequiel se levantou e, caminhando em sua direção, disse:

- Tá na hora de conversar.

Elias se virou de volta, ficando de frente para Ezequiel, porém permaneceu sentado e em silêncio. Seu rosto expressava um misto de fragilidade, medo e vergonha. Ezequiel sentou-se à sua frente, e por alguns longos segundos os dois se encararam sem dizer nada.

- Não me importam seus motivos. – Começou Ezequiel. - Não me importa o que está sentindo, se está sofrendo, se nada mais tem importância, eu simplesmente não ligo. Eu não quero desculpas, não quero explicações e não vou cobrar arrependimento pelo que fez. Eu já passei por muita coisa antes de nos conhecermos, sei o que é a dor, sei o que é o desespero e já vi coisas que você não imaginaria nem no seu pior pesadelo. Não estou aqui pra passar um sermão ou te ensinar sobre a vida e sobre seu valor.

Elias tentou dizer alguma coisa, mas Ezequiel o interrompeu levantando a mão.

- Não, primeiro você vai me ouvir até o fim. – Disse calmamente.

- Eu sempre vivi sozinho, e me virei muito bem até agora, e posso continuar assim. Eu não sei o que é perder, pois nunca tive nada para perder, tudo que eu tenho é minha força e minha liberdade, e isso ninguém pode tirar de mim. Quando você chegou aqui, eu cuidei de você, te dei o meu teto, a minha comida, te ensinei a caçar, te protegi, te acolhi como minha família. Não quero te cobrar nada, nem exigir gratidão.

Ezequiel deslizou a mão sobre o rosto, cobrindo a testa e descendo até o queixo, respirou fundo e em seguida voltou a falar.

- Eu não preciso de você, não preciso de sua companhia. Uma família nunca me fez falta e não é agora que vai começar. Vou ser bem claro e direto, se você quer ficar, pode ficar, mas não quero te encontrar de novo na minha casa mergulhado em seu próprio sangue. Se você quer procurar sua casa e reencontrar seu pai, eu te ajudo, pegamos nossas coisas e partimos quando quiser. Mas se você quer dar fim a sua vida, fique a vontade, mas faça isso bem longe daqui, pois eu não quero ver o que eu vi acontecer aqui outra vez.

- Ezequiel, eu... – Tentou falar Elias, envergonhado, e então foi interrompido novamente.

- Estamos sem comida, vou sair pra arranjar alguma coisa. Quando eu chegar, tenha sua decisão tomada. – Finalizou Ezequiel, pegando suas coisas e saindo do barracão.

Já no lado de fora, apesar de seu enorme esforço, Ezequiel não conseguiu conter algumas lágrimas que insistiram em brotar de seus olhos e rolar por seu rosto. Para sobreviver, Ezequiel teve que se fazer forte, se endurecer, e na sua dureza não havia espaço pra emoções como tristeza, solidão ou desespero, só havia espaço para a esperança, assim, chorar nunca fez parte da sua vida e lhe parecia estranho todo aquele turbilhão de sentimentos e sensações, os quais não compreendia plenamente.

Se importar com outra pessoa era uma grande novidade, pois, na verdade, nunca houve outra pessoa para se importar, sempre foi assim e em certo ponto aquilo passou a ser normal para ele. A solidão absoluta é sempre um

convite à insanidade, mas Ezequiel usou a solidão ao seu favor, onde havia o ócio, via uma oportunidade de fazer aumentar suas chances de sobrevivência, ele aprendeu a ler, aprendeu a criar suas próprias armas, a preparar seu alimento, aprendeu a viver num mundo onde a própria vida parecia ter chegado ao fim.

Secando o rosto com suas roupas ele se afastou do barracão. Seu andar firme e ligeiro o fazia se distanciar rapidamente. Horas depois, Ezequiel ainda não havia voltado, o céu já escurecera e Elias, preocupado com o amigo, não sabia o que fazer. Ezequiel sempre lhe disse para nunca sair durante a noite, mesmo não havendo hora certa para o céu escurecer, eles nunca tinham ficado fora do barracão durante o período sem luz. Elias havia se recuperado, mas ainda se sentia fraco e sem condições para sair em busca de Ezequiel. O barracão não possuía janelas, nem mesmo uma fresta que o deixasse espiar o lado de fora, somente um pequeno orifício no teto coberto de vidro indicava se havia luz lá fora. Sem mais comida e quase sem água Elias se sentou pra esperar e inevitavelmente sucumbiu ao sono.

Quando Elias acordou, a luz da Chispa entrava pela abertura no teto, ele então se encorajou, pegou uma faca e se preparou para sair. Ao abrir a porta viu distante um vulto desfocado se aproximando lentamente. Segurando a faca com firmeza, permaneceu estático, esperando a aproximação, após alguns metros percorridos o vulto ganhou gradativamente nitidez, até se revelar.

- Ezequiel! – Gritou Elias, caminhando em sua direção.

Não mão direita, o garoto carregava um grande número de animais diversos, ratos, ratazanas, algumas mutações felinas, um estoque de carne suficiente para um farto banquete. Na mão esquerda, uma enorme trouxa de lona que ia do ombro até o solo. Sua expressão era impassível, seu olhar reto em direção ao barracão não se desviou, apesar da descoordenada caminhada de Elias em sua direção.

- Ezequiel, onde você esteve? Ficou à noite toda lá fora?

- Estávamos sem comida. – Respondeu, frio e seco.

- Mas você poderia ter morrido! Fiquei preocupado. O que tem no saco?

- Coisas.

- Eu quero conversar com você. Tomei minha decisão.

- Me ajude com isso aqui.

Ezequiel passou os animais para que Elias carregasse e em silêncio os dois caminharam até o barracão. Ezequiel abriu espaço no meio do cômodo para a trouxa, ao abri-la, revelou-se o que, a primeira vista, parecia ser uma grande montanha de lixo.

- O que é tudo isso? – Pergunta Elias.

- Não queria conversar? Vá em frente. – Respondeu Ezequiel, enquanto começava um tipo de separação do material que trouxera.

- Ezequiel.

- Sim.

- Você falava sério quando disse que me ajudaria a voltar pra casa?

- Claro.

- Eu quero fazer isso. E... e, peço desculpas pelo que eu fiz.

- O que passou é passado. Não se preocupe.

A frieza de Ezequiel era absoluta, enquanto conversavam, ele separava metodicamente o material da trouxa, metais, madeira, plásticos, tecidos, cada um em uma extremidade enfileirados em ordem de tamanho, peso e espessura.

- Se você entendesse o que se passa na minha cabeça, o sofrimento pelo qual venho passando, e...

- Não. – Disse Ezequiel, interrompendo a separação. – Já te disse, não quero ouvir desculpas ou justificativas pelo que houve, esse assunto morreu na conversa que tivemos ontem. Assuntos mortos não devem ser trazidos à tona novamente. Estamos entendidos?

- Sim, estamos.

- Você quer encontrar sua casa? Ótimo. Mas vamos fazer isso direito, vamos estar preparados. – Disse Ezequiel, ainda sério, mas sem o franzido na testa que trazia anteriormente.

- E tem ideia de como vamos fazer isso? – Indagou Elias.

- Vai ser uma viagem longa, então precisamos de provisões. Amanhã vamos sair pra caçar mais animais, não pode faltar comida. Na próxima chuva vamos acumular o máximo de água que conseguirmos, pois a sede vai nos matar bem antes que a fome. Precisamos de armas leves que possamos carregar sem exigir muito de nós. E temos que providenciar uma barraca segura que possamos montar e desmontar todas as noites.

- E onde vamos conseguir tudo isso.

- No lixo.

- No lixo?

- Sim, no lixo. Tem bastante sucata aqui e que ainda vamos recolher mais. Com isso, fabricaremos tudo que precisamos.

- Eu não faço ideia de como isso é possível.

- Fica frio, eu tenho guardado uns livros de engenharia mecânica, com eles e um pouco de criatividade podemos fabricar quase qualquer coisa. Agora vamos preparar o jantar e dormir, amanhã temos muito trabalho a fazer.

Após o jantar, Elias dormiu rapidamente. Ezequiel sentou-se num canto do barracão e observou a escuridão pela abertura do teto, sem pregar os olhos até o primeiro raio de luz surgir no firmamento. Elias acordou, comeram o que sobrou da refeição anterior e partiram para o trabalho.

Nas três semanas seguintes, passaram por uma verdadeira maratona de preparação, caçando, garimpando sucata, projetando e construindo armas, testando o melhor tipo de barraca e aprimorando a resistência física de Elias. Ao fim do período, tinham um farto estoque de comida, armas melhores e mais leves, além de uma barraca forte e segura, fácil de desmontar e leve de carregar. E, respeitando a exigência do amigo, Elias não questionou a demora da preparação, mesmo que sua ansiedade para a partida estivesse no limite.

Mesmo que Ezequiel tivesse criado uma barreira entre ele e Elias, no passar dos dias o relacionamento dos garotos voltou a fluir, como uma amizade entre dois irmãos. Percebendo tudo que tinham feito e a maneira como

Elias havia se tornado forte e disciplinado, Ezequiel decidiu que aquele ciclo estava concluído e estavam prontos para dar o próximo passo.

Voltando pra casa depois de uma caçada extremamente produtiva, sem interromper a caminhada, Ezequiel tocou o ombro de Elias e disse:

- Faça suas malas, garoto. Amanhã partimos com a primeira luz do dia.

Em uma mistura de surpresa, alegria e entusiasmo, Elias se emudeceu e num impulso soltou a caça que levava nas mãos, surpreendendo Ezequiel com um caloroso abraço. Apesar de não estar preparado para aquilo, Ezequiel não rejeitou o gesto do amigo.

- Chega de abraços, ok. Não me agradeça antes da hora, nosso destino é incerto. Nossa chance de morrer na metade do caminho é bastante considerável.

Apesar de sua estatura inferior a de Ezequiel, Elias era mais velho que o amigo, mesmo assim, Ezequiel sempre o chamava de garoto. Diante de sua fragilidade e inocência, nunca foi algo que causou estranheza, era natural enxergar Ezequiel como um mentor, mesmo que ele também fosse uma criança, uma criança obrigada pelas circunstâncias a crescer antes do esperado.

Na manhã seguinte, as malas estavam feitas, os suprimentos e armas acomodados e organizados para a viagem. Ezequiel confeccionou enormes casacos formados de um mosaico da pele dos animais que caçaram nas últimas semanas.

Durante a preparação, os dois garotos conversaram bastante sobre a fazenda do pai de Elias, seu nome era Josué, um homem religioso, neto de guerrilheiros participantes da última grande guerra civil. Seus avós morreram na batalha, seus pais de infecção, e Josué foi criado por um tio, um dos poucos sacerdotes que ainda havia naquela época. A fazenda onde moravam, era como uma pequena ervilha no centro de uma imensa caixa de areia. A terra era cultivada com um misterioso sistema de fertilização, e irrigada com a água da chuva, tratada em antigos filtros de barro. Elias contou que não havia fazendas vizinhas nem casas ao redor, somente um grande deserto. Aquele lugar era como um oásis no meio do Inferno.

Os vegetais que produziam garantiam sua subsistência e alimentavam as aves e ovelhas que eram criadas no terreno. Josué vivia em harmonia com seus animais, jamais comia carne, das aves utilizava os ovos e das ovelhas a lã para aquecer sua casa. Com uma vida assim, no mundo ao qual pertenciam, era difícil entender o que levava Elias a se perder naquele lugar. Ezequiel se fez essa pergunta por diversas vezes, até que Elias decidiu lhe contar o que realmente aconteceu.

De tempos em tempos, Josué o deixava sozinho em casa para resolver alguns assuntos. Elias ficava cuidando da fazenda sem saber quais eram esses assuntos. Depois de alguns dias, às vezes semanas, ele retornava, sempre trazendo consigo alguns ferimentos e cicatrizes. Quando questionado onde tinha ido e como conseguira os ferimentos, Josué sempre dizia que Elias ainda não tinha idade pra saber de certas coisas, e que confiasse em seu pai. O garoto aceitava e assim a vida seguia.

Há aproximadamente sete meses atrás, Josué se preparava para mais uma de suas viagens quando foi interpelado por Elias:

- Eu quero ir com você. – Disse o garoto.

- Nós já conversamos sobre isso. – Respondeu o pai.

- Mas eu não sou mais uma criança, eu já sou um homem, não me trate como um inútil, eu posso ajudar.

- Ajudar em que meu filho? Eu só vou resolver alguns assuntos.

- Não me trate como um bobo. Você pensa que sou idiota? Eu sei o que você faz, eu vejo as cicatrizes e as roupas manchadas de sangue toda vez que você volta de uma viagem. Eu quero fazer parte disso, quero ser como você.

- Você não deve se envolver com isso, filho. É minha responsabilidade te manter em segurança.

- Eu já sou grande o bastante pra me manter em segurança. Eu não aguento mais passar os dias aqui, sozinho, olhando pro nada, vendo as ovelhas andarem de um lado para o outro enquanto espero você voltar. Não me negue isso.

- Não me jogue contra a parede, rapaz! Eu sou seu pai.

- Então me deixe ser seu filho. Me leve com você e me mostre o que há lá fora, o que você combate fora dessas cercas.

- Eu não quero colocar você em perigo, não posso fazer isso.

- O que há de tão terrível lá fora, pode estar em todo lugar. Não é verdade? E você pensa que me deixar sozinho, sem conhecer o mal que nos ameaça, vai me proteger de alguma forma?

As palavras de Elias balançaram Josué, de fato o filho não estava a salvo em lugar nenhum, ele sabia bem disso e com imenso pesar cedeu ao pedido. Naquele mesmo dia, pai e filho partiram rumo a um destino que Elias jamais poderia imaginar.

VII

-**DÁ PRA IR MAIS DEVAGAR?** – Pediu a menina, ofegante e cansada.

- O que? - Respondeu Ezequiel, se fazendo de desentendido.

- Dá pra ir mais devagar? – Disse Lília novamente.

- Não estou ouvindo. – Gritou ele, se divertindo.

- Vai mais devagar, eu vou cair!

- Então é melhor segurar bem firme. Minha moto, minhas regras.

Lembra?

As bochechas da menina contra o vento eram como lençóis no varal em meio a uma grande ventania, Ezequiel cedeu seus olhos, assim Lília mantinha seus olhos protegidos, porém não havia capacete e todo o seu rosto e cabeça estavam desprotegidos. A princípio, tudo o que ela sentia era medo, porém, não demorou para que a velocidade começasse a lhe agradar. Com mais equilíbrio sobre a motocicleta a garota compartilhava da sensação de liberdade que tanto agradava Ezequiel, mesmo que os dois não dissessem nada sobre isso.

Quatrocentos quilômetros de viagem, sem intervalos, se passaram como um passeio de bicicleta em torno do quarteirão de casa. Ambos permaneceram em silêncio, mas Ezequiel sabia que ela estava bem.

Nuvens amareladas se salientavam no céu e Ezequiel sabia que era hora de parar e montar acampamento. Quando as nuvens mudavam sua coloração para um tom amarelado, era certo que iria chover. Tal fenômeno se

devia ao alto grau de radiação e metais pesados em toda a atmosfera. Quando as partículas de água emergiam ao firmamento, levavam consigo todo o tipo de impureza tóxica e radioativa, formando um grande e encardido lençol no céu.

Ezequiel estacionou em uma região rochosa e caminhou entre as pedras até encontrar uma pequena extensão plana para montar acampamento. As primeiras gotas começaram a cair e ele se apressou para ajeitar a lona e montar a cobertura antes que a chuva pudesse feri-los. Lília o ajudou como pôde, porém, ficou claro que suas habilidades nessa área não eram muito expressivas.

As gotas se tornavam maiores e mais intensas, quando finalmente conseguiram se acomodar na barraca. Ezequiel acendeu uma pequena fogueira. De sua sacola, retirou um pacote com uma porção média de carne seca, dividiu a comida em duas partes, entregando uma das metades a Lília, a menina devorou-a com vontade. A chuva caía pesada sobre a lona e o odor que exalava da água era ligeiramente desagradável.

Enquanto Ezequiel comia seu pedaço de carne seca, olhando para a fogueira, Lília o encarava fixamente, como se procurasse algo.

- O que foi? Perdeu alguma coisa aqui? – Repreendeu Ezequiel.

- O que? Não, eu estava apenas olhando o fogo. – Respondeu atrapalhada.

- Me responda uma coisa, garota.

- Sim.

- Eu tenho pensado, e posso dizer que já vi muita coisa nesse mundo, mas não consigo entender o que uma menina como você fazia no meio do nada, numa casa abandonada caindo aos pedaços. E o que mais me surpreende, como consegui se manter viva por tanto tempo?

- Acha que eu não sei me virar sozinha?

- Com certeza. Olhe pra você!

- Idiota. Eu também já passei por muita coisa, e sou capaz de coisas que você nem imagina.

- Sério? Então como foi parar naquela mansão e virou brinquedinho de um coisa ruim.

- Meus pais morreram há um ano e desde então sou só eu.

- E como chegou ao lugar onde te encontrei?

- Não é bem uma história de uma página.

- Você vai a algum lugar? Ainda vai cair uma boa quantidade de água até que possamos sair.

- Depois da morte dos meus pais, eu não tinha mais ninguém. Vivíamos numa galeria de esgoto com cerca de quarenta pessoas. Não havia jovens ou crianças, somente velhos e alguns homens da sua idade. Não sei se posso chamá-los de homens, pois pra mim pareciam porcos selvagens, não havia pessoas de bem naquele lugar.

- Não existem pessoas de bem, garota! Só a escória sobrevive nessa terra. – Ela ignorou o comentário e continuou.

- Meu pai não era assim! Ele era um grande homem, mantinha minha mãe e eu em segurança. Mas quando ficou doente, os outros não nos respeitavam mais. Minha mãe era uma mulher bonita, coisa rara por lá e não

demorou para que tentassem atacá-la. De cama, meu pai não podia fazer nada, mas quando soube, reuniu o pouco que restava de suas forças e foi até um dos homens que assediou minha mãe. Eles lutaram, e apesar de ser um dos homens mais fortes que eu já vi, meu pai estava doente e debilitado e foi morto covardemente por aqueles porcos miseráveis. Depois de matarem meu pai, minha mãe foi espancada e violentada por cada um daqueles animais até que ela não pudesse mais respirar. Quando vieram atrás de mim, eu corri e consegui me esconder.

Com os olhos cobertos de lágrimas, Lília fez uma pausa, enxugou o rosto e se deitou em uma posição quase fetal, fechando os olhos.

Ezequiel não teve a resposta que esperava, mas diante do sofrimento de Lília, deixou-a descansar, apagou seu cigarro e também se deitou e, apesar de não gostar de dormir durante uma chuva, se rendeu ao sono depois de algum tempo.

Cerca de duas horas haviam se passado quando Ezequiel despertou. Lília não estava na barraca e pela a abertura frontal dava pra ver que a chuva cessara e a luz voltara. Ele se levantou, indo até a saída, quando ouviu a voz da menina. Há aproximadamente vinte metros de distância, ela estava sentada nas pedras.

- Vem cá bichinho, vem. - Ela dizia.

Um gato branco e peludo de olhos verdes se aproximava da garota. Ezequiel tentou alertá-la.

- Saia já daí! Volte pra cá agora! – Ele gritou.

- Por quê? É só um bichinho inofensivo. Veja como é lindo!

- Afaste-se já, garota! – Gritou Ezequiel novamente, correndo em sua direção.

O animal se aproximou de Lília. Percebendo que não alcançaria a menina a tempo, Ezequiel procurou seu rifle, mas a arma estava na barraca. Puxou uma adaga presa ao tornozelo e atirou contra o gato. Enquanto a adaga voava em direção ao alvo, o animal saltou em direção a Lília, durante o salto os olhos que eram verdes se encheram de um vermelho sangue, o pelo branco e felpudo se transformou em uma pele grossa e acinzentada, O corpo pequeno do animal se inflou, das patas brotaram longas e afiadas garras. Lília tentou correr, mas seu pé ficou preso entre as pedras. A criatura cortava o ar em direção à menina e a adaga em direção à criatura, o focinho do animal chegou a centímetros do rosto de Lília quando a adaga atingiu a criatura entre os olhos. O animal caiu, e permaneceu no chão tempo suficiente para que Ezequiel alcançasse a garota e libertasse seu tornozelo preso às pedras. Ela correu até a barraca.

Rapidamente a criatura ficou novamente de pé. A maioria das armas estavam na barraca, Ezequiel tinha consigo apenas a adaga, agora cravada entre os olhos da besta, e uma faca que levava presa na cintura. A criatura não o atacou imediatamente e os dois se encaram, pensando o próximo passo. Sobre as duas patas o estranho animal chegava aos dois metros e meio de altura, o que não intimidava Ezequiel, que não esperou o ataque da fera e saltou em sua direção, atingindo-a na pata direita. O corte foi pequeno, mas desequilibrou a criatura, permitindo ao caçador recuperar sua adaga. A abertura

deixada pela lâmina expeliu um líquido branco, aparentemente viscoso e brilhante.

Com Ezequiel em sua traseira, a Besta se apoiou nas patas dianteiras e com as traseiras o atingiu-o no peito, as garras da criatura deixaram três cortes paralelos que se conectavam por filetes de sangue. O monstro se virou e saltou em direção a Ezequiel. Rolando para o lado, o caçador conseguiu escapar, uma trilha de sangue escorria de suas feridas, deixando um rasto rubro sobre as rochas.

Mesmo ferido, Ezequiel conservava sua força e agilidade. Andando de costas ele atraiu a criatura para uma área mais plana. O monstro tentava vários ataques, mas Ezequiel se esquivava como um boxeador, escapando de cada investida. Em um desses ataques, conseguiu atingir o pulso da Besta, deixando um corte profundo que jorrava líquido branco. Com o inimigo ferido no tornozelo e pulso, Ezequiel passou a ter uma vantagem e decidiu atacar. Feriu o animal em várias partes do corpo, tornando-o mais lento e vulnerável.

Ezequiel permaneceu com investidas rápidas e em sequência. Ao tentar acertar o peito do monstro, foi pego pelos ombros e atirado com violência contra o solo. Antes que pudesse se levantar, a criatura saltava sobre ele, o deixando sem saída. O animal de enorme boca e dentes afiados rosnava e babava sobre o homem. Sua respiração era ofegante e seu peito se movia com rapidez. As mãos de Ezequiel estavam presas e não havia como se soltar.

O monstro se preparou para finalizar o confronto, quando sentiu algo lhe atingir pelas costas. Ele virou a cabeça para trás e viu Lília segurando a espada de Ezequiel, cravada até a metade em seu corpo. Aproveitando a distração, Ezequiel conseguiu soltar a mão esquerda e recuperar sua faca caída no chão, enfiou a faca no peito da fera, puxando a lâmina para baixo até alcançar o estômago. No generoso orifício aberto, ele enfiou sua mão, após fazer bastante força tirou de lá uma esfera amarela envolta em uma grossa camada de líquido branco. Pôs a esfera no chão e a quebrou, acertando-a com o cabo de metal de sua faca. Imediatamente o assustador animal se reduziu a pó e o vento fez o trabalho de levá-lo para longe.

Ofegante, Ezequiel soltou sua faca sobre o solo e relaxou todos os seus músculos. Lília, ainda com a espada na mão, correu até ele e segurou sua mão.

- Você está bem? – Perguntou ela.

Ele apenas levantou a mão, sinalizando para que ela lhe desse um tempo, precisava se recompor.

VIII

AS PÁLPEBRAS PESADAS INSISTIAM EM CAIR SOBRE OS OLHOS de Abel, apesar do cansaço, ele continuava a selar as cápsulas em ritmo industrial. Uma mesma tarefa, repetida à exaustão, cria um condicionamento na pessoa, assim, mesmo durante os cochilos, ele ainda desempenhava seu trabalho. Abel olhou para o relógio e decidiu que era hora de fazer uma pausa. Quando o som da prensa deu lugar ao silêncio, ele ouviu o que parecia ser o som de passos sobre seu teto, como se houvesse alguém correndo em círculos, com pausas a cada dois segundos. Estranhou, pois aquele era um lugar completamente abandonado e nem mesmos os ratos costumavam andar por ali.

Abel pegou um de seus rifles e subiu cautelosamente as escadas. Ao se aproximar da portinhola, ouviu um choro infantil que se alternava ao som dos passos. Com a ponta da arma, levantou parcialmente a pequena porta no chão da loja. Pela fresta viu um par de pés. Eram pés extremamente pequenos e descalços, a sujeira espessa deixava pouco da pele à mostra. Abriu mais um pouco a porta e de repente mais dois pequenos pés, aparentemente idênticos aos primeiros, surgiram em seu campo de visão.

Ele abriu mais um pouco a porta até poder ver por completo duas crianças. Vestiam trapos de lona marrom e eram absolutamente idênticas, cabelos pretos, olhos azuis, pele suja e braços cobertos de arranhões. As meninas choravam em uníssono e as lágrimas borravam ainda mais as manchas de sujeira em seus rostos. Abel abriu completamente a porta, subiu até o fim da escada e, ainda empunhando o rifle, se aproximou das garotinhas.

- O que vocês duas fazem aqui? – Disse, sem simpatia alguma.

Elas não temeram a presença de Abel e, com uma assustadora sincronia, responderam juntas:

- Precisamos de sua ajuda, nos ajude a encontrar. – Disseram, com suas vozinhas finas e chorosas

- Encontrar o que? Como vieram parar aqui? – Perguntou Abel, apontando a arma em direção as meninas.

- Precisamos encontrá-lo. Nos ajude, por favor! Não temos ninguém.

- Do que Diabos estão falando? Saiam já daqui ou vou disparar!

As gêmeas se aproximaram de Abel lentamente, ele mantinha as duas em sua mira. As advertiu novamente.

- Não se aproximem mais! É o último aviso!

Ignorando o que o homem dizia, as duas continuaram se aproximando. O dedo de Abel pressionou o gatilho, disparando contra uma delas. Mas para surpresa de Abel, quando ele disparou o projétil não atingiu a garota, a cápsula deflagrada deixou a arma flutuando em direção à menina, na velocidade de uma pluma caindo de um precipício. Apesar da surpresa, ele atirou novamente, e novamente, até acabarem as balas, o resultado foi o mesmo. Enquanto as duas crianças se aproximavam, as balas da espingarda flutuavam, e as meninas desviavam dos projéteis sem dificuldade.

- Não pode fugir de nós, velho. Mas não precisa morrer se não quiser, basta nos dizer onde encontrá-lo. – Disseram elas em coro, revelando sua verdadeira entonação de voz.

Sem balas, Abel segurou a arma pelo cano e tentou atingi-las com um pancada. Uma das garotas interrompeu a trajetória do objeto com a mão, e sem fazer o mínimo esforço para isso. A outra segurou o pulso de Abel, torcendo seu braço e o levando até o chão. Caído e desarmado ele foi facilmente imobilizado.

- O que vocês querem? – Indagou Abel.

- Diga onde ele está. – Elas responderam.

- Ele quem? Que merda é essa?

- Você sabe muito bem de quem estamos falando. Onde ele está?

- Não faço ideia do que estão falando.

Uma das meninas segurou seus braços enquanto a outra se sentava sobre seu peito. Montada sobre o homem, ela tirou uma foto de dentro do vestido o expôs diante dos olhos de Abel.

- Diga onde ele está! – Disse ela.

- Quem é esse sujeito? Eu não conheço esse homem. – Respondeu Abel, olhando a foto de Ezequiel na mão da menina.

- Não nos trate como idiotas, sabemos quem você é, e qual sua relação com ele.

- Então deviam saber que eu morreria antes de dizer alguma coisa.

- Se prefere assim, tudo bem. Mas fique sabendo que não vai ser nada agradável ver o próprio coração arrancado do peito enquanto ainda bate.

- Se isso te faz feliz, vá em frente, sua vadiazinha de merda.

A menina abriu a mão direita e garras emergiram de seus dedos, aproximou a mão do peito de Abel e, um a um, seus dedos tocaram a pele sob a camisa, introduzindo lentamente as garras e fazendo o sangue manchar a camisa em cinco pontos diferentes. Abel gritava de dor, de sua testa o suor escorria quente e salgado até seus olhos, provocando um ardor extremamente incômodo.

- Não me diga que já terminou, meu bem. – Provocou Abel, apesar da dor lancinante.

- Não se preocupe, velho. Sou capaz de passar a noite toda fazendo isso. – Respondeu a cruel garotinha.

As garras alcançaram o coração pulsante de Abel. Quando a palma da mão da garota tocou seu peito, ela foi atirada para trás como quem leva um grande choque elétrico. No peito de Abel brilhava um círculo vermelho no medalhão em seu pescoço por debaixo da camisa. A outra menina ainda segurava seus braços, apesar de assustada com o que acontecera com sua cópia.

Com os braços imóveis, Abel se contorcia, balançando o corpo na tentativa de se livrar daquele pequeno monstro em forma de criança, porém, a força da criatura era exageradamente grande e suas tentativas não alcançavam resultado algum. Vendo que a outra aberração se recuperava e caminhava em sua direção, Abel tentou puxar a corrente em seu pescoço usando o queixo. Na primeira vez, a corrente lhe escapou, o mesmo aconteceu nas tentativas seguintes, somente na quinta tentativa ele conseguiu puxar parte da corrente, deixando-a ao alcance de sua boca. Com os dentes ele agarrou o colar e girando o pescoço em sentido anti-horário, puxou-o.

O pingente preso a corrente se revelou pela gola da camisa e, assim que foi inteiramente descoberto, emitiu um intenso raio de luz que iluminou todo o ambiente. Durante os segundos seguintes, tudo ficou branco e iluminado e nada além daquela luz cegante podia ser visto. Quando a luz se dissipou, as gêmeas não estavam mais na loja e Abel respirou aliviado, mantendo-se imóvel por um pequeno instante.

Antes que elas pudessem voltar, Abel correu até o porão em busca de um saco de sal grosso. Ao redor da portinhola, fez um círculo de sal sem falhas e desceu até o subterrâneo trancando a porta por dentro. Era preciso abandonar o local o mais rápido possível. Em uma bolsa grande, guardou todos os cartuchos recém-fabricados, armas, um pouco de comida e um velho rádio transmissor.

O rádio que Abel possuía era um item raro. Com tudo o que acontecera ao mundo, a telecomunicação se tornou passado, celulares não mais podiam ser usados. Mas aquele rádio era um dos poucos que Abel sabia existirem, outro estava com Ezequiel. Abel sempre pedia que ele não se esquecesse de carregá-lo, onde quer que fosse.

O porão, onde Abel se abrigava, tinha ligações com todo o subterrâneo e galerias de esgoto da cidade. E após tantos anos andando por aquelas galerias, conhecia os caminhos mais secretos e escondidos do subterrâneo. Com sua bagagem preparada, o homem foi até a prensa e a empurrou para trás, revelando outra portinhola no chão. Abriu-a, pegou sua sacola e desceu pela abertura. Ao fechar a portinhola, um barulho irritante

indicou que a prensa estava novamente sobre ela. Por segurança, a passagem não podia ser aberta pelo lado de baixo.

Descendo pela escada, Abel chegou até os esgotos, o cheiro era tão forte que ele teve que cobrir a boca e o nariz com um pedaço de tecido. Sua adrenalina ainda estava nas alturas, permitindo que seguisse pelas galerias como um verdadeiro maratonista. Esquerda, direita, esquerda. Os caminhos enviesados que percorria causariam vertigem e confusão em qualquer um, mas Abel tinha mapeado todo aquele espaço em sua cabeça e em momento algum precisou parar e pensar em qual direção seguir.

Enquanto corria, Abel ligou o radiotransmissor e tentou entrar em contato com Ezequiel, mas ele não respondia. *Isso é hora pra tirar um cochilo*, resmungou preocupado. Sem fazer ideia da situação em que o amigo se encontrava, Abel insistiu no rádio, tinha que insistir, pois não havia outra opção naquele momento.



Sobre as pedras, Ezequiel respirava ofegante, Lília ao seu lado tentava falar, mas, com um simples levantar de sua mão, ele fez com que ela cessasse o falatório e esperasse. Enchendo o peito de ar, apoiou as palmas das mãos nas rochas e num rompante de fôlego se levantou.

- Você está bem? – Perguntou Lília novamente.

- No que você estava pensando, quase matou a nós dois! – Disse, arquejando e tossindo.

- Mas... mas...

- Tudo o que eu mandar, você se lembra? E eu não mandei você sair sozinha da barraca e chamar um demônio pra brincar. – Disse ele, irritado e esbaforido. - Vamos sair daqui agora e vou te deixar no primeiro buraco que eu encontrar.

- Que culpa eu tenho? Como é que eu podia saber? Parecia tão inofensivo, tão bonito.

- De que droga de lugar você saiu, garota? Olhe ao seu redor, neste mundo onde você está só existe lixo, dor e destruição. Não existem bichinhos fofinhos, não existe bondade, não existe esperança. Estamos todos fadados a morrer sozinhos na sarjeta, junto do lixo, dos ratos e deitados sobre a própria merda. É só isso que existe, se você vê algo de bonito e agradável, se você sente um fragmento de prazer em algo, pode ter certeza que não é real. É apenas mais um demônio querendo ferrar com o que restou da sua humanidade.

- Se você acredita mesmo nisso, porque anda por aí salvando as pessoas e combatendo o mal? Você é um hipócrita! Tudo o que te move é justamente o que diz não existir. Você não tem motivo pra fazer nada disso que faz. Não precisava ter me salvado na mansão, nem agora se nada disso importasse. A verdade é que seu coração é cheio de esperança, e pra não admitir

você veste essa cara mau e finge que não se importa com ninguém.

- Você não me conhece, garota. Não faz a menor ideia do tipo de pessoa que eu sou. Você...

- Ouviu isso? – Interrompeu Lília.

- O que? – Disse ele, franzindo as sobrancelhas.

- O barulho. Vem da barraca.

Ezequiel se calou e ouviu um chiado vindo da barraca, apesar de sua irritação, em poucos segundos ele esqueceu a discussão ao perceber que seu rádio estava recebendo uma chamada. Correu até a barraca, abriu a bolsa e apanhou um radiotransmissor idêntico ao de Abel, pressionou o botão e começou a falar.

- O serviço tá feito. Mas tive que trazer uma bagagem a mais comigo. Você não vai acreditar no que ela fez, ela...

- Preste atenção, Z! Não sei quando vou conseguir falar com você novamente, então é muito importante que você ouça bem o que vou lhe dizer. – Disse Abel, interrompendo o amigo.

- Tá bom, pode falar.

- Eu não tenho tempo para explicar, mas acabo de ser atacado por um duplo, dentro de crianças, e eles estavam à sua procura.

- Como é que é?

- Não dá pra explicar agora, mas eles possuíam cadáveres e eram muito fortes. Agora, é questão de tempo para te encontrarem, então você tem que fazer exatamente o que eu disser.

- Ok

- Vá até Brasília, no antigo prédio dos correios no centro da cidade. No terceiro subsolo, há um conjunto de cofres numerados. Abra o cofre número 77.777, vai ter que arrombá-lo. Dentro dele vai encontrar duas chaves, uma grande e outra menor. Suba dois andares de volta e encontrará, no fundo da sala, três cofres numerados de 1 a 3. Abra o cofre número 2 com a chave menor e com a maior abra a caixa que você encontrará lá dentro. Assim que abrir, saberá o que fazer. Tenho que ir agora.

- Não! Espera! O quê...

Abel desligou o rádio e Ezequiel ficou falando sozinho, enquanto isso inúmeras questões passaram por sua cabeça e nenhuma podia ser respondida. Apesar de nada entender, ele confiava em Abel plenamente, então, se ele disse pra fazer aquilo, seria exatamente o que faria.

- O que está acontecendo? – Perguntou Lília, afoita.

- Estamos de saída em dois minutos, tenho assuntos a resolver.

- Quem era o homem no rádio? E o que você vai fazer em Brasília?

- Tem um lugar no caminho onde você vai ficar. Agora pegue suas coisas e vamos embora.

- Você não pode ir até lá! Os piores ataques aconteceram lá. Meu pai disse que nenhum humano pode sobreviver em Brasília, a cidade está toda infectada.

- Não se preocupe, eu tenho os meus métodos. Pare de falar e se

mexa, não tenho tempo a perder.

Ezequiel agrupou todas as suas coisas, desmontou a barraca e subiu em sua moto. Quando ligou o motor, Lília já estava pronta e logo se acomodou na garupa. Ele acelerou e os dois partiram a toda a velocidade. Se antes a garota achava que estavam indo rápido demais, agora, mesmo usando todas as suas forças, ela mal conseguia se segurar sobre o veículo. A paisagem, formada de areia, terra, concreto e asfalto, passava como raios de luz diante de seus olhos. A velocidade era tão elevada, que ela nem mesmo conseguia falar para reclamar.

Ezequiel pilotava como se fosse a última vez que pudesse fazê-lo. Seus olhos quase não piscavam, sua face transbordava a obstinação de alcançar seu destino, mesmo sem saber exatamente o que o esperava. Mas pelo que Abel dissera, tempos de tormenta se aproximavam, disso não havia dúvida.

Um demônio Duplo, pensou Ezequiel, *algo grande está acontecendo*. Os Duplos são demônios que, quando humanos, eram muito próximos um do outro, namorados, irmãos ou coisa do tipo. Pessoas ligadas que morreram em um mesmo evento trágico de violência causado por terceiro. Eles não conseguem libertar suas almas nem perdoar seu algoz e depois de vagar por décadas pela terra são arrebatados pelo Inferno para servir.

Os Duplos sempre estão juntos, e só conseguem se manifestar na posse de dois corpos de mesmo DNA. Em tempos de destruição total, era difícil encontrar um corpo forte para uma possessão, dois corpos com o mesmo DNA era quase impossível, por isso, a maioria dos duplos, procurava receptáculos em cemitérios. Gêmeos univitelinos, de preferência mortos juntos, assim como eles.

Pode parecer extremamente contraditório, mas, quanto mais pura a pessoa cujo corpo será possuído, mas força e energia um demônio pode extrair dela. Por isso, adoravam usar crianças. Além disso, facilitava a aproximação junto a outras pessoas. A fragilidade inspira confiança, pelo menos para os mais ingênuos.

Cinco horas mais tarde, em meio a paisagens totalmente desérticas, surgiu um posto de gasolina abandonado. Ao se aproximar, Ezequiel reduziu e estacionou ao lado de uma bomba de combustível.

- O que você está fazendo? Vai parar pra abastecer? - Perguntou Lília. Um leve traço de ironia permeava sua voz.

- Vamos encontrar uma velha amiga. Fique calada e não faça nada a não ser que eu mande.

- Não tem ninguém...

- Shhh! Que parte do fique calada você não entendeu?

Em silêncio, ela o seguiu. Ezequiel adentrou a loja de conveniência do posto. Lá dentro, prateleiras e mais prateleiras vazias. Havia apenas poeira e móveis velhos dentro daquele local. Lília se preparava para dizer algo quando Ezequiel, com o indicador erguido junto aos lábios, fez com que ela não prosseguisse. Caminhou até uma caixa registradora coberta de poeira, ao assoprar com força em direção aos botões, números de zero a nove apareceram turvos. Ezequiel digitou seis números que, apesar do esforço, Lília não conseguiu identificar. Imediatamente o balcão onde a registradora estava se moveu para frente, dando lugar a uma abertura quadrada, com degraus em uma das

extremidades.

- Vamos descer. - Sussurrou Ezequiel. - Me siga e não dê um pio.

Lília balançou a cabeça confirmando. Os dois desceram bem devagar. A cada degrau, a pouca luz existente ficava mais fraca até que ficaram totalmente imersos na escuridão. Após alcançar o último degrau, deram alguns passos, até Ezequiel sentir algo sólido e gélido tocar sua nuca, em seguida ouviram um clique perto de seu ouvido.

- Nem mais um passo. - Disse uma voz feminina.

As luzes se ascenderam. A mulher segurava uma escopeta calibre doze, colada ao pescoço de Ezequiel.

- Quem é você e o que faz no meu bar? – Perguntou a mulher, mantendo a arma na mesma posição.

- Esqueceu-se de mim assim tão rápido? Raimunda! – Respondeu ele, com um tom de ironia na voz.

- Ezequiel? É você?

Ezequiel virou devagar, assim que viu seu rosto, a mulher abaixou a escopeta e deu-lhe um breve abraço.

- Seu filho da mãe! – Exclamou ela. - Achei que tivesse morrido. Da última vez que te vi, estava entrando naquele prédio e depois não deu mais sinal de vida.

- Você realmente achou que doze andares de concreto seriam capazes de me derrubar?

- Venha comigo, vou trazer uma bebida.

A mulher seguiu por um estreito e mal iluminado corredor, sendo seguida por Ezequiel e Lília. À medida que avançam, o corredor ficava cada vez mais estreito, causando uma terrível sensação de esmagamento. Perto do final, os três estavam caminhando de lado, com as palmas das mãos se apoiando na parede áspera e cinzenta.

Ao término do claustrofóbico caminho pelo corredor, chegaram a um belo e sofisticado apartamento. A sala de entrada era toda branca, com móveis vermelhos e tapetes pretos, mais à frente havia uma linda sala de jantar, no centro uma mesa branca com dez cadeiras igualmente alvas. Por último, mas não menos impecável, separada por uma meia parede, a cozinha, também em vermelho e preto, fogão, geladeira, pia em mármore. Nas paredes havia armários brancos de portas vermelhas e refinadas louças decorativas.

Lília não disse nada, mais seus olhos se encheram de espanto e admiração diante daquele lugar que parecia ter saído de um catálogo de decoração do século XXI. Tudo aquilo não parecia ser real, não podia ser real. O chão era tão limpo e reluzente que a garota podia ver seu reflexo com uma nitidez simplesmente absurda.

- Que merda de lugar é esse? - Perguntou Lília.

- Olhe a boca, garota! Na minha casa eu exijo boas maneiras. Aliás, quem é essa pirralha que você trouxe pra minha casa? - Disse a mulher, fitando o caçador com um olhar inquisidor.

- Havia me esquecido que estava aí. - Respondeu Ezequiel. - Essa é Lília. - Disse, apontando para a menina. - E essa é a minha amiga, Raimunda.

– Agora apontando para a mulher. Fez questão de enfatizar a última palavra.

- Se me chamar por esse nome mais uma vez, vamos ter problemas sérios. - Advertiu a mulher, apontando o indicador em direção a Ezequiel.

- Pode chamá-la de Sanchez – Disse ele. - Ela não gosta do primeiro nome. - Cochichou.

- O que você está fazendo com uma criança a tira colo? Perguntou Sanchez. - Não é muito o seu estilo.

- Onde estão as outras? - Desconversou Ezequiel.

Sanchez abriu o armário, pegou uma garrafa de vodka e dois copos. Colocou os copos alinhados sobre a mesa, abriu a garrafa e despejou o destilado até a borda. A mulher virou a vodka na garganta uma vez só, enchendo novamente o copo em seguida e empurrando o outro para o velho amigo.

- Estão mortas, todas elas. – Virou mais um copo.

- Como? O que houve? – Indagou ele.

- Tem algo lá fora que nunca vi igual. De alguns meses pra cá, cada uma de nós que se aventurou na superfície não voltou pra contar o que viu. Há meses eu não saio daqui. Eu nunca dei espaço pro medo, Z, mas confesso que ainda não tive coragem de subir.

- Sinto muito. – Ele lamentou. - Você viu a criatura que fez isso, me diga o que aconteceu realmente?

- Eu não vi nada, e é isso o que me assusta. A primeira vez que "aquilo" atacou, foi há oito meses. Estávamos com pouca comida, então Romana e Beatriz saíram pra caçar, como de costume. Dois dias depois, vimos pelo periscópio à faca de Beatriz e o par de botas que Romana usava quando saiu no chão da entrada da loja, ensopadas em sangue. Ninguém viu quem ou o que deixou aquelas coisas. Meu impulso inicial era pegar todas as armas e ir atrás delas, mas as outras me contiveram e me convenceram de que precisávamos agir com cautela, então traçamos um plano. Um plano que levou todas à morte. Nem sei como você conseguiu chegar até aqui com vida.

- Lá fora está tudo tranquilo. Pra ser sincero, tranquilo demais.

- Mas não mude de assunto. O que Diabos você está fazendo com uma criança na minha casa? É seu novo bichinho de estimação?

- Sua pergunta nos leva ao assunto a que vim tratar com você.

- Eu sabia, tinha que ter um motivo, não podia ser saudade, não é mesmo? – Não era uma pergunta. - O que vai me pedir desta vez?

- Preciso que fique com a garota.

- O quê?

- É só por alguns dias.

- Sem chance. O que eu vou fazer com isso aqui em casa.

- É só deixar que ela fique aqui, não vai te dar trabalho. Nem precisa alimentá-la, ela já comeu o suficiente a noite passada.

-Hei! Parem de falar como se eu não estivesse aqui! – Gritou Lília. - Eu não preciso ficar aqui, posso ir com você buscar o tal pacote. Eu posso ajudar! Eu não quero ficar aqui com ela. Ela é mais assustadora que você. – Disse ela, cochichando a última parte.

- Do que ela está falando? Que pacote é esse? - Perguntou Sanchez.

- Vocês ouviram? - Indagou Ezequiel.

- Não tente mudar de assunto outra vez. Eu quero saber...

- Quieta Sanchez! Preste atenção nesse barulho. Tem alguém lá fora. Onde está o periscópio?

Sanchez abriu a geladeira e no fundo de uma prateleira acionou uma pequena alavanca vermelha. No teto se abriu uma pequena abertura quadrada, de onde saiu a ponta do periscópio. Ela foi até o instrumento, dando um breve salto para alcançá-lo e trazê-lo à altura dos olhos.

- Tem um homem lá fora! - Informou ela.

- Um homem? Apenas um homem? Deixe me ver. - Disse Ezequiel, tomando o aparelho em suas mãos e se posicionando para observar.

Pelo visor, Ezequiel avistou um homem caminhando em direção à entrada da loja. Um homem de estatura mediana, extremamente magro e de pele branca como cera. Estava descalço, vestindo uma camisa azul de botões e uma calça fina de mesma cor. Na mão direita carregava um guarda-chuva branco aberto sobre sua cabeça, e na mão esquerda um cordão com seis crânios simetricamente amarrados, um após o outro.

- É um coletor. - Disse Ezequiel, soltando o periscópio.

- Tem certeza? - Perguntou Sanchez. - Não tenho notícia de um há mais de vinte anos.

- Na verdade encontrei um faz dois anos.

- Você pode matar essa coisa, como fez com o gato? - Indagou Lília.

- Gato? - Estranhou Sanchez.

- Coletores não podem ser mortos. Mas podemos mandá-lo de volta para o Inferno.

- Ezequiel? Você acha que aqueles crânios que ele está arrastando são delas? - Disse Sanchez.

- São seis. É bem possível.

- Eu ainda tinha esperança. Acreditava que podiam estar escondidas em algum buraco por aí.

- Onde estão suas armas? Vamos precisar de todas elas. - Afirmou Ezequiel, colocando sua bolsa sobre a mesa e retirando seu armamento.

- Aquela coisa matou as mulheres mais espertas e habilidosas que eu já conheci. Você acha que nós dois vamos dar conta dele? Vamos ficar aqui até que ele vá embora, é o mais seguro.

- Ele não vai desistir. - Disse Ezequiel, não havia um pinga de hesitação em sua voz. - E não estamos seguros aqui embaixo.

Estrondos ecoaram da superfície, como se o demônio coletor caminhasse sobre um campo minado, sem se preocupar em escapar das bombas. Não demoraria até que ele conseguisse chegar até onde estavam.

- Não temos muito tempo. Vá buscar as armas, agora! - Gritou.

Os demônios coletores são por natureza obstinados e inconsequentes. Não são mandados à Terra para disseminar maldade, nem para

possuir, enganar ou machucar pessoas. Seu único objetivo é eliminar ameaças, são como matadores de aluguel, alvos são designados e executados. O nome pelo qual são conhecidos deve-se ao fato de que sempre levam consigo alguma parte da vítima, como um souvenir. Alguns colecionavam objetos pessoais, outros preferiam membros do corpo, ou dentes, ou fios de cabelo. O coletor na porta da loja também tinha sua preferência, colecionava crânios.

Enquanto Sanchez e Ezequiel preparavam seu arsenal, Lília observava pelo periscópio o homem de azul se aproximar. A cada passo, uma explosão movia enormes quantidades de terra ao seu redor, ficando cada vez mais difícil de enxergar. Ao chegar à entrada da loja, o Demônio não conseguiu ultrapassar. As paredes estavam cheias de sal grosso e água benta, o que poderia atrasá-lo, mas não detê-lo.

O coletor deixou o cordão de crânios no chão e posicionou sua mão aberta com a palma em direção à porta. Seus olhos azuis se tornaram amarelos e suas pupilas se dilataram exageradamente. Um enorme círculo de ar se formou ao redor da loja e em alguns segundos um poderoso redemoinho envolvia todo o lugar. A construção era antiga, porém bastante forte e se manteve intacta durante alguns minutos, no entanto, a força do redemoinho não cessava e aos poucos a construção começou a ceder. Os móveis velhos foram cuspidos de dentro da loja, o piso começou a se soltar e os destroços se projetaram nas mais diversas direções.

Sanchez estava preparada. Pendurado sobre seu ombro e contornando seu tronco, dois cinturões com uma generosa quantidade de balas, cada um deles acoplado às metralhadoras que ela empunhava nas duas mãos. Ezequiel carregava duas escopetas calibre doze penduradas em seu cinto e sobre o ombro uma assustadora bazuca.

- Pronto? – Perguntou Ezequiel, fitando a amiga.

- Desde sempre. – Respondeu ela.

- Que comece a festa. E você, garota, fique bem aqui e não se mexa.

Armados até os dentes, os dois voltaram pelo corredor estreito até o bar e subiram as escadas. Ezequiel ia à frente, seguido de perto por Sanchez. Quando abriu a portinhola, vislumbrou o caos total, as paredes estavam prestes a ceder e o teto não mais existia. O coletor, ainda do lado de fora, permanecia impassível, sua mão continuava erguida e um furacão aos poucos engolia toda a construção.

Sanchez e Ezequiel observavam de trás do balcão, ainda sem serem notados, traçando a melhor estratégia. Com as armas em punho, eles caminharam cuidadosamente em direção à porta, até ficarem frente a frente com o demônio. Quando o coletor os viu, toda a confusão de vento, poeira e objetos voando para todos os lados cessou, dando lugar a uma terrível calmaria.

- Já não era sem tempo, estava pensando que teria que romper o chão ao meio para ter o prazer de sua presença. – Disse o Coletor.

- Vou te mandar de volta por Inferno, seu desgraçado! – Gritou Sanchez, disparando a correr em direção à porta. Rapidamente Ezequiel segurou forte seu braço, impedindo que avançasse.

- Vamos te dar uma última chance de ir embora e não aparecer mais por aqui, você tem dez segundos pra dar o fora daqui. – Disse Ezequiel, apontando a bazuca em direção ao coletor.

- As pessoas são tão engraçadas. – Disse o Coletor, abrindo um enorme sorriso e mostrando os dentes, que se alternavam entre dourados e prateados. – Elas insistem em fazer afirmações nas quais não acreditam. Eu sempre acreditei na verdade, meus caros. E a verdade agora, é que todos vocês vão morrer, inclusive a criança escondida lá embaixo. Cada um de vocês vai passar a ser parte da minha coleção. Essa é uma verdade inquestionável.

O demônio ergueu novamente a mão e um buraco no chão foi aberto, justamente onde ficava a porta. No buraco, um cano de aço havia se rompido e dele escorria uma mistura branca ligeiramente pastosa. A proteção, feita de sal e água benta, fora inutilizada e não existia mais nada impedindo a entrada do demônio naquele lugar.

Com o pé direito ele passou pela porta, em seguida seu pé esquerdo fez o mesmo, até todo o seu corpo estar dentro da loja. Antes de qualquer tentativa de ataque por parte do Coletor, Ezequiel disparou com a bazuca contra ele. A munição o atingiu no peito, abrindo um buraco em sua camisa azul em ambos os lados, deixando a paisagem catastrófica aparecer pelo orifício.

Mesmo depois de ser atingido, o Coletor continuou se aproximando, Ezequiel se preparava para recarregar enquanto Sanchez descarregava suas munições sobre o demônio, provocando uma série de furos em sua pele. Mesmo com a saraivada de balas contra o seu corpo, sua caminhada era constante e inabalável. Ezequiel mirou com a bazuca e observou que os buracos que fizeram na criatura diminuíam rapidamente até sumir. Todo o esforço fora inútil, e o homem de azul continuava intacto.

Novamente Ezequiel atirou, e novamente um enorme buraco surgiu no peito do Coletor. Em poucos segundos a carne do demônio se reconstituiu. Sua face não demonstrava qualquer tipo de sensação e ele avançava como um trem sobre os trilhos, cadenciado e impassível. Sanchez trocou o pente da sua metralhadora e recomeçou os disparos.

- Vou te matar, seu desgraçado! – Gritava Sanchez, exaltada.

Com os gritos de Sanchez, o demônio Coletor transferiu seu foco de visão de Ezequiel para a mulher. Sendo alvejado múltiplas vezes pelos disparos da metralhadora, ele levantou a mão direita e todas as balas, que flutuavam em sua direção, simplesmente pararam, como se o planeta houvesse parado de rodar e o tempo não mais existisse.

Ezequiel analisou a situação e imediatamente percebeu o que estava havendo. Deixou a bazuca cair de suas mãos e correu em direção ao coletor. No caminho, apanhou um punhal na parte de dentro do casaco.

- Nããããão! – Gritou o caçador.

O demônio voltou a palma da mão esquerda na direção de Ezequiel. O corpo do caçador foi lançado violentamente à metros de distância. Voltando o olhar para Sanchez, ele estacou e disse:

- Sete é um número fabuloso, único. Seu amigo caçador é muito valioso, muita gente do Inferno está em seu encalço, mas hoje eu estou aqui por

você, a sétima de um grupo de sete. Um item único na minha coleção.

- Vá se ferrar! – Respondeu, com os olhos vermelhos.

- Não seja infantil e morra com dignidade. – Retrucou o maldito.

Sanchez tinha as mãos ocultas atrás do corpo, segurando uma granada. Ela também já havia percebido o que estava para acontecer. Com cautela, retirou pino da granada e o guardou no bolso, permanecendo com o explosivo em uma das mãos.

- Você... – Ela tentou falar algo, quando o Coletor fechou a mão direita e todas as balas que estavam paralisadas no ar dispararam em direção a Sanchez. A moça recebeu os disparos por todo o corpo, que se sacudia com o impacto de cada projétil. Caiu de joelhos e em seguida tombou ao chão.

Seus olhos abertos, voltados para cima, contemplaram o firmamento que aos poucos perdia a pouca luz que havia nele. O demônio voltou caminhar em sua direção, se ajoelhou junto ao corpo moribundo da mulher e acariciou seu rosto, como se houvesse realmente ternura em seu coração (se é que tinha um).

- É hora de pegar minha recompensa, querida. – Disse ele, quase balbuciando.

Envolveu o pescoço de Sanchez com as duas mãos e começou a puxar sua cabeça para cima, quando uma visão fez com que interrompesse seu procedimento. Olhava agora a granada na mão direita da mulher. Antes que alcançasse a bomba, uma enorme explosão projetou seu corpo magro e pálido para fora da loja. Junto com a explosão, um enorme clarão tomou conta de tudo.

Ezequiel se levantou em meio aos escombros e avistou o corpo do Coletor estirado sobre o solo, do lado de fora da loja. Aparentemente sem ferimentos graves. Ele caminhou até o demônio, quando chegou até o coletor, viu as roupas em trapos, o corpo raquítico repleto de ferimentos e estilhaços da granada. Porém, os olhos do desgraçado estavam abertos e bem vivos. Portando o punhal, Ezequiel atingiu-o em cheio no peito, puxando a lâmina para baixo abrindo um grande corte. Ele gemeu baixinho.

- Não seja tolo, Ezequiel. – Sussurrou o Coletor – Sabe que não pode me matar.

- Eu sei. – Respondeu - Não preciso.

Enfiou a mão no peito do demônio e arrancou-lhe o coração, um pedaço negro e gosmento de carne podre. Do bolso do casaco, Ezequiel tirou saco de tecido vermelho, colocou o coração dentro e lacrou a pequena bolsa com um cordão dourado.

- Bons sonhos! – Disse Ezequiel, vendo o corpo do maldito secar, se transformar em pó e se misturar à areia.

IX

FILHO, SE VOCÊ ENTRAR NESSA VIDA, NÃO HAVERÁ COMO sair. – Dizia Josué. - Você passará a carregar uma responsabilidade que, no futuro, te fará pensar: porque eu estou fazendo isso? E não haverá uma resposta que satisfaça. Você desejará nunca ter conhecido o mundo no qual trabalha. Vai conhecer o lado mais duro e sombrio de todas as coisas. Muitas vezes vai estar sozinho, sem ter a quem recorrer e nem para onde correr e, mesmo assim, deverá permanecer lutando. Vai ajudar pessoas que não conhece, e muitas vezes elas nem saberão o que houve. Não vai haver reconhecimento, nem pagamento, nem sequer gratidão. Essa é uma jornada de esforço e sacrifício, sem recompensa e sem resultados. Ainda assim, você tem certeza de que é isso que você quer?

- Sim, meu pai, eu tenho. E você está errado, nunca estarei sozinho, pois sempre teremos um ao outro. – Respondeu Elias.

Com os olhos cheios d'água, Josué tomou Elias em seus braços e o segurou com força contra o peito, as lágrimas escorriam de sua face enquanto os dois permaneciam num profundo silêncio. No dia seguinte, partiriam em viagem.

Na estrada, tudo para Elias era novo e fascinante, mesmo aquele mundo devastado, repleto de destruição, era admirável aos olhos daquela criança que só conhecia o que havia nos limites das cercas da fazenda.

Josué guiava um carro modelo 2012, adaptado no século XXII para utilizar como combustível, terra, areia e pequenas rochas. O modelo fazia parte de um projeto do governo de combustíveis não poluentes. Milhares de

veículos foram adaptados, porém, o projeto foi um fiasco, pois os carros faziam no máximo cem quilômetros por hora, e os consumidores da época preferiam poluir a atmosfera a passarem mais tempo no trânsito. Além do mais, os veículos mais modernos eram dotados de um avançado sistema de entretenimento, que incluía jogos, piloto automático, poltrona massageadora, computador de bordo com inteligência artificial, companhia holográfica, entre outros itens que variavam de acordo com o modelo.

Com o fracasso do projeto, a maioria dos veículos ficou encalhada nas lojas e posteriormente foram prensados e reciclados. Em tempos onde todas as fontes de combustíveis fósseis jaziam exauridas, aquele veículo guiado por Josué era uma valiosa raridade.

Enquanto percorriam as estradas desertas, Josué ensinava preciosas lições ao filho. Ele contou o que fazia, seu trabalho era rastrear, encontrar e eliminar entidades sobrenaturais malignas que vagavam pelo planeta com objetivos vis e cruéis. Demônios, manifestações que se apresentavam das formas mais variadas e estranhas possíveis. Elias foi iniciado num novo universo, onde as portas do Inferno pareciam ter sido abertas, e as chaves para trancá-las, perdidas.

A reação de Elias diante de toda aquela tenebrosa realidade era tão surpreendentemente natural que, aos poucos, Josué se desprende do medo de levar o filho para aquele mundo. Afinal, se ele estava a tanto tempo lutando contra essas criaturas e ainda assim continuava vivo, e sempre voltava para casa, por que com Elias as coisas seriam diferentes? Mais tarde ele saberia que se precipitara em tal conclusão.

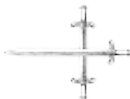
Após três dias de viagem, Elias e o pai chegaram ao destino. Através de uma mensagem de um amigo, Josué sabia que no meio de uma antiga floresta, agora apenas um enfileiramento de troncos secos cravados na terra ainda mais seca, havia três criaturas que iam até os centros urbanos e sequestravam pessoas nas colônias subterrâneas, sacrificando-as em seus terríveis rituais. Alguns corpos eram mantidos vivos, servindo de morada para demônios recém-chegados do Inferno.

Para Josué, parecia uma tarefa simples, com toda sua experiência não demandaria muito tempo para que ele resolvesse a questão e Elias seria apenas um mero espectador. Orientou o filho a se manter próximo e não fazer nada sem sua orientação. Sem esperar que a luz da Chispa se ascendessem, os dois se embrenharam na mata seca em busca de seus alvos.

Em passos curtos e compassados, os dois avançaram na floresta, qualquer barulho podia denunciá-los, assim, a comunicação era feita apenas através de olhares e gestos. Josué ia à frente, seguido por Elias de perto. Após cerca de meia hora de caminhada, não encontraram sinal dos demônios e o cenário era tão constante e monótono, que já não tinham certeza se estavam mesmo no caminho certo.

- Acho melhor voltarmos, filho. – Disse Josué, virando-se para trás e não encontrando Elias.

Durante os dias seguintes, Josué varreu toda a região em busca de Elias, porém não encontrou um vestígio sequer de seu paradeiro.



Depois de ouvir toda a história de Elias, Ezequiel olhou para o alto e permaneceu em silêncio por um momento, tentando compreender o quadro geral daquela situação.

- Então, depois de andar pela floresta com seu pai, você não se lembra de nada? – Perguntou Ezequiel.

- É como eu te disse, estávamos caminhando, e depois tudo o que eu me lembro é de estar naquele ferro velho cercado de carros velhos e lixo, sem nenhuma pessoa por perto. Fiquei por lá durante alguns dias, até que você apareceu. No início, pensei que você era alguma espécie de demônio, que havia pegado meu pai e voltado para terminar o serviço.

- Você acredita mesmo nessa história de demônios? Entidades sobrenaturais? Pra mim isso tudo é besteira. Eu tenho vivido sozinho há muito tempo e nunca vi nada do tipo.

- E as criaturas que vagam durante a noite, enquanto ficamos presos no barracão? Você mesmo me alertou sobre elas.

- Eu nunca disse que eram seres sobrenaturais. São perigosas, é verdade, mas são tão sobrenaturais quantos os roedores que matamos e comemos tantas vezes. Eu já li sobre demônios, fantasmas, vampiros e todo o tipo criatura bizarra, mas nunca nada que fosse tratado como real. Os livros estão cheios de histórias de todo tipo, como Drácula ou Curupira, mas não passam de contos, historinhas para assustar crianças.

- Você está errado, essas coisas existem, meu pai as caçava. E você não deveria duvidar. Meu pai me contou que o truque mais perigoso de um demônio é nos fazer acreditar que ele não existe, pois assim, não nos preocupamos em nos proteger.

- Não sei não. – Disse Ezequiel, incrédulo. - Quando encontrarmos seu pai, quem sabe ele possa me convencer.

Ezequiel tinha um livro sobre navegação e, na teoria, sabia até mesmo como construir uma bússola, porém, seria inútil, já que não tinham uma direção para apontar. Pedir informação também não era uma opção, não havia ninguém para perguntar, e se por acaso alguém aparecesse, o mais sensato seria nem mesmo se aproximar, quiçá confiar.

Durante quatorze semanas, Elias e Ezequiel caminharam a esmo, à procura de Josué, montando acampamento cada dia em um lugar diferente. Em todo esse tempo, eles caçaram, escalaram, às vezes até se esconderam, e sem perceber, se fortaleceram. Naquele ponto, Ezequiel não acreditava que iriam encontrar Josué e, apesar de não reconhecer de fato, Elias também sabia que não estavam fazendo progresso quanto a isso. Mesmo assim, ainda agiam com se estivesse numa missão em busca de um pai perdido.

Tanto tempo juntos fez com que os garotos ficassem cada vez mais

parecidos um com o outro, não havia mais a imagem do tutor e do aprendiz, o que se via eram dois garotos, dois irmãos, dois homens, compartilhando uma mesma jornada. Os dois se consideravam iguais, como de fato haviam se tornado.

Assim, a caça se tornou mais fácil e segura, pois um sempre cobria a retaguarda do outro. Eram uma equipe extremamente bem treinada. O nível de cumplicidade era tamanho, que um sabia o que o outro iria fazer sem que se fizesse necessário qualquer tipo de aviso ou sinal.

Num dia atípico, onde a Chispa já iluminava a superfície por mais de sete horas seguidas, Elias estava a contemplar o tempo e refletindo sobre toda sua jornada ao lado do amigo. De repente, ao observar uma grande e antiga árvore seca, teve um estalo em sua cabeça, algo naquele velho tronco lhe chamou a atenção. A princípio, não foi capaz de identificar porque aquele pedaço de madeira lhe causava tamanha inquietação, mas sabia que havia algo de importante ali.

Aproximou-se da árvore e observou atentamente cada detalhe. Circulou-a por diversas vezes, procurando o sentido de toda sua atenção ter sido voltada para aquela carcaça do que um dia, provavelmente, foi uma forte e frondosa planta. Mas nada vinha à sua mente, nenhuma lembrança que ajudasse a entender. Até que ele tocou o tronco, a casca seca arranhou a palma da sua mão e deixou uma espécie de pó por toda a pele. E finalmente a lembrança, que ele buscava inquieto, veio à tona.

- Ezequiel! – Gritou ele, correndo em direção à barraca. – Ezequiel!

- O que aconteceu, porque está berrando dessa forma, acha que estou ficando surdo? – Respondeu Ezequiel, saindo da barraca.

- Vamos juntar as coisas, temos que sair agora!

- Espera aí, que conversa é essa? Já vai escurecer e deu o maior trabalho...

- Eu encontrei! Eu sei onde estamos, vamos encontrar meu pai, a fazenda não fica longe daqui. – Exclamou entusiasmado.

- Mas como?

- Aquela árvore logo ali, está vendo? Eu me lembro dela, passamos por ela quando saímos, vamos sair agora e em no máximo um dia de viagem chegamos. Vamos logo!

- Calma, não podemos sair agora, já vai escurecer e não é prudente...

- Prudente? Eu não me importo com prudência. Meu pai está à minha espera e não vou aguardar pela maldita luz para que eu possa encontrá-lo. Se não quiser vir comigo, pode ficar.

Elias pegou sua mochila, colocou algumas coisas dentro, comida, água, armas e seguiu em frente, sem que Ezequiel tivesse tempo para qualquer tipo de reação.

- Droga! – Disse Ezequiel, pegando suas coisas e tentando alcançar o amigo.

Em uma corrida obstinada, Elias seguiu por três horas sem

intervalo, Ezequiel o seguia de perto, porém, quase não tinha mais fôlego para acompanhá-lo. Mais alguns metros e Ezequiel foi traído por seus joelhos, que se dobraram involuntariamente, levando seu corpo até o solo. Elias olhou para trás e, vendo o amigo caído, voltou para ajudá-lo, porém, sem a intenção de fazer uma pausa para descansar.

- Vamos, levante-se, eu te ajudo. Não podemos parar, temos que continuar, beba um pouco de água. – Disse Elias, entregando seu cantil para Ezequiel.

- Não dá, eu preciso descansar, pode ir à frente eu te alcanço.

- Tem certeza?

- Eu vou ficar bem, em alguns minutos eu te alcanço.

- Ok Tome cuidado.

Ele deixou o amigo para trás e seguiu em frente. Vinte metros adiante, Elias fez um pausa e percebeu que não podia deixá-lo para trás. Retornou, sentando-se ao seu lado e tomando um pouco da água que havia entregado a Ezequiel.

- Acho que também preciso fazer uma pausa ou vou desmaiar a qualquer momento. Trinta minutos e partimos novamente, ok?

- Ok – Respondeu Ezequiel.

Durante a pausa que fizeram, Elias permanecia inquieto, seus dedos percorriam seus joelhos como um pianista praticando escalas. Por outro lado, Ezequiel em poucos segundos já estava dormindo, seu sono era tão pesado, que nem mesmo a agitação do companheiro o acordara.

Foram os trinta minutos mais longos da vida de Elias, a incessante caminhada, inexplicavelmente, não lhe causou nem sombra de cansaço. Enquanto o amigo dormia, ele se levantou e sentou inúmeras vezes, circulou a área, quebrou gravetos, se alongou. O tempo recusava-se a transcorrer normalmente e, na morosidade com que os minutos se passavam, sua agitação aumentava cada vez mais. Cerca de vinte e cinco minutos depois, já sem unhas e com os cabelos embaraçados, ele balançava o corpo de Ezequiel pelo ombro, tentando acordá-lo. Sem sucesso ele balançou mais forte.

- Ezequiel! Hei, Ezequiel, acorde!

Os olhos do garoto se abriram com dificuldade e numa mistura de murmúrio e gemido, Ezequiel tentou se comunicar.

- Quanto tempo eu dormi?

- O bastante, agora levante-se e vamos seguir em frente.

Nas doze horas seguintes, eles avançaram em uma caminhada constante, fazendo algumas pausas sugeridas por Ezequiel e aceitas com relutância por Elias. Quando novamente Ezequiel sentiu seus joelhos perto de lhe traírem, avistou uma imensa cerca de arame e madeira, limitando uma extensa porção de terra. Alguns pequenos pontos brancos, se movendo na grama verde fosca, sugeriam a presença de animais. Ao centro do terreno, o que, de longe, parecia ser algum tipo de construção.

- Veja isso. – Disse Ezequiel, totalmente surpreso.

- Conseguimos! É ela, é a minha casa, nós encontramos!

Elias acelerou o passo e correu descontrolado até a casa. Ezequiel

foi incapaz de acompanhá-lo, mas conseguiu permanecer de pé e lentamente continuou caminhando em direção ao amigo. Rapidamente a visão de Elias se tornou minúscula até desaparecer. Cerca de trinta minutos mais tarde, Ezequiel chegou até os portões da fazenda e os encontrou já abertos. Caminhou até o casebre e a porta também estava aberta. Nos fundos da casa, Elias estava sentado, imóvel, os olhos perdidos e arregalados, vermelhos e molhados. Não havia sinal de ninguém na casa.

- Ele não está aqui, ele se foi. Depois de tudo que passei pra chegar aqui e encontro a casa vazia. Onde está meu pai, Ezequiel? Onde?

Ezequiel, em silêncio, deixou suas coisas no chão e caminhou pela casa, inspecionando cada cômodo. Enquanto ele verificava tudo, Elias permanecia sem qualquer reação, totalmente apático. Ezequiel voltou aos fundos da casa e se sentou à mesa em frente a Elias.

- Seu pai não está aqui agora, mas com certeza esteve há pouco tempo, os animais lá fora foram alimentados recentemente, a casa está limpa, tem grãos frescos no armário. Provavelmente ele está te procurando em algum lugar.

- Podemos rastreá-lo, pegue suas coisas e vamos partir imediatamente antes que todos os rastros se apaguem. – Disse Elias, afoito.

- Não podemos rastreá-lo. Vamos ficar aqui e esperar até que ele volte. É a melhor opção que temos. Agora vamos preparar algo para comer, você está há horas sem se alimentar e eu não quero ter que te carregar por aí.

- E se ele não voltar? Se estiver em perigo em algum lugar lá fora. – Questionou Elias.

- Não se preocupe, ele vai voltar. Venha, vamos comer alguma coisa.

Sem forças para fazer ou pensar em qualquer coisa, Elias simplesmente obedeceu ao amigo. Havia comida para muitos dias, então os dois permaneceram dentro da casa, recuperando suas forças. No segundo dia, já com sua força física recomposta, Elias queria sair para procurar o pai, mas depois de muita conversa e muita discussão, Ezequiel finalmente conseguiu convencê-lo a esperar.

Depois do terceiro dia de espera, Ezequiel não conseguia mais ficar parado dentro daquela casa, sua vida toda foi uma batalha diária, tendo que caçar todos os dias para comer e aquela situação de fatura era algo com a qual não estava familiarizado. Pediu a Elias que o mostrasse o trabalho que fazia com seu pai na fazenda. Durante alguns dias, os dois cuidaram da fazenda como dois lavradores, plantaram, colheram e trataram dos animais.

No décimo primeiro dia, Ezequiel trabalhava na terra quando avistou um veículo antigo se aproximar.

- Elias! – Gritou ele, chamando o amigo que estava dentro da casa.

Elias não respondeu. Ezequiel parou e observou, enquanto o veículo se aproximava. Rapidamente o carro chegou até os portões fechados. De dentro do carro, desceu um homem empunhando uma escopeta e apontando para Ezequiel.

- Hei garoto! Quem é você e o que faz na minha terra?

- Eli... – Ezequiel tentou chamar Elias, mais foi interrompido por um disparo feito por Josué.

- Você vai me dizer o que faz aqui, mas quero que fale baixo e fale agora.

Ezequiel olhou nos olhos de Josué, mas não respondeu, ele já havia visto muitas coisas no tempo que viveu sozinho na cidade, mas, armas de fogo era algo que só conhecia de livros e revistas. Ver um disparo de verdade, ouvir o som da pólvora explodindo e a munição sendo projetada com tamanha velocidade o deixou fascinado e ao mesmo tempo um pouco assustado, sem reação, diante de algo tão violento e tão belo.

- Vou contar até três e vou atirar, mas desta vez não vai ser o chão que eu vou acertar. Um... dois...

- Pai! – Gritou Elias, surgindo na porta da casa

- Meu filho!

Elias correu até o pai, que foi ao seu encontro com os braços abertos, deixando a arma cair e abraçando o filho com todas as forças.

- Onde esteve? Como chegou aqui?

- É uma longa história, pai. Vamos entrar e eu te conto tudo.

- Quem é aquele rapaz mexendo na nossa terra?

- Ele é meu amigo, me ajudou a chegar até aqui.

Eles entraram em casa e foram até a mesa da cozinha, onde uma refeição já estava preparada. Os dois se sentaram e comeram, enquanto Elias contava tudo o que acontecera durante todos os meses em que estiveram separados. Ele contou sobre o apagão, sobre como Ezequiel o encontrou e o ajudou, sobre as caçadas, o ferro velho, a jornada em busca do Pai, tudo.

- Foi um erro te levar, meu filho. Não vou deixar acontecer de novo.

- Não, pai. Eu quero te ajudar no seu trabalho. Não foi um erro me levar, o erro foi meu de insistir em te acompanhar sem estar preparado, mas eu mudei, aprendi muita coisa nos últimos meses. Estou mais forte e mais esperto, agora eu saberei o que fazer.

- Não diga isso, Elias! – Exclamou o homem. - Pense no que aconteceu. Eu não vou correr o risco de perder você outra vez.

- Mas pai!

- Não vamos falar sobre isso agora, afinal, eu vou ficar um bom tempo de folga antes de pensar em deixar nossa fazenda. Chame seu amigo, quero conhecê-lo.

Josué se desculpou com Ezequiel pela hostilidade e um aperto de mãos selou o começo de uma nova de amizade. Os três se sentaram e conversaram por horas, Ezequiel passou por uma espécie de sabatina e contou sobre todo o seu passado, tudo que viveu sozinho nas ruas de uma metrópole esquecida por Deus. Josué ficara impressionado com tão incrível história, e comovido, pois no seu entendimento, criança alguma deveria passar por tanta coisa sozinha.

Elias disse ao pai que desejava que o amigo passasse a morar com eles. Josué concordou prontamente. Durante as semanas seguintes, Ezequiel se

dedicou a trabalhar na terra e tratar dos animais, Josué o ensinou tudo o que sabia, e isso aproximou os dois. Enquanto Ezequiel se transformava em um lavrador, Elias se preparava para se tornar um guerreiro, se exercitava exaustivamente, ficando cada vez mais forte e ágil. Josué ainda não via com bons olhos a ideia do filho em seguir seus passos e se aventurar em lugares desconhecidos em busca de criaturas das trevas, mas Elias se mostrava cada vez mais determinado, e sua obstinação acabou convencendo o pai. *Melhor assim*, ponderou Josué, afinal, com ou sem sua ajuda, a decisão de Elias já estava tomada.

- Elias! Filho! Pare de se exercitar um minuto e venha aqui conversar com o seu velho pai.

- Sim, meu pai.

- Sente aqui.

- O que houve, aconteceu alguma coisa, algum problema com Ezequiel?

- Não, não. Aquele lá está me saindo melhor que encomenda, eu nunca vi ninguém tão feliz em enfiar as mãos no esterco. – Ele sorriu de leve. - Eu quero falar sobre você. Todos os dias eu te vejo treinando e se exercitando incansavelmente, e você sabe que não é do meu agrado que se junte a mim no trabalho que eu faço fora de casa.

- Pai, eu posso fazer isso!

- Calma, deixe-me terminar. – Disse. - Desde que voltou, ficou claro pra mim que você mudou. Aquela criança que eu perdi na floresta, não existe mais. Daqui saiu um menino, mas o que retornou foi um homem. Você está mais forte, mais esperto, mais maduro. E um pai não pode ditar os passos de um filho quando esse já é um homem. Então, se é o que quer, que assim seja. Vou ficar do seu lado, como ficarei sempre.

- Obrigado, pai! – Disse Elias, abraçando o pai.

- Porém, eu tenho um pedido pra fazer.

- Sim, o que o senhor quiser.

- Antes de sair daqui e se aventurar pelo mundo com uma arma na mão, você precisa estar preparado. A partir de amanhã nosso treinamento começa e você tem que prometer que vai confiar em mim e esperar até que eu diga que está pronto. Estamos de acordo?

- Claro, o tempo eu for necessário.

- Ótimo, agora volte ao seu exercício, vamos precisar desses músculos bem fortes amanhã.

No dia seguinte, Elias e Ezequiel estavam de pé antes que Josué sonhasse em acordar, quando se levantou, encontrou uma farta e bem preparada mesa de café da manhã. Eles se sentaram e comeram vigorosamente. O dia seria duro e deveriam estar fortes e bem alimentados. Findada a refeição, os dois garotos se levantaram e como soldados se alinharam ao lado de seu general.

- Estamos prontos, meu pai. Quando começamos?

- Começamos? Quem começamos?

- Ezequiel vai se juntar a nós. Ele é forte e corajoso, vai ser bom tê-lo conosco.

- Não, isso não estava no acordo. Não vou arrastar esse pobre jovem, que nada tem haver com a história, conosco. Eu aceitei que você seguisse meus passos, apesar de relutante, porque você é meu filho, minha família. Mas não vejo motivo para estragar a vida desse jovem também.

- Me desculpe senhor. – Disse Ezequiel – Mas eu sempre vivi sozinho e durante o tempo em que estou aqui com vocês, isso foi o mais próximo que eu já tive de uma família, e não quero que isso termine com vocês arriscando suas vidas enquanto eu fico sozinho me escondendo. Eu já me escondi o suficiente, senhor.

- Certo, meu rapaz, e por acaso você sabe o que eu enfrento lá fora, nas sombras?

- Pessoas ruins, pedófilos e pervertidos que vagam na escuridão.

- Você está errado, meu jovem. Não são pessoas que eu combato, são demônios. Um mal imensamente pior que o mais perverso dos seres humanos. São seres sem nenhum traço de bondade, pura maldade. E se você não acredita no sobrenatural, jamais poderá combatê-lo.

- Mas é tudo que eu tenho no momento, senhor. Eu sempre achei que estava muito bem sozinho, mas eu só me sentia assim por nunca ter tido uma família. Eu não quero mais estar sozinho. Por favor, me aceite como parte dessa família, é tudo que eu peço.

Ezequiel não estava convencido de que realmente existiam demônios agindo na calada da noite, mas Josué decidiu ceder e dar-lhe uma chance, mais cedo ou mais tarde ele iria entender e acreditar.

Por meses, os garotos passaram por um árduo treinamento. Sua disciplina era digna de um batalhão de elite. Tornaram-se mais fortes, mais rápidos e mais inteligentes. Aqueles dois garotos eram de fatos homens feitos, e caçadores de verdade.

Quando considerou que estavam prontos, Josué os levou para um trabalho na mesma floresta onde Elias se perdeu, e o desempenho foi impressionante, Ezequiel ficou um pouco chocado ao encarar a realidade a qual se recusava a acreditar, mas ainda assim, soube fazer seu trabalho de forma eficiente. Essa rotina se repetiu por diversas vezes, fazendo dos dois caçadores cada vez mais experientes e mais competentes.

Cinco anos se passaram, enquanto os três homens se dividiam entre uma vida no campo, plantando, colhendo e tratando de animais, e uma vida nas sombras, rastreando, encontrando e aniquilando os mais terríveis inimigos.

X

EM MEIO A TODA DEVASTAÇÃO DO LUGAR, HAVIA UMA ENORME mansão. Por fora, as paredes eram sujas e desgastadas, como qualquer outra, mas por dentro havia uma grande e luxuosa casa. Móveis clássicos que pareciam ter sido fabricados dias atrás. As paredes brancas e imaculadas, recheadas de obras de arte, Da Vinci, Picasso, Monet, Caravaggio. Era uma ironia que, entre tantas obras, se destacassem especialmente as religiosas, que estavam por todas as partes da casa.

O piso de madeira envernizada brilhava como ouro, a luz refletida chegava a impedir a visão em certos pontos. Grandes janelas de madeiras deixavam entrar uma forte luz solar que, inexplicavelmente, não vinha da Chispa do lado de fora da casa.

Alfredo estava no sofá da sala, em frente a um grande aparelho televisor de cinquenta polegadas. Na tela, um antigo filme italiano em preto e branco. O ator se vestia como ele, terno preto, sapatos pretos, gravata preta e camisa branca. No rosto do protagonista, Alfredo também percebia traços comuns aos seus, a descontração, o bom humor, apesar dos pesares, e uma leveza que ele lamentava não encontrar nos demais membros de sua família.

A campainha tocou, Alfredo pausou o vídeo usando um controle remoto e foi até a porta. Ao abri-la, encontrou as gêmeas mortas, possuídas pelos duplos. Elas nada disseram, apenas entraram agitadas, deixando as marcas de seus pezinhos imundos por todo o chão.

- Onde está seu pai, garoto? – Perguntaram as gêmeas.

- No escritório, entrem sem bater.

Passos ecoaram das escadas, se aproximando do primeiro pavimento. Antônio desceu com pressa ao ouvir os dois pequenos demônios na casa.

- Com quem falava, Fredo? – Perguntou Antônio.

- Eram apenas aquelas pequenas aberrações gêmeas, querem falar com o *pápa*.

- Eu vou até lá, você vem comigo?

- Não, obrigado. Aquelas duas me dão arrepios, parecem ter saído de um filme de terror. Sinceramente, eu preferia quando lidávamos com monstros que se pareciam monstros.

- Como queira.

Quando Antônio entrou no escritório, as duas meninas estavam sentadas em frente à escrivaninha, contando o que acontecera. Ao contrário do resto da casa, o escritório de Don Giovanni era escuro como a noite, não havia janelas, não havia quadros, e quase não havia móveis, trinta metros quadrados de vazio e escuridão. No fundo, ficava a escrivaninha e a poltrona, com mais quatro cadeiras estofadas ao redor da mesa. No mais, só espaço vazio para um homem de coração vazio.

- Parece uma brincadeira de mau gosto me dizerem que não conseguiram nenhum tipo de informação e ainda por cima foram incapazes de dar cabo de um velho, um senil. Sabem que o garoto tem que ser pego, e não há espaço para erros, agora sumam da minha frente. – Disse Don Giovanni, com a voz calma como a de um monge.

- O que houve, *pápa*? – Perguntou Antônio.

- Prepare o carro, vamos sair.

- Aonde vamos? O que aconteceu? Elas falharam?

- Nunca mande demônios para fazer o trabalho de um homem, filho. Agora prepare o carro e chame seu irmão. Não temos muito tempo. Agora!

- Sim senhor.

Antônio saiu do escritório, chamou o irmão e, cinco minutos mais tarde, os três estavam no carro. Como de costume, Don Giovanni ocupou o banco de trás, onde ficava envolto em uma densa cortina de fumaça emanada de seu charuto, Antônio era o responsável pelo volante e Alfredo, o único a usar o cinto de segurança, permanecia ao lado do irmão.

O carro era um modelo antigo, da década de 1960, mas chegava a velocidades que os mais modernos veículos jamais alcançariam. No interior do veículo, reinava o silêncio, parecia que três estranhos viajavam dentro daquele carro, pessoas que nunca haviam se cruzado e que nada tinham a dizer um para o outro.

Quando a velocidade se elevava em demasia, pouco se conseguia ver do lado de fora, todas as coisas passavam tão rápido que escapam a visão, eram apenas *flashes* passando pelos olhos em meio à escuridão.

A viagem transcorria normalmente, quando um ponto fixo de luz surgiu distante. Em segundos, o que era um ponto se tornou um grande círculo,

até que um ofuscante clarão tomou conta de tudo. Em seguida veio à escuridão.

Nenhum dos três se lembrava de ter fechado os olhos, mesmo assim, suas pálpebras cobriam os globos oculares. Quando conseguiram abrir os olhos, estavam de pé, caminhando em uma imensa floresta, não uma floresta de árvores secas e chão trincado, nem tão pouco uma floresta tradicional, cheia de verde com detalhes coloridos das flores e das frutas. A floresta onde surgiram era branca, a terra era branca, os troncos das árvores eram brancos, até mesmo os pássaros que voavam eram brancos. O contraste ficava por conta das folhas, vermelhas e brilhantes como sangue.

Quando olharam um para o outro, notaram que suas roupas também não tinham mais a mesma cor, pois também estavam brancas. Puseram-se a caminhar por cerca de trezentos metros até alcançar uma clareira com aproximadamente cinquenta metros de diâmetro. No centro da clareira, um bucólico chafariz, onde dois querubins de mármore expeliam sangue de suas bocas infantis. Interromperam a caminhada quando, quebrando a calmaria, ouviram uma voz:

- Por favor, aproximem-se. – Dizia a voz.

Olharam para todos os lados e não e conseguiram encontrar o emissor daquela mensagem. A voz se manifestou novamente.

- Venham até aqui, agora. – A voz era doce e suave, porém o tom era autoritário.

Alguns metros adiante do chafariz, da terra branca alguém emergiu. Era alguém pequeno, cerca de um metro e meio de altura. Vestia uma grande túnica alva, que cobria da ponta dos pés à cabeça, coberta por um capuz. Don Giovanni se aproximou, contornando o chafariz, seus dois filhos o seguiram sem perguntas. Quando os três estavam a menos de um metro da pequena pessoa, o capuz foi retirado, revelando um lindo rosto feminino. Pele branca e aveludada, cabelos negros, olhos azuis cintilantes e a boca intensamente vermelha.

- Olá senhores, vocês estão confortáveis ou gostariam de se sentar?

- Disse a mulher.

- Pra falar a verdade, uma boa poltrona não cairia mal. –

Respondeu Alfredo, sorridente.

A mulher levantou a mão na altura da cabeça e a girou lentamente, causando uma dor excruciante em Alfredo, que segurou a cabeça com as duas mãos e caiu de joelhos sobre o chão.

- Isso não é necessário, vamos direto ao que nos trouxe até aqui. –

Disse Don Giovanni.

- Não é necessário? Só não é necessário o que eu digo não ser necessário. – Respondeu a mulher.

- As gêmeas falharam, mas eu e os garotos vamos finalizar a situação assim que sairmos desse lugar.

- Parabéns pela iniciativa, meu caro imbecil. Mas esse assunto já está sendo tratado, eu tenho outro trabalho para vocês. Um trabalho a altura de seu intelecto, algo mais adequado a primatas.

- Pelo trato esse seria o último, você me deu sua palavra.

- Só termina quando eu disser que terminou, vocês vão fazer o que eu mandar, quando eu mandar e quantas vezes eu quiser que façam. Agora fiquem calados e me ouçam. Os garotos devem ir até Berlim, lá existe uma velha igreja, a única ainda inteira na cidade, debaixo do altar há uma passagem para um porão, dentro do bolso de Antônio há um mapa para encontrarem o que quero.

- E o que seria? – Perguntou Don Giovanni.

- Um corpo. Um valiosíssimo corpo, quero que desenterrem, reanimem, e o levem para a mansão. Depois o coloquem na câmara. Está tudo pronto lá?

- Sim, como ordenou. – Respondeu Don Giovanni.

- Por hora é só, agora sumam da minha frente.

A mulher submergiu de volta ao chão e Alfredo suspirou de alívio quando a dor que ela lhe causava cessou. Um novo clarão tomou conta de tudo e, em segundos, os dois irmãos estavam de volta ao automóvel, Giovanni não estava com eles e o cenário ao redor também mudara drasticamente.

- Do Brasil à Europa em um estalar de dedos. – Disse Alfredo. – Seria sensacional se não causasse tanto enjôo. Como será que isso acontece? Será que quando ele nos transporta de um lugar pro outro dessa forma, somos desintegrados, partícula por partícula, e depois reorganizados em um novo local?

- Temos que encontrar a igreja, mantenha o foco. – Disse Antônio, com seu peculiar mal humor.

- Vai dizer que tudo isso não te intriga, não tem nem um pouco de curiosidade?

- Foco Fredo! Foco!

- Sim senhor, meu comandante. – Disse Alfredo, fazendo uma debochada continência. - Aqui só tem ruínas, todas as construções clássicas hoje não passam de um monte de entulho sujo e fétido. Se for a única construção inteira, não vai ser difícil encontrar.

Alfredo apanhou no porta-luvas um binóculo e começou a varrer todo o campo visual que pode alcançar de dentro do automóvel. Depois da terceira varredura, avistou a silhueta de uma casa com uma cruz no topo.

- Encontrei! – Disse Alfredo. – Siga para o leste, só pode ser lá, é a única coisa que parece ainda estar inteira.

Antônio guiou na direção apontada pelo irmão e depois de poucos minutos estavam em frente a uma enorme igreja. A não ser pela grossa camada de sujeira, a construção estava perfeitamente intacta. Em meio a uma imensidão de lixo, casas e prédios em ruínas, era como se aquela igreja estivesse protegida o tempo todo, como se houvesse uma redoma invisível e intransponível. Realmente fascinante e assustador.

Saíram do carro e caminharam até os portões, dois grandes e sólidos pedaços de madeira. Do lado de fora, não havia maçaneta ou fechadura, mas ao forçar as portas, na tentativa de abri-las, perceberam que de alguma forma estavam trancadas. Alfredo foi até o porta-malas do veículo e apanhou um pé de cabra e uma bolsa de couro. Em posse do objeto, voltou à porta e tentou abri-la, porém não conseguiu, precisava da ajuda do irmão. Quando os

dois juntos forçaram a porta, inicialmente ela não cedeu, era necessário empenhar mais força. Repetiram o procedimento por algumas vezes, até que finalmente a madeira cedeu e conseguiram entrar na igreja.

- Parece que não somos bem vindos à casa de Deus. – Disse Alfredo.

- Não se preocupe. Deus não está aqui. – Respondeu o irmão. – Vamos acabar logo com isso, eu odeio igrejas.

Os dois caminharam até o altar e o contornaram. O altar tinha cerca de três metros de largura e um e meio de altura e era feito de mármore com detalhes em ouro. Era um objeto bem pesado para se mover com delicadeza, assim, Alfredo e Antônio seguraram um de cada lado, e empurraram o altar para frente até ele tombar e cair deitado sobre o chão, se rompendo em várias partes. Bem debaixo de onde estava o altar, encontraram uma pequena porta, assim como dissera a mulher na floresta. Alfredo entrou primeiro, depois Antônio. No subsolo tudo estava escuro. Alfredo levou a mão ao bolso e encontrou uma lanterna.

- Surpresa, meu irmão. Temos luz. – Disse ele, acendendo a lanterna e direcionando o feixe de luz no rosto de Antônio. – Pegue o mapa e vamos encontrar o presunto.

Com a iluminação da lanterna, podiam ver que a extensão daquele porão era consideravelmente maior que a da igreja. Antônio desdobrou o mapa sobre o chão e, inicialmente, tudo o que viu foi uma enorme folha branca, sem nenhum tipo de informação. Olharam para o papel por mais um tempo, e as informações simplesmente surgiram, indicando onde estava o que procuravam e também sua própria localização. A distância a ser percorrida era de aproximadamente três quilômetros.

- Vamos nos mexer. – Disse Antônio, sinalizando para que o irmão começasse. Seguindo as instruções, eles começaram a caminhar. À medida que avançavam, uma marcação na forma de um triângulo invertido se movia no mapa, se aproximando de outra marcação, esta em forma de suástica, que indicava a localização do cadáver. O caminho pelo qual percorriam era extremamente sujo, e o mau cheiro chegava a causar náuseas nos dois. Vez ou outra tropeçavam em algum osso, ou animal morto, outras vezes, ratos cruzavam seu caminho. Quando estavam quase alcançando seu alvo, avistaram uma cruz de madeira cravada na terra. Com certeza era o lugar certo. Como prometido, duas pás esperavam por eles ao lado da cruz.

Antônio retirou a cruz e os dois começaram a cavar. A lanterna no chão iluminava muito precariamente, o que dificultava um pouco o trabalho, porém eram dois homens fortes, e rapidamente o buraco cavado chegava a um metro, porém sem sinal do caixão ainda. Continuaram a cavar e só atingiram algo sólido quando o buraco chegou aos três metros de profundidade

- Chegamos! – Gritou Alfredo. Antônio descansava fora do buraco.

Com as mãos, Alfredo removeu o restante da terra sobre o caixão, revelando a madeira antiga, porém absolutamente intacta. Apoiado na lateral do buraco removeu a trava e levantou a tampa do esquite. Pela aparência, aquele

cadáver estava ali havia anos, apesar disso, sua roupa estava conservada como nova. O fato era inexplicável, já que vestia uma farda que, pelo modelo, datava de meados da década de 1940.

- Jogue a bolsa pra cá. - Gritou Alfredo.

Antônio jogou a bolsa, que desceu pela cova e caiu exatamente nas mãos do irmão. Alfredo ficou de joelhos sobre o cadáver, suas pernas, levemente abertas, recriavam a posição de uma criança montando um pequeno carneiro. A única luz dentro da cova, vinha da lanterna que Antônio segurava lá do alto. Alfredo abriu a bolsa e retirou dela um livro, um minúsculo frasco de vidro, e um medalhão prateado. Abriu o livro em uma página, já previamente marcada, e leu algumas palavras em latim. Em uma breve pausa, abriu o frasco e despejou um líquido amarelo na boca do morto. Depois de esvaziar a garrafa, colocou o medalhão sobre a testa do cadáver, aproximou sua boca a alguns milímetros de sua orelha e, pressionando o medalhão com moderada força, retomou a leitura do livro.

Mantendo-se quieto e segurando a lanterna, Antônio observava o procedimento executado pelo irmão, e mesmo sem conseguir ouvir o que era dito, permanecia sóbrio e calmo, sem transparecer nem um tipo de excitação ou curiosidade. Alfredo continuava o ritual, terminando uma página e passando para a próxima. Sua leitura era rápida e cadenciada e, apesar da pouca luz, não tinha dificuldade para enxergar o texto. Quando chegou a terceira página, as inscrições terminavam na metade. Nesse trecho, seu tom de voz aumentou de forma gradativa até chegar ao fim quase gritando.

Alfredo se voltou à posição inicial e observou o corpo do morto, imóvel e totalmente sem vida.

- Droga! - Disse para si mesmo. - Tudo bem, acho que temos outro frasco aqui, vamos fazer de novo.

Quando Alfredo enfiou a mão na sacola, a procura do segundo frasco, o morto abriu os olhos e de sua boca saiu um estranho grasnado na tentativa de respirar, como alguém que é reanimado após um afogamento. Alfredo estacou, observando o morto e seus micro-movimentos. O defunto tossiu, projetando sua cabeça para frente e expelindo uma grande quantidade de pó que cobriu todo o rosto de Alfredo. Ele limpou o rosto precariamente com a mão e gritou para o irmão.

- Joga a corda, Toni! A bela adormecida acordou.

- Cuidado com o pacote, devemos levá-lo pra casa ileso. Ouviu? - Respondeu Antônio, quebrando um longo período de silêncio.

Com a corda lançada pelo irmão, Alfredo fez um laço bem apertado ao redor da cintura do homem morto, e sinalizou para Antônio, indicando que ele já podia começar a puxar. Não havia carne no cadáver, somente ossos cobertos por um antigo uniforme militar repleto de insígnias, porém o peso era elevado, e obrigava Antônio a fazer pequenas pausas, apesar de sua força. Quando o corpo chegou à borda da cova, Antônio o acomodou no chão e atirou a corda de volta, para que Alfredo pudesse subir. Enquanto o irmão subia, ele recuperava as forças, ofegante.

Depois que Alfredo saiu do buraco, os dois carregaram o corpo até

o carro, sentando-o no banco de trás. Antônio entregou a chave ao irmão e deixou que ele dirigisse. Durante o trajeto, os irmãos observavam o morto-vivo pelo espelho retrovisor. Seus movimentos eram como espasmos involuntários, como confusos reflexos de zumbis em filmes de terror. O olhar do novo monstro chamava atenção de Antônio, pois era um olhar duro, seco, e cheio de ódio. Até mesmo para ele, um homem que por mais de um século permanecia sem sorrir, aquele olhar tinha algo de perturbador.

Depois de se afastarem cerca de quatro quilômetros da igreja, um novo clarão passou pelo carro e eles foram transportados, imediatamente, para onde estavam antes do primeiro clarão.

- Nada como o nosso lar. Não é irmãozinho? – Disse Alfredo, causando irritação no irmão.

- Vai ser uma noite animada, faz tempo que não temos gente morta que anda em casa.

- Cale a boca e dirija antes que eu te jogue pra fora do carro. - Respondeu Antônio, com o olhar fixo no passageiro.

- Sim senhor, meu comandante. Quando chegarmos em casa, talvez o papai consiga uma farda dessas pra você, seria uma combinação perfeita.

Antônio virou a cabeça e olhou para o irmão que prontamente respondeu.

- Está bem, já me calei. Vou te dar o prazer do silêncio para que você continue flertando com o nosso amigo sem sangue nas veias.

O resto do caminho foi permeado pelo mais absoluto silêncio, interrompido vez ou outra por um grunhido, tosse ou estalar de ossos do cadáver vivo. Quando chegaram à mansão, não foi necessário carregar o morto-vivo, assim que a porta foi aberta, ele prontamente se levantou e, com pouca firmeza, caminhou até a porta, cambaleando como um bêbado voltando pra casa depois de ser espancado pelos seus amigos igualmente bêbados.

Assim que os três se aproximaram, a porta se abriu. Don Giovanni os esperava, o charuto aceso no canto da boca e o chapéu fazendo sombra sobre o rosto estavam lá, como sempre. O morto-vivo tentava caminhar com a elegância de um militar, mais o esforço não o levava ao resultado esperado e seu andar continuava mais próximo ao bêbado espancado que a um militar de carreira.

- A sala está pronta, levem-no logo e iniciem o procedimento, não há tempo a perder. - Disse Don Giovanni aos filhos.

Eles prontamente obedeceram e conduziram o morto de andar desconcertado até a sala. Dentro da sala, havia uma maca de madeira, com a aparência de uma peça de museu. Acomodaram o morto na maca, onde havia peças para prendê-lo pelos pulsos e tornozelos. Com o convidado devidamente preso, Antônio foi até um freezer no fundo da sala e abriu a porta. Dentro dele, jaziam centenas de bolsas de sangue, simetricamente enfileiradas do topo até o chão. Apanhou algumas e voltou ao morto-vivo. Estava na hora do defunto se alimentar.

XI

EZEQUIEL VOLTOU PARA A LOJA, ABRINDO CAMINHO ENTRE OS escombros até a porta oculta sob o balcão. Depois de algum tempo lutando contra pedaços de concreto, plástico e madeira, espalhados por toda a parte, ele finalmente chegou à passagem. Quando terminou de descer as escadas, encontrou Lília no bar, segurando uma pistola apontada em sua direção. As mãos trêmulas da menina faziam a arma balançar de um lado para o outro. Ezequiel não disse nada, apenas se aproximou e tomou o revólver de sua mão.

Apanhou sua bolsa e a sacola com as armas que sobraram e, com um pequeno movimento de cabeça, fez Lília entender que estava na hora de seguir viagem. Ao chegar à superfície, a menina se assustou com tamanha confusão, o susto se tornou horror quando ela assimilou parcialmente o que acontecera por ali. O corpo do coletor não estava mais lá, porém suas roupas permaneciam no lugar onde Ezequiel o derrotara.

- Onde está ela? – Perguntou Lília.

Sem responder, Ezequiel continuou caminhando em direção à saída. E não era preciso uma resposta, alguns passos à frente, era possível visualizar o cenário do local, sangue por toda a parte, os restos mortais de Sanchez se misturavam ao lixo e a sujeira. Lília continuou seguindo Ezequiel de perto, seus olhos estavam cheios d'água diante da violência que acabara de ocorrer naquele lugar.

Lília se aproximou de Ezequiel e segurou sua mão, ele não reclamou nem resistiu. Os dois caminharam juntos até chegar à motocicleta, do

outro lado do posto. Ezequiel acomodou as bolsas e subiu rapidamente Lília se ajeitou na garupa do veículo. A menina vislumbrou toda aquela destruição e disse:

- Vamos embora logo, por favor.

Ezequiel deu a partida e em segundos aquele enorme ponto de destruição e dor se afastou, até simplesmente desaparecer no espelho retrovisor. Nas próximas cinco horas, eram apenas Lília, Ezequiel e a estrada. O único som que ouviam vinha das rodas de borracha sobre o asfalto e a terra seca. Sem paradas, sem conversas. Naquele momento, nenhum dos dois podia dizer nada ao outro, tudo era um grande vazio dentro deles.

Chegando aos limites de Brasília, uma enorme cerca, com quinze metros de altura, envolvia todo o território. A cada dez metros de terra cercada, uma placa amarela com letras pretas, "*CAUTION: RADIATION RISK*" informava a inscrição. Não havia placas em português.

O bombardeio em Brasília, durante a terceira grande guerra, foi como um chute em um cachorro morto. O exército já havia sido dizimado, os governantes ainda vivos fugiram ou se esconderam, alguns civis ainda insistiam em lutar, mas eram tão eficientes quanto crianças empunhando panelas e colheres. Após as explosões nucleares, metade dos sobreviventes no país foi morta. O exército dos Estados Unidos da América ocupou o país e todos os sobreviventes passaram pelo teste de radiação. Os infectados foram levados até os campos de concentração e posteriormente incinerados, ainda com vida.

Brasília foi totalmente lacrada. Quem ficou livre da infecção, foi escravizado e utilizado na drenagem das águas e extração das reservas minerais. Quando não sobrou mais nada para ser utilizado, o Tio Sam deixou o país e os sobreviventes ficaram livres para viver no nada.

A cerca em torno de Brasília era feita de partículas de chumbo modificadas e transformadas em um tecido fino, brilhoso e altamente resistente. Não era possível rompê-lo, não importava a arma que se usasse, o único meio de ultrapassar a barreira era por debaixo da terra.

- Você não pode entrar aí, você vai morrer! Além disso, não dá pra entrar, ninguém consegue. – Disse Lília, tentando convencê-lo a desistir.

- Você espera aqui, eu não vou demorar. – Disse Ezequiel.

- Por acaso você ouviu alguma palavra do que eu disse?

- Sim, eu ouvi.

- E porque não diz nada? – Perguntou ela, já com a voz alterada.

- Não há nada para dizer. Eu vou entrar buscar o que preciso e sair.

- Por favor, não vá!

- Não se preocupe, não vou demorar, eu volto logo.

- E se não voltar?

- Eu vou voltar, agora fique quieta e me deixe ir.

- Por favor! – Disse a menina, com lágrimas saindo dos olhos. –

Não vá. Eu estou com medo.

Ezequiel interrompeu o que estava fazendo, se ajoelhou em frente à Lília, segurou seus braços próximo aos ombros e lhe disse:

- Me escute, garota. Eu já estive aqui antes e sei o que estou

fazendo, confie em mim, vai estar segura aqui, e eu vou voltar, eu prometo. Passei a vida inteira caçando demônios, acha que um pouco de radiação vai ser capaz de me fazer mal?

Lília abraçou Ezequiel e, de uma forma totalmente inesperada, ele retribuiu o abraço. Ezequiel se levantou tentando disfarçar as lágrimas em seus olhos, se virando de volta para a cerca. Ajoelhou-se e fez as mãos passearem sobre a terra do chão até encontrar o que procurava. Uma porta de metal no chão, aproximadamente dois metros de largura por um de comprimento. Ao abri-la, uma grande e larga escada descia até onde a vista alcançava.

- Fique aqui e não saia por nada, me ouviu? – Disse o caçador

Lília balançou a cabeça dizendo que sim, e Ezequiel desceu as escadas, desaparecendo em meio à escuridão. A vinte metros de profundidade, todo o território brasileiro era interligado por meio de túneis. Na iminência da guerra, o governo priorizou uma rota de fuga para o presidente e seus parceiros políticos, o povo nunca foi informado de tais túneis, mas Ezequiel os conhecia muito bem.

Vencido os degraus, Ezequiel chegou ao nível dos túneis e, se apoiando nas paredes com as mãos, seguiu na escuridão até encontrar uma grande alavanca. Ao acioná-la, grandes lâmpadas foram acesas em sequência, por incontáveis metros à frente. Toda a rede de túneis contava com um sistema autônomo de geração de energia e, pelo visto, seu funcionamento permanecia perfeito.

Com o caminho iluminado, Ezequiel abandonou sua caminhada lenta e iniciou uma corrida que demandava toda sua potência física. Ele sabia que não haveria obstáculos no caminho. No período pré-guerra, o governo já tinha conhecimento da existência dos demônios, alguns faziam parte da alta cúpula da presidência. Porém, o presidente não se sentia à vontade sabendo que estava totalmente vulnerável àquelas criaturas sombrias. Assim, todo o sistema subterrâneo foi construído para ser impenetrável por demônios, as proteções iam de paredes revestidas com sal e água benta, a feitiços de magia branca e negra. Todo o trabalho ficou a cargo de uma divisão secreta de pesquisa e controle de ameaças paranormais, criada cerca de doze anos antes do início da terceira grande guerra. Aqueles túneis eram na verdade um grande e sofisticado quarto do pânico.

Vinte minutos de corrida mais tarde, Ezequiel chegou ao destino, o prédio principal dos Correios. Havia uma escada vertical que levava a uma passagem dentro do prédio. Ele subiu as escadas, apoiou o rosto contra porta para ouvir se havia algum tipo de som. Na época em que o Distrito Federal era habitado, todos os prédios públicos possuíam um sistema de segurança eletrônico, que monitorava todas as entradas e eliminava qualquer tipo de intruso não identificado, era preciso ser cauteloso nessa parte. Ezequiel sabia onde ficavam os controles principais, onde poderia desativar o sistema de segurança, caso ainda estivesse ativo, mas para chegar até lá teria que contar com toda sua destreza e habilidade.

Caso o sistema de segurança estivesse ativo, ao abrir a pequena porta de passagem o auto-disparo das armas de defesa seria acionado, a

passagem devia ser aberta sem que a porta saísse do lugar. Em sua bolsa, Ezequiel trazia um pequeno aparelho a laser para corte de metal, fruto de uma incursão em uma base abandonada do exército venezuelano, anos atrás. Com o aparelho, traçou um círculo no meio da porta. Ao completar o círculo, um tampão redondo se soltou com facilidade nas mãos de Ezequiel. O caçador deixou o objeto cair, dando espaço para que pudesse espiar o cenário que o esperava.

Em todas as direções, havia um conjunto de detectores de movimentos, operacionalizados por raios verdes que se movimentam aleatoriamente por todo o salão principal. Ezequiel precisava cruzar o salão para chegar ao elevador de carga que levava à sala de controle. Passou com todo o corpo pela abertura circular e se escondeu num ponto cego, atrás de uma coluna de concreto, enquanto observava o movimento dos sensores. Depois de cerca de quinze minutos de observação, conseguiu assimilar o padrão de movimentação e mentalmente fez seu caminho até a sala de controle.

Cada movimento devia ser preciso e compassado, qualquer descuido poderia representar o fim. Em posição, olhou o relógio e aguardou o momento certo para avançar. O primeiro passo foi dado e, seguido dele, vários movimentos o levavam a avançar pelo enorme salão. Através de movimentos previamente calculados ele continuou, ora devagar, ora mais rápido, parava por um momento, avançava mais um pouco, recuava um ou dois passos algumas vezes e tornava a avançar. Essa dança se seguiu até que conseguisse alcançar o fim do salão e chegar a um estreito e escuro corredor. Pelo corredor, sua caminhada foi veloz e poucos segundos depois encontrou uma porta.

Aço reforçado e fechadura eletrônica com abertura por senha. Ezequiel apanhou sua faca e cravou na abertura da porta. Pegou a pistola na cintura e disparou contra o teclado numérico cinco vezes seguidas. Uma fumaça escura saiu da fechadura e em seguida a porta se abriu por completo. Dentro da sala, uma grande mesa com uma infinidade de botões de cores variadas. Na parede, quarenta e oito monitores mostravam todas as partes do edifício. Apesar da complexidade daquele aparato tecnológico, Ezequiel sabia exatamente os botões a acionar e em menos de trinta segundos estava fora da sala.

No salão principal, não havia mais sensores de movimento dançando na pista e o caminho estava livre. Ezequiel entrou no elevador, cujas portas já estavam abertas, acionou o botão com a inscrição S2, que indicava o segundo subsolo. Em espantosa velocidade, o elevador alcançou o destino. Para chegar ao terceiro subsolo, era necessário continuar pelas escadas, largos degraus de mármore que o conduziram até o último nível do edifício.

O terceiro subsolo era um grande cofre, com milhares de pequenas gavetas. Nas gavetas havia um orifício central onde se encaixava a chave. A extensão do lugar era próxima a de um campo de futebol. Ezequiel olhou para o relógio e viu que precisava correr, pois Lília o esperava sozinha do lado de fora. Percorrendo o salão, os números estampados nos cofres iam crescendo, e ele estava quase ofegante quando, finalmente, chegou ao número 77.777. Com dois disparos de revólver, rompeu a fechadura e abriu o pequeno cofre. Dentro do cofre estavam as duas chaves, uma pequena e uma grande.

Apanhou as chaves e correu em direção às escadas, subiu até o segundo subsolo onde o elevador não o esperava. Ainda pelas escadas, subiu até o primeiro subsolo. Lá encontrou uma sala escura e deserta, ascendeu um cigarro e fez dele sua iluminação para seguir pela sala escura até alcançar os três cofres. Eram três portas de metal, com aproximadamente um metro de altura por um de largura. Com a chave pequena, ~~ele~~ abriu o cofre maior e encontrou dentro dele uma pequena caixa de madeira. Com a outra chave, abriu a caixa. Mas o que encontrou lá dentro o deixou bastante confuso.

- Abel, seu filho da mãe! – Praguejou para si mesmo. - Que Diabos eu vou fazer com isso? O desgraçado me fez passar por tudo isso por essas porcarias?

Ezequiel fechou novamente a caixa e a guardou-a em sua bolsa. Correu para alcançar a saída antes que o céu se escurecesse novamente e Lília ficasse sozinha e vulnerável do lado de fora.

Quando chegou ao lado de fora, Ezequiel encontrou Lília sentada no chão, com os joelhos envoltos pelos próprios braços. A cabeça levemente inclinada para baixo e o olhar fixo para a porta onde o vira desaparecer algumas horas atrás. Assim que a menina o viu, correu para lhe abraçar, envolvendo sua cintura com os braços.

- Você está aqui! Achei que não ia mais te ver, eu estou aqui há horas. Conseguiu o que estava procurando? – Perguntou ela.

- Sim, consegui.

- E o que era?

- Nada, só uma porcaria de caixa vazia!

- Como assim?

- Uma caixa vazia, com um livro em branco e um pedaço de papel velho.

- Deve ter alguma coisa, você olhou bem?

- Não tem nada, pode ficar com ela se quiser, é só lixo, eu vim até aqui para buscar uma caixa cheia de lixo. – Disse o caçador, pegando a caixa na sacola e jogando para Lília.

A menina abriu a caixa e encontrou o pedaço de papel amarelado e amassado, e um livro aparentemente antigo, com páginas numeradas de um a quinhentos e nenhum texto ou figura estampado em suas folhas. Retirou o livro da caixa e o folheou, da primeira à última página e da última à primeira, sucessivas vezes. Não encontrou nada. Abandonou o livro e apanhou o pedaço de papel. Virou-o várias vezes e também não encontrou nada.

- Pra onde vamos agora? – Perguntou ela.

- Não faço ideia, estou no escuro, tudo o que tenho para me guiar são folhas velhas e amareladas.

A garota, segurando o papel, se silenciou e voltou à posição anterior, encolhida, com os joelhos dobrados próximos ao rosto. Em seus olhos avermelhados se formaram bolsões d'água, que se romperam deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto, atingirem seu queixo e caírem por sobre o papel preso em suas mãos. Olhou para o papel, ensopado com suas lágrimas, e viu letras surgirem e aos poucos formarem palavras,

- Ezequiel! Veja isso, olhe o papel!
- O que foi?
- Tem algo escrito, olha só!
- Deixe-me ver. – Disse Ezequiel, pegando o papel da mão da garota. - É um endereço. Eu sei onde é. Vamos embora, agora nós temos um destino.

- E para onde nós vamos.
- Pra casa de um velho gordo e depravado. Pegue suas coisas e vamos partir. – Disse ele, juntando suas coisas e acomodando na motocicleta.
- E o que você fará quando chegar?
- Isso eu só saberei quando chegar lá. Ande logo com isso, não quero ficar mais nenhum minuto aqui.

Apressada, Lília juntou suas coisas e subiu na garupa da motocicleta, e antes que ela pudesse se segurar, Ezequiel deu a partida e desapareceu no horizonte em poucos segundos.

Ezequiel não entendia onde aquilo tudo o levaria, mas conhecia Abel muito bem, e ele nunca errara com ele, a confiança que tinha no amigo era suficiente para que ele percorresse até os mais remotos confins da terra se isso fosse preciso. Porém, lhe intrigava que ele tivesse que seguir até o endereço indicado no papel. O homem que lá morava era desprezível aos olhos de Ezequiel, e era difícil imaginar que função ele poderia desempenhar em toda aquela história que, em sua cabeça, fazia cada vez menos sentido.

O endereço ficava em Goiânia, não muito longe, e após uma hora e meia de estrada, na velocidade máxima alcançada pela motocicleta, Lília e Ezequiel estavam de frente a um casebre feito de madeira velha e com aparência de estar abandonado há décadas.

- Chegamos, é aqui. Espere atrás de mim, eu não sei o que esperar desse sujeito. – Alertou Ezequiel, tocando levemente o ombro da menina.

Ela levantou a cabeça e, com o olhar, examinou aquela precária moradia de linhas tortas e arquitetura medíocre e questionou:

- Como pode haver alguém dentro desse monte de lixo. A primeira chuva que cair aqui vai botar tudo isso abaixo.

- Não se engane pela aparência frágil da casa. Eu já estive aqui uma vez e sei que essa construção é bem mais sólida que aparenta. Agora se mantenha atrás de mim e olho vivo.

Ezequiel aproximou-se da porta e bateu três vezes, sem resposta ele aguardou por alguns instantes e voltou a bater, a segunda tentativa foi igualmente inútil. Insistiu e tentou pela terceira vez e novamente não houve sinal de que alguém com vida estivesse dentro da casa.

- Tente a maçaneta, Ezequiel. Talvez esteja aberta. – Sugeriu Lília.
- O homem é um escroto, mais não é nenhum imbecil, acha que ela iria... – Retrucava Ezequiel, até ser surpreendido pela porta se abrindo após girar a maçaneta. – Talvez ele esteja mais estúpido do que eu me lembre.

Ao passar pela porta, Ezequiel encontrou um cenário sugerindo que um desastre natural havia ocorrido naquela sala, pois a confusão de objetos, roupas sujas, restos de comida, garrafas, cigarros, e todo tipo de lixo, fazia que

seu apartamento em Belo Horizonte parecesse um decorado modelo de uma construtora em processo de vendas.

Abrindo caminho por entre porcarias e quinquilharias espalhadas pelo chão, Ezequiel chegou ao sofá, onde um homem dormia. Era um homem gordo e peludo, dentes amarelados e pele queimada de sol. Os cabelos eram brancos como a neve e os fios estavam distribuídos de forma a apontar em todas as direções possíveis. A camisa, provavelmente, era um ou dois números menores ao que deveria ser, pois metade da barriga, redonda e rechonchuda, estava à mostra, caindo por sobre a cintura e cobrindo parte da bermuda jeans surrada.

O ronco do homem lembrava um porco se alimentando no lixo e acompanhava o sobe e desce da enorme pança. Da boca aberta, escorria uma baba espessa, e era difícil identificar se o mau cheiro vinha do lixo espalhado na casa, do homem, que parecia não ter contato com água há dias, ou de ambos.

Ezequiel atravessou a casa até encontrar a cozinha, apanhou um copo que encontrou por sobre a mesa e o encheu de água. Voltou ao sofá e atirou todo o conteúdo do copo no rosto do adormecido. A água o despertou, e imediatamente uma pistola estava a milímetros do rosto de Ezequiel. Meio deitado, meio sentado, o homem, levemente atordoado, segurava com firmeza o revólver e em silêncio aguardou algum tipo de explicação por parte do invasor, que sorria à sua frente.

- Oi titio, surpresa! – Disse Ezequiel, num tom agudo de ironia.

O homem olhou para o intruso com o dedo firme, acariciando o gatilho. Demorou um pouco até que suas ideias se organizassem da maneira adequada. Ezequiel permanecia estático à sua frente, com um sorriso sarcástico no canto da boca, enquanto o anfitrião se recompunha. Enquanto os dois homens se encaravam, Lília observava de perto da porta, sem se manifestar. Quando, finalmente, o dono da casa se sentiu acordado e sua visão voltou à nitidez habitual, ele reconheceu o forasteiro que invadira sua casa e lhe agredira com um copo d'água, interrompendo seu repouso diário.

- Ezequiel? - Ele perguntou, com certa dúvida.

- Sentiu saudades?

- Faz muito tempo garoto, quando te vi pela última vez você ainda cheirava a leite e não era tão atrevido para me atacar dessa forma, durante minha soneca matinal. - Disse o homem, abaixando sua arma e levantando-se lentamente.

- As coisas mudam Salomão. As pessoas mudam, ou pelo menos a maioria delas.

- E qual a razão da ilustre visita, depois de tantos anos de ausência?

- Não foi escolha minha vir até aqui, um amigo me mandou, e apesar de não acreditar nisso, espero que não tenha sido por nada.

- Que amigo é esse, o por qual motivo mandaria você para me fazer uma visita?

Sem responder, Ezequiel tirou de dentro da bolsa o livro em branco, encontrado no cofre, e o atirou na direção de Salomão. O velho apanhou o livro no ar e, de forma instantânea, sua expressão bronca de deboche se alterou

para um semblante sério de preocupação. Deixou o livro sobre uma pequena mesa e, após um longo suspiro, disse:

- Eu vou me trocar, espere aqui e não bagunce nada. – Disse, virando as costas para os visitantes e desaparecendo ao passar por uma das portas do corredor principal.

Com um lenço que tirou do bolso, Ezequiel espanou o sofá, tentando deixá-lo menos sujo, e se sentou. Lília, ainda ao lado da porta entreaberta, abandonou a posição estática e caminhou até a beirada do sofá. Apesar de cansada, ela não se arriscou a sentar naquela colônia de germes e bactérias.

- Quem é esse homem, e porque vive num lugar tão sujo?

- Seu nome é Salomão, e foi um grande caçador, alguns dizem que ainda é. A gente se conhece de longa data.

- Mas ele parece tão útil quanto um pedaço de pedra.

- Concorde, mas, apesar disso, o homem é uma lenda, em sua época, dizem que chegou a realizar cinquenta exorcismos em uma única noite. Alguns dizem que ele tem mais de duzentos anos.

- Mas como isso é possível?

- Dizem que há muito tempo atrás, durante um exorcismo, o demônio saltou do corpo da vítima e o possuiu. Porém, o demônio não conseguiu dominá-lo, e dentro de seu corpo os dois travaram uma grande batalha. Enquanto lutava contra o monstro que o fazia de morada, Salomão pronunciava os dizeres de um poderoso rito de exorcismo e após horas de luta e dor agonizante, ele finalmente expulsou a criatura de seu corpo, mas um resíduo do infernal não foi embora, e desde então Salomão não mais envelheceu como as outras pessoas.

- Nossa! Isso é incrível!

- É o que dizem. - Disse Ezequiel, dando de ombros. - Pra mim, ele não passa de um velho bêbado que um dia foi um grande caçador.

- Você está enchendo a cabeça da menina com essas histórias de bares na beira da estrada? – Disse Salomão, voltando pelo corredor vestido com um felpudo roupão cor de abacate.

- Só matando a curiosidade dela. - Respondeu Ezequiel.

- Então, não vai me dizer quem é a doce jovem que te acompanha, e o que ela faz andando com um tipo como você?

- Essa é Lília, e só está comigo até eu achar um lugar pra ela ficar.

- Claro que sim. E como vai seu irmão?

- Eu não tenho irmão. - Afirmou Ezequiel, irritado. - E não vim até aqui para bater papo e tomar chá com um velho conhecido. Você sabe o que é esse maldito livro e eu quero saber também. E isso vai ser agora.

- Não me hostilize assim garoto, me trate com o devido respeito, eu sou sua família.

- Eu não tenho família, só estou aqui pela informação, agora me diga o que eu preciso saber.

- Devem estar cansados, deveriam ficar e descansar antes de tratar de qualquer coisa.

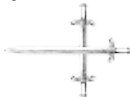
- Se não tem nada a me dizer, me devolva o livro que estamos de

saída.

Salomão pegou o livro sobre a mesa e atirou de volta para Ezequiel. O caçador guardou-o novamente na bolsa e se levantou, seguindo até a porta.

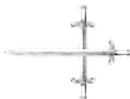
- Espere! - Chamou Salomão, antes que os visitantes passassem pela porta. - Está bem, vamos para os fundos. Vou te dar o que quer.

Ele caminhou de volta pelo corredor. Lília e Ezequiel o acompanharam, os três entraram na última porta ao fim do corredor e adentraram em uma sala escura e úmida, o odor era característico de poeira molhada e o chão, áspero e irregular.



Quando Ezequiel foi morar com Elias e Josué, os três passaram muito tempo sozinhos, eram somente os três, sem nenhum sinal de civilização. Porém, algumas vezes, quando o trabalho exigia, um quarto elemento se juntava a eles. Seu nome era Salomão e era um tio distante de Josué, um homem extremamente forte, na casa dos cinquenta anos, era um cavaleiro solitário que, vez ou outra, surgia para ajudá-los, sem nunca dizer como e porque chegara ao local.

Ezequiel o admirava, pois ao contrário de Josué, que levava aquela vida como um trabalho sério e necessário e que somente por ser necessário era feito, Salomão encarava uma caçada a demônios como uma grande aventura. Uma aventura que o fazia se sentir mais vivo e mais forte. Como Salomão, Ezequiel tinha gosto pelas caçadas, e seus olhos brilhavam quando mandava um ser maldito de volta às chamas infernais. E como Elias era um espelho do pai, Ezequiel via na figura daquele homem um espelho do que desejava se tornar num futuro próximo. Porém, quando Josué morreu, Salomão não apoiou sua vingança, e sua admiração pelo velho também morreu.



Por oito a dez metros, eles caminharam no escuro, até que Salomão acionou uma velha alavanca, fazendo a energia correr por maltratados fios de cobre, precariamente encapados, acendendo assim, diversas lâmpadas por todo o salão.

- Sentem-se. - Disse Salomão, apontando para algumas cadeiras de madeira ao redor de uma mesa.

Pegou um grande e pesado livro na estante em frente à mesa e o colocou sobre o móvel. Uma grande nuvem de poeira emergiu, levando Lília a tossir algumas vezes. Com a mão sobre a boca, a menina observava interessada

ao seu redor, vendo uma variedade de coisas que a impressionou. Armas de todos os tipos, frascos com líquidos de todas as cores, animais empalhados, ossos, pergaminhos, livros e objetos que ela sequer imaginava o que eram.

- Se você está com o livro, então o dia está chegando e a profecia está pra ser cumprida. Quem te deu as chaves, João, Ulisses? - Perguntou Salomão.

- Abel, foi Abel que me deu as chaves.

- Claro, Abel, ele sempre acreditou nos mais jovens, eu devia ter imaginado que ele acabaria te encontrando no meio do caminho.

- Mas do que você está falando, eu não entendo, e esse livro está cheio de páginas vazias, nem a água salgada funcionou.

- Você molhou o livro com água salgada? Mas que estupidez! O livro é um artigo valiosíssimo e único. Se for danificado não pode ser consertado ou substituído, você deve ter todo o cuidado com ele. Abel não lhe disse para que ele serve, não é mesmo?

- Ele não teve tempo. Estava correndo de alguém ou de algo, não sei dizer.

- Pois bem, vamos começar do princípio. Não é melhor a garota esperar lá fora?

- Não, tudo bem, aqui eu fico de olho nela, é mais seguro assim. Afinal, pra quem ela pode contar o que vai me dizer?

- Certo, ouça-me bem, o que eu vou dizer te revelará uma verdade que você nunca imaginou conhecer e que vem sido guardada há séculos.

- Fala logo! O cheiro aqui já está começando a incomodar.

- Esse livro aqui na sua frente, é o outro apócrifo de Iscariotes, o livro negro. Como você sabe, Judas Iscariotes entregou Jesus Cristo em troca de trinta moedas de prata e tudo mais, a história conhecida é esta. Porém, antes de entregar o Messias, Judas escreveu seu próprio evangelho, um apócrifo escondido pela igreja católica por centenas de anos, pois nele a verdade sobre a traição estava revelada.

- Isso não passa de história, eu nunca vi esse livro em nenhum lugar. - Contestou Ezequiel.

- Não existem muitas cópias, e certamente você não o encontrará na prateleira de uma biblioteca na seção de teologia. No apócrifo, Judas relata sua relação com o Messias e como Jesus lhe confiou os mais importantes segredos e responsabilidades. Para se desprender de sua forma mortal, o filho do criador precisava atravessar o véu e retornar como o salvador. Porém, sua morte não poderia ser perpetuada de qualquer forma, deveria ser chocante, dolorosa, e a sua agonia deveria ser sentida por todos. As pessoas contariam por toda uma era sobre os horrores de suas últimas horas de vida mortal.

- E o que esse livro em branco tem haver com isso?

- Calma, nós chegaremos lá. - Respondeu Salomão. - Jesus precisava ter seu sofrimento esfregado na cara do povo, uma execução em praça pública, e como Judas era seu melhor amigo, aquele em quem sua confiança era absoluta, o Messias pediu ao amigo que lhe entregasse, e ninguém mais poderia saber. Se os outros apóstolos soubessem, ele sabia que jamais

concordariam e tentariam impedir a morte de seu mestre. Mas Judas, como amigo fiel, entendeu o pedido e aceitou o sacrifício de ser visto por todos como o pior dos traidores. Quando a ressurreição acontecesse, tudo seria devidamente esclarecido aos demais apóstolos e todos se reuniriam num refúgio em meio ao deserto onde Judas estaria a sua espera.

Salomão tomou um pouco de ar e prosseguiu:

- Quando a crucificação de fato ocorreu, Judas sofreu ao ver o amigo sofrer tal horror, e nesse momento de fragilidade, alguém estava à espreita para se aproveitar da situação. O Anjo Negro, o Decaído. Ele se apossou do corpo de Judas e, durante trinta e três dias, torturou o apóstolo e subverteu todos seus planos futuros ao lado do Salvador. Durante esse período, o Diabo, através das mãos do melhor amigo do filho de Deus, escreveu seu próprio Evangelho, um livro de profecias que, em uma linguagem confusa e cifrada, descrevia sua ascensão ao plano dos homens e o início da unificação entre Inferno e terra em um só caldeirão de puro horror.

Enquanto o decaído escrevia suas profecias e torturava o apóstolo, Judas lutava contra o maldito com todas as suas forças e com toda a pureza de seu coração. Quando por um momento, enquanto a Estrela da Manhã admirava o que escrevera, enxergando sua glória sobre os homens e sobre Deus, Judas Iscariotes conseguiu assumir o comando de seu corpo. Ele sabia que não tinha muito tempo, e precisava dar fim àquela terrível agonia. Assim, com um pedaço pontudo de pedra que avistara perdido na areia, o homem atingiu a própria cabeça, abrindo um enorme corte e partindo ao meio seu crânio. Com o corpo de Judas sem vida, misturado ao sangue perdido e à areia branca do deserto, os planos do Diabo de caminhar ao lado de Jesus foram frustrados, mas suas profecias ainda tinham valor, e em algum momento chegaria a hora de sua ascensão a Terra, onde o verdadeiro fim teria início.

- Está me dizendo que o Apocalipse vai acontecer? – Indagou Ezequiel, incrédulo. - E o que esse caderno velho e eu temos haver com isso?

- Se Abel lhe mandou até aqui, ele acredita que você é o mortal que vai impedir a ira de Lúcifer de se engrandecer sobre todos nós.

XII

TUDO CORRIA BEM NA FAZENDA. EZEQUIEL, ELIAS E JOSUÉ viviam de forma esplêndida, a colheita era boa, os animais estavam saudáveis e os demônios sucumbiam às suas armas com extrema facilidade. A habilidade dos garotos estava aperfeiçoada ao extremo e Josué já permitia que os dois trabalhassem sozinhos em algumas ocasiões.

Uma dessas incursões se deu quando tiveram notícia de um espírito vingativo que ainda não havia feito a transição entre mundo dos mortos e Inferno, e aterrorizava alguns sobreviventes na região de Curitiba. Um caso simples, encontrar os restos mortais e destruí-los em um breve ritual.

Na ocasião, Josué sentia algumas dores no corpo, pois havia contraído algum tipo de gripe. Nada que um bom repouso regado a conhaque e ervas naturais não resolvesse. Naquele dia, Josué se despediu dos filhos como quem diz até logo a uma criança a caminho da escola.

A viagem até Curitiba era relativamente longa, então o velho caçador sabia que não teria notícias dos filhos por alguns dias. Nas viagens que faziam Ezequiel sempre pedia para poder dirigir, seu encantamento diante da velocidade era facilmente notado e sua habilidade na condução do veículo era evidente. Apesar disso, o carro de Josué não era um veículo potente e limitava o desejo pela velocidade nutrido pelo jovem.

Nessa viagem em específico, foram dois dias e meio de estrada. Chegando à cidade, rapidamente os garotos descobriram a identidade do fantasma e eliminaram a ameaça. Durante a investigação, encontraram uma

pequena vila de pessoas que ousavam não sucumbir ao medo e mantinham suas moradias sobre a terra, se recusando a viver como ratos em túneis e buracos subterrâneos.

Não tinham um sistema de plantação tão sofisticado quanto o de Josué, mas mantinham alguns vegetais que conseguiam manterem-se vivos naquela terra carente de nutrientes. Valiam-se ainda, de alguns animais de pequeno porte, como roedores e répteis. Viviam em extrema pobreza, é verdade, mas tinham orgulho de preservar sua dignidade e se manterem unidos como uma grande família.

As pessoas tinham funções designadas, e cuidavam uns dos outros como podiam. Conversando com moradores, Elias e Ezequiel descobriram que ataques sobrenaturais ocorriam com eventualidade no local. Assim, os dois jovens, antes de voltar para casa, decidiram passar alguns dias no vilarejo e ensinar alguns truques àquela gente simples para que pudessem viver com um pouco mais de segurança.

Dentro da vila, existia uma mulher que se destacava, e funcionava como uma espécie de prefeita, uma líder. Era procurada para resolver todo o tipo de problema. Lúcia era uma mulher entre os quarenta e cinquenta anos, que criara sozinha sua filha Isabel. Seu marido havia morrido anos atrás, tentando proteger a família de um coletor que estava de passagem recolhendo seus suvenires.

A filha de Lúcia era uma linda jovem de dezenove anos de idade. Tinha a pele branca, olhos verdes como os cactos que sobreviviam na terra seca e cabelos negros como a noite. Apesar do cenário sombrio, era uma mulher cheia de alegria. Sua função era tomar conta das crianças da vila enquanto todos trabalhavam. Em sua própria moradia, ela não só cuidava das crianças, como as fazia se sentirem seguras enquanto desenvolvia todos os tipos de atividades lúdicas. Graças a Isabel, todas as crianças do lugar sabiam ler e escrever perfeitamente, mesmo que alguns dos pais não tivessem essa competência.

Quando Ezequiel viu Isabel pela primeira vez, se sentiu como nunca se sentira antes. Seu coração disparou, sua pele corou, sua cabeça doeu, suas mãos suaram e suas pernas sucumbiram à fraqueza de uma tremedeira incontrolável. Nem da primeira vez em que encarou uma criatura das sombras cara a cara fora capaz de sentir tamanha excitação e medo.

O Jovem Ezequiel não sabia o que significavam aquelas sensações que lhe pareciam tão estranhas, mas quando seus ânimos se acalmaram, começou a refletir sobre o que já havia lido quando era um guerreiro solitário vagando pela metrópole fantasma. Em meio a livros técnicos e ficções de todos os gêneros, alguns romances os quais havia lido falavam sobre um incontrolável e insano sentimento chamado de amor.

Ezequiel estava apaixonado. Mas como poderia se apaixonar se nem ao menos sabia o que isso significava? Nem todos os livros que lera foram capazes de prepará-lo para aquele sentimento que lhe deixava triste e alegre ao mesmo tempo.

Mesmo sem saber como agir, seu instinto o forçou a se aproximar da jovem que lhe causava tanto encanto. Sem saber o que dizer ou que fazer,

Ezequiel caminhou até a casa de Lúcia, onde Isabel estava cercada de crianças que se divertiam no chão de madeira do pequeno casebre.

- Com licença - Disse ele, com um acanhamento que não lhe era peculiar. - Você é Isabel, não é?

- Sim. E você é um dos forasteiros que estão nos ajudando a nos proteger das pragas. Emannuel, não é?

- Ezequiel. Meu nome é Ezequiel. Então, são apenas você e sua mãe morando nesta casa. Vocês não se sentem desprotegidas, sem um homem por perto?

- Sim, nos sentimos desprotegidas, mas não por não haver um homem por perto, mas por quase não haver mais esperança, as pessoas daqui já não acreditam que possamos continuar vivendo na superfície por muito tempo. Não vai demorar para que algumas famílias comecem a se mudar para as galerias de esgoto. E isso era tudo o que meu pai não queria que acontecesse.

- Mas vocês não precisam se esconder. - Disse Ezequiel, tentando animá-la. - Vocês podem lutar, eu posso ajudar.

- Crianças, é hora de voltar pra casa, seus pais já devem estar esperando.

O comando de Isabel foi plenamente respeitado, e de forma inesperadamente organizada, as crianças se levantaram e uma a uma se retiraram após abraçar a moça.

- Por favor, sente-se, Ezequiel. Vou nos preparar um chá de cactos. Sinto não poder oferecer algo melhor.

- Um chá está ótimo, se você soubesse o que eu já comi pra sobreviver, não sentiria pelo chá.

Isabel foi até o fogão, que não ficava a mais de sete metros da porta de entrada do casebre. Enquanto a moça preparava o chá, Ezequiel, nervoso, tentava secar a umidade das mãos suadas em sua roupa. Quando Isabel retornou com as duas xícaras, o jovem caçador sentiu o peito doer de tão intensas eram as batidas de seu coração. Mas o nervosismo não durou muito, e à medida que eles conversavam, uma afinidade mágica surgia.

Durante horas seguidas, os dois jovens conversaram sobre o passado e presente de ambos. Ezequiel estava cada vez mais encantado com a jovem que, intimamente, também sentia o mesmo. Quando já era tarde e Lúcia já havia se recolhido para dormir, a conversa dos dois cessou por um momento e numa sincronia de sensações, um beijo aconteceu. Nesse momento, Ezequiel se sentiu num estado de elevação que jamais experimentara antes, e o semblante de Isabel transparecia que seu mundo também estava em suspensão.

Eles se sentaram junto à lareira e durante toda noite permaneceram abraçados contemplando o fogo e a companhia um do outro, durante aquela noite o tempo parou para os dois jovens e um sentimento belo, forte e intenso nascia em seus corações.

No dia seguinte, os passos dos moradores, deixando suas moradias para iniciar uma nova jornada laboral, interromperam a suspensão da realidade do novo casal e os alertou para uma inevitável verdade: Ezequiel e Elias precisavam partir. Não era preciso dizer nada, pois os olhares falavam por si,

tudo que o jovem caçador desejava naquele momento era ficar ao lado da mulher que, durante uma noite apenas, mudou toda sua concepção da vida e do mundo. Naquele dia, apesar de seu coração desejar o contrário, Ezequiel partiu, mas não pretendia ficar longe por muito tempo.

- Eu vou embora agora, mas dentro de um mês eu voltarei. Você esperará por mim, Isabel? – Perguntou Ezequiel, tomando em seus dedos ásperos, as delicadas mãos da garota.

- Não se preocupe, estarei a sua espera. Não vou a lugar nenhum. – Respondeu, abraçando-o em seguida.

Ele retirou o cordão que trazia no pescoço e o colocou na jovem.

-Não tire isso do pescoço, vai te proteger. – Recomendou Ezequiel. Ela assentiu com a cabeça.

Elias e o irmão, como assim ele o considerava, seguiram seu caminho de volta pra casa, mas o coração de um deles não seguiu viagem e ficou na vila à espera de seu corpo mortal.

Ezequiel se manteve em silêncio como era de costume, mas, o sorriso estampado em seus lábios e o brilho de seus olhos denunciaram ao irmão que algo de novo permeava sua aura. Nem mesmo a longa viagem, sem pausas, que sempre o fazia reclamar, foi capaz de alterar seu humor insistentemente agradável.

- O que aconteceu, irmão? Parece que estão lhe fazendo cócegas. – Perguntou Elias com curiosidade. – Foi algo que aquela moça te serviu em seu casebre?

- Não, não houve nada. Só estou satisfeito por termos ajudado aquela gente. – Respondeu, evitando olhar nos olhos de Elias.

- Eu nunca te vi assim, tão bem humorado. E afinal, onde foi que você se meteu durante toda a noite? Eu não te vi quando fui dormir, e quando acordei você já estava de pé e suas coisas nem mesmo haviam sido mexidas.

- Estava caminhando, não tive sono, então resolvi fazer uma ronda pela vila.

Ao contrário de Ezequiel, Elias nunca teve o hábito da leitura e jamais ouvira sobre o amor, paixão ou qualquer outra coisa sobre a relação entre homens e mulheres e, apesar de notar algo de estranho no irmão, era incapaz de identificar o que era. Ezequiel ainda tentava entender o que se passava em sua cabeça e decidiu não compartilhar com o irmão todo aquele mar de emoções em que acabara de mergulhar.

A quinhentos metros de casa, os garotos já viam o vulto da fazenda, o céu estava escuro e, naquele momento, a luz da chispa lançava sobre a terra pequenas fagulhas de luz que gradativamente iluminavam todo o ambiente. De repente, o carro parou de funcionar, eles saltaram do veículo e seguiram caminhando, já estavam praticamente em casa. Diante da precária iluminação, os rapazes caminhavam quando Ezequiel teve seu curso interrompido por um objeto em seu caminho, com os pés ele sentiu algo grande e flácido sobre o chão, fazendo-o parar. Ao olhar para baixo, mesmo com pouca luz, Ezequiel vislumbrou o cadáver de uma das ovelhas da fazenda.

Cerca de vinte metros à sua retaguarda, Elias caminhava

calmamente, quando notou que o irmão não mais se movia.

- O que foi já se cansou depois de cem metros? – Disse Elias, sem obter resposta. – Está tão mal assim que nem consegue falar? Hei?

O rapaz interrompeu a indagação quando viu Ezequiel soltando a bolsa que carregava e puxando um dos revólveres que levava na cintura. Quando Elias se aproximou, a Chispa já se ascendera por completo e pode ver claramente o horror que imobilizou o irmão. A ovelha, deitada sobre o chão, tinha marcas de cortes por todo o corpo, os pés haviam sido serrados e o pelo alvo estava tomado de um vermelho intenso, que se estendia a terra sob o corpo morto. Por entre as fissuras da carne podre, os vermes se anteciam ao processo natural de decomposição, deformando o animal ainda mais. Os olhos do bicho permaneciam abertos, e pareciam encarar Ezequiel que os fitava com igual intensidade.

Elias ensaiou abrir a boca para falar, mas seu companheiro de caça o impediu com um sinal mínimo do indicador tocando os lábios. Ezequiel circulou o animal sem vida e avançou em direção a casa. Com a cabeça erguida e corpo ereto, o jovem empunhava a pistola com determinação e seus olhos atentos procuravam o agressor desconhecido. Elias também apanhou sua arma e o seguiu com passos firmes e silenciosos. À medida que avançavam, encontraram outros animais da fazenda na mesma situação do primeiro, tal horror só fazia aumentar a determinação de Ezequiel de chegar ao autor da atrocidade. Mas a odiosidade maior ainda estava por vir, no momento em que a encararam, foi percebido que não adiantava mais procurar pelo responsável por todo aquele circo dos horrores.

Quando viu a cena, Elias correu passando por Ezequiel, se ajoelhou perante o grotesco monumento. Seus olhos estavam inundados e sua visão turva transformava a terrível visão a sua frente. Um gosto amargo incomodava a garganta seca e os braços não tinham força para se erguerem. Ezequiel permanecia de pé, logo atrás do irmão, mas sua arma não mais estava apontada para frente.

Uma enorme cruz, cravada na terra bem em frente à casa. Cinco metros de altura de uma madeira seca e cortada de forma grosseira e assimétrica. Porém, o mais terrível de tudo aquilo nada tinha a ver com a arquitetura medíocre da construção. O que era terrível na cena, era o que se afixava à cruz. Elias quase não respirava, e sua vontade naquele momento era não mais respirar, porque talvez fosse melhor morrer a ver o próprio pai morto e pregado numa cruz.

Com a cabeça para baixo, Josué era o adorno do torpe pedaço de madeira ali pregado. As marcas sobre o corpo desnudo davam a ideia do quanto o homem havia sofrido antes de ser cruelmente elevado junto à cruz. Suas mãos e tornozelos perfurados por grosseiros pregos de metal, o sangue seco manchava a pele já suja, formando desagradáveis figuras. O semblante de seu rosto não era de dor, mas sim de uma profunda tristeza, o que se confirmava nos olhos abertos observando o chão sem esperança.

No começo Elias gritou, e gritou, até que não fosse mais capaz de emitir um ruído sequer. Depois, não se mexeu mais e parecia também estar

morto, não fossem as lágrimas que insistiam em continuar escorrendo molhando todo o seu rosto.

Ezequiel também chorava e, naquele momento, não era capaz de dizer nada, e não havia nada que pudesse ser dito. Abandonou sua posição e seu primeiro impulso foi se aproximar do irmão. Mas Elias, transtornado, se sacudiu rejeitando seu afago. Entendendo que não podia fazer nada para ajudá-lo, ele foi até ao lado da casa onde havia um machado cravado sobre um pedaço de madeira, utilizado para cortar a lenha. O jovem, que se tornara órfão mais uma vez, arrancou a ferramenta da madeira e voltou até a cruz, onde deferiu sucessivos golpes que só cessaram quando a cruz foi ao chão.

Com espantosa calma e serenidade, ele removeu os pregos, separando o corpo de Josué da madeira. Com um tecido, cobriu o corpo nu do pai e o carregou para dentro da casa. Elias permaneceu de joelhos, catatônico no lado de fora. Ezequiel não voltou para buscá-lo, quando estivesse pronto, ele entraria em casa.

Passadas vinte e quatro horas, Elias continuava do lado de fora da casa. A falta de água e comida, embora não lhe parecesse importante naquele momento, o fizeram perder a consciência. Dada à situação, Ezequiel foi até o irmão e carregou seu corpo desacordado para dentro. Logo na sala principal, estava o corpo de Josué, ele havia sido limpo e vestido com suas melhores roupas. O filho adotivo havia feito um trabalho primoroso, quem visse o homem ali deitado, tão quieto e bem arrumado, diria que estava dormindo.

No quarto, Ezequiel deitou o amigo na rústica cama, se ausentou por poucos minutos, retornando com uma tigela contendo um líquido de cor marrom, o qual pacientemente despejou na boca do adormecido. Após alimentá-lo, Ezequiel o deixou dormindo e, ao lado do pai, esperou o irmão despertar para que pudessem sepultar Josué como o merecia.

Elias ainda estava fraco e não dava sinal de que iria acordar tão cedo. Durante três dias, Ezequiel o alimentou e o vigiou, esperando que quando acordasse estivesse melhor. Quando finalmente acordou, Elias se levantou com dificuldade e caminhou até a sala. Ao encontrar o pai tão bem cuidado e o irmão ao lado dele, igualmente bem vestido, nada disse, mas um gesto com a cabeça indicou que ele entendia o que Ezequiel aguardava e que deviam fazê-lo o quanto antes.

Envoltos em um silêncio mórbido e melancólico, os dois rapazes sepultaram o pai na cova previamente cavada.

Após o enterro, Elias se recolheu aos aposentos do pai. O quarto de Josué era anteriormente sua biblioteca. Com a chegada de Ezequiel ele passou a não mais dormir com o filho, improvisou uma cama entre as abarrotadas prateleiras do pequeno cômodo, deixando o quarto para os garotos. Quando criança, Elias jamais fora permitido a entrar naquele quarto, mais tarde ele entenderia que o lugar estava repleto de informações sobre demônios e magia, misturados a livros religiosos e literatura clássica.

Os dias se passaram e Elias se recusava a sair do quarto, Ezequiel deixava as refeições junto à porta e mais tarde retirava o vasilhame vazio, *ao menos ele está se alimentando*, pensava o irmão. Durante todo esse tempo,

Ezequiel trabalhou na terra e tratou dos poucos animais que haviam sido poupados pelo funesto agressor. Duas semanas, três semanas, um mês se passou e aquela rotina se repetia. No início, Ezequiel respeitou o luto do irmão, *cada um tem seu tempo*, ele pensava. Mas após a terceira semana, achou razoável um incentivo para que Elias retornasse à sua vida. Passou a bater a porta do quarto todas as vezes que deixava uma refeição, ele chamava o nome do amigo por várias vezes, mas seu esforço era inútil.

Trinta e oito dias de luto e nenhum sinal que esse luto chegaria ao fim. Ezequiel não suportava mais aquela situação e decidiu que não iria deixar que aquilo se agravasse ainda mais.

- Elias! – Gritou Ezequiel, batendo forte na porta. Seu tom de voz era firme e encorpado. – Abra a porta, não faz sentido você continuar trancado aí dentro.

A resposta a seu apelo era um absoluto e enfurecedor silêncio. Ele deu um tempo esperando alguma reação, mas nada aconteceu. Entretanto ele insistiu e, gritando ainda mais alto, bateu à porta novamente, agora com mais força.

- Elias! Irmão! Por favor, saia e vamos conversar. Temos trabalho a fazer, estou trabalhando há semanas sem ajuda. Vamos!

Elias mantinha sua resposta silenciosa. Ezequiel estava nervoso e se controlava para não colocar abaixo a frágil porta de madeira que os separava, mas a violência não era a resposta, seu desejo era fazer o irmão sair por vontade própria. Mas realizar essa tarefa parecia cada vez mais difícil. Depois de um longo tempo de tentativas, seu pavio já estava no fim e acabou por explodir de uma forma que não estava nos planos.

- Minha vontade é arrebentar com essa porta e te arrastar para fora pelos cabelos, já faz um mês que enterramos nosso pai e parece que você se esqueceu da forma terrível que ele foi morto. Mas não vale a pena gastar minhas energias com você. A coisa que fez isso com ele está lá fora em algum lugar, machucando as pessoas e destruindo famílias. Mas o covarde está aí dentro, escondido num quarto escuro, como se tudo de ruim que aconteceu fosse passar. O pai merece ser vingado e se você é incapaz de ser homem e fazer isso por ele, eu farei. Covarde! Covarde! – Ezequiel gritava, alternando socos e tapas contra a porta, seus olhos brilhavam com um ódio tão intenso que chegava a lhe causar dor.

Quando ele cessou por um momento seu ímpeto de fúria, o silêncio foi quebrado por passos vindos de dentro do quarto, ele observou imóvel a maçaneta se mover e a porta se abrir lentamente.

- Deixe-me em paz! – Disse Elias, surgindo atrás da porta entreaberta, sua voz era grave e rouca, mas o volume era sereno. – Me deixe sozinho, se quiser pode ir embora em busca de sua vingança, eu não tomarei parte disso, eu já vi o suficiente, já tive dor suficiente. Apenas me deixe em paz, por favor.

- O pai tem sorte de não estar vivo para ver que seu filho não se importa.

- Cale a boca! Você nem mesmo era filho dele, pare de chamá-lo

de pai, você não é dessa família, você nunca teve uma família e nunca terá. – Retrucou Elias, com a voz elevada e com uma veia pulsante sobressaindo na lateral da testa.

- Você pode ser um filho legítimo, mas nunca vai merecer o pai que teve. Eu teria sido um filho muito melhor, e não um fardo como você. – Gritou Ezequiel, crescendo o tom de voz sobre o irmão. – Talvez se você não fosse tão desagradável, ele teria ido conosco e ainda estivesse vivo.

- Como ousa seu órfão de merda. Não se atreva a falar do meu pai outra vez, saia da minha casa, desgraçado. – Respondeu Elias, empurrando Ezequiel com violência e fazendo-o colidir contra uma estante, derrubando alguns vasos com plantas secas.

Diante da agressão do irmão, Ezequiel não se conteve e desferiu um soco no rosto de Elias. O sangue encheu sua boca de imediato, tão rápido quanto o revide. Elias acertou o irmão em cheio no nariz, fazendo escorrer sangue das duas narinas. Ezequiel avançou em direção ao amigo e com a cabeça acertou seu peito, levando os dois ao chão do quarto. Atracados como animais caíram sobre uma pequena mesa de madeira que foi feita aos pedaços.

No chão, o combate continuou, com Ezequiel socando o rosto de Elias por várias vezes seguidas, até deixar o irmão irreconhecível, sob todos os inchaços e sangue por toda a face. Elias conseguiu se livrar do agressor e o atirou para o lado, se jogando sobre ele e em seguida aplicando vários golpes. Os dois rolaram pelo chão com os rostos ensanguentados, objetos se quebravam em meio à confusão. Ezequiel conseguiu se desviar do ataque e ficou de pé, mas Elias apanhou um pedaço de madeira, oriundo de um dos móveis que acabara de ser destruído, e acertou-o na cabeça, deixando-o levemente tonto.

Na porta do quarto, Ezequiel era atingido por socos e chutes, que o faziam caminhar cambaleante até a porta. Elias, com a sola do pé, acertou seu peito e o jogou para fora. Deitado no chão, semiconsciente, ele viu o vulto do irmão, sua visão estava turva e o sangue que escorria de sua testa cobria parcialmente os olhos. Elias se aproximou, inflamado de ira, se ajoelhou sobre o amigo deitado no solo e posicionou o pedaço de madeira para acertá-lo na cabeça. Um golpe como aquele certamente tiraria a vida de Ezequiel, mas Elias parecia não se importar, em seus olhos havia um ódio tão pungente e brutal, que o irmão não o reconhecia. O bastão se moveu para trás lentamente, para na volta atingir o crânio com toda a força. Quando a madeira correu em direção ao alvo, buscando suas últimas forças, Ezequiel ergueu a mão e conteve a trajetória do golpe. Com a outra mão, já segurava uma pesada pedra que encontrara depois da queda, e com ela acertou a cabeça de Elias que foi ao chão atordoado.

Com o irmão prestes a perder a consciência, Ezequiel se levantou, foi até um pedaço de tronco ao seu lado de dele retirou o machado que lá deixara após derrubar a cruz. Ajoelhado sobre o corpo cheio de sangue e hematomas de Elias, levantou o machado sobre a própria cabeça e o conduziu para baixo com extrema violência. A lâmina de metal abriu uma fenda na terra ao lado da cabeça de Elias. Um suspiro de alívio lhe escapou e, sem forças, ele permaneceu deitado com os olhos quase totalmente fechados.

- Eu vou embora e fazer sozinho o que sua covardia o impediu de

fazermos juntos. E não se preocupe não me verá novamente. – Disse Ezequiel, ofegante, caminhando em direção à casa.

Menos de cinco minutos mais tarde, Ezequiel saiu pela porta da casa, carregando duas enormes sacolas, uma em cada ombro. Passou por Elias sem desviar o olhar, atravessou o portão e seguiu a pé. Elias, ainda deitado, viu o irmão lentamente se afastar até desaparecer no horizonte.

XIII

NAS SACOLAS, EZEQUIEL NÃO LEVAVA ROUPAS, NEM COMIDA, nem mesmo água, somente armas. Todas as armas que pôde carregar e o caderno de anotações de Josué, algo como um diário de bordo com informações de todas as entidades com as quais ele já lutou e os métodos usados para eliminá-las.

Armado até os dentes e provido de uma irracional obstinação, Ezequiel percorreu os mais remotos lugares e mandou de volta para o Inferno tantos demônios quantos conseguiu. Seu comportamento era totalmente inconsequente, e não importava o quão forte era o oponente, ele não recuava. Como um *kamikaze*, ele seguiu em rasante, varrendo todas as criaturas que encontrava. Em busca de informações ele caçou, esfolou, torturou e exorcizou centenas.

Após quatro anos de busca incessante, finalmente encontrou o algoz de seu pai, assassinando-o na cidade de Belo Horizonte. Perpetuou sua vingança com requintes de crueldade. Cumprida sua missão, Ezequiel caiu num vazio total. Não havia mais propósito para sua vida e o garoto, que durante tanto tempo vivera sozinho, era agora um homem feito, que não sabia mais como viver sem uma família.

Perambulando pelas ruas de Belo Horizonte, ele encontrou uma velha destilaria onde ainda havia grandes barris de destilado, surpreendentemente intactos. No grande galpão abandonado, ele se refugiou, se afogando num imenso mar de álcool, melancolia e autopiedade. Durante alguns meses, ele permaneceu ali, trancafiado em uma embriaguez permanente. Tamanho era o torpor, que ~~ele~~

nem mesmo conseguia se levantar, e no chão imundo fazia suas necessidades sob a roupa suja e surrada. Foi nesse momento de semi-morte que ele conheceu Abel.

Abel andava pela cidade à procura de itens de utilidade geral: pólvora, combustível, álcool, armas, metal para balas, qualquer coisa que fosse servível. Galpões abandonados eram sempre uma boa fonte, a maioria das pessoas não tinham ferramentas e capacidade para estourar um cadeado de média qualidade, por isso era possível encontrar bons itens num velho galpão. Quando vislumbrou a velha destilaria, logo pensou em litros de álcool e barris ainda inteiros que serviriam para guardar suprimentos, porém, quando se aproximou, encontrou o portão entreaberto e um cadeado estourado pendurado na ponta.

Mesmo com a possibilidade de encontrar alguém com a posse dos possíveis recursos lá existentes, Abel optou por entrar, eram tempos difíceis, e se havia chance de encontrar algo, isso não podia ser deixado de lado. Antes de abrir o portão, ele buscou o revólver no coldre afixado à cintura, era uma *Magnum 44* com seis balas, uma antiga companheira. Braços esticados para frente, pistola a altura do ombro. Empurrou o portão e entrou a passos largos e silenciosos, logo na entrada, o cheiro forte o incomodou. À medida que adentrava o local, o odor se tornava cada vez mais insuportável.

Com cautela e atenção máxima, sua visão varria cada canto à procura de alguém, mas parecia não haver ninguém, apenas o silêncio e um fedor descomunal. Abel já havia caminhado por quase toda a extensão da destilaria, quando avistou um homem esparramado pelo chão. A princípio, tomando pela aparência e pelo cheiro do sujeito, pensou se tratar de um cadáver. Com tamanha sujeira, nem mesmo valia à pena verificar os bolsos. Ele começava a se afastar quando notou que na mão direita do homem havia uma arma, e não era uma arma qualquer, se tratava de um revólver de respeito, polido e bem limpo. Ao lado do corpo, algumas cápsulas dispersadas guardavam fragmentos de sal, que o levaram a crer que aquele homem não era um indigente qualquer, era um caçador, como Abel também era.

Com a mão sobre o rosto, buscando amenizar o odor, ele se aproximou para tirar a arma das mãos do defunto. Quando seu rosto ficou bem próximo ao rosto do cadáver, Abel foi capaz de escutar uma fraca respiração, aproximou um dedo abaixo do nariz do desconhecido e sentiu uma leve brisa. Se fosse uma pessoa comum estirada ali, provavelmente não se daria ao trabalho de ajudar, afinal, o homem estava praticamente morto, talvez nem fosse possível fazer algo por ele. Porém, o sujeito não era um qualquer, era um guerreiro e merecia ser tratado como tal.

Abel enrolou o estranho numa manta que trazia em sua bolsa e o acomodou com a barriga sobre seu ombro, levando a sacola e os pertences do homem pendurados no outro ombro. Na saída, trancou o portão com outro cadeado que carregava consigo, havia visto algumas coisas de valor lá e pretendia voltar para buscá-las.

Já em casa, Abel deitou o homem em uma comprida mesa de madeira. Primeiramente ele o despiu e separou suas vestes para serem

queimadas. Por baixo dos farrapos do moribundo, a pele seca e imunda era repleta de cicatrizes. Depois de limpar a parte da frente do corpo, ele o virou e encontrou as costas com gigantescas escaras espalhadas por toda a região que ia dos ombros até os joelhos. Abel limpou as feridas e as tratou com um extrato de ervas combinado com pólvora negra.

O homem na mesa não acordaria nos próximos dias, então Abel o alimentou através de uma sonda improvisada com tripas de animais e seringas usadas de um lixo hospitalar que encontrara semanas atrás. Ele transferiu o caçador inconsciente para um colchão e aguardou que se recuperasse.

Dois meses depois, enquanto Abel preparava um guisado de roedores diversos, o homem finalmente abriu os olhos. Com extrema dificuldade de se mover, ele virou o pescoço e viu um sujeito gordo, de baixa estatura, há cerca de dez metros de distância, cozinhando algo. O cozinheiro usava um avental verde escuro e provava um líquido que tirava da panela com uma colher de madeira. A colher saía da panela até a boca, uma provada e a colher retornava à panela.

Quando notou a sonda em seu nariz, se agitou e a puxou sem o menor cuidado, ferindo-se um pouco. Tentando não ser percebido, se levantou lentamente. Ao notar que estava nu, puxou o tecido que cobria o colchão e se enrolou como pôde. Temendo uma reação não positiva do homem junto ao fogão, olhou ao seu redor a procura de sua arma. Ao visualizar seu revólver, se moveu em passos suaves em direção a ele, até ser interrompido.

- Procurando alguma coisa, amigo? – Perguntou Abel, sem se virar, levando a colher novamente à boca. – Hum! No ponto. – Completou.

O estranho abandonou o tecido que o cobria e correu até o revólver, apontando-o para Abel e perguntando:

- Quem é você e o que fez comigo?

- Devia poupar suas energias, garoto. – Sugeriu Abel. – Precisa botar algo sólido para dentro, senta aí que vou te levar um prato. E pode guardar a pistola, as balas estão aqui comigo.

- Onde estão minhas roupas?

Abel se virou com o prato de guisado na mão e se deparou com o homem completamente nu, segurando o revólver sem munição em sua direção. Ainda fraco, ele tremia um pouco, mas notava-se que possuía uma boa mira e empunhava a arma com segurança e firmeza.

- Pelo amor de Deus! – Exclamou Abel. – Cubra-se agora mesmo, eu não sou obrigado a ficar olhando para isso dentro da minha própria casa. No quarto ao lado tem roupas limpas, vista-se e volte para comer.

O estranho desnudo se cobriu de vergonha e obedeceu a seu anfitrião. Vestiu-se e voltou, encontrando Abel comendo à mesa. Ao lado, havia outro prato. Sentou-se e, de maneira ainda acanhada, começou a comer, devorou o guisado com a ferocidade de um cão faminto, não fez pausas para respirar ou falar.

- Minha nossa! A comida não vai fugir filho! Vá com calma. – Disse Abel, sorrindo.

- Como eu vim parar aqui?

- Você me deu um bom trabalho, garoto. Sinceramente achei que não iria sobreviver. Agora me diga, o que um caçador fazia todo arrebitado naquele lugar?

- Não me lembro de nada. – Mentiu, evitando se lembrar do passado.

- Claro que não. – Ironizou Abel, sem insistir. – Seu nome? Lembra dele?

- Ezequiel. – Respondeu, voltando a comer em seguida.

- Muito bem, Ezequiel. Meu nome é Abel, e essa é a minha casa. Agora, vou sair pra resolver alguns assuntos pendentes. Depois de comer e lavar a louça, pode se deitar e descansar.

Abel pegou a bolsa sobre a mesa e saiu, deixando seu hóspede sem palavras. Ezequiel terminou seu prato e, notando que havia uma panela cheia daquela comida, repetiu duas vezes. Com a fome saciada, fez o que lhe foi ordenado e depois dormiu por horas.

Ezequiel não perguntou sobre suas armas, e nos próximos dias se dedicou às tarefas que Abel lhe atribuía, seu corpo ainda doía bastante e seu caminhar era penoso. Levou mais de três meses até que se recuperasse completamente. O garoto não falava muito e Abel não o forçava. Quando finalmente sua forma física fora restituída, o experiente caçador o levou para o segundo subsolo. Lá, Abel mantinha um pequeno arsenal, não apenas armas de fogo, mas espadas, lanças, frascos com substâncias de diversos tipos e aparências, e vários livros, alguns Ezequiel reconhecia da casa de Josué, mesmo não tendo lido a maior parte deles.

- Pronto para voltar ao trabalho? – Perguntou Abel.

- Eu não posso mais fazer isso. – Respondeu.

- E o que mais pretende fazer? Deseja ser minha doméstica pra sempre? Eu vi como segurou aquela arma quando acordou, você tem um talento! Mas a escolha é sua, pode fazer o que sabe fazer ou sentir pena de si mesmo e passar o resto da vida nesse porão. Pense bem no que realmente quer.

Ele subiu as escadas, deixando Ezequiel sozinho em meio àqueles objetos que o faziam lembrar todas as coisas horríveis que haviam acontecido recentemente. Nesse dia, ele nada falou, no seguinte também não. Os dias se passaram e aquele assunto não veio à tona novamente. O rapaz continuava fazendo o trabalho de casa em seu silêncio habitual, porém, as palavras de Abel continuaram em sua cabeça, ecoando insistentemente como um mantra. Ezequiel não queria voltar a fazer o que fazia, mas aquilo era algo que não podia evitar, já fazia parte de sua natureza, era o que sabia fazer de melhor.

Quase um mês se passou, Abel voltava de uma de suas saídas, quando encontrou Ezequiel lhe esperando à mesa, as mãos unidas pelos dedos entrelaçados apoiavam a testa voltada para baixo. Os pés inquietos, debaixo da mesa, ressoavam como o galope de um garanhão trotador. Antes que o caçador se livrasse da pesada bolsa que trazia, o jovem disse:

- Você tem razão.

- Tenho? Mas eu ainda não disse nada. – Respondeu Abel, bem humorado como de costume.

- Quando disse que eu devia voltar ao trabalho, estava certo. Eu quero voltar, quero que me leve no próximo serviço.

- Certo, seja bem vindo de volta filho. – Disse Abel, estendendo a mão para Ezequiel.

Em pouco tempo, Ezequiel tinha de volta todo seu vigor físico de antes, porém, seu espírito estava inflamado de ódio, isso o tornava imprevisível e um perigo para Abel e para ele mesmo. No ramo em que atuavam, era preciso ter clareza do que se fazia e autocontrole. Abel era um caçador experiente, já tinha visto muita coisa na vida. Com seus conhecimentos sobre diversas ciências, crenças e religiões, ensinou Ezequiel a conter sua cólera e canalizar todo aquele sentimento ruim em algo positivo, em força.

Abel sabia de coisas que Ezequiel jamais imaginara. Ele o ensinou sobre filosofia, arte, ciência. Nem toda a leitura durante o período em que vivera sozinho lhe proporcionou conhecer tantas nuances sobre todas as coisas. Mas Abel não era mais um garoto, se sentia velho e cansado, apesar de ainda ser bem forte, e aos poucos preparava Ezequiel para seguir seu legado, a cada trabalho deixava que o garoto tomasse mais para si o comando, até que se recolheu à sua casa e não mais retornou para ação. Ele permaneceu, porém, atuando como seu mentor.

Depois de alguns anos, Ezequiel decidiu morar sozinho, não aguentava mais morar debaixo da terra. Então conseguiu um apartamento num dos prédios abandonados no centro da cidade. Sua amizade com Abel permaneceu, o velho caçador, por meio de seus contatos, detectava as ameaças malignas e passava para o jovem, que sozinho fazia todo o trabalho de campo.

A vida de Ezequiel se resumiu a seguir essa rotina, esse ciclo vicioso. Mas tudo mudaria em dois de novembro do ano 2184, quando partiria rumo a Bahia para um trabalho que o levaria à sua maior jornada.

XIV

CONECTADO POR INÚMEROS TUBOS, O HOMEM MORTO recebia uma ampla dose de sangue. Alfredo, sentado ao seu lado, não resistiu ao tédio e adormeceu. A carne morta do cadáver não tinha mais a aparência de antes. Onde praticamente só havia ossos, se formou a carne, o músculo e a pele, uma pele alva, rosada, própria de que tem sangue quente pulsando nas veias. Não era mais um morto que estava ali, era um homem vivo, mas não menos assustador que a carcaça cadavérica em decomposição encontrada dias atrás.

A porta aberta do freezer mostrava que a singular transfusão estava chegando ao fim. Todas as bolsas, antes enfileiradas e cheias, se reduziam a meia dúzia, agora totalmente sorvidas. O sono de Alfredo foi interrompido pelos passos pesados do pai entrando no recinto e ordenando em um tom de voz baixo e rouco:

- O pacote já está pronto, remova os tubos. Hora de levá-lo para trabalhar.

Alfredo, tentando disfarçar que acabara de acordar, se levantou meio atrapalhado e obedeceu às ordens do pai. Quando terminou de remover todos os tubos e soltar as travas nos pulsos e tornozelos, não foi necessário ajudar o homem a se levantar. Imediatamente ele estava de pé, com a elegância e imponência que não conseguira atingir quando chegara.

Apesar da aparência humana, o sujeito conservava um olhar realmente monstruoso. Ele resmungou algumas palavras em alemão, muito

pouco compreensíveis. Quando falava, parecia que todos os nervos de sua face digladiavam entre si. Os olhos arregalados se recusavam a piscar, como um *Alex DeLarge* do Inferno. Apesar da estrutura sólida e postura rígida, tinha estatura baixa, entre um metro e sessenta a um e setenta. O rosto, antes uma caveira com fragmentos de epitélio, tinha agora uma pele firme, o queixo oval achatado era protuberante. Acima dos lábios, extremamente finos, ornava um bigode tenro e estreito, perfazendo um pequeno quadrado negro abaixo do nariz. Os cabelos negros, grudados ao couro cabeludo e brilhantes como se ungidos com algum tipo de substância oleosa, cobriam parte da testa no lado direito.

Sem que Alfredo dissesse uma palavra, o militar marchou, passou pela sala e seguiu até a porta, passando por ela e chegando até o carro. Dentro do automóvel, Don Giovanni e Antônio já estavam acomodados na parte da frente, o filho ao volante e o pai ao seu lado. O general permaneceu de pé ao lado do veículo, como se aguardasse por algo.

- Fredo! Ande logo! – Gritou Antônio, apressando o irmão. – Abra a porta para a criatura.

Alfredo correu desengonçado pra atender ao chamado, abriu a porta traseira e o morto entrou e se sentou, como um garoto tímido no primeiro dia de aula. O garoto olhou para o interior do carro e encontrou o pai sentado no banco que era seu de costume, coçou a cabeça e perguntou:

- *Papa*, porque está sentado aí? O Senhor nunca senta aí?

- Entre no carro e cale a boca. Não vou ficar ao lado dessa aberração.

O cadáver vivo virou levemente o pescoço e encarou Alfredo, grunhindo algum chingamento alemão ininteligível.

- Eu vou ter que viajar ao lado dessa coisa? Ele me dá arrepios! – Se queixou Alfredo.

- A não ser que queira viajar na mala ou correndo atrás de nós, entre logo na droga do carro, Fredo! Não temos tempo para sua frescura. – Exclamou Antônio.

Inconformado, ele entrou no carro e Antônio deu a partida. Sentado ao lado do monstro, Alfredo se distanciou o quanto pôde, mesmo assim, vez ou outra, o militar se virava e praguejava suas queixas incompreensíveis. Enquanto falava, a saliva espirrava de sua boca em pequenas gotículas que o garoto tentava evitar cobrindo parcialmente o rosto com a mão.

- Pra onde vamos, *Papa*? – Perguntou Antônio, após cerca de vinte minutos de viagem.

- Apenas dirija, você saberá quando chegarmos lá. – Respondeu o pai, ríspido como era habitual.

Duas horas mais tarde, Don Giovanni ordenou que Antônio estacionasse. Tirou do bolso um par de algemas e um capuz preto. Levantou a mão por cima da cabeça, mostrando os objetos ao filho no banco de trás.

- Coloque isso nele, estamos quase chegando. – Disse Don Giovanni.

- Eu? – Respondeu Alfredo, sem obter resposta. Seu rosto estampava uma expressão de desconforto e um leve temor.

Sem opção, ele fez o que o pai mandou. Primeiro colocou o capuz, inicialmente não houve reclamação, mas alguns segundos depois, o cadáver se agitou, rosnando e balançando a cabeça de forma bizarra, dificultando o trabalho de Alfredo que, com as mãos trêmulas, penava a tentar algemar o sujeito. Don Giovanni se virou e emitiu uma sonora onomatopeia, exigindo silêncio. O militar acatou a exigência de imediato, para surpresa de Alfredo que secou o suor da testa na manga do paletó e terminou de colocar as algemas.

- Em frente. – Disse Don Giovanni.

Eles seguiram em frente, passando por uma placa com os dizeres: “BEM VINDO A CURITIBA, A PRIMEIRA CIDADE NUCLEAR, COM 100% DE ENERGIA LIMPA”. Apesar de já vagarem sobre a terra na época em que Curitiba ainda era uma cidade, a família de Don Giovanni não conhecia bem o Brasil, só estavam no país há alguns meses, então aquela placa era pouco significativa para qualquer um deles. Porém, uma coisa era certa: aquela era uma das cidades mais devastadas pelas quais já haviam passado.

As ruas não existiam, não havia prédios, nem casas, nem tipo algum de construção, a não ser uma velha e grande casa. Uma construção toda feita de madeira, e pela aparência, sem a presença de nenhum marceneiro na ocasião. A casa se encontrava em meio a quilômetros de deserto, era espantoso encontrar algo ali.

- O que viemos fazer aqui? Só há esse maldito deserto e um amontoado de madeira velha a nossa frente. Não há nada nem ninguém nesse lugar. – Exclamou Alfredo, sendo o primeiro a levantar. Sua ânsia de se afastar daquele estranho sujeito sentado ao seu lado era tanta, que nem mesmo esperou a ordem do pai.

- Cale a boca, Fredo! – Irritou-se o pai, descendo do carro e caminhando em direção à porta da casa. – Pegue as armas na mala e traga a criatura, nós vamos entrar.

Quando Alfredo abriu a porta do carro, imediatamente o homem com o capuz saiu e caminhou em direção à casa. Seu senso de direção era admirável, pois com o capuz que cobria seu rosto, não era possível enxergar absolutamente nada. Ao alcançar Don Giovanni, ele estacou.

Na entrada da casa havia uma grande porta de duas partes, Antônio forçou uma abertura. Percebendo que havia uma tranca, chamou irmão e pediu uma arma, Fredo apanhou um rifle de grosso calibre e entregou a Antônio. Ele apontou para onde supostamente havia um cadeado e disparou duas vezes. A poeira subiu, fragmentos de madeira voaram para todos os lados e um enorme rombo foi aberto na porta. Em absoluta sincronia os irmãos empurraram as portas e entraram.

- Entrem e tragam todos aqui para fora, agora. – Ordenou Don Giovanni.

Obedecendo ao pai, os rapazes entraram empunhando as armas e iluminando o caminho escuro com pequenas lanternas de mão. Durante longos minutos, nenhum tipo de som foi ouvido, ao lado de Don Giovanni o morto ressuscitado se comportava de forma inacreditável, sem praguejar suas ininteligíveis queixas uma vez sequer. A porta, que havia sido fechada pelo vento,

foi novamente aberta, e quem passou por ela não foi Alfredo nem Antônio. Com olhares amedrontados saíam um a um, formando uma fila perfeitamente harmônica. Eram ao todo doze mulheres e vinte e três crianças. Atrás deles, os irmãos apontavam as armas. Aquelas pessoas tinham a aparência tão frágil e desprotegida, que provavelmente não seria necessário usar armas para intimidá-las.

As crianças, descalças, usavam camisas largas e bermudas de um pano grosseiro e de coloração marrom desbotado. As mulheres se vestiam do mesmo tecido, camisetas, nem justas nem largas, e calças ligeiramente folgadas. Algumas eram brancas, outras negras, havia também mestiças e até mesmo uma asiática.

Mãos tremiam, olhos lacrimejavam, o cheiro do medo podia ser sentido no ar. Apesar de tudo, a maioria das mulheres se mantinha firme. O patriarca, com as mãos para trás, caminhou ao lado da fila, observando o rosto de cada uma. O silêncio reinava, mas a expressão dos rostos mostrava que todos sabiam que não estavam lá para uma confraternização.

- O que querem de nós? – Indagou uma das mulheres, rompendo o silêncio e interrompendo a inspeção de Don Giovanni.

- Vão saber em breve. – Ele respondeu. – Vão saber em breve.

O homem pausou a fala por um minuto e contemplou almas puras e indefesas esperando pelo pior, e apesar de não demonstrar, um leve traço de melancolia lhe ocorreu, mesmo que por uma fração de segundo.

- Vocês devem estar se perguntando o porquê de tudo isso, o porquê de estarem aqui, sob a mira de armas de fogo. – Continuou o patriarca. – Mas eu peço que não tenham medo. Todas as pessoas, mais cedo ou mais tarde, devem atender ao seu chamado para servir a um objetivo maior. Um fim que vai muito além de mim, muito além de meus filhos, muito além de suas próprias vidas.

- Que tipo de doente fanático é você, se vai fazer algo, faça logo, mas não nos obrigue a ouvir essa porcaria. Se vai nos fazer mal, tenha ao menos a decência de assumir. – Interrompeu novamente a mulher.

Don Giovanni se aproximou da mulher e encarou-a, removendo os óculos e revelando dois olhos avermelhados e assustadores. A mulher se calou e ficou quieta, a respiração ofegante mostrava o quanto agitada ela estava. O homem levantou a mão em direção ao belo rosto da mulher que o desafiara com tanta coragem, porém não pretendia machucá-la, ao invés disso, acariciou sua face, provocando nela imensa repulsa e irritação. Movendo o pescoço, a professora afastou a mão do forasteiro, voltando o rosto em seguida para atingi-lo com uma vigorosa cusparada. Um tiro certo que umedeceu toda a face do homem. Don Giovanni calmamente apanhou um lenço na bolsa da camisa e enxugou o rosto, cheirando em seguida o tecido cheio de saliva.

- Qual é seu nome, filha?

- Para que quer saber, seu imundo?

- Diga logo a ele! Pelo amor de Deus, não o desafie. – Implorou uma das mulheres na fila.

Após um sinal do pai, Antônio agarrou uma das crianças pelos

cabelos, fazendo-a gritar e chorar. Puxando as madeixas do miúdo para trás, o fez erguer o olhar e sentir o cano gelado da pistola pressionar-lhe a testa.

- Qual é seu nome filha? – Insistiu Don Giovanni.

- Isabel, meu nome é Isabel. Agora deixe o garoto em paz, levemos se quiser, leve todas as mulheres se for de sua vontade, mas deixe as crianças em paz. Por favor. – Pediu a rebelde.

- O que a faz pensar que estou aqui para levar algum de vocês. Eu só preciso de uma pequena parte. Mas antes preciso que saibam: todo o bem feito, todo o amor doado, toda a bondade cultivada e toda a compaixão praticada só fizeram todos aqui chegarem a esse ponto. Toda a esperança que incutiram na mente dessas crianças só serviu para guiá-las ao mais profundo dos abismos. Olhem ao seu redor, é isso que a pureza dos corações construiu. Tudo em que fingem acreditar não passa de ilusão. Mas não se preocupem, vai ser rápido e indolor e em breve todas as mentiras em que se baseiam suas vidas chegarão ao fim. – Discorreu o patriarca, enquanto caminhava entre as vítimas.

Ele se virou para os filhos e deu a ordem:

- Tragam-no, vamos acabar logo com isso.

Alfredo foi à frente e segurou o braço do monstro, tentando conduzi-lo, mas ele se contorcia e praguejava descontente.

- Hei, Toni. Uma ajudinha aqui. – Pediu Alfredo.

Os irmãos se aproximaram do militar morto-vivo e, segurando-o pelos braços, guiaram-no até onde o pai estava. Alfredo destrancou as algemas e Antônio retirou o capuz. Quando a assustadora face do monstro foi revelada, a reação das mulheres e crianças foi de repulsa e medo, porém não houve gritos, nem mesmo reclamações. A maioria ali jamais havia presenciado qualquer tipo de manifestação sobrenatural, mas Isabel as conhecia bem e os alertara amplamente.

Assim que avistou o pequeno grupo de mulheres e as crianças que as abraçavam na cintura, a criatura grunhiu estranhas conjurações, mostrando os dentes amarelados e pontiagudos, a mandíbula subia e descia, fazendo com que os dentes se esfregassem, como um ruminante processando o alimento. Uma ligagomenta mantinha a ligação entre as duas dentições quando a boca estava aberta. A língua, que aparecia discreta, tinha uma coloração escura, tal qual um pedaço apodrecido de carne.

Repentinamente, os rosnados do sujeito foram substituídos por um estrondoso berro. Acompanhando o tenebroso grito, relâmpagos rasgaram o céu já escuro e enevoadado. Com as mãos em movimentos robóticos, ele abriu pacientemente os botões do sobretudo. A pele do peito e abdômen era de um branco anêmico, rabiscado pelo azul das veias proeminentes. As mulheres olhavam a aberração com temor e as crianças se agarravam a elas em busca de proteção. Em meio a todos eles, havia alguém que não demonstrava estar com medo e encarava o mal com imponência, apesar da fragilidade da situação.

Isabel fulminava o ser sem vida com o olhar, seus braços envolviam uma criança que a abraçava, e sua mão cobria-lhe os olhos, protegendo-a da horrenda visão. A barriga do monstro se escureceu do centro para as bordas e a pele começou a se romper em dois segmentos, um vertical e

outro horizontal, que se encontravam no umbigo formando uma cruz. Enquanto a anomalia se modificava, um forte vento levantava poeira e agitava as roupas e cabelos, relâmpagos iluminavam o céu e os trovões ensurdeciam os ouvidos. Do ponto de convergência, a pele cortada se projetou para fora, abrindo um grande buraco. O interior do orifício era negro e profundo, como um poço sem fundo.

A pele do monstro fardado se encheu de erupções rubras, seus gritos não cessavam e a ventania se fazia cada vez mais forte. Quando parou de gritar, a terra tremeu, ganhando inúmeras rachaduras em diversas direções. O tremor abalou o equilíbrio de algumas mulheres. Isabel se deitou no chão protegendo o garotinho que se agarrava à sua cintura, as outras fizeram o mesmo.

A terra continuou tremendo, a abertura na barriga da criatura se dilatou, e uma estranha força infligiu enorme dor às vítimas no chão, causando-lhes fraqueza, algumas perderam a consciência, outras permaneceram acordadas, porém sem movimentos, apenas os olhos se moviam fitando o nada. Dos corpos imóveis no solo, se desprende uma densa e iluminada névoa esverdeada. As brumas em tons de esmeralda emergiram acima dos corpos inertes, formando uma única nuvem que se encaminhou em direção ao abdômen da aberração.

O monstro recebeu aquilo como um prêmio, sua face repulsiva se tomou de uma expressão de prazer e satisfação. A pele desprendida do ventre voltou ao seu lugar, cobrindo o horrendo buraco e restaurando a superfície como se nunca houvesse sido cortada. Depois da recuperação, o vento parou, os trovões e relâmpagos cessaram e ele caiu de joelhos no solo. No silêncio, uma chuva se iniciou. A água caiu sobre os corpos sem vida das mulheres e crianças. As vítimas não acordariam mais, a pele seca e escurecida fazia parecer que seus corpos falecidos jaziam naquele lugar há dias.

Nada foi dito por ninguém, Alfredo e Antônio carregaram a criatura de volta para o carro. Após vinte minutos de absoluta calma, Alfredo quebrou o silêncio.

- Se vamos continuar passeando com o nosso bichinho sugador de almas, precisamos de um nome para ele, que tal *Esponjinha*? Eu gosto. O que você acha aberração? *Esponjinha* está bom pra você? – Ironizou, olhando o corpo em êxtase do fardado ao seu lado.

- Adolf! Adolf! – Grunhiu o homem morto, como um cão raivoso que late em resposta a uma provocação.

- Parece que ele já tem um nome, Fredo. – Disse Antônio, sem sorrir. - E acho que ele também não gosta de apelidos.

Don Giovanni e seus filhos não foram para casa. Nos dias seguintes, percorreram pelos mais remotos lugares, e o deplorável ritual se repetiu inúmeras vezes, deixando Adolf cada vez maior e mais monstruoso. A jornada estava quase no fim, e o dia em que o alemão cumpriria seu objetivo estava próximo.

XV

EZEQUIEL OUVIA O QUE SALOMÃO DIZIA SOBRE SALVAR a humanidade da maldade de Lúcifer e não acreditava muito naquilo, tratando o velho caçador com deboche e descaso.

- Desde quando posso me lembrar, você é um velho fanfarrão, mas nunca imaginei que pudesse estar tão senil. Você acha que podemos salvar o mundo? Não há nada para salvar. O apocalipse já aconteceu, os demônios venceram, aqui também é o Inferno, não há salvação, não há paraíso e você sabe muito bem disso.

O velho sorriu da descrença do rapaz e não respondeu. Continuou folheando o livro sobre a mesa até que encontrou a página que buscava.

- *Quando a fê for quebrantada, quando a esperança for esquecida, quando o criador não for mais louvado, quando a compaixão for subvertida e quando os sobreviventes não acreditarem mais no amanhã, o grande arcanjo emergirá, e com a força das almas não corrompidas a estrela da manhã estenderá seu domínio sobre os homens, fazendo realidade e abismo um mesmo espaço real de dor e punição eterna.* – Leu Salomão. – Isso é o que escreveu Lúcifer, quando habitava o corpo enfraquecido de Judas.

- Não significa nada para mim, são apenas palavras de um lunático pensando ser o Diabo. – Respondeu o descrente.

- Tem mais, *quando a hora da mudança estiver próxima, a mais negra das almas humanas se perfará em um receptáculo e abrigará o elixir até a chegada do soberano.*

- E que Diabos isso significa?

- Eu e os outros já nos debruçamos várias vezes, por horas seguidas, sobre essas escrituras e concluímos que antes da volta do decaído, um humano de alma muito ruim, uma pessoa realmente má que não guarde nenhum resquício de bondade dentro de si, vagaria pela terra apanhando as almas dos justos. É bem verdade, que hoje não temos muitos justos vivos na terra, mas, ainda assim, existem crianças, adultos e religiosos que ainda creem na salvação.

- Tudo bem, digamos que, realmente, pudéssemos evitar algo assim. O que fariamos?

- Se quer lutar uma guerra, o primeiro passo é reunir seu exército.

- Mas não temos um exército! Não temos gente nem mesmo para um time de futebol.

- Nesse caso só nos resta o plano B. Juntar o que temos e partir pra cima armados até os dentes. E claro, o livro que você trouxe será de grande serventia.

- Eu posso ajudar! – Intrometeu-se Lília.

- Agora podemos ficar tranquilos, você pode nos ajudar derrotar o Diabo e impedir o Apocalipse. – Ironizou Ezequiel.

- Por mim tudo bem, toda ajuda é bem vinda.

- Isso é bobagem, se o Armagedom está pra acontecer, não são meia dúzia de lunáticos suicidas que vão impedir, além disso, nem temos um armamento tão pesado assim.

- Venham comigo, quero mostrar algo.

- Espera aí, e o livro? Você não me disse pra que serve, e foi por isso que vim.

- O livro é um objeto enfeitiçado com séculos de existência, poucos já utilizaram. Nós o chamamos de *O Rastreador*. Ele serve para encontrar qualquer coisa, objetos, pessoas, demônios. É preciso escrever o nome do que deseja localizar com seu próprio sangue e canalizar seu pensamento no alvo, e o livro revelará um mapa indicando a localização.

- Então porque não escreve Lúcifer no livro e o encontra você mesmo?

- Não é tão simples assim, para que o livro localize uma entidade, ela deve se encontrar no plano terreno. Lúcifer deve estar no Inferno aguardando a hora certa, e ainda não sabemos quem está a seu serviço na Terra, enquanto isso, teremos que fazer nosso trabalho sem mágica.

- Fala sério! – Balbuciou Ezequiel.

Carregando os livros debaixo do braço, Salomão se levantou e foi em direção à estante de onde tirara o apócrifo. Apoiando o ombro em uma das extremidades, ele forçou o móvel para o lado até que ele se movesse. Ezequiel e Lília olharam espantados, não imaginavam que por trás daqueles livros velhos e empoeirados havia uma passagem camuflada para outro salão. Diante da surpresa, o caçador e a menina permaneceram inertes, mesmo percebendo o esforço do velho empurrando a pesada estante.

- Vão ficar aí olhando enquanto o senil aqui faz todo o trabalho pesado? – Inquiriu Salomão.

Prontamente, Ezequiel se aproximou, e com extrema facilidade deslocou o móvel, abrindo totalmente a passagem. Atrás da estante, um grande portão de metal oxidado ainda os separava do outro lado. Salomão puxou o cordão que trazia no pescoço, e com a chave pendurada abriu a fechadura e empurrou o portão.

O novo salão, igualmente ao primeiro, era um breu só. Eles entraram no ambiente escuro e caminharam com cautela até que Salomão puxou uma nova alavanca acendendo todas as luzes do local. Se na escuridão o ambiente era semelhante ao anterior, iluminado pelas lâmpadas, o local parecia ser de outro mundo comparado ao primeiro. O cheiro era de novo, o chão brilhava de tão limpo e não havia nenhum fragmento de poeira em parte alguma. Porém, o que mais chocava não era o aspecto limpo da sala e sim o que ela ornava em suas paredes e prateleiras.

Um sofisticado arsenal, organizado de forma quase obsessiva, pistolas, metralhadoras, bazucas, lança chamas, granadas, facas e adagas de todos os tamanhos, além de espadas em diversos materiais. Nas prateleiras, frascos transparentes e opacos, caixas seladas de diferentes materiais e dimensões. Tantos objetos, em estado impecável, refletiam no chão de mármore polido um brilho ofuscante.

- Você estava mesmo esperando pelo pior, velho. – Disse Ezequiel, fitando o arsenal que, aparentemente, jamais fora usado.

- Um caçador está sempre pronto para o pior, garoto. Você devia saber. Agora, se vamos para guerra, devemos começar o treinamento já.

- Treinamento, e por que acha que preciso de treinamento?

- O que eu tenho aqui é um equipamento de primeira, armas que você jamais sonhou em possuir. Este armamento é muito diferente das velharias que você está acostumado a usar, acredite em mim, o treinamento é necessário.

Escolhendo a dedo cada item, Salomão apanhou um punhado de armas, apagou as luzes e se retirou do salão, os outros o seguiram, apesar do homem não ter dito nada. Salomão apresentou as armas ao jovem caçador e à menina, percorrendo sobre suas características e utilidades. Ezequiel, que tinha intimidade com armas de fogo, se familiarizou facilmente com o armamento. Na verdade, aquele equipamento não tinha nada de diferente do que Ezequiel estava acostumado, a não ser pelo fato de serem novos. Mas o que surpreendeu os caçadores foi a habilidade da pequena Lília ao empunhar com propriedade uma pistola de baixo calibre, acertando uma garrafa a cerca de trinta metros de distância como se não fosse a primeira vez que o fizesse. Apesar disso, Ezequiel jamais a deixaria participar do confronto, estava apenas permitindo que a menina se divertisse um pouco.

- O que fazemos agora, velho? – Perguntou Ezequiel, sem crer que Salomão podia dar uma resposta convincente. – Vamos andar a esmo, até dar de cara com os malfetores?

- Não faça troça da situação, garoto. Não subestime o velho Salomão. Eu sempre me comunico com os outros, um amigo ficou sabendo de um ataque em Curitiba. Um abrigo de crianças e mulheres, aparentemente sem sobreviventes. Disseram que há três dias o tempo fechou e um grande vendaval

assolou a região, seguido de uma tempestade. Qual foi a última vez que você teve notícia de uma chuva assim? Se vamos começar por algum lugar, deve ser por lá.

- Curitiba? Tem certeza?

- Sim, por quê? Algum problema?

- Não, é que faz muito tempo que não vou até lá. – Respondeu, após uma longa pausa.

- Então hoje vai matar a saudade, garoto. Agora se apresse, não temos tempo, o fim do mundo está chegando.

- Vou buscar as coisas e carregar a picape. – Respondeu Ezequiel, caminhando até a casa.

O carro de Salomão era um modelo 2012, uma caminhonete potente, cabine estendida, rodas aro vinte e seis. O motor, adaptado no ano de 2100, funcionava tanto a energia solar quanto com resíduos minerais. A lataria, no entanto, não fazia jus à força do veículo, da pintura original, nada sobrou, o metal oxidado de coloração ocre dava impressão de que a picape acabara de sair de uma poça de lama.

Após carregar o caminhão, Ezequiel se acomodou no assento do motorista, ajustou a altura do banco e os espelhos. Procurou as chaves na cabine, sem sucesso.

- Hei, velho! As chaves. – Requereu arrogante.

- Saia logo desse banco, moleque. Somente eu dirijo a *Roxanne*.

Ezequiel sorriu ao ouvir o apelido e decidiu não criar caso. *Um senil não deve ser contrariado de maneira tão frequente*, pensou o jovem. Salomão assumiu o volante e minutos depois estavam prontos para partir. Durante quatro longas horas, Ezequiel praguejou contra a música tocada incessantemente no rádio do automóvel. Uma interminável coletânea de boleros do século XX. Porém, o martírio maior não eram as canções em si, mas sim a irritante mania do velho caçador de acompanhar o repertório, a voz de Salomão ao cantar se transformava em algo realmente desagradável, como se fizesse questão de subverter cada nota da escala musical.

Quando enfim chegaram ao local indicado, Salomão desligou a música, fazendo Ezequiel respirar aliviado. Os três desceram do carro e a cena que se via era chocante, até para caçadores experientes. O que ocorrera naquele local era tão horrível, que Lília não se conteve e caiu de joelhos sobre o solo, regurgitando toda a refeição que fizera mais cedo.

O cheiro da carne morta ainda pairava no ar seco e abafado. Os cadáveres espalhados pelo chão, ainda conservavam suas posições, as crianças envoltas nos braços das mulheres. As faces, apesar da decomposição, guardavam traços do horror sentido, do medo, desespero, e dor. O ritual ali conjurado tirou muitas vidas de forma cruel e dolorosa. Demônios ordinários não agem dessa forma, Ezequiel sabia disso. O que que tenha acontecido ali, foi algo grande.

Ezequiel passou por entre os corpos estirados, observando-os brevemente e aspirando o intragável odor. A porta do abrigo estava entreaberta, ele fitou o buraco e notou facilmente que houvera uma explosão forçando a

abertura. Empurrou a porta para dentro com o pé direito e, com uma arma pequena empunhada à linha dos olhos, entrou. Com certeza quem fizera a barbaridade já estava longe, mas não custava nada agir com prudência, pois por mais que conhecesse os demônios, vez ou outra, um deles o surpreendia.

Embora a extensão da precária construção fosse ampla, nada havia por ali, móveis, objetos, ferramentas, nada. Nem mesmo roedores eram vistos rastejando pelo local. Ezequiel caminhava a passos brandos, porém, um barulho oco era aparentemente inevitável. O som de vácuo vindo do piso sugeria que não havia terra por baixo de seus pés. *Essas pessoas estavam escondidas lá embaixo*, concluiu em pensamento. Tateou cuidadosamente o chão com os pés a fim de encontrar uma passagem.

Percorreu as margens do local e nada encontrou. Ao procurar no restante do piso, detectou uma tábuia solta. Removeu o pedaço de madeira e uma escada se revelou, a passagem estava no lugar onde menos esperava, exatamente no centro da construção. Para a descida, havia apenas uma frágil escada de cordas trançadas.

Posicionado de costas para a escada, o caçador desceu os degraus um a um, a escuridão se condensava, mas ele permanecia alerta, revólver empunhado e dedo no gatilho. No bolso do casaco, carregava uma lanterna, mas descer por aquela escada demandava o uso de pés e mãos, tornando impossível segurar a lanterna e a pistola ao mesmo tempo, entre as duas, Ezequiel escolheu a arma.

O túnel pelo qual passava o levava ao subsolo. Ao pisar no chão, Ezequiel era incapaz de enxergar, a escuridão era total. Com uma das mãos livres, apanhou a lanterna e iluminou o caminho. À sua frente, um largo corredor, o chão de cimento era grosseiro e as paredes tortas tinham a superfície áspera e irregular. O caçador avançou lentamente e após vinte metros de caminhada encontrou uma porta. Diferente da primeira, a segunda porta era de alta qualidade, aço reforçado e uma fechadura para três chaves.

Abrir a fechadura não foi problema, ao abrir a porta, Ezequiel encontrou um novo corredor, agora mais estreito. No fim do caminho brilhava uma luz fraca e inconstante. Ele desligou a lanterna e se aproximou com cuidado em direção à luz. Ao fim do corredor, havia uma divisão, à esquerda escuridão total, e à direita se encontrava a fonte da luz. Uma vela queimada até a metade sobre um pedaço seco de tronco. Seguindo a luz, chegou a mais uma curva, dando de cara com um grande salão.

Sentada num dos cantos, uma mulher com uma criança no colo carregava uma pesada espingarda. Em meio a penumbra, só se via com nitidez a silhueta dos dois. Ele se aproximou e percebeu que ambos dormiam. Tentando não acordá-los, Ezequiel se posicionou ao lado da mulher e segurou a arma pelo cano, puxando-a lentamente. Na metade do trabalho, a mulher despertou, disparando contra o caçador.

A bala não o perfurou, mas passou de raspão pelo braço direito, rasgando-lhe a roupa e levando um pedaço da pele. Ao ser atingido, Ezequiel baixou a guarda e ficou vulnerável sobre a mira da espingarda.

- Largue a arma e ponha as mãos no chão! – Berrou a mulher.

Ezequiel não pretendia acatar a ordem, calculou as posições e acreditava que podia fazer a mira e disparar antes que sua oponente pudesse puxar o gatilho. Deu início à manobra erguendo o braço, mas sua destreza e rapidez não foram suficientes, e antes que pudesse apontar a arma, a mulher efetuou o segundo disparo. Um tiro limpo e certo acertou a pistola atirando-a para longe.

- Eu disse mãos no chão! Reafirmou ela.

- Belo tiro. – Disse Ezequiel sorrindo.

- Se tivesse acertado certamente você não estaria sorrindo.

Os dois se encaravam, mas não se viam realmente. Pela silhueta, quem rendera o caçador era uma mulher jovem, magra, cabelos compridos, lisos e despenteados. Na escuridão era impossível ver o rosto, mas em alguns lampejos da chama dançante emanada da vela, se revelaram dois brilhantes e expressivos olhos verdes.

- Nino, acenda a luz. – Ela ordenou, mantendo os olhos vivos sobre o invasor.

O pequenino correu a passos curtos até uma caixa de energia afixada à parede, abriu e puxou a alavanca. Cinco lâmpadas tubulares piscaram no teto por algumas vezes, até acenderem e iluminarem todo o salão. Ao finalmente enxergar o rosto do invasor, a mulher abaixou a arma surpresa e exclamou:

- Você?

- Isabel! – Respondeu Ezequiel, com igual surpresa.

- Ai meu Deus! Você está sangrando! Nino! Vá ate a enfermaria e traga a caixa de primeiros socorros.

Isabel reposou o rifle no chão e se aproximou de Ezequiel, os dois se encararam por algum tempo sem dizer nada. Quando o pequeno Nino voltou com a maleta branca nas mãos, teve que chamá-la por três vezes até que ela atendesse.

- Vamos dar uma olhada nisso, está sangrando bastante. Tire o casaco. – Ordenou Isabel, abrindo a caixa e separando alguns instrumentos.

Com as mãos ela puxou com força a manga da camisa, arrebatando a costura e deixando o caminho livre para o procedimento. Conteve o sangramento com gases, após lavar o local com uma substância verde e lodosa.

- Foi só um arranhão, não precisa disso tudo. O que você faz num lugar como esse? – Perguntou Ezequiel.

- Cale a boca e fique quieto enquanto eu costuro. – Respondeu ela, perfurando a pele do caçador. Em poucos segundos o corte estava totalmente fechado, então Ezequiel indagou novamente.

- Obrigado. Agora me diga o que faz aqui nesse lugar, onde estão sua mãe e todos os outros?

- Não há mais ninguém, eu vivo aqui agora, cuido das crianças, ou cuidávamos.

- Você conhece as pessoas lá em cima?

- Sim, vivíamos todos aqui embaixo, nosso abrigo era uma espécie de orfanato. Mas, afinal, o que você veio procurar aqui, pois, pela sua cara de

surpresa, não foi por mim que veio, não é mesmo?

- Eu vim pelo que houve lá fora, você viu o que aconteceu?

- Sim, eu estava lá.

- Por favor, me diga.

- Tem alguém vindo. – Percebeu ela, pegando imediatamente a arma depositada no solo e se posicionando para atirar. Do corredor escuro saiu Salomão, segurando um revólver.

- Tudo bem aí, garoto? – Perguntou ele.

- Ele está comigo. – Avisou Ezequiel, tranquilizando a mulher. – Está tudo bem, velho. Eu a conheço espere lá em cima, por favor.

- Ok, não queria atrapalhar nada. – Respondeu sarcástico, deixando o lugar.

Eles se sentaram sobre o chão de concreto e Isabel contou tudo o que acontecera com as outras mulheres, sobre os três homens de terno e o monstruoso fardado, e sobre o discurso sem sentido do homem que liderava o grupo. Uma hora se passou e Isabel ainda tinha o que falar.

- Eu só não consigo entender uma coisa. – Ponderou ele.

- O que é?

- Se todos morreram quando a criatura agiu, como foi que vocês dois sobreviveram?

Isabel puxou o cordão em seu pescoço, revelando o pingente escondido por debaixo da camiseta. Era o mesmo que Ezequiel lhe dera quando se conheceram anos atrás. Ele viu o objeto e logo entendeu que o pingente a protegera, salvando sua vida.

- Isso me protegeu. Não sei como, mas me protegeu. Nino estava agarrado a mim e de alguma forma também foi protegido.

- Você guardou! – Exclamou Ezequiel surpreso.

- Eu esperei por você.

Um constrangedor silêncio envolveu o ambiente e os dois simplesmente se olharam melancólicos. Ezequiel havia se tornado um homem duro, mas naquele momento seus olhos marejaram e ele chegou a ensaiar algumas palavras quando foi bruscamente interrompido.

- Hei, garoto! Temos que ir, se apresse. – Gritou Salomão inconvenientemente.

- Vocês vêm com a gente. – Avisou Ezequiel, em tom autoritário. – Não é seguro aqui.

- Está bem, me deixe pegar minhas coisas. – Respondeu sem reclamar.

Em três minutos Isabel estava pronta, apenas uma bolsa de tamanho médio pendurada no ombro e o pequeno Nino agarrado à sua mão.

- Vamos, estou pronta. – Disse ela.

Quando chegaram à superfície, Lília se surpreendeu com os estranhos, Salomão lhe contou sobre os sobreviventes, mas a menina não esperava que uma mulher tão bela estivesse naquele buraco.

Isabel saiu pela porta e encontrou suas amigas e as crianças, pelas quais nutria um intenso e puro sentimento, estirados no solo. Era a primeira vez

que vinha à superfície depois do ocorrido. Ver os corpos em decomposição daquelas pessoas tão importantes em sua vida, a fez sentir uma enorme dor, por um minuto ela ficou lá, entorpecida, vendo sua segunda família dizimada, assim como a primeira.

- Vamos Isabel, temos que nos apressar. – Chamou Ezequiel, despertando-a do choque.

Ela piscou os olhos, deixando com que as lágrimas represadas enfim rolassem sobre a pele seca de seu rosto. Seguiu em frente e entrou na picape com o garoto, deixando para trás seu lar, mais uma vez.

- O que fazemos agora? – Perguntou Ezequiel a Salomão, cochichando.

- Enquanto você paquerava a garota no porão, eu conversei com uns camaradas pelo rádio. Ocorreram outros ataques, no Pará e Espírito Santo. Estão avançando rápido

- E o que estamos esperando?

Entraram no carro e partiram em direção ao Estado do Pará. Chegando ao local, o cenário era parecido com o primeiro, corpos em decomposição estirados no solo, porém sem sobreviventes. Seguiram até o Mato Grosso do Sul e o que encontraram não era diferente, mais corpos sem vida, a maior parte era de mulheres e crianças, e nenhum sobrevivente para contar história, nenhuma pista para guiá-los.

- Isso não está funcionando. – Disse Ezequiel ao outro caçador. – Não vamos alcançá-los seguindo um rastro de cadáveres.

- E o que sugere? – Perguntou Salomão.

- Temos que nos antecipar, prever o próximo passo e chegar antes deles.

- E como vamos fazer isso, gênio? Com adivinhação?

- Você tem um mapa nessa lata velha?

Salomão foi até o porta-luvas da picape e apanhou um mapa rodoviário antigo, dobrado várias vezes, acariciando o painel do veículo antes de saltar.

- Não ligue para o que ele diz, querida. Esses jovens não sabem respeitar os mais velhos. – Sussurrou carinhoso ao automóvel.

Entregou o mapa a Ezequiel que o abriu sobre o capô do carro. Pediu uma caneta a Salomão e marcou onde os ataques haviam ocorrido, Paraná, Pará, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul.

- A ordem dos ataques não faz sentido, são centenas de quilômetros desperdiçados, tem que haver algum motivo para isso. – Questionou Ezequiel.

- Tente ligar os pontos, pode ajudar. – Sugeriu Isabel, se metendo na conversa.

Ele acatou a proposição da mulher, e traçou três retas paralelas ligando os pontos, seguindo a ordem cronológica dos ataques, formando uma estranha figura geométrica. Um triângulo irregular e inclinado, duas das arestas ultrapassavam os limites da figura. Agrupados ao redor do mapa, os três olhavam o desenho e só enxergavam um monte de rabiscos.

- Mas que droga! Isso não faz sentido algum, não há padrão! –

Reclamou Ezequiel, se afastando do veículo.

Salomão também desistiu da charada, deixando Isabel sozinha diante do enigma. Debruçando-se sobre o mapa riscado, a mulher mantinha o olhar fixo sobre a figura indecifrável. Durante longos minutos ela se dedicou ao problema, investindo o máximo de sua concentração.

- Vamos embora, não temos mais pistas, vou contatar alguns camaradas em busca de informações. – Convocou o velho caçador, entrando no carro.

- Espere! – Exclamou a mulher, segurando o mapa sobre a lataria do automóvel. – Acho que encontrei!

Os dois caçadores se aproximaram, completando o semicírculo em volta do mapa. Lília também se aproximou curiosa e, se espremendo entre eles, garantiu uma boa visão da enorme folha de papel.

- O que é? Diga! – Disse Ezequiel, afobado.

- Os traços não fazem sentido porque forma uma figura incompleta. – Expôs Isabel.

- Como assim? Eu não compreendo. – Indagou Salomão.

- Acompanhe o trajeto dos três pontos. – Orientou a mulher, passando a caneta sobre os riscos feitos por Ezequiel. – É o caminho que fazemos quando desenhamos uma estrela, só que falta um ponto que servirá de base para mais duas retas, completando uma figura perfeita. – Completou, marcando um novo ponto nos Estado da Bahia e fechando a geometria do desenho. O traço partiu do Mato Grosso do Sul até a Bahia, e continuou voltando ao ponto inicial no Paraná.

- É um pentagrama invertido! – Concluiu Ezequiel. – Muitas religiões atribuem esse símbolo ao satanismo, onde as duas pontas superiores simbolizam Lúcifer e seu reino, as pontas laterais seriam a representação do homem assumindo o lugar de Deus, e a quinta extremidade, apontando para baixo a caminhada da criação em direção ao Inferno. É perfeito, como não pensei nisso antes?

- Então devemos nos apressar e chegar à Bahia antes do próximo ataque. – Instruiu Salomão, dobrando o mapa e entrando no carro apressado. – Sorte eu conhecer um caminho mais curto.

XVI

SEGUINDO COM O CIRCO DOS HORRORES ITINERANTE, Don Giovanni, seus filhos e Adolf, seguiam para o próximo destino. Alfredo insistiu para dirigir, mas seu irmão se recusou a trocar de lugar com ele. Apesar de já estarem viajando por alguns dias, o caçula de Don Giovanni não se acostumara com o monstruoso companheiro de viagem, que permanecia lhe causando calafrios.

O carro percorria sobre o asfalto a uma velocidade jamais alcançada por qualquer veículo sobre rodas, um presente sobrenatural daquele que dava as ordens. Alfredo reclamava exaustivamente, quando um clarão engoliu o veículo, transportando-os para uma espécie de templo. No fundo do templo, a mesma figura que os chamara anteriormente na floresta branca. Como na ocasião precedente, o arrebatamento luminoso os levou há um lugar desconhecido, e o veículo no qual viajavam não estava mais lá.

O local onde desembarcaram agora, diferentemente da floresta, era sombrio. Pedras rústicas revestiam toda extensão do chão, as paredes curvadas eram feitas do mesmo tipo de rocha, porém menores, fechando um círculo perfeito que delimitava o salão. Perto das paredes, colunas de granito acinzentado, ornadas com monstruosos gárgulas de dentes compridos e afiados, dos quais escorriam sangue. O teto era tão alto que não se podia vê-lo e até onde a vista alcançava só havia uma grande escuridão. Pequenas chamas flutuavam por todo o ambiente, iluminando precariamente a funesta arquitetura.

Em contraste ao cenário ao seu redor, a entidade em forma de mulher mantinha as vestes brancas, mas agora se sentava em uma espécie de

trono invisível, não tocava o chão, e o posicionamento de seu corpo sugeriam um assento imaginário lhe sustentando. Com a voz doce e suave ela chamou os convidados a se aproximarem.

- Venham a mim. – Sussurrou, num tom sedutor.

Imediatamente, sem que fosse necessário dar um passo sequer, estavam os quatro a um palmo de distância da mulher.

- O que quer de mim, Lúcifer. Estamos fazendo o que ordenou, estamos no prazo. – Antecipou-se Don Giovanni.

- Como ousa pronunciar um de meus nomes? Graças a mim você tem vivido por séculos como um imortal, mas não se julgue mais do que realmente é. Você é apenas um humano, um inferior como qualquer outro, e como tal só deve falar quando eu assim quiser. – Repreendeu a linda fêmea.

O homem abaixou a cabeça e aguardou que Lúcifer falasse. O Príncipe das Trevas se levantou de seu trono invisível imaginário e caminhou entre os quatro. O olhar da entidade passou por todos os rostos, fitando com especial atenção Adolf. Com o rosto descoberto, o monstro se mantinha em absoluto silêncio, até mesmo a respiração, habitualmente pesada e sonora, passara a ser suave e contida diante da força maligna.

- Diferente do que pensa, não os chamei aqui para dar ordens ou infligir castigos, apesar de ambos me encherem de prazer. Sei que estão fazendo minha vontade e fico feliz de o fazerem da maneira correta, até agora. Os trouxe até aqui para alertá-los. O caçador está próximo, ele segue seu encaixe e não está mais sozinho. Continuem o que estão fazendo, mas sejam cautelosos, pois nada me deixaria mais irritado que o fracasso nessa missão.

O Diabo interrompeu o discurso por um momento. Aproximou-se de Don Giovanni e, lhe acariciando o rosto, sussurrou eu seu ouvido:

- Apesar de manter o silêncio, sei o que pensa, sei que deseja sua liberdade há muito perdida. Mas não se esqueça meu caro, quem procurou quem. Você sabe que não posso forçar ninguém a fazer nada, as decisões de um homem a ele pertencem e a mais ninguém.

Lúcifer se afastou e voltou ao seu assento flutuante invisível. O clarão retornou, e em segundos estavam de volta ao automóvel, no mesmo ponto onde haviam sido interrompidos. Antônio fitava o pai sentado ao seu lado, porém, o patriarca tinha um olhar distante. Com amargura, o homem lembrava-se da trajetória que o levava a um destino de servidão ao soberano do Inferno por séculos intermináveis.



Aos oito anos de idade, Giovanni não sabia muito da vida. O pai, Carlo Mancini, trabalhava em uma vinícola e sua mãe, Mônica, lavava roupas para os bem afortunados da pequena vila no sul da Itália onde moravam. Giovanni não tinha irmãos e por ter nascido prematuro, seu pulmão não era

completamente desenvolvido, por isso, sua mãe não o deixava sair para brincar com as outras crianças, com medo de que algo lhe acontecesse. Com seu problema respiratório, não conseguia correr mais que alguns poucos metros antes que lhe faltasse o ar. Na situação de extrema pobreza que sua família vivia, Giovanni nunca pôde ter o tratamento médico adequado.

O garoto tinha ossos largos e estrutura aparentemente sólida, mas a subnutrição fazia dele um menino fraco e vulnerável. Por diversas vezes contraiu infecções que lhe deram dias na cama, o que só fazia aumentar a exagerada proteção da mãe, que dificilmente permitia que saísse de casa. Sem amigos, sem brinquedos, sem conhecer nada do mundo, Giovanni era extremamente solitário, e mesmo não conhecendo a palavra solidão, ela lhe causava uma dor que não entendia.

Carlo Mancini era um homem extrovertido e bem humorado. Mesmo com a vida difícil que levavam, conseguia ser um pai doce e carinhoso. Sempre que chegava do trabalho, ia até o filho e o abraçava e, apesar de ganhar um salário de miséria, toda semana separava uma moeda e entregava para o filho. *"Você tem que construir um patrimônio, algo que seja seu e que te ampare na velhice, e quanto mais cedo começar melhor"*, ele dizia. Num pequeno cofre de barro, com uma única abertura na parte superior, o menino guardava cada moeda que o pai lhe dava.

Um dia, Giovanni perguntou ao pai o que era aquilo que ele sentia sempre que o pai estava longe. O que era aquela dor tão forte que ele não conseguia explicar nem entender. Carlo disse ao filho que a dor fazia parte da vida de todas as pessoas, alguns sentiam pouca dor, outros muita, mas todos tinham algo a lhe apertar o peito vez ou outra, e que o nome disso era saudade. Mas que o melhor remédio para saudade era saber que o amor era a cura e podia superar qualquer distância física. Quando a distância entre os dois o fizesse ficar triste, que se lembrasse do sentimento que um nutria pelo outro e que sempre os manteria próximos. Quando, anteriormente, Giovanni fizera essa mesma pergunta à mãe, ela lhe disse que aquilo era fome, ou alguma coisa que ele havia comido.

Apesar de todo o cuidado com a saúde do filho, Mônica era incapaz de demonstrar qualquer afeto pela criança, era sempre fria e distante. Mesmo sendo uma mulher muito bonita, Giovanni não se lembrava de tê-la visto sorrir em ocasião alguma. Da mesma forma que nunca erguera a mão para lhe bater, também jamais o fizera para afagar. Mônica nunca cantou para que o filho dormisse, nunca contou histórias, nunca ficou ao lado da cama até que sua febre abaixasse. Cuidar do filho era só mais uma tarefa doméstica, tal qual lavar as roupas, preparar o jantar ou limpar a casa.

Na vila pobre onde viviam, as casas eram todas muito próximas e, da sua janela, o jovem Giovanni ouvia facilmente as conversas entre os vizinhos. Como não saía de casa, o garoto conhecia o mundo de uma forma totalmente distorcida, através das conversas das vizinhas nas janelas. Assim, ele sabia o nome de todos, quem havia se casado, quem havia morrido. Era nas mortes que se encontrava o maior fascínio de Giovanni.

Toda a região ao redor de sua vila era controlada por um grande

mafioso. O homem, conhecido como Don Gambini, controlava toda a produção e comércio de uma extensa região na Sicília. Desde plantações, produção de vinho e azeite, até serviço de proteção aos pequenos comerciantes em troca de uma compensação financeira periódica.

A figura dos mafiosos causava no pequeno Giovanni um estranho encantamento. O menino, não raro, presenciava sujeitos armados passarem por sua vila à procura de algum homem com assuntos pendentes a acertar. Apesar de nunca ter testemunhado um desses acertos, ouvia de seu quarto o som dos disparos.

Seu pai sempre se recusava a falar sobre o Don e sua organização, orientando o filho a jamais se envolver com aquelas pessoas. No entanto, tal recusa só fazia aumentar o interesse do garoto pela organização criminosa tão presente naquela região.

Quando Giovanni alcançou os doze anos de idade, sua saúde apresentava uma considerável melhora, e a superproteção da mãe já não se fazia necessário, assim, o menino já tinha mais liberdade para sair de casa e conviver com outras crianças. Foi também nesse período, que o garoto notou que a saúde da mãe não andava muito bem, e o quanto seus pais eram distantes um do outro.

Ao chegar do trabalho, Carlo ia direto ao encontro do filho, passando por Mônica como se ela não estivesse lá. A mãe, por sua vez, também não demonstrava se importar com a situação e, após terminar todo o trabalho, deixava a comida preparada sobre a mesa e se recolhia para dormir.

Certa noite, Giovanni passou pelo quarto onde a mãe dormia e flagrou a mulher tossindo de forma incontrolável. O ruído da tosse era abafado por um lenço de pano branco. Quando Mônica afastou o tecido do rosto, o menino conseguiu ver pela fresta da porta uma enorme mancha vermelha, era sangue.

Ao notar que a mãe estava doente, o menino relatou o fato ao pai e, apesar da fria relação entre os dois, Carlo imediatamente reuniu suas economias e levou a esposa ao médico local. Quando voltaram da consulta, Giovanni aguardava aflito em casa, e a notícia que recebeu não foi das melhores. O médico dissera que Mônica tinha tuberculose. Naquela época, e nas condições que viviam, não havia um tratamento viável.

No exato dia em que Giovanni completava treze anos de existência, sua mãe sucumbiu à doença e faleceu. Mas antes de morrer, a mulher se abriu para o filho e lhe deu as respostas que ele procurava há tanto tempo.

- Filho, venha aqui. - Sussurrou Mônica em sua cama.

- Estou aqui, *mama*. Você não deve se esforçar. Tente descansar. -

Respondeu o garoto.

- Eu estou morrendo, Giovanni.

- Não diga isso, *mama*. Você vai melhorar, só precisa de repouso para recuperar suas forças.

- Não, eu estou morrendo e você sabe disso. Agora preciso que me escute, preciso que você saiba toda a verdade antes que eu me vá.

- Por favor, *mama*!

- Escute, não temos muito tempo. - Insistiu a mulher, repousando o dedo sobre os lábios do filho, pedindo seu silêncio por um momento. - Eu sei que nunca fui uma boa mãe e nunca lhe dei o amor e carinho que você precisava.

- Não diga essas coisas. - Pediu garoto, tentando fazê-la parar.

- Eu preciso lhe dizer. - Continuou ofegante. - Eu nunca consegui ser uma mãe de verdade, e sei que você não tem culpa de nada. Eu sinto muito Giovanni, sinto muito por não conseguir te amar.

- Do que você está falando? - Indagou a criança em confusão.

- Eu tentei, eu juro que tentei. Mas depois que você nasceu, toda vez que eu olhava para você, eu só sentia medo, e me lembrava de todo horror que ele me fez passar. Você era um bebê lindo, mas tudo o que eu via era aquele momento terrível sendo revivido na minha cabeça.

- Eu não entendo, de quem está falando, *mama*?

- Do homem que arruinou a minha vida, o homem que me roubou todas as chances que eu tinha de ser feliz. Seu verdadeiro pai.

- Mas o *papa* é um homem bom! O melhor de todos.

- Carlo não é seu pai, Giovanni.

- O que?

- Sei o quanto você o ama, mas se eu morrer guardando esse segredo, você jamais conhecerá a verdade. - Disse Mônica, fazendo uma breve pausa para encher os pulmões moribundos. - Você precisa saber. Quando tudo aconteceu, eu tinha apenas dezessete anos e namorava um rapaz chamado Gabriel, como o anjo. Estávamos apaixonados e planejavamos nos casar. À noite, depois que meus pais se deitavam, Gabriel batia em minha janela e saíamos escondidos para caminhar nos campos, às vezes nos sentávamos sob uma árvore qualquer e conversávamos até o pôr do sol. Certo dia, em uma de nossas escapadas noturnas, estávamos caminhando quando avistei três homens vindo em nossa direção, era Ênio Gambini, o filho do Don, acompanhado de dois dos capangas do pai.

Mônica interrompeu a narrativa pedindo um pouco de água ao filho, Giovanni ansiava pela verdade e não perdeu tempo fazendo mais perguntas, serviu a água e ajudou a mãe a beber. Com extrema dificuldade, ela sorveu o líquido e prosseguiu o relato.

- A princípio, pensei que só estavam de passagem, mas ao se aproximarem, percebi que o rapaz estava completamente bêbado, eu queria ir embora, mas Gabriel insistiu em ficar, disse que se recusava em sair por causa do filho de um bandido. Quando chegaram mais perto, Ênio veio até mim disse coisas obscenas ao meu respeito, o hálito de álcool me causou enjoo e cobri minha boca e nariz com as mãos. Gabriel ficou furioso e se colocou à minha frente empurrando o rapaz que, completamente embriagado, caiu no chão. Tudo aconteceu tão rápido, e eu não pude fazer nada. Os capangas partiram pra cima dele com socos e pontapés, arrastando-o pra longe de mim.

- Pegue isso. - Disse Giovanni, oferecendo um lenço à mãe, que chorava incessantemente e, sem fôlego, mal conseguia falar.

Após recuperar o fôlego e bebericar mais uma pequena porção da

água, ela continuou:

- Quando tentei ajudá-lo, Ênio já havia se levantado e me agarrou pelos braços, tentando me beijar. Eu evitei a investida e o golpeei com o joelho, mas apesar de bêbado, ele era um homem forte e me deu um soco no rosto que me fez cair. No chão, com o rosto sangrando, fiquei vulnerável, e o desgraçado saltou sobre mim. Eu tentei me livrar dele, mas não consegui. Ele rasgou minhas roupas com violência, deixando marcas vermelhas por todo o meu corpo. Foi terrível, eu lutei o quanto pude, mas quando ele terminou eu já não tinha forças nem mesmo para me levantar. O bandido se levantou e me deixou jogada no chão, ferida, suja de sangue e terra. Olhei para o lado, e Gabriel estava lá. Os capangas o seguraram, obrigando ao pobre coitado a assistir enquanto aquele monstro me violentava.

Giovanni tinha os olhos cheios d'água e não tinha palavras diante da revelação tão arrebatadora.

- Mas não acaba aí. Ênio virou as costas e foi embora, seus capangas atiraram o corpo espancado de Gabriel ao meu lado. Ele ficou transtornado, apanhou a faca que guardava presa à bota e, da maneira que conseguiu, correu em direção ao desgraçado para apunhalá-lo. Antes que pudesse alcançar o miserável, um dos capangas sacou um revólver e disparou até não ter mais balas. Eu corri em sua direção, o segurei em meus braços e o vi morrer em questão de segundos. E você meu filho, é o fruto dessa violência. Por isso não consigo olhar para o seu rosto sem me lembrar daquele dia. Por isso nunca fui capaz de te amar.

- Então, eu sou filho de Ênio Gambini, o filho do homem mais poderoso da Sicília. – Constatou o garoto, estupefato e ainda em lágrimas. – *Mama*, eu te perdoo, somos vítimas de uma mesma desgraça.

- Oh, meu filho! Que bom ouvir isso, agora posso morrer tranquila, sabendo que não deixei mentiras para trás.

- *Mama*, eu ainda não entendo uma coisa.

- Diga, filho.

- Por que você e o *papa* não se amam?

- Acho melhor você perguntar isso pra ele. Estou cansada, acho que vou dormir agora. – Disse fechando os olhos e baixando o tom da voz gradativamente.

- *Mama! Mama!* – Chamou o garoto.

Giovanni chamou a mãe e ela não respondeu, ele se levantou e a sacudiu pelos ombros, seu corpo amolecido não demonstrava reação. Em desespero, o menino sacudiu a mulher ainda com mais força. O corpo se manteve inerte. Sem sentir a respiração da mãe, repousou a cabeça sobre seu peito e constatou que o coração não batia mais. Mônica estava morta.

Sobre o corpo falecido da mãe, Giovanni chorou e lá permaneceu por horas até que o pai o encontrasse e soubesse do que acontecera. Carlo abraçou o filho, mas o garoto não correspondeu nem rejeitou, ele simplesmente não reagia a nada. O homem tomou todas as providências necessárias e naquela mesma noite o corpo de Mônica era velado na sala do humilde casebre.

Com um terno surrado, emprestado com um vizinho, Giovanni

ficou ao lado da mãe até o último momento. Quando os homens carregaram o caixão, apesar de não ter condições físicas para ajudar, o menino seguiu a romaria até o cemitério, sempre ao lado do caixão onde Mônica repousava.

Durante o enterro, o garoto permaneceu calado, sua expressão de tristeza era dura e ele não mais chorava, toda sua dor e melancolia estavam presas, contidas em seu coração e, apesar do luto, o menino esperava por respostas e não descansaria até obtê-las.

Findada a cerimônia, o coveiro cobriu o caixão com terra, selando a cova. Giovanni e o pai caminharam até chegar em casa. No caminho, Carlo tentou conversar com o filho, amenizar a dor que ele sentia, mas o homem não fazia ideia do que a mãe lhe contara e todas as perguntas que circundavam sua mente.

Ao chegarem em casa, Carlo foi até a cozinha e, abrindo a cortina sob a pia, apanhou uma velha garrafa de vinho barato, guardada para ocasiões especiais. Mas antes que pudesse abrir a bebida, foi interpelado pelo filho, que rompera o silêncio com uma pergunta simples e direta.

- Porque se casaram?

- Desculpe filho, eu não entendi. - Respondeu surpreso.

- Eu perguntei por que você se casou com a *mama*! - Reforçou incisivo.

- Mas que tipo de pergunta é essa?

- Só responda, *papa*. Por favor.

- Ora, eu sua mãe nos casamos por que nos amávamos. Por qual outro motivo as pessoas se casam?

- Não minta para mim, eu sei o que houve. Antes de morrer ela me contou sobre o que o filho do Don fez. E quando perguntei por que vocês não se amavam, ele disse que te perguntasse. Depois disso, ela fechou os olhos e se foi.

Carlo perdeu a fala por um breve momento, não esperava por aquilo e demorou alguns minutos para digerir a situação. O homem se levantou e andou pela casa, caminhando em círculos entre a mobília gasta. Vez ou outra, ensaiava uma fala, mas as palavras simplesmente não saíam.

- Me diga a verdade! Eu tenho o direito! - Protestou o garoto, contendo o choro.

- Como ela foi capaz? Não podia ter feito isso! - Enquanto falava, Carlo fitava o nada, seu semblante era de uma absurda perplexidade.

O garoto se aproximou do pai, não pediu mais por respostas, simplesmente se calou, porém seu olhar dizia exatamente o que queria, e não havia mais como adiar aquela conversa. Carlo olhou para o filho com tristeza, tentou abraçá-lo, mas ele se esquivou rejeitando o gesto. O homem respirou fundo e reuniu toda sua força e coragem para dar ao filho o que ele exigia. Começou a falar.

- Pois bem, acho que não tenho opção. Vou contar tudo que deseje saber. - Disse Carlo, fazendo uma pausa e enchendo os pulmões de ar. - Ênio, seu pai biológico, e eu éramos muito próximos, quando descobrimos que Mônica estava grávida, e sabendo que ela era virgem antes do ocorrido, tínhamos certeza

que ele era o pai. Mas Don Gambini jamais poderia saber disso, pois considerava desprezível um homem que usava a força para ter uma mulher. Então ele me pediu que assumisse a paternidade da criança e me casasse com sua mãe.

- E você fez tudo isso por um amigo?

- Como eu disse, éramos muito próximos. No começo, sua mãe não gostou da ideia, mas como ela não havia contado aos pais sobre o que havia acontecido, me apresentei aos seus avós como pai da criança, assim, Mônica não teve opção e nos casamos antes de você nascer.

- Como pôde fazer isso? - Inquiriu Giovanni, em cólera. - Você protegeu o homem que acabou com a vida da minha mãe. Minha vida até hoje foi uma grande mentira. E tudo isso por causa de um homem ruim. Por que você fez isso? Como teve coragem?

- Você não entende, tem coisas que não podemos escolher, são mais fortes que a razão.

- O que é tão forte que faz uma pessoa destruir a vida de outra assim? Eu não entendo e nunca vou entender. - Chorando ele concluiu e deu as costas para Carlo. O homem o seguiu tentando se explicar.

- Me perdoe filho. Mas tem coisas que não dá pra explicar, e você ainda não é capaz de entender.

- Tente, ao menos tente, por que tudo o que disse até agora só mostra que você é tão ruim quanto o homem que engravidou minha mãe à força. - Bradou, inflado de rancor.

- O problema é que esse homem ruim do qual você fala. - Interrompeu a fala, contendo as lágrimas com os dedos.

- Me diga, o que tem aquele homem?

- Aquele homem. - Inspirou o ar com força. - Aquele homem é o homem que eu amo.

A criança gelou perplexa, depois de tantas revelações, essa era a última coisa que esperava ouvir. Imobilizada, sua mente infantil processou o novo fato com dificuldade. Num primeiro momento, não compreendeu exatamente o que aquilo significava, mas aos poucos as ideias se formaram com mais clareza em seu consciente. Giovanni era apenas um menino e não conhecia muito da vida nem dos sentimentos dos adultos, mas lembrou de já ter ouvido, pela janela, sobre um rapaz que se deitava com outro homem. As mulheres que mexericavam na casa ao lado chamavam o sujeito de nomes como depravado, pervertido e transviado. Até aquele momento, o garoto não relacionava a conduta do rapaz transviado com qualquer tipo de sentimento romântico.

Após alguns minutos de paralisia total, Carlo tentou dizer algo ao garoto, mas Giovanni virou as costas e saiu correndo. O pai não o seguiu, sabia que o menino precisava de um bom tempo para digerir tantas revelações.

Durante cerca de duas horas, Giovanni correu. Como se estivesse sendo caçado, ele correu até chegar ao centro da pequena cidade onde vivia. As ruas estreitas de terra batida se entrelaçavam como uma teia em volta da praça principal. Era um domingo e todos os pequenos comércios estavam fechados. Num beco, entre um bar e uma alfaiataria, o garoto se escondeu, sentando no chão segundos antes de a chuva começar a cair do firmamento. Sob a queda

d'água o menino chorou por algumas horas até finalmente adormecer.

Na manhã seguinte, despertou por volta das nove da manhã. De tão forte, o brilho ofuscante do sol era quase insuportável. Num ímpeto de ódio e revolta, Giovanni se ergueu e rumou com destino à Grande Casa.

A Grande Casa ficava há uns dois quilômetros da praça central. A majestosa construção era rodeada por uma grande extensão de terra desértica e cercada por um alto muro de pedra, formando um círculo. Era a casa mais luxuosa da cidade e, por segurança, não havia construções vizinhas. O vazio em ambos os lados do muro garantia a visibilidade de um invasor a quilômetros de distância.

Quando avistou a muralha de longe, Giovanni apertou o passo e correu como nunca. Apesar de recuperado, seus pulmões sentiram o esforço e o ar lhe faltou ocasionalmente, o que não o impediu de prosseguir. A cinquenta metros do portão, percebeu dois homens guardando a entrada, ambos armados e atentos. Um deles era alto e moreno, ombros largos e porte de atleta. O outro era mais baixo e menos atlético, o abdômen arredondado e avantajado denunciava sua forma física indesejável. Os dois vestiam camisas claras de linho e calças marrom escuro, que findavam se escondendo no cano das botas pretas de couro.

- Olha ali, tem um garoto vindo pra cá. – Constatou um dos homens, levantando a espingarda e apontando para a criança.

- Saia daqui, pivete. Não vai encontrar esmolas por aqui. – Advertiu o gordo, empunhando sua arma igualmente ao colega.

Com o esforço da corrida, Giovanni não conseguia falar. Com as mãos apoiadas sobre os joelhos, levemente arqueados, ele respirava ofegante. O som de sua boca, tentando capturar oxigênio e levar aos pulmões, causou estranhamento nos capangas.

- Está se sentindo mal? Não vá morrer aqui na porta. Suma logo daqui antes que leve um tiro. – Avisou o mais alto, olhando eventualmente para o companheiro, sem saber exatamente como proceder.

Os dois homens insistiam em enxotar o garoto quando ele, ainda ofegante, informou o motivo de sua presença.

- Desejo falar com Don Gambini.

- E o que um mendigo imundo poderia ter a conversar com o Don? – Disse um deles.

- Por favor, é importante! – Insistiu o menino.

- Então me diga e transmitirei seu recado, o Don é um homem ocupado e não tem tempo para receber qualquer um em sua casa.

- Preciso falar pessoalmente com o Don! – Retrucou o garoto, com atrevimento.

Os capangas riram da audácia do pequeno e o homem gordo respondeu com sarcasmo à sua exigência.

- Sim, você precisa. E eu preciso de uma mulher nova, no entanto, toda vez que chego em casa encontro a mesma velha gorda me esperando. – Zombou o baixinho.

Os dois homens se desfaleceram de tanto rir. Por cerca de dois minutos, os capangas apenas olhavam para Giovanni e escarneciam do garoto. O

deleite dos dois cessou quando, de forma demasiadamente impulsiva, o menino levantou a voz, chamando-lhe a atenção.

- Seu gordo inútil, chame logo seu chefe. Você parece tão burro que nem mesmo se eu fizesse um desenho seria capaz de transmitir um recado. – Disparou.

O atrevimento do pequeno deixou o homem furioso, ele praguejou palavras, insultando toda a árvore genealógica do menino, depois disparou alguns tiros próximos a seus pés, fazendo Giovanni saltar e levantando uma porção de poeira. Esperando que o garoto se assustasse e corresse, o homem se assombrou quando ele, topetudo, insistiu.

- Você entendeu o que eu disse ou vai ser necessário um desenho colorido para te fazer compreender? – Retrucou.

- Eu vou matá-lo. Pivete desgraçado! – Berrou enfurecido.

O homenzinho tinha a arma de fogo nas mãos e estava disposto a balar Giovanni. Seus olhos transbordavam ira. Com o dedo posicionado no gatilho, ele mirou no peito da criança. Quando o cão recuou, um grito de ordem impediu o disparo fatídico.

- Pare! – Ordenou o homem que vinha da mansão. – Pare já com isso e me digam que desordem é essa nos portões de minha casa.

O patriarca se aproximou a passos calmos e curtos. Don Gambini era um homem de aparência ordinária, um metro e setenta de altura, ligeiramente gordo. Já passava dos setenta e caminhava com auxílio de uma bengala, nem por isso deixava de ser uma figura imponente e intimidadora. As vestes eram simples e não ostentavam a riqueza de seu império, camisa e calças de tonalidade clara e nos pés uma sandália com tiras de couro. No canto da boca carregava um charuto, com uma boa porção de cinzas equilibrada na ponta.

O rosto do sujeito era redondo e a expressão dura. Abaixo do nariz um volumoso e grisalho bigode lhe ornava o rosto. Os cabelos eram ralos e deixavam exposta parte do couro cabeludo. Na presença do Don, os capangas baixaram suas cabeças recolheram suas armas, demonstrando respeito e temor.

- Alguém pode me dizer que Diabos está acontecendo aqui. - Inquiriu o patrão.

- Esse garoto aqui fora, disse que queria conversar com o senhor, e está nos ofendendo. Pivete atrevido. - Explicou o baixinho.

Don Gambini caminhou até as grades do portão e fitou o garoto, analisando calmamente a criança. Giovanni ainda trajava o terno emprestado que usara no sepultamento da mãe, porém agora as roupas estavam sujas e amassadas, dando ao menino a aparência de um mendigo.

- Você tem coragem. - Disse o chefão, soltando uma baforada de fumaça em direção a Giovanni. - Estúpido, mas com coragem, vai ter sua chance. Então diga, garoto. O que tem a me dizer de tão importante que o fez desafiar dois homens armados?

- Estou aqui pra contar a verdade sobre seu filho, Ênio. – Respondeu o pequeno, surpreendendo.

- E quem é você pra me dizer alguma coisa que eu ainda não saiba? – Rebateu o Don.

- Eu sou seu neto.

- Acho que se enganou de casa, garoto. Eu conheço muito bem cada um de meus netos, e você não é um deles.

- Se me deixar entrar, saberá toda a verdade, e o porquê de ter um neto que não conhece. – Argumentou o menino, com perspicácia.

O homem parou por um momento e analisou a situação, sem tirar os olhos de cima da criança. Movido pela curiosidade de saber o que o garoto tinha a dizer ele deu a ordem:

- Deixe-o entrar.

Os capangas obedeceram com relutância. Não gostavam da atitude do patrão, mas não tinham opção, a palavra do Don era lei. Giovanni entrou e Gambini o levou para dentro da casa, lhe ofereceu um refresco e deixou que o menino falasse. O pequeno bebeu o suco afobado, estava há horas sem ingerir líquido e o pulmão doía pelo esforço que fizera. E ele falou.

Giovanni contou toda a história que ouvira de sua mãe e mais tarde de Carlo. Num primeiro momento, o homem não acreditou na história do garoto e o chamou de mentiroso, ameaçando a expulsá-lo e dar liberdade para que seus homens concluíssem o trabalho que interrompera. Mas o menino insistiu e não se deu por vencido até plantar uma semente de dúvida na mente do patriarca.

O chefe do crime conhecia bem seu filho caçula, e sabia que era um desajustado, vivia bêbado em orgias intermináveis, nunca se interessou pelo negócio da família, apesar de desfrutar com gosto da riqueza proporcionada por ele. Don Gambini sabia que o filho não era um homem de caráter, mas não imaginava Ênio como um estuprador, muito menos que ele mantivesse um relacionamento homossexual. Ele então chamou o filho e resolveu confrontá-lo e ali mesmo, na frente do garoto, levantou toda a questão trazida por Giovanni.

Ênio escondeu a verdade do pai, pois já sabia como o velho iria reagir, e não pretendia assumir o que fizera, jamais. O caçula mentiu, negando cada uma das acusações, mas apesar de ser um canalha, o jovem era um descerebrado e não tinha capacidade de enganar o pai. O Don leu nos olhos do rapaz a mentira e lhe desferiu um sonoro bofetão no rosto, deixando uma marca vermelha sobre a pele.

O pai chamou dois de seus homens e ordenou que buscassem Carlo e o trouxessem até ele, depois se sentou e chorou. Chorava não somente pela verdade que a pouco conhecera, mas, principalmente, pelo que estava prestes a fazer.

Cerca de uma hora mais tarde, os dois homens voltaram trazendo Carlo Mancini. O pobre coitado tinha o rosto deformado pelas pancadas e manchas vermelhas nas roupas, causadas por seu próprio sangue. Quando viu seu pai de criação, Giovanni sentiu o coração disparar, mas se conteve, mantendo a expressão fria no rosto. Carlo só entendera o que ocorria ao ver o filho sentado no sofá, ao lado do Don.

- Espere aqui, garoto. – Recomendou Don Gambini, em tom autoritário.

Giovanni aguardou quieto. Dois minutos mais tarde, se assustou ao ouvir dois disparos. O menino gelou ao som dos tiros que vinham de fora da casa,

ameaçou se levantar para ver o que ocorreria, mas antes que pudesse mover um músculo, o velho Gambini voltou à casa, intimando o garoto a acompanhá-lo.

O homem caminhou pela casa até chegar a um quarto fechado. Ele abriu a porta e o aposento que se revelou era mais amplo que o casebre onde Giovanni morava. O menino observou quieto, sem entender o porquê de estar ali. A dúvida foi sanada pelas palavras do avô.

- Esse é seu novo quarto, filho. Pode tirar o que não lhe servir.

Giovanni ficou pasmo com o tamanho do lugar, e ainda mais surpreso pela acolhida do avô, afinal, ele era apenas um bastardo de um filho que acabara de ser morto pelo próprio pai. A partir daí, a vida do menino foi virada do avesso. Na mansão dos Gambini, ele tinha do bom e do melhor, vinte quatro horas por dia. O velho não tinha nenhum outro neto morando com ele, assim, o tratamento que recebeu foi extremamente especial.

Algumas semanas se passaram, o velho Gambini estava feliz como nunca e cada vez mais apegado ao garoto. Porém, Giovanni não se sentia satisfeito, a imagem de Carlo ensanguentado sendo arrastado pelos dois brutamontes não lhe saía da cabeça. Apesar de todas as mentiras, o homem fora um bom pai, carinhoso e presente. O menino se sentia culpado pela morte do pai.

Não suportando o remorso, o pequeno Giovanni conseguiu driblar os capangas que guardavam a mansão e fugiu. Don Gambini mobilizou todos os seus homens em busca do garoto, mas ele era muito esperto e conseguiu se esconder, e quando a poeira ~~abaixou~~ deixou a cidade. Durante alguns meses seguiu como um andarilho morador de rua, sempre discreto para não ser descoberto. Sua trajetória se interrompeu, quando alcançou um porto de onde sairia um grande navio levando imigrantes para os Estados Unidos, italianos em condição de miséria que buscavam uma vida melhor no continente americano.

Com seu tamanho miúdo, não foi difícil se infiltrar na embarcação, assim, como clandestino, o pequeno Giovanni deixou a Itália rumo a uma nova vida.

A viagem durou três meses e, como era clandestino, o menino se alimentava dos restos de outros viajantes, ou da caridade de alguns compatriotas que se dispunham a dividir o alimento com o pequeno. No desembarque, todos os passageiros deviam ser registrados, de acordo com a lista de embarque. Sozinho e clandestino, ele logo deu seu jeito de passar pela inspeção e adentrou no território estadunidense sem grandes problemas.

No princípio, as dificuldades foram enormes, uma criança sozinha num território desconhecido, sem conhecer a língua local. O garoto passou fome, frio e solidão. Mas Giovanni não era do tipo que desistia ou se dava por vencido. O menino era inteligente e aprendia rápido, observando outros pivetes da sua faixa de idade, rapidamente descobriu como descolar alguns trocados para não morrer de fome. Mesmo sem fluência no idioma, ele guardou algumas palavras que podia usar para garantir seu ganha-pão. Juntou parte do dinheiro que conseguira com esmola e comprou de outro garoto um velho e surrado equipamento de engraxate. Bastava a palavra "graxa", para que certas pessoas lhe dessem alguns centavos de dólar em troca de uma demão de graxa nos sapatos seguida de uma lustrada rápida.

Como observador que era, aprendeu rápido a identificar os melhores clientes, e sabendo a quem abordar, faturava o dobro que os outros garotos, trabalhando metade do tempo que eles. Seguindo os conselhos do Pai, o menino separava uma parte de tudo que ganhava, afinal, não pretendia engraxar sapatos para sempre. Ele tinha um plano maior para sua vida, e faria o que fosse necessário para concretizá-lo.

Giovanni sempre mudava seu local de atuação, nunca trabalhando mais que algumas horas no mesmo lugar, assim, evitava encontrar seus clientes que voltavam a sua procura com queixas de terem perdido carteiras, relógios e dinheiro. No ritmo em que acumulava economias, não demorou que mudasse o ramo de sua atividade.

Com o dinheiro que guardara, Giovanni adquiriu mercadorias das mais variadas, tecidos, talheres, roupas, bijuterias, chapéus e todo tipo de quinquilharia que se possa imaginar. De porta em porta, oferecia seus produtos às donas de casa que guardavam o lar enquanto os maridos trabalhavam. Com sua habilidade para ler as pessoas, persuadia sem dificuldades jovens senhoras a comprarem itens que, na maioria das vezes, não precisavam, e por um preço deveras superior ao de qualquer outro vendedor.

O trabalho como mascate lhe proporcionou um teto, numa pensão humilde, mas que comparado às noites em becos e bancos de praça lhe parecia um cinco estrelas. Foi lá que conheceu Rocco, um encontro determinante no traçado de seu destino.

Rocco era um jovem italo-americano de dezenove anos, nascera nos Estados Unidos, mas seus pais eram italianos. O rapaz havia perdido os pais há cerca de um ano. Sua mãe engravidara tardiamente aos trinta e nove anos e o parto fragilizou sua saúde, seu pai era dez anos mais velho que a esposa, e foi consumido pela tristeza quatro semanas após a morte da mulher.

O primeiro encontro entre Rocco e Giovanni foi numa madrugada de sábado para domingo. A dona da pensão era uma senhora de idade entre sessenta e setenta anos. A mulher era religiosa e rígida, as portas eram trancadas rigorosamente as vinte duas horas, todos os dias, quem não entrasse passava a noite do lado de fora. Rocco era um boêmio e virava as noites se divertindo em bordéis e casas de jogos clandestinos.

Naquela noite, Giovanni acordou com o som de batidas em sua janela. O garoto se levantou letárgico e caminhou até a janela, onde viu a imagem desfocada de um homem esmurando o vidro, insistente. Esfregou os olhos clareando a visão e percebeu que o jovem pendurado no parapeito movia os lábios, concluiu que tentava falar algo, apesar de não poder ouvir um ruído do que dizia.

Temeroso, Giovanni abriu uma pequena fresta para ouvir o que o estranho empoleirado na janela do terceiro andar tentava lhe dizer.

- Deixe-me entrar. – Pediu o rapaz. – Estou no quarto ao lado, mas a senhoria trancou minha janela.

- Como sei que você não é um bandido tentando me roubar? – Refutou o garoto.

- Vai dizer que nunca me viu na pensão? Eu moro aqui há meses.

Além do mais, o que há para roubar nesse quarto? Para que eu iria querer essas quinquilharias? – Argumentou Rocco. – Vamos, abra logo! Estou morrendo de frio aqui fora.

Giovanni ponderou por um momento, se convenceu que o rapaz dizia a verdade e abriu a janela, deixando-o entrar. O boêmio ajeitou sua roupa, agradecendo com um sorriso e uma piscadela com um dos olhos. Seus trajes eram elegantes, um terno azul escuro de tecido refinado e corte alinhado, os sapatos pretos refletiam a luz do luar, um lenço azul claro no bolso do paletó completava a indumentária. O rosto, de expressão alegre, era claro, olhos azuis brilhantes e um fino bigode, cuidadosamente aparado. Os cabelos besuntados de brilhantina se mantinham impecáveis, mesmo após a escalada.

- Até mais, pequeno. – Despediu-se, deixando-o sozinho novamente.

Meio confuso e ainda vagaroso pelo sono, o menino se deitou e voltou a dormir. Na manhã do domingo, os dois se encontraram novamente durante o café da manhã. Giovanni já estava comendo quando Rocco se sentou à mesa, cumprimentando-o com uma piscada de olho, o garoto respondeu acenando com a cabeça. Rocco puxou conversa perguntando coisas como *de onde você veio, como chegou à América*. O passado de Giovanni não era algo que gostava de lembrar, então ele foi evasivo ao extremo.

O jovem iria a uma festa e chamou o garoto para ir com ele. Giovanni tinha apenas quinze anos e, desde que chegara aos Estados Unidos, não houve espaço em sua vida para diversão, pensando nisso, o garoto decidiu aceitar o convite.

Quando a noite chegou, Rocco bateu à porta de Giovanni pra que pudessem sair. O garoto estava pronto, vestiu sua melhor roupa, o que significava que estava um maltrapilho perto da elegância de seu novo amigo, apesar disso, o rapaz nada disse a respeito. Chegando à tal festa, Giovanni percebeu que estavam numa espécie de bordel, o garoto se espantou com o ambiente no qual adentrara, nunca tinha estado com uma mulher e ficou acanhado ao ver mulheres seminuas se enroscando com homens nas cadeiras.

Rocco era cumprimentado por todos, *ele deve vir bastante aqui*, pensou Giovanni. O rapaz logo apanhou duas mulheres e subiu as escadas até o segundo pavimento, onde ficavam os quartos. Entrou por uma porta com uma delas, deixando Giovanni sozinho com a outra. O garoto não sabia o que fazer, então simplesmente se calou sem ação. Porém, a mulher não era do tipo tímida, e sabia exatamente o que fazer, levou-o para o outro quarto e nesse dia Giovanni esteve pela primeira vez com uma mulher.

Depois da visita ao bordel, Rocco e Giovanni passaram a estar sempre juntos, quase todas as noites se enroscavam na zona boêmia de Nova Iorque, passando pelos mais diversos locais. O menino estava se tornando um homem, aprendeu a beber, a falar com as mulheres e, como era menor, a se esconder da polícia em eventuais batidas.

Giovanni continuava com seu trabalho de mascate durante o dia, período no qual não tinha sinal de onde Rocco estava. Apesar de sua fluência verbal, o jovem nunca falava sobre seu trabalho, mas, pelas roupas que vestia e

pelos locais que frequentava, estava sempre com a carteira cheia.

Certo dia, Rocco procurou o amigo enquanto ele trabalhava, dizendo que estava encrencado e precisava de sua ajuda. Ele havia perdido uma grande quantia em dinheiro num jogo clandestino de pôquer e tinha dois dias para quitar o débito, caso contrário, pagaria com a vida. O rapaz sabia do trabalho de Giovanni e já tinha um plano em mente. Com sua fala macia e vocabulário rebuscado, tentou convencer o garoto a apanhar escondido as chaves das casas de algumas clientes selecionadas, bastaria dar-lhe as chaves que Rocco cuidaria do resto.

O menino relutou até que Rocco lhe atçou, mostrando o quanto ele poderia lucrar com a ação. Era mais do que ele faturava num mês inteiro de trabalho em apenas uma noite, tudo isso por meia dúzia de chaves. A ganância falou mais alto e Giovanni aceitou a proposta.

Não foi difícil conseguir as chaves das clientes, com certeza elas tinham cópias e nem desconfiariam de que ele pegara as chaves de suas casas. Rocco sumiu por três dias, Giovanni pensou que ele havia fugido após o furto. Porém, o rapaz cumpriu sua promessa e retornou com um gordo pacote de notas para o amigo.

No dia seguinte, Giovanni voltou ao trabalho, mas não se conformava em ganhar tão pouco num dia inteiro de trabalho, não depois da grana alta que havia conseguido no furto o qual participara. Ele procurou Rocco e disse que queria fazer de novo. O amigo lhe contou como vivia, Giovanni se decepcionou ao descobrir que o rapaz era um mero batedor de carteiras, e que a ideia do roubo havia partido de um terceiro.

Rocco sugeriu que procurassem o homem que lhe ajudara com o furto, mas Giovanni não queria mais um pra dividir a grana que pretendia ganhar. Como era bastante inteligente, armou seu próprio esquema.

- Você tem uma pistola? – Perguntou Giovanni.

- Claro que não, eu bato carteiras, não preciso de uma arma pra isso. – Surpreendeu-se Rocco.

- Pode conseguir dois revólveres?

- Acho que sei de alguém que pode ~~me~~ descolar isso.

- Arranje isso para nós e conversaremos. Vamos fazer dinheiro, amigo.

Demorou sete dias para conseguir as armas. Quando Rocco voltou a procurar o amigo, ele já havia elaborado um sofisticado plano para roubar um grande carregamento. No quarto da pensão, não havia mais o material de trabalho de mascate, no lugar dele, muitos papéis espalhados por todos os cantos. Giovanni havia estudado os dias e horários de entrega de mercadorias, o policiamento local e o tipo de carga levada em cada um dos horários. Constatou que em oito dias haveria uma grande entrega de bebidas durante a madrugada. O local era ermo e não havia policiamento. O caminhão viria apenas com o motorista, não seria difícil para os dois rendê-lo e levar a carga embora. Era perfeito.

- Você sabe usar essa coisa? - Perguntou Rocco.

- Não se preocupe, só precisamos apontar, não vamos disparar

nenhuma bala. - Tranquilizou Giovanni.

No dia da ação, os dois jovens se vestiram com trajes negros, luvas de couro e máscaras de lã, somente os olhos estavam à mostra. No local onde ocorreria a investida, os dois esperaram até a hora prevista, a dois quarteirões do local de desembarque. Faltando cerca de dois minutos para a chegada da carga, Giovanni orientou o amigo a se deitar no chão ao centro da rua. Escolheram o local onde havia vários postes, garantindo que a isca seria notada a tempo de o caminhão parar. Giovanni se escondeu num beco e esperou.

O barulho do motor antecedeu o surgimento dos faróis. Em alerta, Rocco levantou a cabeça para averiguar e Giovanni gritou para que se mantivesse quieto, ele obedeceu sem reclamar. A cerca de cem metros do rapaz estirado sobre a via, o caminhão notou o corpo e reduziu, estacionando a poucos metros do jovem. O motorista abriu a porta e desceu do caminhão, antes que seu pé tocasse o chão sentiu o cano gelado da pistola a lhe pressionar à nuca.

- Desça devagar e não tente nada, tudo vai terminar bem rápido. - Instruiu o pequeno mascarado. - Pode se levantar. - Completou, agora se dirigindo ao amigo deitado.

Rocco se levantou e juntou-se ao amigo. O rapaz segurava o revólver na altura do ombro e apontava para o motorista. A mira bailava em movimentos repetidos, causados pela tremedeira de suas mãos. Giovanni orientou o companheiro a buscar a corda que deixara no beco, enquanto mantinha o homem sob a ameaça da arma, Rocco amarrou suas mãos e pés, prendendo-o a um poste. Para completar, Giovanni amordaçou a vítima, impedindo-a de chamar por socorro, pelo menos até que estivessem bem longe dali.

Giovanni não sabia guiar o veículo e delegou a função ao cúmplice. Subiram no caminhão e partiram pela via em velocidade moderada, não podiam levantar suspeitas até estarem em segurança. Rocco não sabia que direção tomar, mas o amigo tinha tudo sob controle e indicou a trajetória. Levaram a carga para um galpão abandonado, descarregaram as caixas de bebida, se livraram do caminhão e foram pra casa antes do amanhecer.

No dia seguinte, Giovanni contou ao colega como venderiam a carga, o garoto já havia contactado uma série de estabelecimentos que, ao receberem a proposta de adquirir a mercadoria por metade do preço, não se importaram em conhecer a procedência. Em uma semana despacharam toda a carga roubada. Com a quantia arrecadada, poderiam viver bem durante meses, porém, Giovanni, alvoroçado pelo sucesso da investida, queria mais.

Nas semanas que se seguiram, realizaram mais quatro roubos, nos mesmos moldes do primeiro, em diferentes regiões da cidade. Não demorou para que a ação dos dois jovens chamasse atenção e colocasse em alerta o comando do crime na região.

Giovanni e Rocco caminhavam pelas ruas da cidade numa tarde comum. O mais velho estava alinhado como de costume, e o menor renovara totalmente seu vestiário, e agora se vestia com grande elegância. Tal qual o amigo, trajava um belíssimo terno feito sob medida, de corte refinado, ajustado ao corpo e sapatos brilhantes e bem lustrados.

Os dois iam em direção a um bar quando foram interpelados por dois homens altos, de ternos escuros e feição mal encarada.

- Com licença. Os cavalheiros podem me acompanhar, por favor? Nosso chefe gostaria de conversar com os senhores. - Anunciou um deles.

- Quem são vocês? - Indagou Giovanni, diante da surpresa.

- Trabalhamos para Marco Montani, e ele gostaria de vê-los, agora. - Respondeu o segundo homem, abrindo parcialmente o paletó e deixando aparecer o revólver preso à cintura.

Pegos de surpresa, os dois rapazes acataram o pedido. Nunca haviam disparado suas pistolas e nem mesmo as traziam consigo, nada podiam fazer a não ser acompanhar os dois homens. Rocco suava de medo e tentava esconder o tremor das mãos colocando-as nos bolsos. Giovanni balbuciava algo para acalmá-lo, mas com o nervosismo, o rapaz foi incapaz de ler as palavras nos lábios do companheiro.

Entraram no carro dos sujeitos e seguiram por sete quarteirões até alcançar o destino. Pararam em frente a um prédio antigo, no qual foram convidados a entrar. Giovanni antecipou-se e entrou primeiro, seguido por Rocco e pelos dois homens. Seguiram por um corredor precariamente iluminado, que culminava numa porta. Após da porta, uma extensa e estreita escada levava ao subsolo. Os rapazes cessaram a marcha por um momento, temendo o que encontrariam lá embaixo, mas foram motivados a prosseguir quando um dos homens abriu o paletó novamente, mostrando o brilhante e reluzente revólver na cintura.

Apreensivos, os jovens desceram as escadas a passos lentos, Giovanni se manteve na frente, a cabeça erguida e o corpo ereto eram típicos de alguém que acreditava estar no controle da situação, mas, apesar de sua perspicácia, não imaginava o que lhes esperava, teria que improvisar de acordo com a situação.

Ao avançarem o último degrau da escada, atingiram um salão onde a escuridão era total, por alguns longos segundos, pensaram que seriam mortos ou coisa pior. A agonia se reduziu quando um canhão de luz foi aceso, iluminando suas faces e tomando todo seu campo de visão por um forte clarão.

- Por favor, sentem-se cavalheiros. - Convidou uma voz grave e imponente. Não dava para ver o emissor da mensagem, mas Giovanni notou que o som vinha da mesma direção que a luz.

Os dois se sentaram em duas cadeiras de madeira já posicionadas, a luz diminuiu sua intensidade, cessando o incômodo nos olhos. Na penumbra que se formara, puderam perceber o homem que os convidara para sentar. Era um homem grande, de ombros largos, fumava um grande charuto e tinha um rosto de formato quadrado. Suas feições não estavam visíveis em virtude das sombras.

- É um prazer conhecê-lo, senhor Montani. - Antecipou-se Giovanni. Já ouvira falar sobre o homem, e concluiu que era ele sentado na poltrona à sua frente.

Marco Montani comandava uma grande porção da cidade de Nova Iorque, tendo controle sobre toda a atividade referente a jogos, prostituição, comércio, agiotagem e tráfico de drogas. O homem era um italiano tradicional,

natural de uma remota região da Sicília.

- Muito bem, rapaz. Se você sabe quem sou eu, provavelmente sabe que um quarto dessa cidade pertence a mim.

- Sim senhor, sabemos disso. – Respondeu Giovanni.

- Se sabem disso, porque estão roubando cargas na minha região?

- Não queríamos interferir nos seus negócios, senhor Montani. Nós respeitamos sua autoridade. – Estava surpreso por ter sido descoberto, apesar de todas as precauções que tomou, mas com seu raciocínio ágil respondeu de bate pronto.

- Você respeita? Roubando um caminhão por semana, debaixo do meu nariz, sem trazer ao meu conhecimento? Eu acho que não. Sempre fui um homem muito bondoso, e essa é a única razão de ainda estarem vivos. É justamente por isso que lhes darei uma chance de continuarem vivos, vou lhes dar vinte e quatro horas para trazerem a mim trinta por cento de tudo que conseguiram com os roubos.

- Sinto muito senhor, mas não podemos fazer isso.

- O que disse garoto? – Surpreso, Montani elevou a voz e se levantou, caminhando em direção aos rapazes.

- Perdoe-me, senhor Montani. Mas não podemos. Não temos mais o dinheiro, gastamos tudo.

- Não me importa o que fizeram com a grana. – Justapôs o rosto ao de Giovanni e soltou uma encofada baforada de fumaça. – O problema é de vocês, tragam o dinheiro e continuem vivos, não tragam e...

- Tenho uma proposta para lhe oferecer. – Interrompeu o garoto.

- Quem você pensa que é moleque? Não está em posição de negociar. Eu sou o soberano nessa cidade. Você mal saiu das fraldas e acha que pode falar de igual pra igual comigo?

- Queremos trabalhar para o senhor. – Continuou Giovanni, ignorando o que o homem dissera. Montani se surpreendeu e deixou que o garoto falasse. – Você sabe que não podemos conseguir o dinheiro a tempo, mas se nos der uma oportunidade, trabalharemos sem pagamento até quitarmos nosso débito, e depois disso, o senhor decide se continuamos como seus funcionários ou não.

Marco ponderou por alguns minutos, caminhando de um lado para o outro enquanto encarava os dois jovens. Giovanni devolvia os olhares, enquanto Rocco, mantinha a cabeça baixa durante todo o tempo.

- Você tem coragem garoto, tenho que admitir. – Confessou o criminoso. – Eu admiro isso num homem, vejo também que é inteligente, isso pode me ser útil, mas o seu amigo concorda com isso? O sujeito parece ter algum tipo de retardamento, que utilidade um retardado teria para mim?

- Meu amigo é um pouco tímido, mas muito leal e competente, tenho certeza que lhe será útil. – Argumentou o garoto. Rocco assentiu com um gesto de cabeça.

- Então está feito. Amanhã quero os dois no meu escritório assim que o sol nascer. Agora saiam logo da minha frente antes que eu mude de ideia.

Os jovens saíram correndo ao comando do chefe. Quando se

afastaram cerca de três quarteirões, Rocco finalmente conseguiu falar, o rapaz confessou ao amigo que seu pavor foi tanto que havia urinado nas roupas. Ao contrário do amigo, Giovanni se continha para não demonstrar sua euforia, ele queria crescer, e trabalhar para uma das grandes famílias de Nova Iorque era um grande passo.

Naquela noite, Giovanni não conseguiu dormir, estava ansioso para seu primeiro dia de trabalho, queria impressionar Montani, ganhar sua confiança. Seu objetivo era ser aceito como membro da família e para isso deveria demonstrar toda sua lealdade e competência. *Espero que Rocco não bote tudo a perder*, pensou.

Antes das cinco da manhã, Giovanni batia à porta do colega, depois da terceira batida, Rocco abriu a porta, não totalmente desperto. Enxergou o amigo entre a secreção que impedia abertura total dos olhos.

- O que faz aqui? Ainda é madrugada!

- Não podemos nos atrasar, dê um jeito nessa cara e vista sua melhor roupa, te espero lá embaixo em vinte minutos – Impôs Giovanni, trajando seu mais caro terno.

Trinta minutos mais tarde, Rocco descia as escadas, Giovanni o aguardava impaciente. Quando avistou o colega, não o deixou parar para o desjejum e puxou-o pelo braço, levando-o para a rua. Os primeiros raios do sol iluminavam as ruas quando os dois jovens já estavam na metade do caminho. Chegaram às portas do escritório de Montani antes das seis, bateram na porta, mas não havia ninguém, tiveram que esperar.

Após trinta e sete minutos de espera, um carro se aproximou e estacionou em frente ao local onde estavam. Era um veículo comprido, preto, a pintura rebatia a luz do sol até os jovens que aguardavam. Giovanni mantinha-se impecável, ele mesmo passara as roupas na noite anterior, os sapatos foram cuidadosamente engraxados e lustrados com máximo zelo. Já Rocco, se cansara de esperar, e estava sentado ao meio fio, o terno, vestido às pressas, estava ligeiramente desalinhado, os sapatos eram os mesmos que usara no dia anterior, o couro não brilhava, estava fosco e até um pouco empoeirado.

Giovanni cutucou o amigo com o pé para que se levantasse. Rocco se levantou, ajeitando, de maneira precária, o terno amarrado. Um homem desceu pela porta da frente do carro, abriu a porta traseira da qual saiu o chefe, Marco Montani. De pé ao lado do veículo, Montani fitou os garotos enquanto abotoava o paletó, caminhou até eles e falou:

- Pontualidade! Gosto disso, estão indo bem, minha vontade de matá-los já se reduziu pela metade. - Seguiu até a porta, dando uma ordem a um de seus soldados no carro. - Luciano, leve os garotos e passe o serviço a eles.

Giovanni acompanhou o homem prontamente, Rocco o seguiu receoso.

- Entrem no carro. - Disse Luciano, em tom autoritário.

- Esse brutamonte vai nos matar! - Cochichou ao amigo.

- Fique quieto e faça exatamente o que eu fizer. Entendeu? - Disse Giovanni, entrando no carro sem esperar uma resposta.

Luciano era um dos soldados mais antigos e esperava por uma

promoção, seu Don, Marco Montani, lhe prometera a função de *caporegime* assim que possível, teria seus próprios soldados e poderia explorar uma atividade por conta própria. Era um homem de poucas palavras, durante toda a viagem se manteve em silêncio total. Giovanni tentou puxar conversa, mas sem sucesso na investida.

Vinte minutos mais tarde, o carro parou em frente a um estabelecimento comercial, uma mercearia de aparência humilde. Na fachada, a pintura denunciava o efeito do tempo sobre a tinta, a porta de madeira conservava pouco do verniz original e os vidros tinham uma coloração amarelada, típico de materiais com longa data de existência. Luciano quebrou o longo período de silêncio para instruir os novatos.

- Estão vendo a mercearia? - Os rapazes assentiram com a cabeça. - O dono se chama Nino Montese, ele nos deve o pagamento pela proteção, está atrasado dois meses, vocês vão entrar e assustá-lo, tirem algum trocado do velho e digam que voltarão em dois dias para buscar o restante. Entenderam?

- Sim, claro. - Confirmou Giovanni. Rocco concordou em silêncio e os dois saíram do veículo.

- Mais uma coisa. - Chamou Luciano, os garotos se viraram e ele completou. - Não saiam dessa espelunca de mãos abanando.

Os garotos entraram. Enquanto esperava, Luciano acendeu um cigarro, inclinou levemente o assento do automóvel e observou o movimento. A um quarteirão de onde estava, notou que um policial caminhava em sua direção, fitou o vigilante até sua chegada à porta da mercearia, o homem esticou o braço para girar a maçaneta quando foi interrompido.

- Ei, senhor policial. - O homem se virou e abaixou a cabeça para ver quem o chamava de dentro daquele carro. - Pode se aproximar, por favor.

O agente, mastigando uma goma de mascar no canto da boca, se aproximou e, contemplando a placa de estacionamento proibido, debruçou-se sobre a janela aberta do automóvel. Ensaiou abrir a boca para advertir o cidadão, porém quando reconheceu Luciano, ele se calou. A família Montani era deveras poderosa, e seu braço alcançava grande parte dos órgãos oficiais, desde a força policial até o alto escalão do governo. O policial não estava na folha de pagamento de Montani, porém temia por sua vida, e sabia o quão violentos aqueles criminosos podiam ser. Com as batidas do coração aceleradas, não conseguiu emitir som algum.

- Meus homens estão tratando de negócios privados com o senhor Montese, que tal dar mais uma volta na quadra e voltar em uns dez minutos.

Aprensivo e assustado, o vigilante assentiu com a cabeça, apontando o polegar direito para cima. Luciano sorriu enquanto o homem seguiu acelerado pela calçada, tropeçando em uma lata de lixo logo em frente e seguindo atrapalhado até desaparecer na primeira esquina.

Antes que o cigarro chegasse ao fim, os rapazes saíram pela porta. Com a feição dura e impassível, Giovanni abriu a porta e se sentou ao lado de Luciano. Rocco se acomodou no banco de trás, encolhendo os ombros e baixando a cabeça.

- Qual parte os idiotas não entenderam sobre não voltar de mãos abanando. - Bradou o criminoso, irritado. - Será que... - Giovanni interrompeu o homem sacando um maço de notas do bolso do paletó.

Luciano se calou e tomou o pacote em suas mãos, correndo o polegar pelas notas, como quem manipula as cartas de um baralho, percebendo que ali não havia apenas alguns trocados, os garotos conseguiram receber todo o pagamento atrasado. Na primeira cédula, uma notável mancha de sangue. Ele esboçou um sorriso discreto e balançou a cabeça em aprovação.

- Muito bem, dessa vez me surpreenderam. - Destacou as duas notas manchadas de sangue e entregou a Giovanni, guardando o restante em seu bolso. - O que fizeram com o pobre Diabo?

- Não se preocupe, ele está bem. Bem o suficiente para no próximo mês pagar toda a quantia sem nos demandar esforço algum.

O homem se satisfez com resposta, ligou o carro e seguiu em frente sem fazer mais perguntas.

Naquele dia, os garotos recolheram o dinheiro da proteção em uma porção de estabelecimentos. Luciano apenas dirigiu e indicou os locais e nomes dos proprietários. A maioria deles, Rocco conhecia bem e, apesar do amigo controlar a situação, não era capaz de conter a vergonha diante dos comerciantes.

Ao fim do dia, Luciano tinha uma boa quantia de dinheiro no carro. Separou mais algumas notas e entregou aos garotos, deixando-os na pensão em seguida. Nos dias seguintes, a jornada se repetiu e depois de alguns meses, Giovanni já era uma figura conhecida na família, além de extorsões, já participava do sistema de distribuição de drogas e de pontos de apostas. Porém, os rapazes eram apenas associados, e não faziam parte da família. Giovanni queria mudar essa situação.

Depois de aproximadamente um ano trabalhando para os Montani, Giovanni era respeitado pelo chefe e, não raro, tinha acesso direto ao chefe da família. Numa dessas ocasiões, audacioso que era, Giovanni manifestou ao Don seu desejo de se tornar *homem feito*, ser efetivamente parte da família. Para um associado ser aceito como membro da família, fazia-se necessário cumprir uma série de exigências impostas pela organização.

Inicialmente, Don Montani recusou o pedido, o garoto tinha apenas dezesseis, e um menor de idade jamais havia sido iniciado anteriormente. Além do mais, mal fazia um ano que Giovanni começara a trabalhar para a família. A recusa o irritou em demasia, mas ele manteve o controle e demonstrou que entendia a posição do patriarca.

Mais doze meses se passaram, e Giovanni mantinha o desejo de integrar a família, porém, ele sabia que iniciativa tinha que partir do Don. O garoto já havia conquistado certa confiança de Montani, mas não o suficiente para ser iniciado. *Algo tem que acontecer para que ele me queira na família*, ele pensou.

Durante uma coleta de dinheiro nos comércios da cidade, ele teve uma epifania. Ao ver Luciano guardando no bolso do paletó um maço de notas, em sua mente, Giovanni visualizou o que seria um plano genial, todas as peças se

encaixavam perfeitamente e, ao final, ele receberia o grande prêmio.

Em menos de um mês tudo estava arranjado. Com ajuda de Rocco que, relutante, aceitou participar do ardiloso plano do amigo, Giovanni conseguiu fotos e documentos que ligavam Luciano a todo o sistema e tráfico de entorpecentes na cidade. As provas, em parte forjadas, caíram nas mãos de influentes autoridades. O poder da máfia era grande em todas as esferas do governo, porém, o tráfico de drogas não era bem visto por muitos.

Poucos dias depois da divulgação das provas, a casa de Luciano foi invadida e o homem foi preso. Dado o teor da documentação incriminatória, era líquido e certo que o criminoso não sairia da cadeia tão cedo. As famílias italianas ligadas ao crime organizado seguiam o princípio de jamais colaborar com as autoridades revelando segredos sobre as famílias ou sobre qualquer crime no qual venha a participar ou presenciar, seja como autor ou como vítima, esse código de silêncio, ao qual chamam *Omertá*, é juramentado com sangue quando da iniciação de novos membros, que passam de meros associados a *homens feitos*, os ditos soldados.

Luciano era extremamente fiel à família, e jamais abriria o bico, independente da severidade da pena que lhe fosse atribuída. A situação mudou quando Giovanni fez chegar aos ouvidos do soldado que Don Montani já havia expedido a ordem de eliminar toda sua família. Abalado com a notícia, Luciano se rendeu às pressões dos agentes do governo e aceitou um acordo, no qual ele e a família seriam incluídos em um programa de proteção à testemunha em troca de sua colaboração na investigação que corria sobre os negócios dos Montani.

Como Montani tinha grande parte da força policial em sua folha de pagamento, rapidamente soube do acordo e deu-se início ao caos. Em dois dias Luciano teve a garganta rasgada pelo companheiro de cela. Um incêndio, declarado pelas autoridades competentes como acidental, tirou a vida de sua esposa e filhos durante a noite, três dias depois.

A descoberta de Luciano como traidor foi um grande impacto para Marco Montani. O patriarca, que o considerava um filho e tinha absoluta confiança no homem, ficou desolado. Seus dois *caporegimes* tinham muito trabalho a fazer com o alvoroço das mortes. Foi nesse momento de fraqueza, que Giovanni se aproximou ao máximo do Don, ganhou a confiança de Montani se dispondo a ajudar em todos os momentos. Quando incendiaram a casa de Luciano, foi ele quem inflamou a primeira fagulha.

Com a proximidade criada pelos eventos ocorridos, Giovanni passou a acompanhar Montani como seu segurança pessoal, se inteirando de praticamente todos os assuntos da família. Paciente ele esperou. Seis meses depois, o próprio Don Montani foi até Giovanni e lhe convidou para ser iniciado. Porém, nada é de graça na vida, e para concretizar seu desejo, haveria um preço alto a pagar.

- Sente-se aqui, rapaz. – Disse Marco Montani, estendendo a mão em direção à cadeira do outro lado da escrivaninha. – Sei da sua vontade de ser iniciado e acho que chegou a hora. Você já é praticamente da família, quando Luciano nos traiu mostrou seu valor.

- Obrigado senhor, jamais decepcionarei a família, eu juro. –

Respondeu eufórico.

- Entretanto, há uma última prova que deve concluir para enfim se tornar um *homem feito*.

- O que quiser, qualquer coisa.

- Seu trabalho tem sido exemplar, filho. Se dez por cento de nossos homens tivessem sua disposição, não teríamos metade dos problemas que temos. – Giovanni se encheu de vaidade com o comentário, e um sorriso lhe escapou entre os lábios, mas logo se apagou quando o Don completou. – No entanto, onde quer que você vá, seu amigo retardado te acompanha. Aquele rapaz não serve às nossas necessidades, por esse motivo, antes de se tornar um de nós, tem que se livrar do seu amigo.

- Não se preocupe, Don Montani, ele vai entender. O rapaz é um pouco lento, mas é boa pessoa, hoje mesmo falarei com ele e o problema estará resolvido. – Respondeu prontamente.

- Acho que você não me compreendeu bem. Aquele rapaz está envolvido com nossos negócios há bastante tempo, e mesmo com sua capacidade intelectual reduzida, ele sabe muito sobre nós. Esse é um risco o qual não podemos correr. – Explicou o mandachuva.

Giovanni engoliu a seco e se forçou a manter a calma. Ele sabia que não poderia descumprir uma ordem do Don, não havia opção senão matar o único amigo que tinha.

- E para quando deseja que seja feito? - Perguntou com frieza, mas sem transparecer a tristeza.

- Faça hoje mesmo e amanhã trataremos da sua iniciação. Agora pode ir.

Giovanni se retirou da sala. Seu coração batia disparado e seus punhos estavam cerrados. Ele não tinha problemas em tirar a vida de uma pessoa, o incêndio na casa de Luciano provara isso. Mas Rocco era mais que um amigo, era como um irmão, foi a sua iniciativa em lhe propor o roubo que o colocou nessa trajetória. Sentiu raiva, sentiu dor, sentiu um desejo de acabar com a vida de Marco Montani. *Que bastardo desgraçado*, pensou, *como pode pedir a um homem que tire a vida de seu próprio irmão?*

Porém, Giovanni desejava entrar para a família mais que qualquer coisa, e nada ficaria entre ele e seu objetivo, nem mesmos os próprios sentimentos.

Naquele dia, ficou num bar até escurecer. Bebeu como jamais bebera antes, tentava limpar a sujeira que sentia dentro de si diante do que sabia que precisava fazer. Mas nem mesmo todo álcool do mundo seria capaz de eliminar tal mácula. Saiu do estabelecimento a passos desengonçados, a bebida lhe prejudicava os reflexos em demasia. Por volta das nove da noite, chegou à pensão, encontrou Rocco à mesa de jantar acompanhado de um prato fundo de sopa.

Rocco já não era o mesmo fazia muito tempo, toda a sua alegria e carisma se apagaram aos poucos, desde que passaram a trabalhar para Montani. Certa vez, o rapaz procurou Giovanni com o intuito de abandonar o trabalho. Dizia ele que não suportava mais toda aquela violência que envolvia o que

faziam. Giovanni rechaçou a ideia imediatamente, argumentando que, mesmo sendo apenas associados, não tinham a permissão de abandonar a família, muitos perderam a vida por muito menos.

Obrigado a continuar, Rocco se afundou cada vez mais em depressão, as noites de farras se tornaram cada vez mais raras. Depois de um dia recheado de extorsão, mortes e espancamentos, tudo o que desejava era um banho quente e um cobertor que lembrasse o calor do colo de sua mãe que há muito se fora.

Giovanni passou pelo amigo sem dizer uma palavra sequer, Rocco, por sua vez, não se preocupou ao ver o outro totalmente embriagado, tinha seus próprios demônios para enfrentar, não tinha condições de ajudar ninguém.

No quarto, Giovanni se sentou no chão e durante horas encarou o revólver em sua mão. O rapaz já havia tomado sua decisão, mas lhe faltava coragem para executar a tarefa. Já passava da meia-noite quando, enfim, se levantou, passou pela porta e cruzou o corredor, sem se preocupar em esconder a pistola que carregava. Sabia que àquela hora Rocco com certeza já estaria dormindo, não teria coragem de atirar contra o amigo olhando em seus olhos, então, dessa forma, seria mais fácil.

Abriu a porta com a chave reserva que o amigo lhe dera a mais de um ano atrás e caminhou até a beirada da cama. Rocco dormia profundamente, porém, o sono não era tranquilo, o jovem se mexia e falava sem parar e, apesar da brisa fria da noite, o suor brotava de seu rosto como se estivesse sob o sol a pino do meio-dia. Fazia meses que não tinha uma noite tranquila de sono, os pesadelos perturbavam seu descanso incessantemente.

Giovanni olhou o rosto do amigo adormecido e se conteve para não fraquejar, apanhou um travesseiro jogado ao lado da cama e cobriu o rosto de Rocco. Com a arma empunhada, pressionou a boca do cano contra o centro do travesseiro e puxou o gatilho.

O som abafado do disparo ecoou em seu ouvido, fazendo a cabeça doer. Ele puxou o travesseiro cobrindo rapidamente o rosto estraçalhado com o lençol, não pôde olhar para o que havia feito. O trabalho ainda não se findara. Depois de executar aquele que considerava um irmão, jogou o cadáver emburrado sobre as costas e saiu pelos fundos da pensão. Já ocultara pessoas mortas antes e sabia onde iria levá-lo. Em menos de uma hora estava de volta ao seu quarto, naquela noite não dormiu, apenas chorou. Chorou por toda a noite e, quando o sol da manhã bateu em sua janela, enxugou as lágrimas do rosto e se levantou. Seria a última vez em muitos anos que derramaria uma lágrima por alguém.

Na primeira hora do dia, Giovanni já se apresentava a Don Montani, comunicando que a tarefa havia sido completada. Montani sorriu satisfeito e disse ao rapaz que a cerimônia seria realizada dentro de dois dias, até lá, Giovanni poderia descansar.

Na data marcada, Giovanni foi o primeiro a chegar ao local, trajado de forma impecável, como lhe fora exigido. O rito se concretizaria em uma igreja, a alguns quilômetros do escritório principal da família. Os primeiros a chegar ao local, depois de Giovanni, foram os *caporegimes*. Logo após, Marco

Montani e seu tio Eugene, o membro mais idoso da família, chegaram juntos num mesmo carro. Por último, no terceiro veículo, o sottocapo, ou subchefe, Mário, primo de Marco, e o *consigliere*, ou conselheiro, Roberto Salto.

O Don tomou a dianteira e adentrou o templo. A igreja estava vazia, tudo fora previamente acordado com a paróquia. Marco seguiu até os fundos do local, sendo seguidos pelos outros. Desceu por uma escada com pouca luz, encontrando um amplo salão, era lá onde a cerimônia seria realizada.

Mario e Roberto sacaram dos bolsos caixas de fósforos e acenderam as diversas velas que perfaziam um círculo perfeito ao centro do salão. Um dos *capos* guiou o novato até o centro do círculo, ao lado do garoto já havia uma pequena mesa de madeira previamente preparada, sobre ela um punhal, a imagem de uma santa a qual Giovanni não soube identificar, e uma pistola.

Cada um dos presentes apanhou uma vela do círculo e se posicionou ao redor do iniciado, formando um novo círculo dentro do primeiro. Nas costas e à direita do jovem ficaram os *caporegimes*, e entre eles o *sottocapo*, à sua frente, Eugene, e atrás dele o Don. Roberto, o *consigliere*, completava o círculo à esquerda de Giovanni.

Os homens se aproximaram do centro, se deram as mãos e, em coro, recitaram os mandamentos da *Cosa Nostra*, como era chamada a Máfia Siciliana nos Estados Unidos. Eugene deu um passo à frente, apanhou o punhal sobre a mesa e estendeu a mão, esperando que o novato fizesse o mesmo. Com a lâmina, abriu um talho na palma da mão do jovem. Sobre a imagem da santa, o sangue de Giovanni caiu em grandes pingos, cobrindo todo o rosto do ídolo. Eugene colocou a imagem ensanguentada sobre a mão do rapaz e, com a chama de uma vela, incendiou a fotografia.

Com a imagem em chamas sobre a mão, Giovanni proclamou o juramento no idioma italiano:

- *Com o meu sangue, conjuro a morte do homem ordinário que sou, e proclamo o nascimento de um novo homem, um homem feito. Prometo honrar a família acima de qualquer interesse pessoal, acima de qualquer sentimento, e acima de Deus. E como essa santa que se incendeia em minhas mãos, que minha carne se inflame em chamas até a minha morte, caso eu descumpra esse juramento. Inicio minha nova existência, da qual jamais poderei sair enquanto viver.*

Ao fim do juramento, Eugene lhe beijou as duas faces e sobre a mão em carne viva depositou uma moeda. Repetiram o procedimento: o Don, o *consigliere*, o *sottocapo* e os *capos*.

- Bem vindo à família, filho. – Disse Marco, abraçando o novo membro.

Diante da satisfação de alcançar o objetivo escolhido, Giovanni nem percebia a dor da queimadura. Ao mesmo tempo em que seu coração queimava de ódio por ter matado seu amigo, seus olhos brilhavam de orgulho pela conquista.

Como um *homem feito*, rapidamente Giovanni conseguira permissão para explorar algumas atividades por conta própria. Adquiriu o bordel

onde Rocco o levou quando se conheceram, que fora a prostituição, oferecia jogos clandestinos e drogas. Além de suas atividades, continuava a extorquir os comerciantes em nome da família.

Giovanni tinha certa influência sobre o Don e, em pouco tempo, sua inteligência ajudou a família a expandir seus negócios de forma exponencial. Em menos de um ano como *homem feito*, Marco Montani convidou o jovem a chefiar seu próprio grupo de soldados. Os outros *capos* enciumaram-se com a escalada meteórica do garoto na hierarquia da família, mas ninguém podia ir contra a vontade do Don.

Nos dois anos seguintes, Giovanni já se envolvia nas grandes decisões da família, e chefiava negociações que envolviam remessas de drogas e armas para várias partes do mundo. Giovanni era conhecido e respeitado por toda a máfia italiana em Nova Iorque. Mas a ganância e ambição do jovem não tinham limites e ele queria mais, queria chefiar a família, comandar tudo e todos, queria ser o Don, e seria, não importava o preço a pagar.

As quatro famílias de Nova Iorque viviam em paz, seus territórios eram bem delimitados, e uma não se envolvia nos negócios da outra. Enquanto as famílias mantivessem a paz, nada mudaria. Giovanni sabia disso e precisava fazer algo. Desde que Giovanni passou a fazer parte dos negócios da máfia, nunca presenciou uma guerra entre as famílias, mas sabia que no passado muito sangue fora derramado em disputas por poder, travadas pelas quatro famílias. Uma coisa nessas guerras lhe chamava atenção, sempre que havia uma disputa, o derramamento de sangue jamais cessara antes que um dos chefões caísse, e isso encheu sua cabeça de ideias.

Giovanni concluiu que, para ascender, uma guerra deveria acontecer. O jovem se recolheu em seu novo apartamento e arquitetou o plano que o levaria ao poder. Durante três dias, Giovanni não foi visto por ninguém, não deixou sua morada nem mesmo para botar o lixo para fora. Quando voltou ao trabalho, atribuiu sua ausência há uma gripe passageira. Seu plano estava traçado e seria executado em breve.

Um mês se passou e nada aconteceu, os passos de Giovanni eram todos muito bem pensados, e ele só agiria quando julgasse o momento como perfeito. Para que uma guerra se iniciasse, alguma das famílias tinha que dar o primeiro passo, porém, Montani jamais interromperia o longo período de paz pelo qual passavam. Confrontos nunca beneficiavam ninguém, homens morriam, dinheiro era perdido, e todas as atenções se voltavam para os negócios da família, numa guerra, sempre havia muitas prisões e, não raro, surgia um traidor, que em troca de proteção e redução de pena, rompia seu juramento quebrando a *Omertá*, revelando segredos sobre a família. Para dar início à guerra, uma nova abordagem seria necessária.

Giovanni decidiu que o primeiro passo deveria ser dado por uma das outras famílias, pelo menos é o que todos deveriam pensar.

Em uma noite de sábado, quando saiu de uma casa de jogos de sua propriedade, o *sottocapo* Mauro, acompanhado de três de seus soldados, entrou no carro estacionado no passeio. Quando o soldado girou a chave na ignição, os quatro homens foram envolvidos por uma imensa bola de fogo. A explosão

acordou os vizinhos e em segundos as luzes das janelas se acenderam. Todos morreram na hora.

Uma hora mais tarde, a notícia chegava aos ouvidos de Don Montani. Giovanni usou de todo seu poder de persuasão para fazer o chefe acreditar que a família Gênova estava por trás do ataque. Na última guerra, foram eles que iniciaram os ataques que deram início ao combate. Montani, convencido que Dom Tito Gênova era o responsável pela morte do primo, ordenou o assassinato do chefão, oficializando a abertura da contenda.

Foram dezenas de mortos, as ruas de Nova Iorque amanheciam diariamente com corpos estirados pelos becos e esquinas. Depois de três meses de confronto, pouco importavam os motivos da guerra, a sede de sangue e vingança acometia todas as famílias. Marco Montani já havia perdido mais de dois terços de seus homens e a derrota era eminente. Foi nesse momento que Giovanni agiu outra vez.

Dada a situação crítica em que se encontravam, Giovanni sugeriu que a guerra precisava acabar, e se voluntariou para negociar os termos da trégua. Montani estava desolado, via vários parentes seus morrerem, e concordou sem fazer perguntas. Um encontro foi marcado e diante das outras três famílias, Giovanni botou as cartas na mesa. Diferente do que dissera a seu Don, o jovem mostrou o que realmente desejava.

- Don Montani diz que só se rende depois de morto. – Disse aos outros. – Porém, ninguém concorda com sua decisão. O homem enlouqueceu, ele começou essa guerra e nem mesmo sabe por quê. Se quiserem, podem continuar esse embate até que só sobrem corpos de ambos os lados, ou podem ouvir minha proposta.

Todos estavam perdendo com a guerra, os holofotes estavam todos sobre a máfia, e era cada vez mais difícil prosseguir com os negócios, se a matança continuasse, as quatro famílias poderiam ir a falência. Eles deram uma chance ao rapaz e ouviram sua proposta.

- Marco Montani precisa morrer. – Afirmou contundente. – Se todos estiverem de acordo, eu posso cuidar disso. Os *capos* e alguns membros antigos jamais concordarão, então, também deverão ser eliminados. Tudo o que precisam fazer, é garantir seu apoio quando eu assumir o comando da família.

Um burburinho tomou conta do local e, durante longos minutos, os presentes travaram uma calorosa discussão. Alguns consideravam ultrajante dar fim à guerra de uma forma tão baixa, mas ao ponto em que a situação chegou, não havia muitas opções. As famílias alcançaram um consenso e concordaram em apoiar Giovanni.

Com todos os preparativos já arranjados, Giovanni voltou para a casa de Marco, no caminho fez alguns telefonemas, já havia aliciado alguns homens e, naquela noite, todos os que pudessem atrapalhar seus planos seriam mortos. O rapaz ficou sozinho com Don Montani e, sem maiores explicações, descarregou seu revólver no peito do homem. Simultaneamente, seus cúmplices executavam os capos e os membros mais antigos. Ao todo dezessete homens morreram naquela noite e quando um novo dia nasceu, Giovanni deixava de ser um *capo* para passar a ser um Don.

Assim, anos se passaram e o império de Don Giovanni só fez aumentar, seus métodos passaram a ser cada vez mais violentos, e não se preocupava em matar qualquer um que cruzasse seu caminho, desde batedores de carteira à senadores, caso não servissem à sua necessidade o fim era o mesmo, uma cova rasa e sem identificação.

Aos vinte e cinco anos, Giovanni se casou com uma bela jovem italiana chamada Felícia, com quem teve sete filhos. Era um pai rígido e um marido nada carinhoso, e, não raro, usava de violência contra a esposa. Desde cedo, o homem introduzira os filhos nos negócios da família, até mesmo o mais novo, Alfredo, que desejava sair de Nova Iorque e estudar arte fora do país, não podia contrariar a vontade do pai, e já participava dos negócios.

Mesmo com todo o poder que acumulara, Giovanni ainda fazia questão de, vez ou outra, recolher pessoalmente o pagamento dos comerciantes. Sentia prazer em intimidar os vulneráveis e se afirmar como superior. Assim, ele conhecia todos os comerciantes da região. Dois deles, em especial, lhe intrigavam: Giuseppe e Danilo.

Os dois comerciantes eram irmãos e proprietários de uma pequena lavanderia. Os homens já passavam dos quarenta anos e ainda eram solteiros, viviam juntos no modesto apartamento sobre a loja. Giovanni sempre teve a impressão de que havia algo de errado com aqueles sujeitos. Desconfiado, o Don ordenou a um de seus homens que investigasse os dois homens, trazendo a seu conhecimento tudo sobre a vida dos comerciantes.

Cerca de duas semanas mais tarde, o capanga tinha um relatório completo sobre a vida de Giuseppe e Danilo. Com o relatório em mãos, Giovanni se isolou em seu escritório e analisou as informações com extremo cuidado. O que fora revelado pela investigação lhe desagradou um bocado.

Os comerciantes eram de fato filhos de italianos nascidos na América, porém, a pesquisa revelava que não eram irmãos. Os dois sujeitos saíram de Los Angeles, onde viviam anteriormente, por que não eram bem vistos diante da real natureza de seu relacionamento. Giuseppe e Danilo, na verdade, mantinham um relacionamento amoroso, e fugiram de onde moravam por não serem aceitos em sua condição de comportamento. Mudaram-se para Nova Iorque e resolveram, por segurança, dizer a todos que eram irmãos.

Don Giovanni não era um homem conservador, muito pelo contrário, mas quando o assunto se referia a relações homossexuais, sua intolerância era berrante. Costumava agredir, verbal e fisicamente, qualquer um que apresentasse essa condição, a qual ele chamava de anomalia.

Naquele dia, ele se deitou ao lado da esposa sem lhe dirigir a palavra, não dormiu um minuto se quer. Quando o dia amanheceu, chamou dois de seus soldados mais fiéis e mais violentos, e seguiu em seu carro até a lavanderia.

Chegando ao estabelecimento, encontrou os dois homens atrás do balcão, como era de costume. Sem revelar o verdadeiro motivo de sua visita, informou aos comerciantes que a taxa de proteção havia sido reajustada. Impôs um valor exorbitante, o qual sabia que não poderiam arcar, e exigiu o pagamento imediato. Evidentemente, eles não possuíam a quantia demandada e Giovanni

tinha um motivo para fazer aquilo que desejava desde que adentrara o local.

O criminoso ordenou que um dos capangas ficasse de guarda no lado de fora. Apontou para Danilo, e o soldado que permanecera na loja logo entendeu que era uma ordem para segurá-lo. Giovanni sabotou o paletó, deixando aparecer sua gorda barriga. Já tinha alcançado os cinquenta anos de idade, e a muito perdera a forma física da juventude. Mas, apesar da idade e peso extra, sua capacidade de machucar em nada se alterara.

Giovanni havia se tornado um homem cruel e violento, gostava de bater com as mãos nuas, compartilhando, em parte, da dor de sua vítima. Giuseppe esperava pelo pior, porém, ainda assim foi surpreendido pelo soco no rosto que o levou ao chão. Antes que o comerciante pudesse se levantar, o Don já contornara o balcão e continuou a agressão com o homem caído no chão. Enquanto o companheiro era espancado pelo criminoso, Danilo se debatia e gritava, tentando se livrar do capanga que o segurava, seu esforço, porém, era inútil, já que o homem que o impedia de se mover era gigantesco e com uma força descomunal.

Não demorou para que Giuseppe perdesse os sentidos, o que não impediu Giovanni de continuar a bater até que seus dedos estivessem em carne viva. Não fosse o aviso do soldado, a agressão não teria fim.

- Senhor, acho que já chega. O homem já está morto.

Em um estado de êxtase e tomado pela brutalidade de seus atos, Giovanni ouviu o capanga e interrompeu o massacre. Ajoelhado sobre o corpo sem vida de Giuseppe, o homem tirou um lenço branco do bolso e limpou as mãos pintadas com o sangue do agredido. Ainda imóvel nos braços do soldado, Danilo não podia controlar o derramar das lágrimas, e não se preocupava em contê-las. Quando Don Giovanni se aproximou dele, atingiu o criminoso no rosto com uma raivosa cusparada. Giovanni riu daquilo, secou o rosto com a manga do paletó e atingiu o sujeito na cabeça com a coronha de seu revólver.

- Acabe com ele. - ordenou o criminoso, dando as costas para o balcão e se dirigindo a porta. Antes de alcançar a saída pôde ouvir os seis disparos desferidos pelo capanga.

Giovanni saiu da lavanderia com um largo sorriso no rosto e com respingos de sangue no paletó. Há muito não liquidara um sujeito com as próprias mãos, à moda antiga. Ainda mais sendo uma *bicha*, como ele mesmo gostava de chamar os homossexuais. Com a alma lavada no sangue de dois inocentes comerciantes, voltou pra casa com uma sinistra felicidade que estampava sua face, numa expressão de prazer e satisfação.

Quando chegou em casa, até Felícia notara a alteração em seu humor. Muito diverso do que lhe era costumeiro, Giovanni chegou em casa sorrindo e se mostrou carinhoso com a esposa. A surpresa da mulher foi tamanha, que nem mesmo perguntou sobre as manchas de sangue no terno do marido. Jantaram em família todos ao redor da mesa como há muito não acontecia, e à noite Giovanni amou a esposa como jamais havia amado.

Uma nova manhã se anunciou e a vida seguiu. Evidentemente, o bom humor não resistiu à virada do dia, mas, por uma noite, uma única e inesquecível noite, Felícia se sentiu amada pelo marido, que por algumas horas

pareceu um homem bem diferente do sujeito torpe com que se casara.

Meses se passaram e Giovanni seguiu com sua rotina normal. Os negócios da família permaneciam em franco crescimento e não havia maiores empecilhos. A folha de pagamento englobava as principais autoridades que poderiam atrapalhar os negócios, ou seja, Giovanni tinha a cidade em seu bolso e nada com o que se preocupar. Pelo menos assim ele pensava, sem saber que sua derrocada partiria de onde jamais poderia imaginar.

Era um dia comum, quando o Don convocou dois de seus filhos para acompanhá-lo em uma viagem. Alfredo, o caçula, e Antônio o terceiro mais velho. Giovanni iria a Washington, tratar de uma nova aliança com um influente senador governista. Sempre fazia questão de levar os filhos nesse tipo de situação, queria inteirá-los dos negócios, afinal, não viveria para sempre, e alguém precisava continuar sua trajetória. Passariam dois dias fora, enquanto isso, o primogênito Carlo, seu *sottocapo*, cuidaria de tudo em Nova Iorque.

Tudo corra como previsto, e o chefe tinha mais um político influente em seu bolso, seus negócios avançariam ainda mais pelo território do país. Deixaram a capital e em breve estariam em casa novamente.

Quando chegaram a Nova Iorque, era fim de tarde e a luz do sol se dissipava, quase desaparecendo no horizonte. Antônio dirigia o automóvel e parou em frente ao portão principal, estranhando não encontrar nenhum dos capangas guardando a entrada.

- Onde estão aqueles incompetentes? – Praguejou o filho, com a brutalidade que herdara do pai.

- Tem algo errado, entre pelos fundos. Eu e seu irmão entraremos pela frente. – Orientou o pai.

Giovanni e Alfredo desceram do carro, Antônio contornou o quarteirão para alcançar a entrada aos fundos da propriedade. Giovanni e seu caçula caminharam até o portão e encontraram a fechadura violada. O sinal da invasão os fez sacar os revólveres e redobrar a atenção enquanto avançavam em direção à mansão. Alfredo olhou para o chão e percebeu um rastro que partia dos portões e seguia até a entrada principal. Sobre o concreto o líquido escuro era pouco distinguível, porém, quando o rastro ganhava a escadaria de mármore branco, a forte cor vermelha que passava por debaixo da porta não deixava dúvidas: era sangue. Pela quantidade da matéria que traçava o caminho do invasor, estava claro que, no mínimo, os dois capangas estavam mortos lá dentro.

Alfredo se adiantou, mas o pai o repreendeu com olhar e tomou a dianteira, preparando-se para abrir a porta. Com a pistola engatilhada e a mira preparada, Don Giovanni girou a maçaneta sem fazer barulho, empurrou a porta devagar até revelar o salão principal.

O cenário revelado à sua frente era grotesco, tão grotesco que lhe faltou força para se manter de pé e ele se prostrou sobre os joelhos. Alfredo atravessou a porta e não conseguiu emitir um ruído sequer diante do que vira. Momentos depois, Antônio chegou, avisando que não havia ninguém na entrada secundária, mas não foi capaz de completar a fala depois de vislumbrar o que os outros já haviam encontrado.

Os dois capangas, os quais deveriam estar guardando a entrada, de

fato estavam mortos, estirados sobre um caro tapete espalhado na sala. Porém, não apenas eles tinham seus corpos sobre o chão. Da porta de entrada Giovanni avistou pelo menos uma dezena de seus homens, seus corpos amontoados formavam uma enorme poça de sangue em toda a sala, além dos soldados, o mais desesperador foi ver sua esposa sem vida, juntamente com seus cinco filhos. Os corpos tinham múltiplos ferimentos de bala, as vestes ensopadas de sangue perfaziam uma enorme mancha vermelha sobre o chão branco.

Reunindo suas forças, Giovanni se levantou e cambaleou até os cadáveres de seus filhos. Ele abraçou Carlo, se sujando por inteiro no sangue do filho. Antônio se aproximou do pai e disse algo sobre encontrar os responsáveis, sobre vingança, mas Giovanni nada escutou além de zumbidos ininteligíveis. Pela primeira vez, desde a morte de Rocco, os olhos do homem se encheram d'água e ele chorou.

Depois de horas debruçado sobre os corpos de seus filhos, Alfredo e Antônio tiveram que tirar o pai a força de lá. O homem aceitou um calmante oferecido pelos filhos e se recolheu. Sozinho no quarto, Giovanni amaldiçoou quem fizera aquela barbaridade, e prometeu vingar a morte dos filhos, nem que isso lhe custasse tudo o que sobrara. Naquela mesma noite, Giovanni receberia a visita que mudaria totalmente o rumo de sua vida e de muitas outras.

Totalmente exausto, Giovanni tentou se manter acordado, mas o cansaço foi mais forte e por volta das duas da madrugada ele finalmente adormeceu. Porém, seu sono passou longe de ser edificante. As imagens que presenciara na sala permeavam seus sonhos e frequentemente ele despertava em desespero. Ao acordar de um de seus pesadelos em série, Giovanni se assustou ao perceber o vulto de um homem sentado na poltrona ao lado da cama.

Pela forma, notou que não era um de seus filhos e, instintivamente, buscou a pistola que mantinha embaixo do travesseiro, foi então que se lembrara de ter chegado ao quarto amparado por Antônio e Alfredo, e no calor da situação, não se preocupou em esconder a arma como de costume. Giovanni pensou que o assassino voltara para terminar o serviço e, sem nada a perder, confrontou o invasor.

- Quem é você? O que faz em minha casa?

- Eu o observava dormir, Giovanni. Sonhos terríveis, não? – Observou o estranho, escondido nas sombras.

- Se veio me matar, faça logo, não tenho tempo a perder com papo furado.

- Porque eu mataria você, meu caro? Tenho grandes planos para o que restou de sua família.

- Mas quem Diabos é você, e o que quer comigo?

- Receio que não fomos formalmente apresentados, apesar de eu ser um grande apreciador de seu trabalho. Meu nome é Lúcifer, o arcanjo, e estou aqui para que você tenha sua vingança. – Explicou, se movendo na cadeira e deixando a luz da lua iluminar seu rosto.

A face do intruso era jovem e bela. Tinha a pele clara e aveludada, o rosto arredondado lhe dava uma aparência jovial, qualquer um diria que não tinha mais que vinte anos. Os olhos eram verdes e brilhantes, os cílios

negros delineavam todo o contorno dos olhos. Os lábios róseos eram finos, porém expressivos. Os cabelos negros sedosos brilhavam sob a luz e balançavam graciosos ao sabor do vento. Vestia-se todo de branco, em um terno ajustado ao corpo esguio e atlético. Carregava uma bengala feita de marfim, cujo cabo era ornado de desenhos majestosos.

Giovanni, à primeira vista, não crera que realmente o Diabo estava à sua frente, mas quando o invasor se aproximou, viu dentro dos olhos sedutores do homem a verdadeira face do infernal. Ficou sem fala, paralisado, com os olhos fixos no Príncipe das Trevas.

- Venho lhe observando há anos, e aguardo ansiosamente por esse momento desde que você era uma criança. – Disse o Diabo, brincando com a bengala. – Estou aqui para lhe oferecer um acordo.

- Que tipo de acordo? – Respondeu o criminoso, retomando a consciência.

- Eu quero lhe ajudar, sei que não faz ideia de quem seja o responsável do massacre lá embaixo. Mas eu posso lhe oferecer a cabeça de seu algoz numa bandeja de prata.

- E o que você ganha com isso? Meus melhores homens estão mortos, quando as outras famílias souberem estarei arruinado, não tenho nada a lhe oferecer. – Perguntou desconfiado.

- Você me faz rir, Giovanni. Acha que preciso do seu dinheiro? O que eu quero é algo que você sempre teve, mas há muito não usa. É só isso que peço, um pequeno sacrifício que em nada vai lhe doer.

Giovanni tinha um ponto de interrogação estampado em sua face e não sabia o que dizer. O Rei do Inferno percebeu a confusão e elucidou a situação.

- Almas, meu caro, almas. – O Diabo sorriu. – São as almas que alimentam o meu poder. É só o que eu preciso, a sua alma e a de seus filhos, os que não foram mortos, é claro. – Ironizou.

- É só isso? Então leve suas almas e me traga o desgraçado que matou meus filhos.

- Não é tão simples assim, meu caro. A sua alma você pode me entregar sem maiores dificuldades, mas as almas de seus filhos têm de ser tomadas. Na gaveta do criado mudo à sua esquerda, há uma pistola carregada com duas balas. Você deve alvejar Antônio e Alfredo no peito, assim que eles morrerem poderei ceifar suas almas e o assassino será seu.

- Eu acabo de encontrar o corpo de cinco filhos meus, e você me pede para matar os dois que me restaram? Que tipo de acordo é esse, demônio? – Irritou-se Giovanni.

- Não seja tolo, amigo. Em primeiro lugar, eu não sou um demônio, pode me chamar de muitos nomes, Diabo, Estrela da Manhã, como meu pai costumava me chamar, Príncipe das Trevas, mas não demônio, por favor. Em segundo lugar, seus garotos não vão de fato morrer, eu garanto a você que assim que eu tiver suas almas sob meu domínio, os trarei de volta a vida e poderão ser uma linda família feliz. Pense bem, Giovanni. A oferta pode não durar muito tempo. – Terminou Lúcifer, desaparecendo como fumaça aos olhos

de Giovanni.

Sozinho novamente, no quarto escuro, o homem abriu a gaveta do criado mudo e tomou a arma em suas mãos, não era um revólver comum, a arma era feita de um material dourado que emitia uma luminescência quase cegante, mesmo na escuridão da noite. Ele ponderou sobre o assunto e esperou pelo amanhecer, quando finalmente tomou sua decisão.

Por volta das oito da manhã, Giovanni aguardava sentado à beira da cama de casal, vestia a roupa da noite passada, seus filhos tiraram seu paletó e seus sapatos, mas a camisa era a mesma, branca com manchas do sangue de seus filhos. Segurava o objeto místico deixado pelo Diabo. Os cotovelos sobre os joelhos sustentavam o corpo sentado, a arma entre as pernas apontava para o chão. Ele olhava para porta como se esperasse alguém.

- *Papa*, está acordado? – Perguntou Antônio.

Ele não respondeu, seus olhos avermelhados e lacrimejantes fitaram a maçaneta girando, em seguida a porta se abriu. Antônio notou, confuso, o revólver reluzente nas mãos do pai. Antes que pudesse manifestar sua surpresa, a bala disparada atingiu seu peito, ele caiu sobre os joelhos e uma golfada de sangue escapuliu pela boca.

Da cozinha, Alfredo ouviu o disparo e correu até o quarto, dando de cara com o corpo do irmão estirado no chão, foi tudo que viu antes de ser também alvejado pela bala mística. Seu corpo desfaleceu e desabou sobre o cadáver de Antônio. Giovanni deixou o revólver cair das mãos, encontrando o chão num tilintar metálico.

- Onde está você!? - Gritou em fúria, olhando para o alto.

- Direção errada, meu caro. - Disse Lúcifer, atravessando a porta como se tivesse surgido do nada. - É de lá que eu venho. – Completou, apontando para baixo.

O Infernal se ajoelhou sobre os cadáveres e repousou cada uma de suas mãos em um dos rapazes. Giovanni presenciou uma estranha luz emanar dos corpos, era como uma fumaça translúcida, que passou pelos braços do Senhor do Abismo, circulando o membro de aparência humana, passou pelo pescoço e caminhou pela face, até entrar pela boca aberta.

Após um breve momento de êxtase, Lúcifer se levantou e desviou dos corpos para chegar a Giovanni.

- Sua vez, meu amigo. - Indicou o Arcanjo, sentando ao lado do homem.

Lúcifer segurou o rosto de Giovanni com as duas mãos, e como quem se prepara para beijar a mulher que ama, aproximou seu rosto do dele. O Diabo abriu sua boca, e o mesmo corpo luminoso escapou da boca de Giovanni, indo direto para a embocadura escancarada do Infernal.

O Diabo depositou um pedaço de papel nas mãos do chefe criminoso e lhe sussurrou ao pé do ouvido.

- Nós vemos em breve. – Levantou-se e caminhou em direção à porta, desaparecendo no escuro corredor.

- E quanto aos meus filhos? - Gritou Giovanni para o nada. - Você me disse...

A fala alterada foi interrompida por uma tosse abafada vinda do chão. Era Antônio, o jovem se levantou com dificuldade, se livrando do corpo do irmão que lhe pesava. Antes que se erguesse por completo, Alfredo também acordou e se levantou com ajuda de Antônio.

Atordoados, os dois demoraram a entender o que houvera. Quando a confusão se dissipou, o pai explicou sobre o pacto que havia feito. Inicialmente não acreditaram, mas quando Giovanni lhes mostrou o pedaço de papel o qual lhe fora entregue, entenderam que a história contada era real. Junto dos filhos o homem abriu o papel dobrado em quatro partes, e o nome nele estampado causou-lhe um tremendo espanto, era o nome de Danilo Adamo, o comerciante que vira seu capanga matar meses atrás.

Com o nome em mãos, Giovanni, com a ajuda dos filhos, teve sua vingança. Mais tarde viria a descobrir que, na verdade, Danilo havia sobrevivido, apesar dos múltiplos disparos que recebera. O comerciante, que jamais pegara em uma arma de fogo antes, se preparou por meses para se vingar do homem que matou seu companheiro. Quando Don Giovanni o encontrou e o matou pela segunda vez, Danilo sequer se importou, e encarou a morte como se a desejasse de fato, visto que já havia perdido tudo em sua vida, e apenas sobreviveu para executar sua vingança.

Após proceder a sua vingança, e se certificar que dessa vez o sujeito permaneceria de fato morto, Don Giovanni, mais uma vez, aprisionou todo e qualquer traço de emoção em seu coração, e reconstruiu todo o seu negócio, que agora era mais poderoso que nunca. Seja qual fosse sua ação, o resultado era sempre o sucesso absoluto. Em cerca de dois anos, era o criminoso mais poderoso do país e reconhecido em todo o mundo como o sinônimo de poder.

Quando souberam da massacre em sua casa, as outras famílias não foram solidárias, e pretendiam absorver sua parcela de participação nas atividades criminosas de Nova Iorque, porém, em menos de uma semana, Giovanni tinha um novo exército, e mesmo com um contingente expressivamente menor, comandou um massacre contra as outras famílias, passando a controlar sozinho todos os negócios que, até então, eram divididos entre as quatro organizações criminosas.

Seu progresso como empreendedor no mundo do crime era fantástico, mas não só na ilegalidade o Don se destacava, passou a adquirir empresas legítimas com frequência, até poder controlar, praticamente, todos os meios de produção nos Estados Unidos da América.

Giovanni, a esse ponto, era um homem que tinha tudo e não tinha nada. Conquistara o mundo como criminoso e como empreendedor de sucesso, porém, perdera sua família, e a pequena parte que restara, tratava como se fosse apenas mais um de seus soldados. O Don, agora o *Senhor do Crime* na América, era ainda mais solitário, amargo e violento. Durante anos, foi um dos homens mais influentes de todo o continente americano.

Foi no dia em que o massacre de sua família completava dez anos, que novamente sua vida virou do avesso. Um velho conhecido viera lhe visitar.

Don Giovanni, sentado à escrivaninha de seu escritório, fumava um charuto enquanto contemplava o nada. As luzes apagadas faziam da brasa

em seu fumo a única fonte de iluminação. Na mão esquerda, carregava um revólver, o mesmo com qual atirou em Alfredo e Antônio. O silêncio se rompeu quando uma voz se revelou em meio à escuridão.

- Como vai, velho amigo? – Disse em tom suave.

De forma deveras estranha, o escritório se iluminou a presença do Anjo das Trevas, o qual Giovanni não via há exatos dez anos. O homem se espantou com a presença do infernal, mas se manteve sereno. Sem abandonar o charuto, indagou o intruso.

- O que faz em minha casa, criatura? Não há mais almas a barganhar por aqui.

- Não seja hostil, meu caro. Creio que temos assuntos a tratar. Seus serviços se fazem necessários, amigo. – Respondeu Lúcifer, com a fala mansa que lhe era peculiar.

- Não temos nada há tratar, fizemos um acordo muito tempo atrás, cada um teve o que queria e acabou.

- Você acredita mesmo nisso, Giovanni? Você realmente acha que não me deve nada?

- Você tem a minha alma, o que mais poderia querer?

- Sempre te achei um pouco sentimental, meu caro. Mas, sinceramente, nunca o considereei um tolo. Sua inteligência é admirável para um humano, e por isso tenho certeza que sabe exatamente por que estou aqui.

- Provavelmente o Inferno ficou tedioso demais.

- Por favor, Giovanni. Senso de humor nunca foi seu forte. Mas o que disse é verdade: eu tenho a sua alma. Em termos mais claros, eu sou seu dono, senhor da sua existência.

- Eu não pertencço a ninguém, demônio! Saia da minha casa e deixe-me em paz.

- Você construiu um grande império, não é mesmo? É um dos homens mais ricos e importantes do mundo. Você sabe que não conseguiu isso sozinho. Agora é hora de pagar o preço.

- Não lhe devo nada! Esse é o fruto do meu trabalho.

- Não se faça de tolo, meu caro. Você chegou aonde chegou escalando por uma imensa pilha de corpos. Uma escada que eu sustentei para que pudesse subir. Você teve sua glória, teve sua vingança, e hoje é o dia de saldar seu débito.

Giovanni olhou para a arma em suas mãos e não pensou duas vezes antes de disparar todas as balas contra o Diabo. Porém o que viu foi todos os disparos atingirem a parede atrás da criatura.

- Não seja infantil, Giovanni. Eu sou paciente, mas há limite para tudo. Ouça o que tenho a dizer e preste atenção, pois não vou repetir. – O infernal alterou o tom suave de sua voz, encorpando sua fala em um tom grave, autoritário. – Na terceira gaveta à sua esquerda há uma lista. Você vai encontrar essas pessoas e trazê-las para sua casa, com vida, comece o trabalho hoje mesmo. Quando estiver com elas cuidarei para que saiba exatamente o que fazer.

- E se eu não fizer, vai me matar? Acha realmente que eu me

importo?

- Você não vai morrer, Giovanni. E não se preocupe, você vai fazer o que digo. E mais uma coisa, leve os rapazes contigo. – O Diabo se virou e desapareceu, atravessando a porta de madeira.

Giovanni permaneceu em sua casa, se recusando a cumprir as ordens do infernal. Durante aquela noite, teve pesadelos como jamais tivera antes, em seus sonhos era torturado por todos aqueles os quais machucou em toda sua vida: Rocco, Carlo Mancini, Marco Montani, e dezenas de pessoas cuja morte foi sua responsabilidade. Nos sonhos, a dor era excruciante, como jamais sentira em sua vida. Sentia que a tortura durava dias, e quando despertava, via em seu relógio que apenas alguns minutos haviam se passado. Ele sabia que aqueles sonhos eram obra do Diabo. Tentou ficar acordado para evitar o penar, mas uma força incontrolável o levava de volta ao sono. Tudo era tão real que o homem chegava a acreditar que de fato estava no Inferno, nesses momentos, era trazido de novo à realidade e as marcas em seu corpo desapareciam, somente para voltar ao torpor e sofrer tudo outra vez.

Antes que a noite terminasse, Giovanni resolveu dar fim a toda aquela agonia, apanhou uma pistola na gaveta, apontou contra a cabeça e puxou o gatilho. A arma falhou, verificou as balas e tentou novamente sem sucesso. Tentou com todas as armas que possuía na casa e nenhuma delas funcionou. Cortou os pulsos com uma faca de cozinha e o sangue coagulou imediatamente diante de seus olhos. Saltou do terraço da mansão e chegou ao chão sem nenhum ferimento.

Giovanni entendeu que estava preso ao acordo que fizera no passado, e não podia se matar. Ele então vestiu seu terno e bateu à porta do quarto dos filhos.

- Vistam-se, vamos sair. Temos um trabalho a fazer.

Sem escolha, Giovanni encontrou e levou até sua casa as pessoas na lista. Quando chegou, misteriosamente sabia o que fazer. Tinha em mente todos os detalhes de um complexo ritual de sacrifício, o qual executou com maestria.

Abandonou os negócios, deixando tudo na mão de seus *capos*, passando a rodar o mundo em uma miserável vida de servidão, em nome do Príncipe das Trevas.

XVII

EZEQUIEL ESPIAVA ISABEL PELO ESPELHO RETROVISOR, desviando o olhar cada vez que a mulher olhava de volta. O constrangimento do caçador perto dela era tão grande, que transcendia de seu íntimo, fazendo com que todos permanecessem em silêncio. Ele queria dizer alguma coisa, mas não era seu forte ser trivial, e o último encontro dos dois, há muitos anos atrás, não era um bom assunto para se abordar naquele momento.

O carro balançava sobre o chão irregular, Salomão conduzia como um cego embriagado, aumentando a tensão entre os passageiros. Após percorrer cerca de vinte e nove quilômetros, o velho tomou um caminho desconhecido para Ezequiel. O caçador pensou em questioná-lo, mas seu nervosismo por reencontrar Isabel o impedia de pensar de forma adequada.

Mais vinte quilômetros por uma tortuosa estrada não pavimentada e o veículo se embrenhou em uma velha floresta de árvores secas, chegando até uma espécie de túnel que levava ao subterrâneo. Por debaixo da terra, seguiram por algumas horas até finalmente chegar ao destino.

- Chegamos. – Avisou Salomão. A fala, seguida do ruído do freio de mão, despertou os passageiros que cochilavam. - Vamos parar por aqui e subir pela rede de esgoto. Estamos no centro da cidade. Temos que ser rápidos.

Andaram por cerca de dois quilômetros por uma galeria estreita até encontrarem uma boca de lobo. Ezequiel tomou a frente e subiu a escada metálica, Salomão o seguiu, pedindo aos outros que esperassem por eles no carro, não sabiam se o inimigo já chegara ao local, então levaram todo o

armamento que podiam carregar.

Chegando à superfície, o cenário era típico: paisagem deserta recheada de ruínas de antigas construções, carros velhos abandonados, e lixo. Não havia vento, e a luz da Chispa começava a surgir no céu. A saída dava na antiga cidade alta da capital, Salvador. De um ponto específico, podiam ver toda a parte inferior da cidade. Salomão conhecia bem o lugar, era versado nas religiões afro-brasileiras e tinha amigos que ainda viviam em esconderijos no subterrâneo de Salvador.

Há menos de quatro quilômetros de onde se encontravam, Salomão acreditava que encontraria uma velha amiga. Caminharam atentos a qualquer movimento estranho. Vencidos trinta minutos de marcha ligeira, o velho parou. Com um gesto silencioso induziu Ezequiel a manter-se calado. O homem se ajoelhou e pôs seu corpo a engatinhar sobre o chão, batendo de leve com as mãos no solo, e aproximando o ouvido.

A cobertura de asfalto era antiga e despedaçada, com crateras que mais pareciam piscinas artificiais. Ezequiel não entendia o porquê de Salomão rastejar na imundície daquele chão e se mover como um primata aleijado atirado ao solo. Mas sabia que o conhecimento do velho era extenso e preferiu não interrompê-lo.

- Encontrei! - Exclamou Salomão, identificando um som peculiar ao bater contra o solo. - É aqui, fique bem atrás de mim e não fale nada.

O velho se levantou e, com a sola da bota, bateu com força sobre o tampão que encontrara, cinco vezes. Ezequiel não entendia, pois aquele pedaço de asfalto, para ele, parecia tão ordinário como qualquer outro em toda a cidade. Observou Salomão repetir o procedimento por mais uma vez. Seu olhar sobre o homem era de descrença, *ele deve ter surtado de vez*, pensou o caçador.

Para surpresa de Ezequiel, uma porção do asfalto se destacou do chão, na forma de um quadrado perfeito. A placa se converteu em uma porta, abrindo lentamente e revelando uma escada, iluminada por uma luz de tonalidade avermelhada.

- Vamos entrar. Não se esqueça, bico calado e se mantenha perto de mim.

Desceram as escadas de metal, ouvindo a porta secreta se fechar à suas costas, a escada era longa, e demoraram alguns minutos até alcançarem o fim, chegando a uma porta dupla de aço reforçado. Ezequiel ficou inerte, aguardando o próximo passo de Salomão. O velho bateu contra a porta e se identificou.

- Hei, Elisa? Sou eu: Salomão. Abra a porta. - Proferiu em alto e bom som.

Ouviram passos lentos, o som se assemelhava ao trotar de um equino, porém mais arrastado. Os passos silenciaram e um som metálico de engrenagens se movendo tomou conta do ambiente, até que pararam. A porta se abriu.

- Seu velho desgraçado! - Disse a mulher do outro lado da porta, abraçando Salomão com vigor.

Elisa era uma mulher negra, aparentava ter entre cinquenta e

sessenta anos. Tinha por volta de um e oitenta de altura e era magra e esguia. Vestia uma calça marrom e um casaco de couro de bode. Calçava botinas, também de couro, e nas mãos luvas de motociclista, deixando as pontas dos dedos nuas. Seu rosto era oval e os traços extremamente delicados, nariz fino e lábios grossos. A cabeça raspada endurecia-lhe a expressão, porém, ainda assim era feminina.

A mulher fitou Ezequiel dos pés à cabeça, se voltando para o velho.

- Quem é o garoto? Seu novo protegido?

- Esse é Ezequiel, meu sobrinho. - Esclareceu Salomão. - Não vai nos convidar para entrar?

Ezequiel não gostava de ser chamado assim, mas preferiu não criar caso e assentiu com a cabeça. Num gesto de cortesia, a anfitriã ofereceu a entrada aos convidados, que entraram sem cerimônia.

- O que te traz aqui, velho amigo? Há anos não tenho notícias suas.

- Perguntou interessada.

- É um caso de urgência, por isso não vou me prolongar em explicações. - Respondeu Salomão, a expressão séria em seu rosto surpreendeu até mesmo Ezequiel. - Precisamos saber onde há um grande grupo de pessoas por aqui, de preferência onde prevaleçam mulheres e crianças.

- Mas o que está havendo? - Indagou a mulher.

- Não temos tempo para explicar, mas saiba que muitos estão correndo risco.

- Certo, sem mais perguntas, aguarde um momento, vou apanhar um mapa.

Ela correu até um armário e dele retirou um grande mapa, fechado em um rolo fino e comprido. Abriu a folha sobre a mesa e analisou por alguns segundos. Com uma caneta vermelha, marcou um círculo num ponto próximo ao centro do mapa.

- O que estão procurando deve estar aqui. - Ela indicou.

- Que lugar é esse? E quem vive lá? - Interpelou Ezequiel.

- Esse é um dos abrigos construídos pela família Magalhães e, na teoria, serviria de refúgio para os vulneráveis durante a guerra, basicamente mulheres e crianças. Quando os exércitos estrangeiros atacaram, as vagas foram comercializadas, e somente quem tinha muito dinheiro pôde se refugiar. Por uma ironia do destino, iniciaram os ataques com bombas de gás por debaixo da terra, e os refugiados foram os primeiros a morrer. Findado o ataque, quase não houve sobreviventes, somente algumas mulheres e crianças. As crianças do sexo masculino não resistiram à contaminação, as bombas carregavam um vírus seletivo que afetava primordialmente os homens, porém, algumas mulheres também sucumbiram à intoxicação. Restaram apenas trinta e sete meninas, algumas ainda eram bebês. Eu ajudei a remover os corpos e as trinta e sete sobreviventes passaram a viver lá embaixo.

- Quanto tempo de caminhada até lá? - Perguntou o caçador.

- São cinquenta e seis quilômetros, se estão com pressa, não devem ir a pé. - Aconselhou Elisa. - Onde está seu transporte?

- Está nas galerias, não podemos usá-lo. - Respondeu Salomão.

- Posso dar uma mãozinha nisso. – Disse a mulher, se levantando.
– Venham comigo.

Elisa se dirigiu até fim do salão, chegando a uma enorme porta de metal, inseriu no orifício da porta uma chave que trazia pendurada ao pescoço, apertando em seguida um botão vermelho redondo, logo abaixo da fechadura. O portão correu para cima, se escondendo numa fenda do teto de concreto. A mulher acendeu as luzes, revelando três veículos que intrigaram Ezequiel.

- O que faremos com isso? Dar um passeio no mar? – Ironizou Ezequiel, ao ver três Jet Skis estacionados no recinto.

A mulher sorriu perante a insolência do jovem visitante. Salomão, porém, sabia exatamente o que aqueles aparelhos podiam fazer e repreendeu o caçador por seu total desconhecimento.

- Não seja estúpido, não são para andar na água.

- E para que servem então, espertalhão?

- Esses são veículos que trabalham com a manipulação do ar. – Elucidou Elisa. – São obra do governo russo, e correm sobre o chão, mas sem tocá-lo, como um *hovercraft* reduzido.

Ezequiel jamais ouvira nada a respeito, um jet ski que voa parecia uma grande insanidade. Mas o que não parecia naqueles tempos? Por tudo que já vivera, sabia que nada era impossível e deu um crédito a mulher.

Realmente aquele tipo de veículo jamais foi de conhecimento comum, eram de uso restrito. Durante a guerra nuclear, os Estados Unidos tinham pleno controle de todo e qualquer tipo de comunicação à distância, desse modo, era impossível proceder qualquer tipo de detonação remota sem que o *Tio Sam* tomasse conhecimento. Assim, cientistas russos, trabalhando para o governo, desenvolveram o protótipo de um veículo compacto, e que percorresse grandes distâncias em altas velocidades. A intenção era que um técnico pudesse acionar um temporizador de curto tempo presencialmente, evitando qualquer tipo de rastreamento. O sujeito acionava a bomba e se afastava do raio de alcance da arma antes da explosão. Como a capacidade dos temporizadores era de, no máximo, trinta minutos, o técnico deveria deixar o local em uma velocidade muito elevada. Os novos veículos proporcionavam isso.

Com o fim da guerra e queda de todos os governos, os poucos protótipos ficaram nas mãos de sobreviventes, que nem sempre faziam um bom uso deles. Elisa os adquiriu de um mercenário que conheceu no Nepal. Ela atravessou continentes levando os veículos, junto de companheiros que já não estavam mais vivos.

Os jet skis voadores eram movidos a energia luminosa, e de fácil operação. O manete da direita acelerava, o da esquerda freava, e o guidão fazia a direção. Elisa teceu uma orientação sucinta e estavam prontos para partir. Acionou uma alavanca na parede e uma imensa claraboia surgiu a metros de distância do chão. Pela abertura a luz exterior iluminou discretamente onde estavam.

Acionando uma nova alavanca, o chão passou por um leve tremor, e toda a plataforma começou a se mover em direção à superfície. Quando estavam próximos do teto, o vidro da claraboia se dividiu em dois, recolhendo

suas metades para os lados. Estacionaram ao nível do solo, Elisa montou um dos veículos e repreendeu os dois homens que ainda estavam inertes.

- O que estão esperando? Não disseram que tinham pressa?

Imediatamente eles imitaram a mulher e montaram seus jet skis. Elisa deu a partida e disparou. Em uma fração de segundos já estava distante, e em breve desapareceria no horizonte. Salomão foi o segundo a partir, seguido por Ezequiel de perto. A velocidade era espantosa, nem mesmo quando andava em sua moto na capacidade máxima, o caçador alcançara tamanha rapidez. Apesar do estranhamento, o caçador sentiu uma prazerosa sensação de liberdade, tal qual se sentia pilotando seu veículo sobre rodas no asfalto.

Salomão mantinha-se em paralelo com Ezequiel, tentou dizer alguma coisa ao jovem, mas àquela velocidade, o som não se propagava com eficácia, tampouco era possível ler nos lábios do velho o que dizia, dada a distorção do rosto causada pelo vento.

Em poucos minutos já alcançavam metade do caminho, o transporte não possuía um medidor de velocidade ou quilometragem, mas Ezequiel tinha experiência em percorrer distâncias, e calculara, de forma aproximada, o quanto já haviam percorrido. Mais habituado ao veículo, Ezequiel acelerou e alcançou Elisa, deixando Salomão para trás. O velho logo se apressou e alcançou os dois. Percorreram mais uns poucos minutos e alcançaram o destino.

Estacionaram ao lado de um majestoso carvalho em decomposição. No tronco da árvore se estampava uma fenda com aproximadamente um metro e meio de altura por um de largura. Elisa adentrou a abertura. Sem esperar que a mulher os chamasse, Salomão e Ezequiel a seguiram. Uma escada, feita de corda e bambu, levava à entrada principal. Diferente da morada de Elisa, o abrigo era raso e poucos degraus separavam a porta de entrada da superfície.

A mulher alcançou a porta, mas não bateu. Aproximou os olhos de uma placa de vidro e um feixe de luz vermelha surgiu, se movendo da esquerda para direita e piscando intermitente. O leitor de retina identificou Elisa e a porta se abriu. Entraram por um longo corredor, todo revestido em metal reluzente. A longa passarela era de um material frisado, antiderrapante, e culminava em uma segunda porta. Elisa repetiu o procedimento de reconhecimento e o acesso foi liberado.

Atrás da porta, um amplo salão foi revelado. A extensão do lugar quase escapava ao campo de visão dos visitantes. Era repleto de portas em ambos os lados. Ao centro, uma larga escada vazada levava ao mezanino, de onde surgiam mais portas que davam acesso ao segundo pavimento. Além da escadaria, o teto era rebaixado, e três mesas, exageradamente compridas, estavam afixadas ao chão. Cerca de vinte mulheres se espalhavam em assentos contínuos presos às mesas.

- Aonde levam essas portas? – Perguntou Ezequiel, girando o corpo para visualizar todas elas.

- A maioria é de dormitórios, as demais levam à dispensa, sala de jogos, casa de máquinas, banheiros e sala de controle. – Informou Elisa.

- Você disse que moram trinta e sete aqui? O lugar tem espaço pra centenas!

- É verdade. Mas não temos centenas. – Lamentou.

Uma mulher branca, com aparentemente mais de oitenta anos, desceu as escadas e caminhou em direção aos visitantes. Vestia roupas grosseiras, largas, e de corte reto, costuradas com tecido habitualmente utilizado em sacos de mantimentos.

A figura estacionou de frente para Elisa e com o canto dos olhos fitou os desconhecidos. Em tom ríspido, repreendeu a mulher.

- O que significa isso? O que dois estranhos fazem dentro do complexo? - Sua expressão era impassível, na lateral de sua testa, uma veia pulsante se sobressaía.

- Nós viemos ajudar. – Antecipou-se Ezequiel.

A mulher se virou completamente para o caçador e não disse nada, a dureza de seu semblante foi o bastante para silenciá-lo.

- Vamos conversar lá dentro. - Impôs a velha. Chamando duas das mulheres que se alimentavam à mesa. - Fiquem de olho nesses dois. Qualquer movimento suspeito atirem em seus joelhos.

Ezequiel não percebeu antes, mas as mulheres carregavam rifles de longo alcance, pendurados no corpo por uma correia que cruzava o peito, indo do ombro a até a cintura. Elisa acompanhou a mulher e deixou os dois caçadores à sua espera.

- Que palhaçada é essa? Estamos aqui para salvar seus traseiros e temos que aguentar isso? Vamos resolver isso lá fora e elas que se danem. - Irritado, Ezequiel se virou para deixar o local, mas foi impedido.

- Hei, espertinho. Você ouviu o que ela disse. Fique quietinho ou vai sair daqui numa maca. - Avisou um das mulheres, balançando a arma na direção de Ezequiel.

As duas encarregadas de vigiá-los eram quase tão velhas quanto à outra, porém uma era bem baixinha, e a outra tinha estatura mediana e era mais corpulenta. As roupas eram igualmente precárias. Andavam descalças e olhavam para os estranhos com uma expressão que era um misto de desprezo e temor. Ezequiel sabia que não encontraria dificuldades em desarmá-las, porém, permaneceu quieto. Afinal, ele estava lá para ajudar.

Dez minutos se passaram, Ezequiel começou a ficar impaciente. Vinte minutos de espera e ele andava de um lado para o outro, ignorando os avisos das duas mulheres. Trinta minutos e finalmente Elisa retornou. Antes que ela pudesse abrir a boca, Ezequiel se manifestou.

- E então, posso fazer meu trabalho? – Sua atitude era arrogante e prepotente.

- Veja como fala, rapaz. – Repreendeu a velha. – Você é o intruso aqui, e tem sorte de não ter sido recebido a tiros.

- Essa é Nadine, a mais velha do grupo. Ela é a líder do refúgio. – Explicou Elisa.

- Pois bem. – Continuou Nadine. – Elisa me explicou a situação e, apesar de não me agradar nem um pouco, vou permitir que fiquem de tocaia por

aqui. Mas que fique bem claro que eu dou as ordens por aqui, e nunca o contrário.

- Eles entenderam. – Replicou Elisa.

- Temos que evacuar o lugar, tirar todos daqui. – Disse Ezequiel.

- Não vamos à parte alguma, não há lugar mais seguro do que aqui. – Enfatizou Nadine. - Vocês podem ocupar o nível um. Nós estaremos seguras deste lado.

- Tudo bem, já estamos indo. Não é, rapazes? – Apaziguou Elisa.

O nível um era o pequeno espaço entre os dois leitores de retina. Elisa conduziu os caçadores até o local e uma porta lateral, que não tinham notado, foi aberta. Lá existia uma pequena sala de monitoramento. Periscópios microscópicos brotavam da terra e captavam imagens digitais da superfície, de lá poderiam avistar a ameaça se aproximando, e surpreendê-los.

Elisa conhecia bem o equipamento e os ajudou a monitorar o perímetro, não sabiam quando os inimigos chegariam, mas supunham que seria em breve. O cubículo era pequeno e extremamente quente, em poucos minutos estavam suados e desconfortáveis. Ezequiel sentou-se num canto enquanto os outros observavam pelos monitores.

Algumas horas se passaram, e era como se observassem uma fotografia, o cenário era completamente estático. Salomão sucumbira ao cansaço e pegou no sono. Ezequiel estava acordado, porém, entediado, não olhava para a tela. O sossego dos dois homens cessou quando Elisa os chamou, sobressaltada.

- Hei, rapazes! - Ezequiel se virou desanimado, mas Salomão ainda roncava. - Acorde seu velho preguiçoso. - Falou, sacudindo o homem. - Tem um carro se aproximando.

Ezequiel saltou de onde estava sentado e grudou os olhos no monitor. Avistou um carro preto se aproximando ao longe, pela distância e velocidade com que o veículo crescia na tela, estimou que estariam lá em no máximo cinco minutos. Imediatamente preparou seu arsenal, duas pistolas nos coldres, algumas facas espalhadas pelo corpo, a espada cuidadosamente acomodada às costas e uma escopeta calibre 12 nas mãos.

- É hora da festa, vamos lá. - Disse o caçador.

Salomão também se preparou e seguiu Ezequiel até a saída. Elisa apanhou algumas das armas deixadas pelos dois e os seguiu.

- O que pensa que está fazendo? - Indagou Salomão, fitando o armamento nas mãos da mulher.

- O que você acha? Eu vou com vocês, querido. - Respondeu ela, continuando a andar e passando a frente de Salomão.

- Não é seguro, você deve ficar aqui.

- O que não é seguro é deixar dois homens cuidarem sozinhos da situação. Isso nunca dá certo, e você sabe disso. - Completou, dando as costas para o homem e alcançando a escada.

Salomão não concordava, mas sabia que não poderia convencê-la do contrário. Conhecia bem Elisa, e durante todo o tempo em que eram amigos, jamais fizera a mulher mudar sua opinião sobre algo. Apesar de ser bem

verdade que quase sempre ela estava certa.

Os três subiram as escadas e se esconderam no interior do carvalho, esperando a chegada dos nocivos visitantes. A mulher encarava os dois caçadores e seus olhares eram retribuídos. A tensão era absurda, e o silêncio aterrador. Rapidamente a presença do carro pôde ser observada a olho nu. Depois disso, em cerca de dois minutos o carro dos facínoras chegou. Estacionariam a cem metros da árvore, os três homens desceram, deixando a aberração dentro do veículo, por hora.

- Tem certeza que é aqui? - Questionou Alfredo, fitando o irmão.

- Eu sei seguir coordenadas, Fredo. Estamos no lugar exato. Elas estão bem abaixo e nós, só precisamos identificar a entrada. - Replicou Antônio.

Don Giovanni caminhou até as proximidades do carvalho, sentiu a temperatura do solo com as mãos, e cheirou um punhado de terra que apanhara no chão. Ezequiel tinha o dedo no gatilho, sabia que seriam descobertos a qualquer momento, estava pronto para atacar, mas tinha que aguardar o momento perfeito. O Don voltou ao carro e, após tragar o charuto, orientou sua prole.

- O carvalho. - Interrompeu a fala para liberar a fumaça pelas narinas. - A entrada fica sob o carvalho, entrem lá e tragam todas aqui pra fora.

Os rapazes obedeceram sem questionamentos, buscaram as armas no porta-malas e seguiram até a fenda na velha árvore. Não esperavam por uma ameaça, então tinham as pistolas apontadas para o solo e caminhavam despreocupados em direção ao carvalho. Ezequiel sabia que era a hora certa para se revelar. Com uma mímica descoordenada e ininteligível, indicou a Salomão que iriam deixar o esconderijo.

Da fenda escura ao centro do tronco, um disparo se antecipou à saída dos dois. A bala atingiu a coxa de Antônio. Ezequiel se revelou, Salomão surgiu logo atrás dele. Conseguiram pegá-los desprevenidos. Com a escopeta apontada para os invasores, era líquido e certo a rendição dos jovens de terno, pelo menos assim pensavam os caçadores.

Ezequiel deu início à declamação de um exorcismo. Os dois sujeitos não reagiram e ouviram pacientes o caçador proferir aquelas palavras. Quando Ezequiel chegou ao fim, notou que nada havia acontecido, seu exorcismo não surtira nenhum efeito sobre aqueles homens. Estava convicto de que estavam possuídos por demônios, mas fatalmente havia se enganado, e agora não sabia exatamente como proceder.

- Não são demônios. - Sussurrou para Salomão.

- Então vamos ter que improvisar. - Respondeu o velho, também sussurrando.

Salomão deu alguns passos para trás, mantendo a mira nos invasores. Ezequiel acompanhou o velho em direção à parte de trás da árvore. Percebendo que Alfredo e Antônio se preparavam para disparar, os caçadores atiraram primeiro. Assim como Salomão, Ezequiel era um exímio atirador, e àquela distância era impossível que errasse um alvo, mesmo em movimento. Mas para sua surpresa, ele viu as balas se desviarem e os dois sujeitos permanecerem intactos.

Enquanto Don Giovanni observava tranquilo, seus filhos dispararam contra os caçadores, porém, estes conseguiram se proteger atrás da árvore antes do primeiro disparo. Uma saraivada de balas atingiu o velho carvalho. Surpreendentemente, Elisa nada sofreu, nem mesmo ela sabia, mas a árvore não era natural. Por baixo do revestimento orgânico, havia uma resistente camada metálica capaz de conter todos os disparos.

O embate prosseguiu num intenso tiroteio. Ezequiel percebeu que seus disparos não atingiam os oponentes, como se alguma espécie de força mística os protegesse. O caçador cessou os disparos, sinalizando para Salomão com o intuito que fizesse o mesmo. Quando pararam de atirar, demorou alguns segundos para que Antônio e Alfredo também interrompessem os disparos. Por um breve espaço de tempo houve a calma. Em ambos os lados o silêncio dominou, e cada um pensava o próximo passo com apreensão. A tranquilidade encontrou seu fim na intervenção do Don.

O líder terminou seu charuto e, em silêncio, caminhou até os filhos, passando entre os dois e se aproximando do carvalho.

- Creio que temos um impasse aqui, cavalheiros. – Começou Giovanni. – Mas ninguém precisa se machucar, nós precisamos conversar com as senhoritas que se refugiaram abaixo dessa árvore. Não queremos que os cavalheiros saiam feridos, então, proponho um acordo: vocês estão livres para ir embora ilesos, desde que não nos atrapalhem. O que me dizem?

- Eu tenho uma ideia melhor. – Gritou Ezequiel, de trás do carvalho. – Entreguem suas armas, e talvez eu permita que continuem vivos. O que me diz, gordão?

Ezequiel foi extremamente rude, apesar de não saber como poderiam sair daquela situação com a vitória. A atitude não agradou Don Giovanni, ele sinalizou com a mão direita, e seus filhos retomaram os disparos. De trás do tronco seco, Ezequiel e Salomão estavam encurralados, a visibilidade era péssima, e as balas que disparavam não encontravam o alvo.

Elisa ainda não se revelara e, diante da situação, talvez fosse melhor que não o fizesse, se todos iriam morrer, seria razoável que ela fugisse para se salvar. Mas a mulher não tinha intenção de abandoná-los e, enquanto se escondia, observava todo o movimento, e reparara na criatura sentada dentro do carro. Em meio a tiros e poeira, a visão era confusa, mas foi o suficiente para perceber que não era uma pessoa comum no banco de trás do veículo.

Percebendo que armas de fogo não surtiam efeito, a mulher deixou o revólver de lado e levantou a blusa, revelando um cinturão preenchido com várias pequenas adagas. As armas possuíam cabo de pedra e a lâmina era grosseira, artesanal, e feita de um metal ordinário. E por mais descabido que parecesse, ela estava convicta que era uma opção melhor que pegar sua pistola e se juntar aos outros naquele tiroteio sem rumo.

Retirou uma das facas da cintura e se posicionou da melhor forma que pôde. Não podia se deixar ser vista, pois o elemento surpresa era a única vantagem que tinha. Enquanto Elisa se ajeitava, Antônio e Alfredo atiravam em disparada, como se pretendessem derrubar o tronco com as balas. Ezequiel e Salomão, em posição bem mais desconfortável, arriscavam alguns tiros, mas não

tinham condição de obter uma mira descende.

Don Giovanni voltara para o carro, de onde observava e embate. Elisa já notara que o homem era o líder e, apesar da distância, acreditava ser capaz de acertá-lo. Em um movimento ligeiro e preciso, a mulher atirou a adaga em direção ao homem. O objeto passou a centímetros da orelha de Alfredo, que não pôde vê-lo, mas sentira sua passagem. Quando a lâmina se aproximava de seu alvo, Giovanni chegou a percebê-la, porém tarde demais para conter o encontro.

A lâmina o penetrou na garganta, imediatamente o fluido vermelho esguichou do ferimento. Ligeiramente atordoado, Giovanni puxou a faca do pescoço, aumentando o fluxo de sangue. Alfredo se virou e percebeu o pai ferido, largando a arma no chão e correndo para socorrê-lo. Antônio acompanhou a corrida do irmão com olhar, sem cessar a artilharia, se abandonasse o tiroteio estariam vencidos, e nada poderia fazer para ajudar o pai.

Alfredo tentou conter o sangramento com um lenço que apanhara no bolso de Don Giovanni, mas o líquido avermelhado brotava como uma cascata. Antônio dividia sua atenção entre o embate e o pai estirado no solo. Aproveitando a distração do sujeito, Elisa atirou a segunda adaga. O golpe da arma atingiu o homem na mão direita, impedindo-o de disparar sua arma. Um segundo lançamento alcançou seu ombro esquerdo, antes que pudesse trocar a arma de lado. Alfredo notou a vulnerabilidade do irmão, e sacou uma pistola do coldre sob o paletó e cobriu a volta de Antônio.

- Me ajude a colocá-lo no carro, Toni! – Gritou Alfredo, disparando contra os adversários com uma mão e aparando o sangramento com a outra.

- Fredo! O *papa* está bem? – Perguntou Antônio.

- Faça o que eu disse, Agora!

Antônio abriu a porta de trás e convocou a aberração para lhe ajudar.

- Levante-se e faça alguma coisa! Ajude-me aqui!

Adolf grunhiu, deixando a baba escorrer pelos lábios. Levantou-se e ajudou Antônio a carregar o pai quase inconsciente para o veículo, amparando sua cabeça no colo. O monstro tomou o lugar de Antônio no carro, logo em seguida, Alfredo se sentou ao volante e, dividido entre a direção e o tiroteio, acelerou o carro se afastando dos caçadores.

Ezequiel saiu de trás do carvalho e tentou acertar o carro, porém os tiros atingiram a lataria blindada e o veículo se perdeu no horizonte.

- Vamos pegar os veículos, ainda podemos alcançá-los. – Exclamou Ezequiel, ofegante.

Elisa já havia saído do esconderijo, e correu em direção a uma grande pedra, cerca de duzentos metros depois da árvore, os caçadores a acompanharam. Havia ocultado os veículos atrás da rocha para que os invasores não soubessem de sua presença.

Alcançaram os jet skis rapidamente, Ezequiel foi o primeiro a subir no veículo. Elisa se preparava para montar quando notou uma pequena poça vermelha no solo. Fitou Salomão e vislumbrou um ferimento de bala em

seu estômago.

- Temos que levá-lo para a enfermaria do abrigo. – Disse a mulher preocupada.

- Eu estou bem, foi só um arranhão, temos que correr ou vamos perder os desgraçados. – Teimou Salomão.

- Não seja estúpido, vai morrer em minutos se não for socorrido. – Repreendeu Ezequiel, saltando do veículo e amparando o velho com o ombro.

- Espere. – Disse Salomão, interrompendo a caminhada que os três faziam em direção a entrada sob o carvalho. – Elisa pode me levar, pegue os desgraçados, Ezequiel. Quando terminar estarei bem aqui, te esperando.

- Ele está certo. – Concordou a mulher. – Eu dou conta, pegue isso e acabe com eles. – Completou, soltando o cinturão da cintura e entregando ao caçador.

- Você vai ficar bem, velho? – Indagou o jovem caçador a Salomão.

- Já estive pior que isso, não se preocupe. – Respondeu o velho ferido.

Ezequiel assentiu com a cabeça e montou o veículo, apressado. Acelerou e em segundos seu vulto dispersou no horizonte. Elisa apoiou Salomão em seu ombro e o levou até o subterrâneo. Lá encontrariam o equipamento necessário para tratar o ferimento.

Sob o jet ski voador, Ezequiel avistou o carro de seus oponentes. A velocidade era surpreendente para um veículo daquele porte. Acelerou ao máximo e, quando obteve um campo de visão razoável, sacou o revólver e atirou contra os pneus do carro. As balas atingiram a lataria, dispensando faíscas em meio à nuvem de poeira que os cercava. Insistiu na investida, e depois de descarregar um pente inteiro, finalmente atingiu um dos pneus. O carro perdeu sua estabilidade e patinou na pista, a velocidade reduziu e Ezequiel acelerou para alcançá-lo quando algo inacreditável ocorreu.

O caçador estava a menos dez metros do carro quando uma forte luz branca surgiu do nada, roubando-lhe totalmente a visão. O clarão durou apenas alguns segundos, mas quando a luz dispersou, o carro preto de Don Giovanni tinha simplesmente desaparecido. Ezequiel reduziu a velocidade até parar, não entendia como um carro com três homens dentro podia sumir de repente. Mas não podia fazer mais nada, senão retornar ao abrigo e pensar o próximo passo.

Voltou ao abrigo e encontrou, no salão principal, Elisa. A mulher andava de um lado para o outro e ao avistar o caçador lhe deu um forte abraço, feliz por vê-lo vivo. Algumas mulheres conversavam à mesa, mas seu tom de voz era discreto e Ezequiel não podia ouvi-las.

- Como ele está? – Perguntou Ezequiel.

- Não sei, Nadine removeu a bala, mas o sangramento aumentou, ele está passando por uma cirurgia agora.

- Não se preocupe, aquele velho é teimoso demais para morrer. – Tentou acalmá-la, apesar de no seu íntimo, também temer pela morte do amigo.

Os dois se calaram por um momento, até que Ezequiel

interrompeu o angustiante silêncio com uma pergunta que desviava totalmente o assunto em foco.

- Elisa, pode me responder uma coisa?

- Claro. – Disse a mulher.

- Como conseguiu feri-los com essas adagas? Eu não entendo, disparamos uma saraivada de tiros contra aqueles sujeitos e nada aconteceu. E você conseguiu abater um deles com uma faca de lata.

- Não são facas comuns, meu jovem.

- E o que são? Me diga?

- Esses instrumentos foram consagrados em um ritual. Sua força vai além da capacidade física de sua matéria. O real poder dessas armas é puramente místico. – Explanou Elisa.

Ezequiel ensaiou uma nova pergunta, mas se conteve ao avistar Nadine descendo as escadas em sua direção.

- Me diga! Como ele está? – Indagou Elisa, exaltada.

- Seu amigo vai ficar bem. Ele perdeu muito sangue, mas apesar da idade, é um homem forte.

- Então já podemos ir. – Afirmou Ezequiel.

- Seu amigo está fora de perigo, mas necessita de repouso. Se saírem correndo em suas motos voadoras, os pontos podem se romper e eu não estarei por perto para ajudar. – Explicou a mulher, com a frieza de uma porta.

- Quero falar com ele. – Manifestou Elisa.

- Você sabe o caminho. – Respondeu a seco Nadine, virando as costas para os visitantes.

Ezequiel e Elisa encontraram Salomão deitado em uma maca. Estava acordado, porém ainda fraco e ligeiramente entorpecido pelos anestésicos. Ezequiel propôs que o velho aguardasse no abrigo até sua melhora, enquanto isso, o jovem caçador resolveria tudo sem ele. Salomão, em meio a tossidas e suspiros, negou a sugestão e se forçou a ficar de pé. Tomando a frente e se dirigindo à saída.

Claramente o velho não tinha condições de caminhar até a superfície, muito menos de pilotar um dos veículos. Ezequiel e Elisa o apoiaram nos ombros e o levaram até a saída. Ezequiel montou o jet ski e acomodaram Salomão na garupa. Preso a um cinto de segurança, o homem ficou parcialmente equilibrado. Ezequiel deu a partida e seguiram até a casa de Elisa. Em virtude das condições de Salomão, a viagem de volta levou o dobro de tempo, e quando chegaram, o homem adormecia, sentado ao veículo.

Levaram-no até a caminhonete na galeria do esgoto e deliberaram sobre o próximo movimento do grupo. Elisa queria ajudar, mas disse não poder seguir com eles. Ezequiel entendeu e se despediu da nova amiga com carinho e pesar. Talvez fosse a última vez que se vissem.

XVIII

APÓS SEREM ENGOLIDOS PELO CLARÃO, ALFREDO e os outros surgiram próximos de casa. Antônio ainda segurava o pai, e tentava conter o sangramento, agora com o auxílio de um pedaço de sua camisa que rasgara há pouco. Em poucos minutos chegaram em casa, Alfredo desceu desesperado do carro e ajudou o irmão a transportar o pai até o interior da mansão. Chegaram à sala e deitaram o corpo de Giovanni no sofá, e só então perceberam que alguém os esperava.

- Parece que tiveram problemas. – Disse a mulher sentada na poltrona ao fundo, surpreendendo os presentes que não a haviam notado.

- Você? O que faz aqui? Veio nos ajudar? – Indagou Alfredo, angustiado.

- Não se preocupe, seu pai não vai morrer, ele não tem permissão para isso. Agora me digam o que houve. – Respondeu o Diabo, transmutado em uma bela e angelical mulher, assim como surgira anteriormente.

Sua aparência feminina e delicada era a mesma, porém, agora se vestia como uma civil, uma calça preta de linho combinando com o blazer feito do mesmo tecido, a camisa branca abotoada até a gola, com exceção do último botão. Os sapatos, também pretos, brilhavam à mínima presença de luz, e um salto de dez centímetros elevava sua estatura. Os cabelos, outrora compridos e retos, agora se apresentavam num corte moderno e despojado, acima dos ombros, deixando uma franja atravessada sobre a testa.

A boca estava pintada de vermelho, e os olhos delineados e

sombreados em tons acinzentados. As unhas feitas tinham um comprimento médio e o revestimento brilhante dava uma aparência de porcelana.

- Ele está morrendo, ajude-o agora! – Gritou Antônio.

- Vocês humanos, sempre perdendo a razão. Meu tempo é curto, assim como o de vocês, então sejam objetivos. Digam o que houve agora e poderão cuidar de seu pai. Quanto mais resistirem, mais durará a agonia do velho.

- Seu desgraçado! – Vociferou Antônio, apanhando o atacadador próximo a lareira para atacar o Diabo.

Lúcifer aguardou a estocada e se deixou perfurar pelo objeto pontiagudo por algumas vezes, até que agarrou Antônio pelo braço e o aproximou de si. O apertão causou uma dor excruciante ao homem, fazendo o atacadador cair de sua mão.

- Eu posso fazer seu pai permanecer nessa situação durante anos, e se falharem comigo, esteja certo que o farei. Então, digam logo o que aconteceu. – Sussurrou no ouvido de Antônio, a voz que emitia destoava da aparência bucólica que ostentava.

Percebendo que não podiam resistir às imposições do maldito infernal, despejaram sobre a entidade os acontecimentos recentes em Salvador. A adaga que atingira Don Giovanni no pescoço ainda estava no carro, e foi entregue ao Diabo que analisou com cuidado o artefato, guardando-o em seguida debaixo da roupa, sem tecer comentários.

- Em algumas horas ele estará recuperado. – Avisou o senhor do abismo. – Quando acordar, diga a ele que a colheita foi finalizada, o próximo estágio deve ser iniciado imediatamente. Vejo vocês em dois dias no local determinado. – Completou, passando pela porta e desaparecendo na escuridão.

Alfredo se voltou para o pai e notou o sangramento regredir, e lentamente o patriarca retomou a consciência. Giovanni se alimentou e, duas horas mais tarde, onde havia um enorme talho, a pele se reconstituíra como mágica. Antônio deixou o pai a par do que ocorrera e repassou as orientações de Lúcifer.

Ao comando do Don, se prepararam para pegar a estrada, e só então se deram conta de que haviam esquecido Adolf no carro. Imediatamente, Antônio rumou até o veículo e se surpreendeu ao encontrar a aberração inerte, o monstro estava quieto, e até o som da respiração, normalmente incômodo, era suave e tranquilo. Adolf se comportava como se aguardasse um comando de seu general, com o corpo ereto, cabeça erguida e o olhar cruel para o nada.

Alfredo seguiu o irmão e, ao testemunhar o quão quieto Adolf estava, aconselhou que não interrompesse aquele raro momento de paz.

- Deixe isso aí. Vamos sair em breve, vai nos poupar o trabalho.

Antônio raramente concordava com o irmão, mas dessa vez achou sensato convergir com sua opinião.

Don Giovanni estava totalmente recuperado e apressava os filhos. Na verdade, o homem preferia estar morto de fato, mas sabia bem que não conseguiria sua liberdade assim tão fácil. Orientados pelo pai, os rapazes buscaram no porão uma caixa grande e velha, ao qual jamais tinham visto antes,

e levaram o objeto até o carro. O baú era extremamente pesado e, apesar de conhecer bem o temperamento do pai, Alfredo não conteve a curiosidade, que lhe era peculiar, e indagou sobre o conteúdo da caixa.

- O que há no baú, *papa*? – Perguntou.

- Em breve você saberá, agora se apresse, pois temos pouco tempo. – Respondeu o pai.

- E pra onde vamos?

- Vamos para onde nosso mandante é mais poderoso, concluir o ritual e finalmente terminar nosso serviço. – Giovanni entrou no carro.

Antônio se pôs ao volante e Alfredo se sentou ao lado de Adolf, dessa vez não se incomodou com a presença da aberração, que se mantinha contida desde o tiroteio. Apesar de sossegado, o monstro tinha o olhar ainda mais fulminante e assustador. Não grunhia e a respiração não fazia a celeuma que lhe era peculiar. Apenas mirava o invisível com o semblante pavoroso e cruel.

- Se apresse, Toni! – Orientou o pai. – Creio que não haverá atalhos dessa vez. Ele deve estar por demais atarefado nesse momento.



Em Salvador, Ezequiel conduzia a caminhonete que avançava nas galerias, desembestada. Salomão repousava no banco de trás, Isabel apoiava seu corpo e lhe servia água em um pequeno reservatório. O velho ainda não se recuperara totalmente, mas estava atento ao caminho, cuidando para que o sobrinho não se desviasse de sua rota. Lília tomou o banco da frente, ao lado do condutor, e demonstrava grande curiosidade sobre tudo o que ocorrera enquanto os dois estiveram ausentes.

Ezequiel se limitava a dirigir, e respondia sucinto e evasivo às investidas da curiosa jovem. Em tempo recorde, alcançaram a passagem que levava à superfície, chegando à rota que era familiar ao jovem caçador. Vez ou outra, Ezequiel espiava pelo espelho retrovisor, e encontrava Salomão debilitado, Isabel prestativa, e o garoto mudo quieto e acanhado, com os olhos bem abertos e atentos, o medo estampado na face demonstrava que o menino, apesar da idade, tinha uma breve ideia do que acontecia.

O céu, até então iluminado, se escureceu num instante, e os faróis do veículo tiveram que ser acionados. Não havia paisagens a contemplar ou construções a admirar. Enquanto dirigia, o caçador espiava com goles de destilado, que sorvia de um cantil metálico abrigado no bolso do casaco. Seria aceitável que a bebida lhe roubasse a destreza, mas estava habituado a longas noites de embriaguez, e um pequeno frasco não surtia efeito sobre seu organismo.

- Não devia beber enquanto dirige. – Repreendeu Lília.

- E você não devia abrir a boca quando não for chamada. – Retrucou grosseiro o caçador.

- A garota tem razão. – Afirmou Salomão, tossindo em virtude do esforço da fala. – Você está carregando pessoas aqui, e não sacos de farinha. Se estiver cheio de álcool, não vai ter a perícia necessária para conduzir a *Roxanne*.

Ezequiel engoliu a seco a censura coletiva, negando seu instinto de retrucar a qualquer crítica ou comentário desagradável. Fitou o velho pelo espelho e tornou a olhar para frente, em silêncio. Na rápida olhadela que dera, reparou que Isabel e Nino sorriam discretamente, e achou graça sem demonstrar.

- Eu estou dirigindo de volta para sua casa, mas ainda não sei o que vamos fazer, tem alguma ideia? – Indagou Ezequiel.

- Estudar. – Respondeu Salomão, sem delongas.

- Estudar? O que quer dizer com isso? Vamos ler alguns livros enquanto esperamos o fim chegar? – Retrucou irônico.

- Precisamos de respostas, e eu não tenho mais nenhuma, se tiver uma ideia melhor, esteja à vontade.

O caçador se calou diante do relato de Salomão, e meditou por algum tempo, deixando a viagem novamente envolta em silêncio. Cerca de uma hora mais tarde, uma epifania eclodiu dele, e Ezequiel botou para fora sem pensar.

- O livro! – Exclamou em rompante.

- Do que está falando, garoto? - Interrogou Salomão, sem entender de cara do que se tratava.

- O livro que lhe trouxe, velho. Você disse que ele pode localizar pessoas. Então é assim que vamos achá-los. - Esclareceu Ezequiel.

- Precisamos saber o nome da pessoa e estampar nosso pensamento com a sua figura, e não sabemos quem são aqueles homens.

- Eu sei como se chamam.

- Sabe? - Indagou Lília, surpresa.

Ezequiel não respondeu à menina e se manteve focado no trânsito enquanto pensava.

- Como Diabos pode saber os nomes daqueles sujeitos? - Questionou Salomão, se esforçando para fazer as palavras saírem.

- Quando Elisa atingiu o velho, os outros dois se chamaram pelos nomes, Toni e Fredo, eles disseram. Com certeza são apelidos: Antônio e Alfredo, estou certo de que assim se chamam aqueles bastardos. E se aquela velharia realmente funcionar, vai nos levar direto para toca do lobo.

- Espero que sim. - Ansiou Salomão, fechando os olhos e se entregando ao cansaço que todo aquele falatório lhe causara.

- E o que farão quando encontrarem os caras maus. – Perguntou Lília.

- Vamos acabar com os desgraçados, é claro. - Respondeu Ezequiel, deixando escapar um breve sorriso ao canto da boca.

- Se não consegui pegá-los dessa vez, por que acha que na próxima vai ser diferente?

- Por que vai ser. Agora fique quieta e não me faça mais perguntas. - Determinou o caçador, buscando o cantil no bolso e despejando o

líquido alcoólico na boca.

Seguiram viagem em silêncio até a casa de Salomão. Ao aportarem no destino, encontraram um homem sentado em uma cadeira de balanço à porta da casa. Era um homem baixinho de abdômen arredondado e estufado. Com os pés apoiados em um caixote, deglutiya confortavelmente um líquido quente na caneca de barro. O sujeito não se manifestou ao perceber o veículo que chegara, permaneceu como estava, provando o líquido e contemplando a paisagem desértica que o cercava.

A Chispa estava inativa e, no escuro, Ezequiel não enxergava com clareza o rosto do estrangeiro.

- Fiquem aqui. - Orientou o caçador, sacando a espingarda no assoalho do veículo e saindo lentamente com a arma apontada para o sujeito.

- Não se mexa. Tem três segundos para dizer quem é e o que faz numa casa que não lhe pertence. - Deu o ultimato com o forasteiro na mira.

- Não reconhece mais seus amigos, garoto? - Provocou o homem.

Ao identificar a voz, Ezequiel baixou a guarda e descansou a mira, apontando a arma para o chão. Caminhou até o homem e o abraçou, dando leves tapas e suas costas.

- Abel, meu amigo! Achei que não o veria mais.

- Não é tão fácil se livrar de mim, Z. - Respondeu Abel.

- O que houve? - Indagou o jovem caçador.

- Não temos muito tempo para conversa, traga todos para dentro e vamos resolver as coisas.

Ezequiel sinalizou com a mão, permitindo a saída dos passageiros. Lília desceu do veículo acanhada, não conhecia o estranho. Salomão ainda dormia quando Isabel o despertou com um leve agito no ombro. A mulher ajudou o velho a se levantar. Somente quando ela chamou, o pequeno Nino deixou a caminhonete e todos entraram na casa.

- Parece que não está muito bem, velho amigo. - Comentou Abel ao ser percebido com surpresa por Salomão.

- Sofri alguns arranhões, nada que um banho e uma boa refeição não resolvam. - Respondeu enfraquecido, cumprimentando o amigo com um movimento de cabeça.

Dentro da casa, Ezequiel deixou seus objetos num canto e foi direto ao livro. Já conhecia as passagens ocultas e não foi necessário ajuda, apesar disso, Lília o acompanhou calada, evitando que o caçador se irritasse e a mandasse voltar. Ezequiel estava afoito, e mal percebeu a presença da menina. Trespassou a porta e encontrou o livro fechado sobre a mesa. Apanhou o artefato e retornou até onde os outros estavam reunidos.

Ao retornar, todos estavam na sala, exaustos pela viagem, com exceção de Salomão, que não compunha o grupo naquele momento.

- Cadê o velho? - Perguntou.

- Foi tomar um banho. - Respondeu Isabel. A mulher estava de pé ao lado do sofá e Nino segurava sua mão com força, o garoto estava aflito. - Ele precisa de repouso. Vou preparar alguma coisa para comermos. - Completou, tomando a liberdade de explorar a casa e encontrar a cozinha. O menino não

soltava a mão de Isabel e a acompanhou.

Ezequiel se sentou ao lado de Abel com o livro na mão, e ficou quieto por um tempo, até romper o silêncio.

- Você já usou? – Perguntou, fitando o amigo

- Quer falar sobre drogas? – Respondeu Abel, com sarcasmo.

- Sabe que me refiro ao livro.

- Não, nunca. Ninguém que conhecemos jamais utilizou esse livro,

Z.

- E como sabe que ele funciona?

- Essa é grande questão, não sabemos. Só temos a fé.

- Acho que hoje sua fé será posta a prova.

- Nesse ponto mora seu engano, amigo. Se a fé necessitasse ser provada, não seria fé. – Divagou Abel. – Não vai tentar?

- Melhor esperar Salomão voltar.

- Está na sua cara o quanto está ansioso para testar o *Rastreador*.

Se soubesse quanto tempo um velho ferido pode levar para tomar um banho, desistira da ideia de esperar.

Ezequiel olhou para o livro, em seguida encarou o amigo. Abel acenou com a cabeça, como se dissesse: *tudo bem, pode usá-lo*. Ele agradeceu no seu íntimo, puxou a adaga do cinto e a repousou sobre a mesa. Virou o livro com a capa sobre a mesa, puxou a quarta capa, abrindo o livro pelo final, e puxou uma pena afixada na última folha do encadernado.

Colocou a pena sobre a mesa e se voltou à adaga, sem cerimônia abriu um talho na palma da mão esquerda, causando espanto em Lília, que o observava atentamente.

- O que está fazendo!? - Indagou a garota.

- Estou trabalhando. - Respondeu seco.

- Não acha melhor esperar o Salomão voltar antes de experimentar essa coisa?

- Cada minuto é precioso. Além do mais, não preciso de uma babá, posso me virar sozinho.

- Mas...

- Fique quieta, por favor. - Pediu o caçador, usando de uma educação que não lhe era peculiar.

O sangue oriundo do corte empossou na palma. Ezequiel buscou a pena e umedeceu a ponta da haste, mergulhando-a no plasma acumulado. Com a pena posicionada, Ezequiel grafou os nomes de Alfredo e Antônio. Tomou cuidado com a escrita, demorando mais do que costume para terminar as palavras. Tendo os substantivos estampados na página, o caçador fechou os olhos e se concentrou na imagem dos dois homens com quem trocara tiros mais cedo. De olhos fechados ele não testemunhou o que sucedeu, mas o resultado apresentado pelo livro era algo fascinante.

Lília e Abel vislumbraram o sangue usado na escrita se distorcer, se desdobrar, e de maneira mágica traçar dezenas de linhas em simultâneo. As gotículas do líquido dançavam sobre o papel num intenso e delicado balé. O que, a princípio, parecia um amontoado de linhas, aos poucos tomou formas

simétricas e precisas, dando forma a uma figura oval que preenchia as duas páginas em evidência. Dentro da figura geométrica, linhas traçavam fieis representações dos territórios que um dia foram denominados continentes, e dentro dos continentes, mais linhas se formavam, representando os países, os distritos e as cidades.

Quando o desenho foi concluído, Ezequiel sentiu que era hora de abrir os olhos. A visão, embaçada, ajustou seu foco rapidamente, e o caçador viu saltar diante de seus olhos uma obra majestosa. Na folha à sua frente, estava um mapa do mundo, simétrico e delineado com perfeição. Ele aproximou as mãos do papel, a princípio receoso, mas logo se desprende da preocupação e tocou a folha, tateando o relevo dos riscos. Tudo parecia fantástico, até que se lembrou do mais importante.

- Onde eles estão? - Ezequiel perguntou. A questão era para si mesmo.

- O que? - Respondeu a garota com uma nova interrogação.

- Temos um mapa perfeito, mas o que precisamos é...

Sua fala foi interrompida quando dois pontos luminosos surgiram na superfície do papel. Os sinais piscavam como em um sonar. Ezequiel tinha a resposta à pergunta que não concluía. A luz no mapa era a localização daqueles que procurava.

- Acho que encontrou o que procurava. - Comentou Abel.

- É isso aí. - Respondeu ao comentário e fez um a pausa. - Vamos pegar os desgraçados.

Salomão despontou na sala principal, andando com dificuldade, sentiu um aroma agradável no ar, um cheiro que há muito não sentia. Sentou-se no sofá devagar, soltando um suspiro de alívio ao se acomodar no assento estofado.

- Que cheiro delicioso, será que eu não resisti e estou no paraíso, meus desejos estão sendo realizados? - Questionou, ao sentir o odor que vinha de sua cozinha.

- A moça está cozinhando. Essa moça deve ser uma cozinheira milagrosa. Só assim para conseguir preparar algo descente com o lixo que você guarda em sua dispensa. - Desdenhou Abel.

Salomão ensaiou uma réplica, mas da boca só saiu uma tosse grossa e abafada.

- Hei, velho. - Ezequiel o chamou. - Funcionou!

- Funcionou o que? - Replicou sem entender.

- O livro. Temos a localização dos sujeitos, precisamos...

- Calma aí. - Salomão o interrompeu. - Você pode sentir o cheiro? Percebe o aroma no ar?

Ezequiel se calou sem entender a atitude estranha do homem. A interrogação estampada em seu rosto fez com que Salomão continuasse.

- Sabe há quanto tempo não faço uma refeição decente? Pois faz muito tempo, e antes de sairmos desembestados por aquela porta atrás daqueles homens, vamos desfrutar de uma boa refeição. Essa pode ser a última.

Inconformado, Ezequiel cedeu e quietou. Em poucos minutos

Isabel anunciava que o jantar estava servido.

- Não é nada de espetacular. Na verdade não tinha muito com o que trabalhar na sua cozinha. – Virou-se para Salomão, tocando-lhe no ombro de forma suave e cortês.

Entre a sala e a cozinha, havia uma comprida mesa de sucupira, rodeada de dez cadeiras feitas da mesma madeira. Salomão tomou sua posição na cabeceira, e os outros se acomodaram como preferiram. No centro da mesa, Isabel depositou um amplo caldeirão. O caldo contido no vasilhame exalava uma fumaça cheirosa, que assanhava o apetite dos presentes. A mulher serviu o anfitrião e depois se sentou, deixando que todos se servissem a vontade. Só então preparou seu prato.

A comida era algo simples, um caldo grosso e alaranjado, porém, Isabel conseguira deixá-lo com um sabor delicioso. Todos desfrutaram daquele momento como se nada acontecesse no resto do mundo. Durante cerca de trinta minutos, vivenciaram uma fantástica suspensão da realidade, e se sentiram como em um grande almoço de família num domingo festivo qualquer.

Salomão terminou sua sopa e repetiu, os outros também quiseram provar mais um pouco daquele caldo tão saboroso. Naqueles tempos, estavam acostumados a se alimentar dos mais asquerosos animais, e a carne que não estivesse crua, já era uma grande refeição. Até mesmo o sal era escasso, já que a maioria dos mares secara, e os bancos de sal estavam quase todos contaminados com radiação e outras substâncias tóxicas.

Ao terminarem a refeição, a cozinheira da noite pôs-se a retirar a mesa para a higienização do vasilhame. Abel, que também era versado na arte culinária, prontamente se colocou a ajudá-la, após tecer diversos elogios ao saboroso preparado do qual acabara de se alimentar.

Salomão permaneceu na mesa, repousando as mãos sobre a barriga crescida e respirando de forma sonora e profunda. Nino auxiliava Isabel como podia, não saindo de seu lado um momento sequer. Apenas Lília e Ezequiel permaneciam à mesa com o dono da casa.

- Você já se lavou, já se alimentou, já descansou o suficiente, eu acredito. Será que agora podemos tratar do que interessa? – Indagou Ezequiel, sem esconder a irritação, que se manifestava na voz alterada e nas sobrancelhas ligeiramente empinadas, franzindo a testa em três dobras singulares.

- Sem dúvida, vamos ao que interessa. – Respondeu o velho, acentuando sutilmente a última palavra, exercitando seu sarcasmo com o sobrinho. – O que o livro lhe mostrou, garoto?

- Temos a localização deles. E o ponto está se deslocando, veja. – Apanhou o livro repousado na cadeira vazia ao seu lado e o depositou sobre a mesa, de modo que ambos pudessem vê-lo. – Já atravessaram a fronteira do país, estão seguindo pelo atlântico em direção à África do Norte. – Aquela parte do oceano jazia totalmente seca, e era possível cruzar todo o oceano atlântico sobre rodas.

- E pra onde Diabos estão indo? – Salomão indagou baixinho, como se perguntasse para si mesmo.

- Não faço ideia do destino dos desgraçados, mas temos que

alcançá-los. Talvez com aquele veículo que Elisa nos deu eu possa me adiantar e surpreendê-los antes que façam o que pretendem. – Se referiu ao Jet Ski voador, Elisa os apresentou com uma das máquinas, quando se separaram em Salvador. O transporte ainda estava na carroceria da caminhonete.

- Se em menos de um dia de viagem já alcançaram tal distância, não vai conseguir apanhá-los no caminho. – Retrucou Salomão. Ezequiel se preparou para um protesto, mas foi contido com a conclusão da fala do homem. – Sorte eu possuir um transporte bem mais veloz. – Completou, surpreendendo o descrente Ezequiel.

- Como? – Indagou o jovem.

- Venha comigo, vou lhe mostrar.

Salomão se levantou com dificuldade, mas Ezequiel o aprou em seu ombro. O caçador precisou caminhar curvado para que o braço do velho pudesse envolver a parte de trás de seu pescoço. Lília ouvia tudo em silêncio, tão quieta que os dois nem perceberam sua presença. Quando caminharam em direção à saída, a garota os seguiu, em passos macios e silenciosos. Manteve certa distância, queria evitar que a enxotassem dizendo que aquilo era assunto dos adultos. Ficava possessa quando a tratavam feito criança.

Caminharam, seguindo a orientação do mais velho, circulando a casa e aportando na entrada do galpão anexo à residência. Era uma construção velha, porém sólida, cerca de duzentos metros quadrados, por doze de altura. O portão era imenso e tinha um tom rubro, estava coberto por ferrugem, mas o metal ainda resistia bem à passagem do tempo.

- Gire aquela manivela. – Orientou Salomão, impossibilitado de executar a tarefa.

Ezequiel seguiu a orientação e girou a manivela até o fim, a roda estava enferrujada e rangia muito. Ao terminar o trabalho, o caçador voltou para perto de Salomão. Encarando o que havia além do portão, teve uma grata surpresa.

Dentro do velho galpão havia um, também velho, porém conservado avião monomotor. Era negro com duas listras vermelhas horizontais que cortavam todo seu corpo. A pintura estava fosca e desgastada, porém, a estrutura metálica parecia intacta ao primeiro olhar. Lília se escondia atrás de um punhado de mato seco que circundava a casa e, quando avistou a nave estacionada, um sussurro de surpresa lhe escapou por entre os lábios, quase revelando sua presença. Ezequiel admirou a aeronave, emudecido, mas logo conteve a surpresa e voltou a ser realista e descrente.

- Onde consegui isso? – Interrogou.

- Depois da guerra, você sabe, muita gente morreu, deixando seus bens ao acaso. Quando encontrei essa belezinha, não pensei duas vezes. Sabia que seria muito útil. O antigo dono morreu sem conseguir chegar ao avião, então não se importou que eu o levasse comigo. – Relatou o velho caçador.

- E por acaso essa coisa ainda funciona? – Perguntou temeroso.

- É claro que sim! Acha que te trouxe aqui pra admirar uma peça de museu? Vamos para dentro, temos que nos organizar para a partida.

Salomão rumou para a casa, sem esperar a ajuda de Ezequiel. O

caçador foi logo atrás, se antecipando e oferecendo auxílio ao homem ferido. Entraram na casa e encontraram Abel sentado à mesa, como se esperasse a chegada dos dois.

- O que estão aprontando? - Perguntou Abel.

- Você sabia que o velho guarda um monomotor atrás da casa? - Devolveu Ezequiel, pensando estar revelando uma novidade.

- Aquela velharia ainda existe? - Sorriu ao desdenhar a aeronave do amigo. - Pensei que tivesse se livrado daquela banheira.

- Pois é naquela banheira velha que vamos alcançar os sujeitos. - Retrucou Salomão, também sorrindo apesar da dor que ainda sentia.

- E quando partimos? - Indagou Lília, surgindo entre os dois homens de pé, como um fantasma.

- Desde quando está aqui, pirralha? - Perguntou Ezequiel surpreso. Ela apenas sorriu, sem mostrar os dentes.

- Tem algo que precisamos resolver primeiro. - Salomão ficou sério, fitando o jovem caçador. Abel também alterou seu semblante descontraído, direcionando seu olhar para Ezequiel.

- E o que precisamos resolver? - Indagou Ezequiel.

- Estamos num ponto crítico. - Afirmou Salomão. - Não sabemos que tipo de ameaça encontraremos nesse lugar pra onde vamos. E somos apenas três, sem contar que Abel e eu já não somos mais garotos.

- Diga logo aonde quer chegar. - Intimou Ezequiel.

- Precisamos de ajuda nessa empreitada, você tem que procurá-lo.

- Nem pensar, está fora de questão. Não vou me juntar àquele covarde, nem mesmo para salvar o mundo.

- Sem ele não vamos conseguir. Nenhum de nós conhece tão bem os exorcismos secretos quanto Elias. Vocês têm que colocar de lado suas diferenças. Não se trata de um assunto de família. Muitos dependem de nosso sucesso.

- Você concorda com isso? - Perguntou, fitando Abel. Com a cabeça ele consentiu.

Ezequiel repousou a mão direita sobre a testa, deslizando-a até a nuca. Seus olhos ardiam em cólera e depois de um longo suspiro ele explodiu.

- Eu não me junto com aquele miserável, por nada, nem por ninguém. Se querem a ajuda dele, fiquem à vontade, mas eu não farei parte disso. - Virou as costas e trotou até porta. Saiu da casa espumando de ódio, fechando a porta com força. A batida sonora ressoou por toda a sala enquanto ele se afastava.

Do lado de fora, Ezequiel acendeu um cigarro e deu uma tragada forte, guardando toda a fumaça em seu pulmão. Antes que a nuvem de impureza fosse expelida pelo nariz, seus olhos, já marejados, transbordaram uma primeira lágrima. Enxugou o rosto e recorreu ao cantil no bolso do casaco. Derramou quase todo o conteúdo alcoólico numa só investida, depois se sentou numa pedra que estava próxima, olhando para o céu negro sem estrelas.

Deixaram que Ezequiel ficasse sozinho por um tempo, enquanto

isso, Salomão verificou a aeronave, conferindo o combustível e todo o funcionamento elétrico e mecânico. Em meia hora tinha tudo preparado para se lançarem ao ar. Abel percebeu que Ezequiel permanecia inerte, sorvendo até a última gota da bebida. Resolveu ir até o homem para conversar.

Abel passou pela porta da casa, deixando-a aberta, e caminhou apressado até o amigo. Quando estava a cerca de vinte metros dele, o chamou pelo nome, sem diminuir o ritmo dos passos. Ezequiel se virou e não teve tempo de reagir, quando foi atingido por um soco na face esquerda. A pancada o derrubou da pedra onde estava sentado, deixando-o caído com as costas sobre o solo. Abel saltou sobre a rocha e sobre o corpo de Ezequiel, agarrando a gola do casaco com as duas mãos.

- Mas que Diabos pensa que está fazendo? – Protestou Ezequiel que, ainda atordoado com a investida, não reagiu. Do canto da boca escorria um filete fino de sangue.

- Eu te resgatei do fundo do posso. Vi você renascer como um homem. E você se tornou um caçador como nunca vi igual. Mas durante todo esse tempo, você também se tornou um egoísta desgraçado. Pode ser que engane aos outros com essa pose de *badboy*, de quem não se importa com nada nem com ninguém. Mas eu o conheço muito bem, e sei o quanto você sofre e se castiga, sei que sente por não estar mais junto de seu irmão.

- O que você sabe sobre a minha vida? Quando me encontrou eu já estava acabado. Eu apaguei o passado e nunca lhe contei nada. Agora quer me dar uma lição de moral a partir de meia dúzia de besteiras que aquele velho disse lá dentro.

- Eu sei de tudo, Ezequiel. Eu sempre soube. Quando você acordou do coma, eu já havia me inteirado de seu passado. Josué também era meu amigo, eu também senti sua morte. A diferença entre nós é que eu soube seguir em frente.

- Seguir em frente? Seguir em frente para onde? Não existe futuro para nós. Somos bastardos amaldiçoados. Não há pra onde seguir. Aqueles que morreram, estes sim tiveram sorte.

- Ainda tem gente que se importa com você, e fingir não ver isso não vai te fazer se sentir melhor. E toda essa bebedeira também não vai melhorar a coisas. Pessoas dependem de você. Deixe de ser covarde e enfrente seus problemas como um homem.

Ezequiel enfim reagiu à agressão e acertou o rosto de Abel com uma cabeçada. O golpe deixou o homem tonto, caindo para o lado. Do nariz o sangue escorreu, colorindo parte da boca de vermelho. Ezequiel se levantou, tomando distância do amigo e fechando a guarda.

Todos saíram da casa e, de uma distância segura, observavam o embate entre os dois amigos. Isabel se moveu para tentar interrompê-los, mas Salomão não permitiu. Ezequiel tinha que acertar as contas consigo mesmo.

- O que acha que posso fazer para consertar as coisas? Não dá pra voltar no tempo, o que está feito, está feito. Elias e eu não temos mais nada para tratar. Está tudo acabado! – Gritou Ezequiel.

- Vocês falaram coisas que não deviam. Magoaram um ao outro.

Mas nada muda o fato de que são irmãos, e que se amam. – Respondeu Abel, se levantando e limpando o sangue do nariz com as costas da mão.

- O quer que eu faça? Que Diabos quer que eu faça? – Gritou Ezequiel, descoordenado. Parecia embriagado, mas na verdade seus reflexos estavam ílesos, contudo, se sentia perdido e isso se refletia em sua postura. Seus olhos lacrimejavam, estava chorando.

- Perdoe seu irmão, e acabe logo com esse martírio.

- Eu já o perdoei há muito tempo.

- Então porque não o procura e diga o que sente, diga que tudo é passado agora.

- Não posso voltar àquela casa. Não posso voltar.

- E porque não? – Instigou Abel. – Me diga por quê.

- Por que eu não sei o que dizer. Nosso pai está morto, e a culpa é minha. Eu deixei que ficasse sozinho, e eu atrasei nossa volta passando a noite naquela vila. O meu egoísmo custou a vida de Josué. Você acha que ele vai me perdoar? Não existe perdão para isso. – Desabafou o caçador. Ele deu as costas para o amigo e se dirigiu à casa. Passou por todos que observavam. Os olhares se desviaram, evitando encarar-lo depois da revelação que fizera.

Abel apalpou o nariz e notou que o osso se deslocara. Pressionou o corpo nasal entre o polegar e o indicador e, numa torção rápida, reposicionou o osso de volta ao lugar. A dor foi forte, porém não gritou, se contendo a um pequeno gemido abafado pela boca fechada. *Não tenho mais idade para essas coisas*, pensou. Se recompôs e seguiu os passos do amigo, encontrando-o sentado no sofá da casa, desolado. Abel se sentou ao lado de Ezequiel, aguardou alguns minutos, nesse tempo os dois nada disseram. A primeira palavra veio à tona na iniciativa de Abel.

- Você pode fazer isso, estamos todos do seu lado. Não precisa enfrentar nada sozinho.

Ezequiel virou a cabeça para o lado e, com os olhos vermelhos de choro, encarou o amigo. Não disse nada, não assentiu com a cabeça, nem mesmo um gesto com as mãos ele ousou. Mas o olhar com que fitara Abel deu a entender, claramente, que estava disposto a tentar. Daria uma nova chance a si mesmo, de voltar a ter Elias como um irmão, mesmo que para um último trabalho juntos.

- Suas coisas já estão no avião. Salomão está pronto para partir. – Disse Abel, antes de se levantar. – Agora, por favor, tome um banho e vista alguma coisa limpa, você está péssimo. – Completou, arrancando um discreto, porém, sincero sorriso do amigo. – Mais uma coisa. – Emendou à fala anterior, antes de sair. – Tenho certeza de que Elias não te culpa, o único que deve te perdoar é você mesmo. – Abel se virou e deixou a sala.

Vinte minutos mais tarde, todos estavam devidamente acomodados na aeronave. Salomão e Abel ocuparam a cabine do piloto. Os outros assentaram em cadeiras dobráveis, afixadas nas laterais da nave. O painel do avião era repleto de botões e alavancas que, para um leigo, nada significavam ao não ser uma grande confusão. Mas o velho caçador conhecia bem os comandos do monomotor e, depois de uma sequência de movimentos precisos, a aeronave

deixou o galpão, avançou pela pista irregular até tomar velocidade e se pôr ao ar.

Todos olhavam para Ezequiel em um misto de estranheza e compaixão, mas evitavam que ele percebesse, porém não tinham sucesso. O caçador estava sentado, preso pelas faixas de segurança, mantinha-se em silêncio e mesmo quando ouvia alguma coisa a qual gostaria de comentar, se continha e nada dizia.

Já passavam-se cerca de dez minutos desde a decolagem, Ezequiel tinha o *Rastreador* nas mãos e acompanhava o avanço veloz do grupo inimigo. Por outro lado, percebia que a aeronave seguia em velocidade suprema. Se tudo corresse como o esperado, chegariam a tempo.

Ezequiel estava pronto para enfrentar demônios, trocar tiros com criaturas imortais, ficar de frente com o próprio Diabo, e não se alarmava. Porém, ao pensar no encontro com Elias, a situação era bem diferente. Suas mãos suavam, seu coração batia em um novo compasso, acelerado e desritmado. De tudo que já enfrentara em sua, não tão longa, mas intensa existência, com certeza estava a caminho de seu maior desafio.

O caçador se mantinha quieto, apesar dos olhares a lhe vigiar. Após certo tempo, Ezequiel levou a mão ao bolso do casaco, havia trocado de roupa, mas se recusara a abandonar o sobretudo, se sentia mais seguro com aquele visual. Quando a mão foi coberta pelo tecido do casaco, Isabel fitou o caçador com um olhar fulminante de reprovação, ele não encarou a mulher, mas percebeu, com o canto do olho, a atitude dela. Quando a mão saiu do bolso, Isabel ensaiou uma fala de repreensão, mas foi surpreendida quando nas mãos dele viu um velho relógio de bolso, o metal dourado reluzia, e ela via uma inscrição no centro da tampa, apesar de não ser possível decifrá-la àquela distância, Isabel recolheu a guarda e corou quando Ezequiel, com um discreto sorriso, olhou diretamente para ela.

- É um belo relógio. – Disse Isabel, ainda um pouco desajeitada. – Mas não combina muito com você.

- Foi um presente. – Respondeu, sem tirar os olhos do objeto.

O voo já era estável, e as tiras de segurança não mais se faziam necessárias. Isabel se soltou e caminhou até Ezequiel, sentando-se na cadeira vazia ao seu lado.

- Posso ver? – Perguntou a mulher, estendendo a mão bem próxima ao relógio. Ezequiel depositou o objeto em suas pequenas mãos e permaneceu de cabeça baixa, enquanto Isabel examinava a antiguidade. – Está quebrado, os ponteiros não se movem. – Notou ela.

- Não está quebrado, é um relógio à corda, basta girar o pino que os ponteiros voltam a se mexer. – Ezequiel não estava interessado na conversa, mas respondeu de forma cordial.

Isabel agarrou o pino com os dois dedos, mas foi impedida por Ezequiel, que num rompante arrancou o objeto de suas mãos.

- Não faça isso! – Exclamou alterado.

- Por que carrega um relógio que não marca as horas? – Ela indagou sem compreender.

- Esse relógio estava no bolso do meu pai quando o encontrei

morto, pregado numa cruz por um maldito demônio. – Explicou, sem olhá-la de frente.

- Eu sinto muito. – Ela lamentou.

- Doze horas. – Ele sussurrou, ainda assim sendo ouvido. – Era esse o horário marcado quando retirei do bolso de meu pai morto, doze horas. E é nesse horário que deve permanecer.

- E essas inscrições na tampa, o que significam? Não reconheço essa língua?

- É latim. – Explicou Ezequiel. – E significam força e fé.

- É por isso que o carrega, pra manter sua fé e te dar força?

- É só uma mensagem idiota, poderia estar em um biscoito da sorte, mas resolveram escrever aqui. A fé nos enfraquece, não há como possuir as duas coisas.

- Então porque carrega um relógio parado se não significa nada pra você?

- Você tem razão. – Respondeu, se soltando das amarras e depositando o relógio nas mãos da mulher. – Não há porque guardar algo tão inútil. – Ezequiel se levantou e seguiu até a cabine do piloto, onde se juntou a Salomão e Abel. Isabel admirou a beleza do objeto, apanhou um lenço que guardava no bolso e envolveu o velho relógio.

- Vou guardá-lo pra você. – Ela sussurrou para si. – Quando estiver pronto, o terá de volta. – Guardando o artefato no bolso da calça jeans.

A cabine do avião era minúscula, a cadeira dobrável, normalmente afixada próximo ao assento do copiloto, inexistia. Ezequiel se arranjou com um caixote de madeira que encontrara jogado num canto e se sentou entre Abel e Salomão. Acomodado na cadeira improvisada, trouxe a bolsa pendurada até a frente dele e retirou o livro, o *Rastreador*. Abriu numa página aleatória, já havia percebido que todas as páginas mostravam a mesma informação. O mapa permanecia intacto, mas as luzes intermitentes avançavam com pressa.

- Já estão alcançando a costa africana, acho que não temos muito tempo. – Comentou Ezequiel.

- Eles podem ser rápidos, mas nós podemos voar. Não se preocupe, vamos pegar os bastardos. – Garantiu Salomão.

- Quando foi que aprendeu a pilotar essa coisa? – Perguntou Ezequiel, não contendo a curiosidade.

- Veio com um manual. – Respondeu sucinto.

- E quantas vezes já fez isso?

- Eu já operei essa máquina por incontáveis vezes garoto. Não tem com o que se preocupar, estão todos seguros sob o meu comando.

Ezequiel se tranquilizou e ficou em silêncio, até que Abel fez um comentário que derrubou por terra toda a segurança passada pelo piloto.

- É verdade, ele já operou essa máquina dezenas de vezes. É apenas a primeira vez que faz isso no ar.

- Você nunca voou nessa banheira? – Indagou Ezequiel alarmado.

- Está tudo sobre controle, no chão ou no céu, os controles não

mudam. E na pior das hipóteses, tenho três paraquedas no compartimento atrás de você. – Argumentou Salomão.

Abel riu da situação, e Ezequiel, que até o momento tinha a cara fechada e séria, sucumbiu à ironia de tudo aquilo e gargalhou como há muito não fazia.

Apesar de velha, a máquina voadora cortava o céu com uma velocidade espantosa, pelo ritmo de viagem, alcançariam o destino em no máximo uma hora. A proximidade do encontro com irmão aumentava a angústia de Ezequiel, que passara quase todo o tempo calado e distraído.

- Apertem os cintos, vamos pousar. – Avisou Salomão.

- Vai pousar na ladeira? – Perguntou Abel, com um sussurro, para que ninguém mais ouvisse.

- É o único jeito, se procurarmos uma planície, não haverá tempo suficiente. – Respondeu.

Abel tratou de apertar bem seu cinto de segurança, e se manteve alerta durante o pouso. Sentiram o corpo da aeronave se inclinar, com o bico pendendo para baixo. Rapidamente o avião tocou o solo irregular, o tremor excessivo causou apreensão em todos. O terreno no qual pousavam, além de íngreme, era pedregoso e lotado de buracos de todos os tamanhos e profundidades. O estorvo durou cerca de quatro minutos, entre sacudidas e tropicões, até que enfim o monomotor parou.

Apesar do pouso conturbado, todos estavam bem, e a velha aeronave estava intacta, a não ser pela grossa camada de terra que se impregnou por toda parte externa do avião. Salomão acionou um controle e a porta traseira da aeronave se abriu, deixando a luz fraca penetrar o interior do avião. Todos se desprenderam de suas tiras e caminharam até a saída. Até mesmo Abel e o piloto já haviam deixado o interior do veículo quando Ezequiel, temeroso, se levantou e rumou à saída.

De onde estacionaram o pássaro de metal, via-se claramente a casa de Josué. Ezequiel vislumbrou o local e se lembrou do tempo que lá viveu, da única vez que realmente fez parte de uma família. Diferentemente do que deixara quando foi embora, havia novamente animais no terreno e, envolta pela terra seca e arenosa, crescia ali uma relva verde e bela.

O avião de Salomão não era dos mais silenciosos, e o pouso em condições adversas causou uma grande barulheira que, inevitavelmente, fora ouvida de dentro da casa. O grupo caminhava até a casa quando uma visão neutralizou as pernas de Ezequiel e, sem reação, ele não mais andou: Elias surgiu à porta do casebre.

XIX

HÁ DUZENTOS METROS DE DISTÂNCIA, ERA POSSÍVEL OBSERVAR a expressão no rosto de Elias, era muito diversa da carranca odiosa que ostentava quando se encontrara com o irmão pela última vez. Havia paz em seu semblante. Suas vestes também eram uma novidade. O homem trajava uma longa túnica branca que ia até os joelhos, e uma calça larga de corte reto, de mesmo tecido, que terminava sem tocar os pés. Calçava sandálias com tiras de couro e sola de madeira. Os cabelos, antes curtos e penteados, agora alcançavam metade das costas, e o rosto era coberto por uma barba espessa, discretamente aparada.

Elias não pareceu surpreso ao avistar os visitantes, na verdade, reagiu como se de fato os esperasse, o que não era possível, diante das circunstâncias. Abel deu um tapa leve nas costas de Ezequiel, fazendo com que ele continuasse a caminhada. O grupo seguiu coeso até os portões da propriedade. Elias também se aproximava, e a abertura do portão de madeira antecipou o aporte dos recém-chegados.

O primeiro a transpor foi Salomão, sua chegada foi recebida com um abraço caloroso do sobrinho, os outros foram cumprimentados com um aperto de mão carinhoso. Elias tinha um sorriso discreto no rosto e estacou em frente ao portão, aguardando que o irmão fosse até ele. Ezequiel desviou o olhar para o chão, a coragem lhe faltava e não sabia como proceder. Elias teve que dar o primeiro passo.

- Ezequiel. – Disse, chamando a atenção do velho amigo. – Venha, meu irmão. Temos muito que conversar. – Completou, estendendo a mão em

sinal de acolhimento.

Ezequiel avançou em direção ao irmão, mas manteve o silêncio. Elias repousou a mão sobre as costas de Ezequiel, conduzindo-o a caminho da casa.

- Creio que já sabe o caminho, não é mesmo? – Disse Elias. Sua voz era doce e serena, tão tranquila quanto a expressão de seu rosto.

Quando alcançaram a casa, a porta estava entreaberta. Todos adentraram o recinto, os últimos foram Ezequiel, seguido de Elias. Dentro do casebre, tudo estava meticulosamente limpo e organizado, de uma forma que Ezequiel jamais vira anteriormente, os livros que se amontoavam no escritório de Josué, agora estavam harmoniosamente espalhados por toda a casa, em estantes de madeira.

- Por favor, sentem-se. – Disse Elias, cordial. – Desejam beber alguma coisa? – Perguntou.

- Não temos tempo. – Interrompeu Ezequiel, abrindo a boca pela primeira vez desde o pouso. – Precisamos conversar. – Ele encarou o irmão com o semblante sério e preocupado. – A sós.

Elias pediu licença aos outros, e seguiu ao lado do irmão até a cozinha nos fundos da casa. Na sala principal, os outros aguardavam ansiosos, Abel era o mais agitado, tinha uma afeição muito especial por Ezequiel, e desejava que o amigo enfim encontrasse sua redenção.

Ezequiel se sentou à mesa, a mesma na qual por incontáveis vezes ocorreu seu desjejum, ao lado do irmão e de Josué, um turbilhão de lembranças invadiu seus pensamentos, mas logo ele se recompôs e voltou ao foco. Elias apanhou uma garrafa coberta de couro no armário e colocou-a sobre a mesa juntamente com dois copos. Serviu o primeiro com um líquido escuro e avermelhado, levou a garrafa ao segundo copo, mas foi impedido por Ezequiel.

- Eu parei, não bebo mais. – Explicou, surpreendendo o irmão.

- Tudo bem. – Elias respondeu. – O que o traz de volta a essa casa, Ezequiel?

Ezequiel fitou demoradamente Elias e contemplou uma nuvem de paz e tranquilidade na qual o homem estava envolto. Da última vez que conversaram, as circunstâncias os levaram a uma situação em demasia extrema. No último encontro, anos atrás, derramaram o sangue um do outro, vértebras se fraturaram e se magoaram mutuamente. Ezequiel esperava do irmão, no mínimo, uma boa dose de hostilidade. Mas aquela tranquilidade, aquele semblante amigável, era tudo inacreditável. O caçador fora pego de surpresa, e se calou, até encontrar as palavras que pensou serem as adequadas.

- Sei que temos nossas diferenças. – Começou Ezequiel. – E não espero que possamos apagar o passado e voltarmos a ser como antes. Mas nesse momento existe algo maior que nós e...

- E porque não? – Disse Elias, interrompendo a fala do irmão, numa voz baixa, quase sussurrada.

- O que? – Indagou Ezequiel, sem entender a pergunta.

- Porque não podemos ser como antes?

- Não me faça essa pergunta, você sabe melhor que ninguém.

- Não meu irmão, eu não sei. Eu me envergonho pelo modo como agi quando o pai morreu, e peço o seu perdão. Você pode me perdoar?

- Você diz isso agora, mas sabe que nunca poderá me perdoar. A culpa foi minha.

- Do que está falando? Eu não consegui encarar a morte dele de frente, não fui forte o suficiente, e descontei em você todo o meu sofrimento. Você sempre foi mais forte que eu.

- Foi minha ideia deixá-lo sozinho. Não deveria ter insistido em irmos para Curitiba. – Ezequiel se segurava para conter o choro.

- Ninguém é culpado pelo aconteceu. – Elias afagou o ombro de Ezequiel. – Todos fomos vítimas, e acho que chegou a hora de dar fim a todo esse martírio. – Ele se levantou e puxou o braço do irmão, convidando-o a fazer o mesmo.

Os dois se olharam e, sem dizer nada, sabiam exatamente o que fazer. Em uma mágica sincronia, ambos abriram os braços e se envolveram em um caloroso abraço. Um gesto mútuo de perdão, um gesto de redenção. Ezequiel abandonou a frieza forçada e a represa de lágrimas construída sobre os olhos foi rompida. Ele chorou, porém, agora suas lágrimas não carregavam tristeza, mas sim alegria. Permaneceram atacadados durante minutos, quietos, como dois filhotes recém-nascidos sem o calor da mãe para aquecê-los.

Quando se separaram, Ezequiel se sentia aliviado, e até arriscou fazer troça do irmão, como nos velhos tempos.

- Me diga uma coisa. – Elias assentiu com a cabeça. – Como foi que você se transformou em *Cat Stevens*?

Elias deu uma sonora gargalhada com a comparação e conduziu o irmão de volta à sala, pra se juntarem aos outros.

- É uma longa história, e creio que há urgência em sua demanda. – Ele respondeu.

Na sala, todos se sentaram em um círculo, e Ezequiel começou a contar toda a história que os levava até lá. O caçador era melhor com o fazer do que com o falar, assim, Abel e Salomão ajudaram a esclarecer com mais eficácia a situação, deixando Elias a par de tudo que sabiam. Ao fim do relato, Elias correu a mão sobre a barba espessa e meditou brevemente, antes de tecer qualquer tipo de comentário. Para espanto de todos, sua resposta não foi o que esperavam.

- Creio que não posso ajudá-los. – Disse em voz calma e cadenciada.

- Como assim? Por que não pode? – Indagou Salomão, estupefato.

- A última vez que proferi um exorcismo foi quando meu pai ainda estava vivo. Durante todo esse tempo, estive estudando as escrituras sagradas. Eu tenho me preparado para paz, não para guerra. – Explanou com ternura.

- Mas precisamos de sua ajuda! – Insistiu Abel.

- Se não impedirmos o que vai acontecer. – Discorreu Salomão, profético. – Não haverá paz para alcançar. O Inferno será a única e soberana dimensão, na qual todos nós, vivos ou mortos, padeceremos. – Completou.

- Não tenho mais o conhecimento de outrora. – Argumentou o

anfitrião. – Nem mesmo me lembro dos textos. Perguntem-me sobre a Bíblia, a Torá, o Alcorão, o Tao, eu responderei sem problemas. Mas um exorcismo? Não sei mais como fazer tal procedimento.

– Não é verdade. – Falou Ezequiel, com uma segurança espantosa. – Viajamos juntos por muito tempo, e já o vi esconjurar entidades das formas mais inimagináveis, esse tipo de coisa não se esquece. Eu lembro do caderninho do qual você não se separava nunca. Cada novo aprendizado você anotava naquele livro.

– O caderno! – Surpreendeu-se Elias. – Já havia me esquecido daquele velho livro de anotações.

– Então, você vem conosco, filho? – Inquiriu Salomão.

– A guerra não faz mais parte de mim. Não me agrada destruir, mesmo que sejam criaturas vis e desprezíveis. Porém, entendo que a causa é maior que todos nós, assim, devo ajudá-los e lutar mais uma vez contra esses demônios. – Cedeu Elias.

– Mas temos que ir agora. – Avisou Ezequiel.

– Vou me aprontar, volto em cinco minutos.

Todos esperaram a volta de Elias. Quando o homem despontou da porta do quarto, estava tão diferente que nem parecia ser a mesma pessoa. Havia abandonado as vestes claras, que agora davam lugar a um verdadeiro uniforme de guerra. Uma camisa de manga comprida, toda feita de couro cru, se ajustava perfeitamente ao corpo, incontáveis compartimentos e correias se espalhavam por toda extensão do tecido, abrigando facas e revólveres. A calça também era de couro, porém, tingido de preto, de cada perna surgia um orifício, preenchido por facas longas. Na cintura, um coldre duplo dava lugar a duas pistolas de cano longo. O cabelo comprido, que lhe caía aos ombros, estava preso em um rabo de cavalo, cuidadosamente amarrado. Os pés eram cobertos por um velho par de coturnos que pertencera a Josué, Ezequiel os reconheceu ao primeiro olhar, mas aquela roupa era algo totalmente novo.

– De onde tirou essa roupa? – Interrogou Ezequiel.

– Na verdade eu fiz pra você. Depois de vesti-la, tenho a impressão que ficou bem melhor em mim. – Respondeu sorrindo.

Sem perder tempo, juntaram o que deveriam levar e partiram para o avião. Ezequiel orientou Isabel a ficar na casa com as crianças, lá estariam seguras, ou pelo menos assim pensava. Lília protestou, pois queria acompanhá-los naquela perigosa aventura, mas bateu de frente com um Ezequiel irredutível, e nem seus mais fortes argumentos foram capazes de balançar o caçador, que já tinha uma decisão tomada.

Caminharam em ritmo acelerado até o avião. Além de seus pertences, levavam algumas armas antigas, coisas que pertenciam a Josué, estavam caminhando no escuro, não sabiam o que podiam enfrentar, em tal situação, todo tipo de ajuda poderia vir a calhar.

Elias e Ezequiel se acomodaram nas cadeiras do avião, afivelando as tiras de segurança ao redor do peito e da cintura. Sentaram-se lado a lado, e Ezequiel mostrou ao irmão o *Rastreador*, o livro mágico que lhes mostrava o caminho a seguir. Fitaram os dois pontos luminosos que permaneciam a piscar,

naquele momento, os perseguidos alcançavam a costa africana e continuavam avançando sem cessar. Não conheciam o destino dos sujeitos, mas estavam torcendo para que não fosse naquele continente, caso contrário, jamais chegariam a tempo.

Estacionado numa ladeira, o avião foi ligado e começou a se mover, desceu o morro irregular e logo alcançou uma planície, nesse ponto a velocidade já era elevada, e em seguida a nave já cortava o ar condensado e poluído dos céus. Enquanto Salomão se dedicava aos controles do monomotor, Abel se juntou aos rapazes, que agora não mais demandavam das tiras de proteção, e podiam se mover livremente dentro da pequena máquina voadora. Abel se sentou numa das cadeiras e apanhou uma bolsa cheia de livros velhos, entre eles pegou o mais velho e mais pesado. Aquele era o suposto apócrifo escrito pelo próprio Diabo em posse de um corpo humano.

- O que procura? - Perguntou Ezequiel.

- Estamos prestes a dar um tiro no escuro. Eu penso que nesse livro podemos encontrar respostas sobre onde pretendem ir, e que tipo de ritual estão preparando. - Respondeu, sem desgrudar os olhos das páginas amareladas que passava cuidadosamente.

- Acredita mesmo que estão preparando o fim de tudo? - Indagou Elias.

- Lúcifer profetizou que Terra e Inferno seriam um só, mas não sabemos exatamente o que pretende fazer, como vai alcançar seu objetivo.

- E tem alguma ideia do que está procurando? - Disse Ezequiel.

- Já li esse livro diversas vezes, e há um trecho que sempre me intrigou, acredito que a chave para todo o mistério está lá. Aqui está! - Exclamou ao encontrar o trecho que buscava. - *Quando a hora da mudança estiver próxima a mais negra das almas humanas se perfará em um receptáculo e abrigará o elixir até a chegada do soberano.*

- É, o velho já leu isso para mim, mas não diz nada de concreto. São palavras jogadas ao vento. - Comentou Ezequiel

Elias estava de cabeça baixa, seu semblante era sério e não participava da conversa. Por alguns minutos, Ezequiel e Abel discutiram sobre a inscrição, sem chegar à conclusão alguma.

- Hei, no que está pensando? - Indagou Ezequiel, se voltando para o irmão.

Elias se virou, recuperando o olhar perdido e surpreendendo aos outros ao revelar sua possível descoberta.

- Não parece óbvio para vocês? - Respondeu, com um interrogatório.

- A única coisa óbvia para mim, é que nada faz sentido. - Retrucou Ezequiel.

- Diga o que tem em mente. - Disse Abel.

- Pois bem. Se entendi direito, esses homens que se vestem como se estivessem na década de 1920, carregam um tipo de monstro, como um morto vivo, e quando Ezequiel os encontrou, constatou não se tratar de um demônio. - Abel e Ezequiel confirmaram com a cabeça, acompanhando o raciocínio de

Elias. – E estão atacando abrigos onde vivem crianças e mulheres.

- Aonde quer chegar? – Interrompeu Ezequiel, impaciente.

- Esse monstro, ou morto, o que seja. Só pode ser a tal alma negra mencionada no livro. E pelo que Isabel relatou, estão colhendo.

- Mas o que Diabos os bastardos estão colhendo? – Exclamou Ezequiel.

- Almas. – Abel respondeu a pergunta, antes mesmo que Elias revelasse sua descoberta.

- Exatamente. – Confirmou Elias. – Estão colhendo almas para Lúcifer, que de alguma forma vai usar sua energia para galgar seu objetivo.

Os três se calaram por alguns segundos, Ezequiel digeriu toda aquela informação com dificuldade, mas ao menos sabiam bem mais agora do que alguns minutos atrás. Elias mantinha sua expressão tranquila e impassível, e Abel mexia na bolsa de livros, agora em busca de outro volume.

- E como podemos combater isso? – Perguntou Ezequiel a esmo.

- Eu já li sobre isso, para receber toda a energia acumulada pelo tal morto vivo, um ritual deve ser conjurado. – Explicou Abel, folheando o livro que apanhara na bolsa. – Aqui, vejam! Nesse livro diz que o receptor da fonte de energia deve estar em algum tipo de templo, onde sua força seja mais forte e intensa, por isso estão se deslocando para tão longe.

- E como vamos descobrir que local é esse. – Indagou Ezequiel.

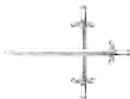
- Talvez eu saiba para onde estão indo, mas se eu estiver certo, não sei se poderemos alcançá-los a tempo de impedir o ritual. – Respondeu Abel.

- Diga logo, homem! – Ezequiel se exaltou. – Conte o que sabe.

- Creio que os homens que perseguiu estão indo para o Vaticano.

A suposição de Abel estava correta e, embora parecesse totalmente sem sentido, lá era o local escolhido, o lugar perfeito para o princípio do fim.

- Não pode ser. – Discordou Elias. – O Vaticano é um território permeado pela fé de milhares de cristãos que por lá passaram. Como pode o Diabo amplificar sua força num lugar assim? – Argumentou, quase alterando o tom sereno de sua voz.



Antônio dirigia em um ritmo alucinado, qualquer ser humano normal teria dificuldades de manter o veículo na rota em tamanha aceleração. O motorista seguia calado, a exemplo de seu pai, que vez ou outra emitia um murmúrio, pelo desconforto de uma viagem tão longa. Todos estavam bastante tensos, e preferiam manter-se em silêncio. Alfredo não era do tipo que ficava calado por muito tempo, e se esforçava para não atrapalhar o sossego do pai, pois previa a reação de Don Giovanni se disparasse a tagarelar em seus ouvidos.

Alfredo olhava para um lado, olhava para o outro, a mesma paisagem monótona por todo caminho. Ao seu lado, Adolf parecia mais quieto que de costume, não que sentisse falta da agitação do monstro, mas sua quietação só deixava tudo muito mais chato. Após horas de viagem, sentiu uma espécie de comichão correndo pelo corpo, não suportava aquele marasmo, não pôde mais segurar e puxou uma conversa, assim, como quem não quer nada.

- Não acham engraçado? – Indagou ao acaso, sem se voltar para um interlocutor definido. Não obteve resposta. – É no mínimo uma grande ironia. – Insistiu.

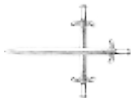
- Que droga de conversa é essa? – Protestou Antônio, fitando o irmão pelo espelho retrovisor.

- Não acham gozado, que o lugar onde o *coisa ruim* tem mais força na Terra seja justamente o Vaticano. Logo naquele lugar, onde milhares de pessoas manifestaram sua fé por séculos?

Um constrangedor momento de silêncio tomou o interior do veículo, até que, contrariando as expectativas de Alfredo, Giovanni entrou na conversa, com uma explanação esclarecedora.

- Não tem nada de gozado nisso. – Disse o patriarca, com a voz grave e potente. – De fato, o Vaticano foi uma terra cheia de fé cristã. Mas, também, sempre foi um covil de corvos, a corrupção sempre fez parte dos domínios da Igreja naquela terra. O papa anterior se preocupava apenas com o poder da igreja sobre as pessoas, mas depois de sua morte, tudo mudou. Seu substituto, Pio XIII, era uma figura carismática e popular. Porém, longe dos holofotes e da vista dos fieis, era um aficionado pelo ocultismo, nos salões secretos do papado, conjurou entidades, sacrificou animais e humanos, e acumulou itens místicos recolhidos de toda a parte do mundo.

- Que tipos de itens eram esses? – Indagou Alfredo, curioso.



- Continue, quero saber mais. – Rogou Elias, boquiaberto com a história que Abel lhes contava.

- O papa Pio XIII ordenou expedições para todas as partes do mundo. – Abel seguiu a narração. – Com o suposto pretexto de buscar peças sagradas para serem protegidas pela igreja, juntou a maior coleção de itens satânicos de todas: ossadas de criaturas, livros de bruxaria, matéria orgânica de toda a sorte de entidade. Amuletos malditos, talismãs, e toda peça ou fragmento de matéria que remetesse ao Inferno.

- E o que esse papa maluco fazia com todas essas porcarias dos Infernos? – Perguntou Ezequiel.

- Nas câmaras secretas do vaticano, esse homem praticou orgias, sacrifícios, conjurou demônios e mediu acordos infernais, transformou aquela terra, por muitos considerada santa, em um circo de horrores.

- Agora eu entendo. – Murmurou Elias.
- O que é que você entende agora? – Rebateu Ezequiel.
- A longevidade de Pio XIII, eu li muito sobre a igreja e as religiões nos últimos anos, e esse papa do qual estamos falando, foi o último antes do fim, e viveu por cerca de duzentos anos. – Respondeu Elias.
- Mas quando veio a guerra, o desgraçado morreu como qualquer outro. O Diabo não sabe mesmo ser grato. – Comentou Abel, emendando a fala com uma risada discreta e silenciosa.

Conversaram mais um pouco, mas rapidamente o assunto se esgotou, Abel se voltou a seus estudos e Ezequiel se acomodou em sua cadeira, pegando no sono pouco tempo depois, não dormia há alguns dias e precisava estar descansado para o que estava por vir. Elias mantinha o semblante zen, que agora parecia uma constante, com os seus dois acompanhantes ocupados, apanhou o *Rastreador* e espiou a localização dos perseguidos.

Don Giovanni e os outros já deixavam o território africano e seguiam de volta ao oceano, dessa vez seria uma incursão rápida sobre a terra seca onde, um dia, repousou o mar. Elias rumou até a cabine e se sentou na cadeira ao lado de Salomão. O piloto limitou-se a cumprimentar o homem com um abano de cabeça. Elias tinha o livro nas mãos e comentou com Salomão a localização dos outros, perguntou onde estavam, Salomão consultou as coordenadas de sua localização e informou que alcançariam a costa Norte Africana em cerca de trinta minutos.

Elias se satisfaz com a resposta e não fez mais perguntas. Mesmo calado, permaneceu sentado na cadeira do copiloto, há muito não tinha contato com o Tio, mas se lembrava de perigosas aventuras que vivenciaram juntos, à época em que Josué ainda estava vivo. Salomão, ao contrário de Josué, sempre fora divertido e extrovertido. Quando Elias não era mais que um adolescente caçando entidades malignas com a família, admirava o jeito despojado de Salomão, e queria ser como ele, mas havia puxado o pai, e não podia mudar isso. Agora tal vontade não fazia mais parte dele, mas o carinho pelo velho permanecera, apesar do distanciamento entre os dois.

Uma hora mais tarde, sobrevoavam a costa da África. Enquanto Salomão conduzia a aeronave, Elias se mantinha atento à movimentação das duas luzes no mapa. Os outros continuavam a avançar, agora já sobre solo Italiano. Elias chamou Salomão e lhe mostrou o mapa.

- Acreditamos que o ritual será conjurado em algum templo no Vaticano, acha que podemos alcançá-los até lá? – Indagou Elias.

- Na velocidade em que estamos, o máximo que conseguiremos é chegar uma ou duas horas depois deles. – respondeu Salomão, abandonando os controles por um momento, deixando a viagem a cargo do piloto automático.

- Então talvez cheguemos tarde demais.

Salomão coçou o queixo com três dedos da mão direita, seu olhar se perdeu enquanto pensava.

- Talvez possamos aumentar a velocidade do avião. Mas vou precisar de toda a ajuda que puder.

- É só dizer do que precisa.

- Venha comigo.

Os dois deixaram a cabine e seguiram até os fundos da nave, onde encontraram Ezequiel em um sono agitado e Abel compenetrado em seu estudo. Elias acordou o irmão com uma leve sacudida, sinalizou para Abel que prontamente devolveu o livro à bolsa e se levantou para ajudá-los.

Salomão tirou do bolso um molho de chaves, se ajoelhou bem ao centro da aeronave e introduziu a chave numa fechadura no chão. Nenhum deles havia percebido que havia ali algum tipo de porta, porém, agora que a abertura daquele compartimento era o centro das atenções, todos os olhos notaram com clareza sua existência. Salomão girou a chave e empurrou a chapa de metal em direção ao bico do avião, fazendo-a deslizar.

Sob o assoalho, na abertura recém revelada, havia um objeto de metal em formato cilíndrico, o corpo era branco e a ponta arredondada, escura como a ponta de uma bala de revólver. Tinha aproximadamente três metros de comprimento, e era espesso como o tronco de uma árvore média.

- Vocês vão ficar só olhando ou alguém vai me ajudar a carregar essa coisa? – Repreendeu Salomão, quebrando o momento de admiração dos outros diante daquele objeto majestoso.

-Mas que Diabos é isso? – Indagou Ezequiel, se curvando para puxar o artefato do buraco.

- Precisamos de mais potência, ou não vamos alcançar os desgraçados. – Respondeu o velho. – Esse é um míssil coreano, foi um presente que ganhei quando liberei uns amarelos de um pequeno bando de demônios, faz mais ou menos uns trinta anos, mas acho que ainda funciona.

Ezequiel puxou o míssil com força, mas ele não saiu do lugar, Elias e Abel se juntaram a ele e, quando os quatro puxaram juntos, conseguiram tirar o pesado artefato do chão. Salomão indicou o caminho e levaram a arma em direção à cabine. Depositaram o objeto sobre o chão por um momento, Salomão acionou um controle no painel e uma abertura quadrada surgiu no assoalho.

Voltaram a carregar o artefato, Salomão os orientou e posicionaram o míssil na vertical, colocando-o no buraco aberto no chão. Introduziram-no até o fim e, em seguida, Salomão fechou o compartimento, acionando novamente o controle do painel.

- O que acontece agora? – Perguntou Ezequiel.

- Vamos disparar esse foguete e pegar os bastardos. - Respondeu Salomão, tomando seu lugar no banco do piloto e acionando uma série de botões que, aos olhos dos outros, pareciam totalmente ao acaso.

Na parte externa do avião, uma abertura comprida surgiu, e uma espécie de garra mecânica, feita de metal, colocou o foguete para fora, posicionando-o com a ponta para frente, como se fosse uma miniatura da aeronave, imitando sua posição. O piloto conduziu o avião por cerca de dez minutos antes de ativar o míssil. Antes de incendiar o foguete, alertou os outros para o barulho. No pressionar de um simples botão, ouviu-se uma grande explosão.

Sentiram seus corpos sendo atirados para trás, como se uma força alienígena houvesse puxado a aeronave, que agora alcançava velocidade

inimaginável. No lado de fora, uma encorpada labareda se formava no rabo do foguete. A grande língua de fogo era constante e rígida, apontando para trás como uma seta de aço, imutável. Ao redor da labareda, faíscas crepitavam disformes e irregulares.

Agora, os três se espremiavam na cabine para apreciar o espetáculo visual que se formava. Com a velocidade mais que duplicada, o pássaro de ferro atravessava as nuvens, partindo-as ao meio. A visão era magnífica e hipnotizava os presentes. Era difícil crer numa visão tão bela naquele mundo tão feio. Nenhum deles queria deixar a cabine, mas Salomão logo os expulsou, toda aquela gente em sua cabine começava a incomodá-lo.

- Preciso de um pouco de espaço aqui, se não se importam! – Rosnou, enxotando os três e ficando só em sua cabine.

O alvoroço teve fim e, durante o resto da viagem, permaneceram todos quietos. A aeronave também não lhes pregou nenhuma peça, como temia Ezequiel em silêncio. Tudo seguia como planejado, o único problema era que o plano que tinham terminava na chegada ao Vaticano. O que fariam a seguir, ainda era uma incógnita.

Salomão avistou a cidade e alertou aos outros que apertassem os cintos, estava se preparando para a aterrissagem. Não havia uma pista de pouso por perto, na verdade, nem precisaria de uma. O piloto adentrou o território da pequena cidade do Vaticano, passou sobre a Basílica de São Pedro, deixando-a para trás, e avistou uma área relativamente plana, sem construções, e decidiu: ali seria seu local de aterrissagem. Nesse ponto, o foguete, que dera propulsão ao avião, já não funcionava mais, havia operado em toda sua potência.

Ezequiel apanhou o livro ao lado de Elias, e notou que os alvos não mais se moviam, com certeza já haviam encontrado o local de destino e, provavelmente, o ritual estava acontecendo naquele momento. Salomão estava concentrado na difícil tarefa de aterrissar naquele espaço limitado e irregular, mas era bastante habilidoso e, ao que parecia, também confiante. Não demonstrava excitação ou nervosismo, como se nervos de aço constituíssem seu corpo.

A tranquilidade do piloto amenizou a ansiedade dos passageiros, pelo menos até a aeronave dar o primeiro tranco. O trem de pouso tocou o asfalto esburacado, fazendo todo o corpo do avião tremer, não fossem os cinturões que prendiam os passageiros nas cadeiras, com certeza seus corpos seriam atirados para cima. Os trinta segundos seguintes foram longos e demasiadamente tensos. Sentiram uma série de impactos vindo debaixo do avião, parecia que a nave estava sendo atirada contra o solo por uma imensa mão que a segurava. Os solavancos terminaram, sendo substituídos por um constante estremecer, que aos poucos diminuía sua intensidade, até que a aeronave finalmente parou.

- Senhores passageiros, bem vindos à maravilhosa cidade do Vaticano. – Anunciou Salomão.

Ativando um botão do painel de controle, o piloto fez se abrir a porta traseira do monomotor, deixando uma luz fraca entrar no interior da aeronave.

- Fecha essa porta! – Gritou Ezequiel.

- Depressa homem, feche essa coisa! – Reforçou Abel.

Salomão apertou o botão para o fechamento da porta e, antes que a luz que entrava sumisse por completo, ouviu alguns disparos. Virou-se para os companheiros e os três estavam com suas armas em punho, fumaça saía dos canos metálicos.

- Que droga foi essa? – Indagou Salomão, confuso e alterado.

Nenhum dos três respondeu imediatamente, mas a expressão dos homens indicava que havia algo aterrador lá fora, e de fato havia.

XX

ATERRISSARAM A CERCA DE DOIS QUILOMETROS DA BASÍLICA de São Pedro e, pelo mapa transcrito no *Rastreador*, era lá onde os inimigos estavam. Porém, não seria tarefa fácil chegar até os portões do prédio. O que avistaram quando a porta do avião se abriu, foi uma horda de pessoas possuídas por demônios, não uma dúzia, não dezenas, mas centenas, talvez milhares de possuídos. Não tiveram tempo de contar, mas notaram que a aglomeração ia até onde a vista alcançava.

- Tem um exército lá fora! – Respondeu Ezequiel, afobado, recarregando sua escopeta.

- Como assim um exército? – Questionou Salomão. - Como poderiam ter um exército? Onde conseguiriam tantos homens?

- Tem centenas deles lá fora. Não podemos com tantos! – Disse Elias, mantendo o equilíbrio, apesar das circunstâncias. - De onde saíram tantas pessoas?

- Eu consegui dar uma boa olhada neles. – Comentou Abel. – Não são homens que nos esperam lá fora.

- Eu também dei uma boa olhada e digo que são homens. – Rebateu Ezequiel.

- Não Z, não são homens. São mortos. – Enfatizou a última palavra.

Era bem verdade que não conseguiriam reunir tantos homens para possuir e formar um exército como aquele. Porém, cemitérios ainda existiam

em muitos lugares, na falta de humanos saudáveis, muitas entidades se apossavam de cadáveres para agir no plano físico. Os mortos não têm a energia de um corpo vivo, mas com algum esforço, um demônio ordinário pode fazer de um corpo morto sua morada, trazendo-o para uma sobrevida a seu serviço. Contudo, sua agilidade, força e mobilidade, ficam reduzidas em diferentes graus, de acordo com o estado de putrefação do defunto. Isso era uma boa notícia para os quatro caçadores, tinham um exército a enfrentar, mas um exército de mortos vivos.

- Com certeza saquearam algum velho cemitério. – Concluiu Abel.

- Temos que alcançar a basílica. – Disse Ezequiel. – Hei, velho! O que você vê a sua frente? Alguma maneira de contornarmos essa cambada?

Abel recuou até a cabine, se juntando a Salomão, os dois observaram pelo vidro fosco e empoeirado, e perceberam que não havia como fazer a travessia por sobre as construções, visto que entre muitas havia uma considerável distância.

- Não dá pra ir por cima. – afirmou Salomão. – Temos que pensar em outra opção.

- Tem um corpo de bombeiros ali, talvez consigamos chegar ao subterrâneo e atravessar pelos esgotos. – Sugeriu Abel.

- Qual a distância até lá? – Indagou Ezequiel.

- Cem metros, no máximo. – Respondeu Abel. – Os portões estão abertos, se corrermos, podemos chegar até lá e fechar a entrada. Mas não podemos sair pela porta, teremos que escapar pela cabine.

Elias e Ezequiel se juntaram aos outros e se aglomeraram na minúscula cabine.

- Há alguma saída por aqui? – Questionou Elias.

- Ainda não. – afirmou Salomão, fitando uma caixa de moldura vermelha e tampa de vidro.

Salomão foi até a caixa onde estava escrita a palavra *EMERGENCY*. Com o cotovelo, golpeou o vidro de proteção, fazendo-o em pedaços. De dentro do compartimento, retirou um pequeno machado de ferro, o objeto tinha o cabo pintado de vermelho, a lâmina prateada ganhava uma listra preta em seu fio. O velho balançou de leve a arma branca, sentindo seu peso, em seguida pediu que os outros se afastassem e golpeou o vidro da cabine. A primeira investida só causou um trinco na superfície do vidro, somente no terceiro golpe conseguiu abrir um buraco, espalhando estilhaços transparentes por toda a cabine.

Ezequiel arrancou um pedaço do carpete que forrava o chão da aeronave e protegeu a saída das pontas remanescentes. Saíram com pressa pela abertura e correram até o corpo de bombeiros. No meio da corrida, avistaram um grupo de possuídos em sua direção, a maioria se arrastava como leprosos famintos, mas alguns tinham certa agilidade, provavelmente defuntos frescos, ou sobreviventes eventualmente encontrados nos confins da cidade. Salomão e Abel foram à frente, Elias e Ezequiel cobriram sua retaguarda há poucos metros de distância. Com disparos de calibre doze, os dois jovens atrasavam aqueles que se antecipavam e conseguiram alcançar a entrada do prédio dos bombeiros.

Quando adentraram o prédio, três remanescentes do grupo de mortos vivos estavam bem próximos, e resistiam aos disparos, levantando após serem abatidos. Abel imediatamente tratou de fechar o portão. Havia somente um pequeno espaço a ser tapado, quando uma das criaturas conseguiu trespassar para dentro do prédio. O demônio seguia de pé, apesar das balas que cravejavam sua carcaça sem vida. Enquanto Elias disparava sem parar, Ezequiel puxou a espada afixada nas costas de seu casaco, se aproximou do sujeito, que seguia andando cambaleante, e atravessou seu peito com a lâmina.

- Agora! – Gritou Ezequiel, fitando Elias.

Elias cessou os disparos e conjurou um sucinto exorcismo. Trinta segundos e uma aura preta e esfumada foi expelida pelos orifícios do humano falecido. Ezequiel puxou a lâmina de volta, recolhendo a espada a seu lugar de origem, deixando o corpo podre cair no chão como um monte de lixo atirado ao aterro.

Ezequiel fez jus ao seu papel de líder e tentou organizar o grupo, tinham pressa e precisavam de um plano já.

- O que faremos? – Questionou Elias, se voltando para Ezequiel. O Caçador ponderou por um breve momento e respondeu com uma ordem.

- Salomão! Veja se o caminhão funciona. Abel procure um megafone ou qualquer coisa que possa amplificar a voz. Elias, com certeza o reservatório da viatura está seco, precisamos encontrar água.

Todos concordaram com a cabeça, não era necessário falar, sabiam que cada segundo contava. Ezequiel e Elias encontraram um hidrante, a tampa não cedeu quando Ezequiel tentou girá-la, o metal enferrujado sugeria que há muito não se passava água por aquele objeto, mas tinha que conferir. Em um movimento sincronizado, os dois giraram o tampão, tiveram que fazer força até o metal ceder, afrouxaram a rosca e Ezequiel completou o serviço. Como previsto, tudo seco, nem uma gota d'água para contar história.

- Merda! – Exclamou Ezequiel. - Está seco! Mas tenho certeza que existe água em algum lugar por aqui. Dá pra sentir a umidade, tem infiltrações nas paredes, veja.

- Se há infiltrações, a água vem debaixo. – Concluiu Elias. – Deve haver alguma água no subsolo.

- Ou no esgoto. – Completou Ezequiel.

Salomão trabalhava no caminhão, estava há muito tempo parado, mas, aparentemente, a mecânica estava intacta. O tanque, assim como o hidrante, estava seco, porém, Salomão pensou ter visto alguns galões de combustível quando entraram no prédio. Desceu do caminhão e confirmou, estavam lá, três galões com vinte litros de óleo diesel cada. Abel não achou nada no caminhão, decidiu explorar algumas salas do prédio, encontrou uma espécie de dispensa, havia uniformes, capacetes, ferramentas, extintores e todo tipo de quinquilharia de bombeiros. No fundo da sala, coberto de poeira e teias de aranha, achou o que procurava.

Era um velho megafone, todo branco, com a parte do microfone amarela. Abel removeu o excesso de sujeira com uma camisa velha que achara em meio a toda aquela bagunça, revelando o número de série do modelo e o

nome do fabricante. Em letras garrafais destacadas estava escrito: *SELFENERGIZED LOUDSPEAKER*, e mais abaixo em letras minúsculas: *batteries not necessary*. Era uma tecnologia criada na década de 2030, o aparelho produzia energia para seu funcionamento através das ondas sonoras da voz humana. Deu uma última espiada em tudo, apanhou um machado de cabo comprido encostado no chão e voltou para onde estava a viatura.

Elias e Ezequiel adentraram as instalações à procura de algum tipo de passagem para o subterrâneo. Passaram pelos vestiários, por salas de aulas, escritórios e estações de trabalho, avançaram pelo refeitório, onde mesas compridas cercadas de cadeiras afixadas ao chão formavam quatro linhas paralelas. Enfim, alcançaram um pátio localizado no centro do prédio. A construção era quadrada, e no meio um amplo vão de aproximadamente trezentos metros quadrados. Provavelmente praticavam algum tipo de treinamento por ali, porém, agora só havia lixo e restos de equipamentos em estado de decomposição.

Exploraram o local, e logo Ezequiel encontrou uma caixa de esgoto, a tampa quadrada media um metro em cada aresta. Ezequiel chamou Elias para ajudá-lo, juntos removeram o tampão, afixado ali somente por seu peso. A retirada da tampa fez emergir um terrível odor, não era um cheiro comum de esgoto, como todos já estavam acostumados, a água que correu, ou corria, por debaixo daquele prédio estava cheia de corpos, pois aquele cheiro horrível era conhecido, era o cheiro da morte.

Elias correu os dedos pelo interior do orifício e os sentiu umedecidos, era tudo que precisavam saber.

- É aqui. – Afirmou Elias. – A água está debaixo dessa caixa.

Observaram o fundo da caixa, e notaram que era inteiramente fabricada em metal. Metal esse, que agora era pura ferrugem. A profundidade era de aproximadamente cinquenta centímetros. Ezequiel enfiou um de seus pés no buraco e, com a sola da bota, atacou o metal, na terceira pancada a superfície metálica cedeu, a perna do caçador afundou, quase o fazendo cair. Elias o ajudou a voltar, segurando seu braço. Ainda com o pé, removeu o que sobrou do metal no fundo da caixa e avistou as galerias de esgoto, alguns metros abaixo. Onde os fragmentos caíram, via pequenas ondas circulares se ampliarem enquanto se dissipavam. Era ali, haviam encontrado água.

Voltaram em disparada para o caminhão e avisaram os outros sobre a água. Rapidamente, Abel rumou ao quarto onde encontrara o megafone e voltou com uma enorme mangueira enrolada num tubo de PVC.

- Vai ser o suficiente? – Indagou Elias.

- Vai ter que ser. – Afirmou Ezequiel, fatalista. – Vamos logo com isso, o tempo está passando.

Abel conectou a boca da mangueira no reservatório da viatura. O caminhão era dotado de uma bomba d'água, que funcionava tanto manualmente, como também a energia elétrica. Salomão verificara que a bateria do veículo era um modelo livre de descarga, a base de chumbo e areia, mas não queriam arriscar ter um caminhão cheio d'água que não saísse do lugar.

Ezequiel apanhou a outra ponta da mangueira e correu a passos

largos até o buraco que a pouco havia aberto no pátio. Desceu a mangueira pela abertura até que a boca encontrasse a água, o líquido era espesso e escuro, mas era tudo que tinham e teria que servir. Nenhum dos três entendia exatamente qual era o plano de Ezequiel, mas naquele momento pareceu a coisa certa a fazer, confiar no instinto do homem. Além do mais, não tinham muitas opções disponíveis.

Segurando a mangueira, Ezequiel deu o sinal com um grito sonoro a todos pulmões. Elias e Salomão, do alto do caminhão, movimentaram uma alavanca de duas extremidades, enquanto um subia, o outro descia, ativando a sucção do equipamento. Dada à distância, demorou um pouco para que a primeira porção do líquido alcançasse o reservatório, depois disso, a coisa ficou mais fácil, e a água podre fluiu bem rápido.

Não mais de dez minutos foram necessários para que o reservatório do carro se enchesse daquela água marrom, viscosa e fedorenta. Deixando a mangueira de lado, Ezequiel voltou com a mesma agilidade que empreendera na ida. Encontrou Elias e os outros parados à sua espera, à espera da próxima ordem, do próximo passo a seguir.

- Estão todos prontos? – Inquiriu Ezequiel.

- Claro. – Respondeu Abel. – Só não sabemos exatamente para o quê?

- Já irão saber. – Replicou o líder.

Ezequiel subiu no reservatório da viatura por uma escada afixada à lataria, chamando Elias com um acenar de mão. O irmão o seguiu e os dois se posicionaram ao redor de um tampão, na parte de cima do reservatório. Ezequiel puxou o tampão, um objeto circular com cerca de um metro de diâmetro. Imediatamente o odor putrefato que sentiram no pátio retornou, porém agora com sua intensidade amplificada. Elias cobriu o rosto com sua roupa, a fim de amenizar o fedor insuportável. Ezequiel levou a mão ao bolso, e de lá tirou um velho rosário de madeira, prontamente Elias reconheceu o objeto que pertencera ao pai, e que há tantos anos não via. O caçador esticou o braço, oferecendo o terço ao irmão.

- Precisamos benzer essa água, você sempre foi melhor nisso do que eu. – Disse Ezequiel, revelando sua intenção.

Inicialmente Elias refugou, mas em seguida apanhou o rosário das mãos do irmão e se ajoelhou na beirada do fétido buraco. Nunca havia benzido uma água tão impura, não fazia ideia se aquela loucura poderia dar certo. Por outro lado, jamais enfrentara um exército de demônios mortos-vivos, portanto não havia parâmetros a seguir naquele momento.

Elias pronunciou as palavras, e em cerca de três minutos o líquido sujo e mal cheiroso estava bento. Segurou o rosário em frente aos olhos e o admirou por alguns breves segundos, levou o terço à boca, beijando-o, e em seguida atirou o objeto na água lamacenta que ocupava o reservatório.

- Está feito. – Afirmou Elias, com a expressão mais dura que tivera desde seu reencontro com o irmão.

- Pronto para fazer essa coisa funcionar? – Indagou Ezequiel, fitando Salomão, que já se posicionava ao volante.

Ezequiel pediu a Elias e Abel que ficassem com ele, no alto da viatura.

- Mas quem vai abrir o portão? – Questionou Abel, já que todos estavam no caminhão.

- Não vamos abri-lo. – Respondeu, com um leve sorriso, escondido no canto da boca. – Vamos botá-lo abaixo. – Completou, batendo sobre a lataria da cabine para que Salomão desse a partida.

Salomão girou a chave e um ronco possante saiu do motor, já havia lubrificando e abastecido o veículo, estavam prontos para a guerra. No topo da viatura, Ezequiel segurava a mangueira conectada ao reservatório. Abel empunhava uma escopeta calibre doze e uma pistola pequena. Elias segurava o megafone com a mão direita e uma espingarda na esquerda. Salomão engrenou a primeira, acelerou, e partiu com tudo.

O veículo colidiu contra o portão metálico, derrubando-o. Do lado de fora, a horda de demônios se condensava, muitos deles ficaram debaixo do portão caído, e foram atropelados pelas rodas largas do caminhão dos bombeiros. Ezequiel balançou a cabeça para Abel, que girou a válvula, fazendo o líquido do reservatório subir pela mangueira. Ezequiel conduziu a mangueira, despejando a água suja sobre os mortos errantes que os cercavam, o primeiro a ser molhado deu a resposta que precisavam. Sua carne morta queimou, expelindo uma fumaça escura, cujo odor era ainda mais terrível que o da água.

Ezequiel se movimentava de um lado para o outro, molhando o maior número de inimigos que podia, enquanto isso, o caminhão avançava entre a multidão cadavérica. Elias usava o megafone para conjurar os exorcismos mais breves que conhecia, de cara, os mais fracos não suportavam e deixavam os corpos, que desfaleciam no chão, sendo pisoteados pelos remanescentes.

Os adversários mais fortes avançavam, apesar da água benta e do exorcismo, chegavam ao caminhão, alguns subiram pelas escadas laterais. Abel tratou de fazer suas armas funcionarem, derrubando os atacantes, porém eles teimavam em retornar, sendo necessário mais e mais tiros. Elias também atirava, enquanto exorcizava o coletivo demoníaco. Entidades abandonavam os corpos aos montes, formando uma extensa fileira de cadáveres atirados ao chão.

Um sujeito trepou na cabine e invadiu o local pela janela, Salomão apanhou o revólver preso em um coldre na cintura e disparou várias vezes, mas não derrubou a criatura, somente a atrasou. O demônio conseguiu alcançar Salomão e envolveu o pescoço do velho com as mãos magras de defunto. O caçador perdeu o fôlego, iria sucumbir ao bicho infernal. Sua mão direita estava imobilizada pelo corpo do possuído, e a esquerda segurava o volante. Salomão desviou o olhar para sua esquerda e visualizou sua faca presa à coxa, precisava reagir naquele exato momento. Soltou o volante e buscou a lâmina presa à calça, estocou o metal contra a garganta da criatura, fazendo espirrar um líquido negro e viscoso em seu rosto. O demônio se contorceu e afrouxou o enforcamento, foi o suficiente para Salomão empurrá-lo e atirar seu corpo esquelético pela porta. A criatura caiu deitada no chão, ainda viva, mas foi consumida pela multidão de pês que atravessavam de um lado para o outro.

O velho retomou a direção, o veículo havia se desviado da rota,

pendendo totalmente para a esquerda e quase tombando. Em cima do caminhão, os três se seguravam enquanto a viatura sacolejava descontrolada, tentando se livrar das criaturas mais fortes que insistiam em subir a borda para enfrentá-los.

Avistavam a Basílica de São Pedro, seu destino final, porém, ainda estavam na metade do caminho, e aquela horda diabólica perfazia um pandemônio que deixava a passagem lenta e tortuosa. Ainda assim, o mal não era soberano, estavam avançando.

Ezequiel molhava os defuntos com a água benta, mas isso apenas os atrasava, assim como os disparos, era o exorcismo que dava fim a investida das criaturas. Ele olhou para trás e notou seis deles subindo a bordo, Elias estava ocupado com dois que se precipitavam ao seu lado, Abel cuidava de mais três do outro lado. Em uma fria análise do cenário, calculou que seus companheiros não poderiam conter também aqueles do fundo. Ezequiel tinha suas armas presas ao corpo pelos coldres e compartimentos improvisados. Subiu numa espécie de caixote que estava ao seu lado, e prendeu a mangueira entre as pernas, ficando de costas para a direção do jato. Soltou-a mantendo-a firme entre os joelhos. O jato agora era reto e contínuo, não tinha como ampliar seu alcance usando somente os membros inferiores, mesmo assim, atingiu um bom número de criaturas.

Sacou do lado direito uma escopeta, e do esquerdo uma pistola calibre 44. Começou a disparar. Acertava os sujeitos mortos com mira cirúrgica, atingindo cabeça e coração, alternadamente. Mas tudo naqueles monstros estava morto, não havia pontos vitais. A artilharia só atrasava os defuntos, que ainda assim, conseguiam avançar. Porém, um tiro de calibre 12 faz um belo estrago num sujeito de carne e osso, esteja ele vivo ou morto. Ezequiel sabia disso, e percebeu que precisava mudar de tática. Não podia matá-los, mas podia reduzi-los a pedaços, e sem um corpo, demônio nenhum podia lhe atacar. Passou a mirar nos membros, e o deu-se início a um show de horrores.

Braços e pernas voaram para todos os lados, até que os pedaços restantes fossem incapazes de se locomover. Abel liquidou os três com quem lutava e atentou para a situação de Ezequiel, se colocando prontamente a ajudá-lo. Diferente de Ezequiel podia mover-se livremente, avançou até a retaguarda da viatura, e se livrou dos pedaços dilacerados de carne deixados pelo amigo, chutando-os para fora.

Ezequiel se voltou novamente para a basílica, percebendo que faltavam cerca de trezentos metros. Guardou as armas e trouxe a mangueira de volta às mãos, continuou a regar a multidão de gente morta, fazendo-os queimar e se contorcer. Elias conjurava exorcismos em latim e outras línguas antigas, línguas mortas até. Precisavam se apressar, muitos dos oponentes que foram abatidos, se levantavam e marchavam em direção ao caminhão, a água estava quase no fim, e a munição também era escassa.

Depois de um tortuoso caminho, enfim alcançaram os portões da Basílica de São Pedro. Encontraram na entrada dois sujeitos altos e fortes, os demônios estavam estacados, portando facas cujas lâminas tinham um metro de comprimento. Ezequiel largou a mangueira, que agora apenas gotejava os resquícios do dejetado abençoado, sacou a escopeta e disparou contra os protetores

do portão várias vezes. Inesperadamente, os dois sujeitos receberam os projéteis impassíveis, como se fossem feitos de aço e seus pés estivessem pregados junto ao chão por parafusos gigantes.

- Aqueles dois vão ser problema. – Percebeu Ezequiel, fitando os dois companheiros,

- Deixe que Salomão passe por cima deles e entre com caminhão e tudo. – Sugeriu Elias.

- Não podemos. – Reagiu Ezequiel. – Se derrubarmos as portas, essa multidão dos Infernos vai nos seguir, lá dentro não seremos páreo para tantos desses animais.

Abel acompanhava a conversa em silêncio, enquanto analisava tudo ao seu redor, tentando encontrar alguma alternativa aceitável. Foi quando percebeu a escada retrátil ao seu lado.

- Hei, não precisamos passar por eles. – afirmou, chamando toda a atenção dos dois para si. – Vamos por cima. – Completou, dando dois toques na escada com o cano de seu rifle.

Abel tratou de agir com rapidez, surgiu na janela da cabine, assustando Salomão, que agora, com o caminhão inerte, disparava contra os demônios que tentavam invadir o veículo pela janela, cujos vidros, agora, eram apenas estilhaços espalhados pela praça.

- Hei, Salomão! – Gritou Abel, dependurado na janela quebrada da viatura. – Você pode acionar a escada? Vamos entrar por cima. – Salomão respondeu mostrando o polegar apontado para cima, sem descuidar de sua retaguarda, onde demônios tentavam lhe atacar.

Salomão acionou os comandos e a escada recolhida se revelou, erguendo seus degraus brancos até as alturas. Chegando à altura de doze metros a escada cessou, já estava em sua capacidade máxima. Quando notaram o truque do grupo de Ezequiel, os brutamontes que guardavam a entrada principal se alvoroçaram descoordenados. Os dois estavam prontos para o combate, mas não haviam sido preparados para uma manobra dos adversários. Apesar de sua força e resistência, os dois gigantes não eram ágeis, rumaram em direção ao caminhão e avançaram tentando subir a bordo. Seus corpos grandes e desengonçados não eram de grande ajuda, mas, ainda assim, faziam progresso.

- Temos que dar o fora daqui agora! – Exclamou Ezequiel, em tom de comando.

Elias acenou com a cabeça em concordância, Abel o imitou e fez o mesmo movimento. Ezequiel chamou os dois para que seguissem na frente. Enquanto subiam, o caçador disparava com a escopeta contra os inimigos, que pouco efeito sentiam, os cartuchos se despedaçavam contra seus corpos, como se fossem feitos de areia.

Os dois alcançaram o alto do prédio, saltando da escada e se equilibrando na moldura de concreto, acima das colunas. Ezequiel chamou Salomão, cobrindo sua retaguarda para que pudesse sair do caminhão. Salomão abriu uma portinhola na parte traseira da cabine, que dava para o reservatório. Passou com dificuldade pela minúscula abertura, tendo de se espremer bastante, nessa hora, a barriga avantajada não lhe ajudava em nada. Enquanto Salomão se

enfiava naquele buraco, Ezequiel descarregava o restante de sua munição naquelas criaturas que insistiam em se precipitar contra eles.

Salomão enfim conseguiu atravessar a passagem, correndo para a escadaria. Ezequiel se dividia em tentar atrasar os brutamontes e conter os demônios menores que se amontoavam ao redor do veículo. Quando Salomão alcançou metade da escada, Ezequiel o seguiu, se agarrando aos degraus com uma das mãos e atirando sem parar com a outra. Quase chegando ao ponto onde deveria saltar das escadas e se juntar aos seus, o caçador teve um momento de paralisia, fitou a construção admirado, tudo naquele maldito lugar estava em pedaços, como em qualquer parte daquele mundo podre onde viviam. Porém, aquela basílica se mantinha firme em sua solidez, a construção, aparentemente, não sofrera as avarias inevitáveis daqueles tempos, fora a cor morta e desbotada que ostentava, suas formas permaneciam intactas. Até mesmo os vidros das janelas sobreviviam. Era como se toda a construção houvesse sido transportada de outro tempo para o agora.

Elias e os outros gritavam, chamando Ezequiel, não entendendo porque interrompera sua escalada. Mas as vozes chegavam a seus ouvidos como se fossem gritos distantes de dentro de um grande aquário, não o fizeram sair do transe. Ele só despertou para a realidade, quando sentiu uma mão forte e volumosa lhe agarrar a perna. Olhou para trás e deu de cara com um dos gigantes desengonçados. De perto pôde perceber o rosto quadrado, repleto de cicatrizes, cada marca parecia ter uma data de nascimento diferenciada, sugerindo que o antigo dono daquele corpo passara por um bocado de coisas.

A criatura urrava de forma assustadora, como um urso que acabara de prender o pé numa armadilha, e não podia, nem desejava conter um grito de dor. Os olhos não tinham cor, eram cobertos por um negro opaco, tal qual a borracha dos pneus. A boca era larga, e os dentes podres e pontudos, semelhantes a pedrinhas em forma de ponta de lança. A boca escura de carne apodrecida se interligava por linhas elásticas, formadas pela baba espessa acumulada nas bochechas. A pele, vendo de perto, parecia mesmo de metal, mas um metal enferrujado, revestido de uma crosta marrom, fosca e mal cheirosa.

Ezequiel encarou o demônio, fazendo força para libertar sua perna, sem sucesso. Tinha a escopeta apontada para o rosto da criatura, mas lembrara que há poucos segundos, nenhum de seus disparos abalou o monstro. Aguardou-o escancarar mais uma vez a horrenda bocarra para dar vazão a mais um urro e enfiou com força o cano da arma na garganta do maldito, abafando o urro e provocando um tipo de engasgo. Porém, como estava morto, não podia ser sufocado. Ezequiel puxou o gatilho, e a explosão fez voar pedaços de massa cerebral para todos os lados. Não abateu o sujeito, mas o ferimento foi o bastante para fazê-lo soltar sua perna e atrasá-lo por alguns segundos.

O caçador largou a arma enfiada pela cabeça vazada da criatura e subiu em disparada, alcançando os outros e saltando da escada. Demônios se amontoavam ao redor da escada, disputando inconscientemente quem seria o primeiro a seguir por aqueles degraus. Ezequiel sabia que não podiam ser seguidos. Estendeu a mão, requisitando o rifle que Elias carregava, o irmão lhe passou a arma. Ele apontou para o tanque de combustível, um único disparo foi

suficiente para que o líquido inflamável começasse a escorrer. Em seguida, disparou diversas vezes contra metal do veículo, até que uma das centelhas produzidas entrasse em combustão em contato com o líquido.

O fogo tomou todo o caminhão em questão de segundos, uma explosão fez o veículo em pedaços, a escada teve sua base esfaqueada e Ezequiel se livrou da ponta, empurrando-a com o pé. Lá embaixo, todos os mortos-vivos próximos ao caminhão ardiam em fogo agora, o que não os impedia de continuar andando, tentando escalar pelas paredes da basílica. Mas aqueles não eram mais problema, sem a escada, jamais chegariam ao nível superior do prédio.

Os quatro caçadores buscaram uma janela por onde pudessem entrar, mas por trás dos vidros, chapas de metal selavam a passagem. Decidiram por escalar a basílica e entrar pelo teto. Subiram pela parede de concreto e chegaram ao topo, passando pelas estátuas que ornavam a construção no alto de sua cúpula. O estado de conservação daquelas figuras era espantoso. Ezequiel passou por elas, encarando-as com um olhar temeroso, como se aqueles gigantes de pedra fossem despregar seus pés do concreto e atacá-lo com fúria descomunal. Mas eram somente estátuas, e nenhum mal podiam fazer.

Atravessaram por entre os colossais sujeitos rochosos e encontraram três pequenas janelas numa elevação comprida, que se estendia até onde ficava o altar da basílica. Abel verificou, esfregando o vidro com a manga da camisa. Uma crosta de poeira grudou no tecido, e o vidro, antes totalmente cinza, ficou novamente transparente, naquela faixa que produzira com sua veste. Aproximou os olhos do vidro e notou que não havia proteção alguma depois dele. Buscou a pistola na cintura e bateu com o cabo da arma contra a janela. Precisou bater cinco vezes até que o vidro cedesse, eliminou os estilhaços remanescentes com o cano do revólver, e estendeu seu casaco sobre a passagem, se preparando para atravessá-la.

- Precisamos de uma corda. – Avisou Abel.

- Sorte eu ser um sujeito prevenido. – Respondeu Salomão, levantando sua jaqueta e revelando um emaranhado de fibras trançadas, enroladas em um fino cano de PVC.

Salomão desgrudou o rolo de seu cinto, passou a ponta da corda para Abel e começou a desenrolar. Lá embaixo, o exército de defuntos permanecia alvoroçado, arranhando as paredes numa tentativa inútil de alcançá-los. O velho amarrou a outra ponta da corda no corpo de uma das estátuas, prendendo sua cintura com um nó de marinheiro caprichado.

O cabo não era muito extenso e, depois de atirado pela janela, ficou há cerca de três metros do chão, mas era melhor do que saltar lá de cima sem nenhum auxílio. Abel foi o primeiro, passou de costas pela janela, enrolou a canela na corda e se pôs a descer. Apesar de não ser mais um garoto, estava muito bem para sua idade, e demonstrava admirável destreza. Chegou ao fim do cabo de fibras e saltou. Tinha a intenção de cair de pé, como um gato que salta de um telhado pousando sobre o gramado. Teve sucesso em aterrissar com os pés sobre o assoalho, mas o impacto repercutiu por toda sua perna, tirando-lhe o equilíbrio e fazendo-o cair com o traseiro no chão. Levantou-se rapidamente,

tranquilizando os amigos que o observavam lá do alto.

Elias se antecipou e foi o próximo, seguido de Salomão. Ezequiel foi o último a descer, antes de atravessar a janela, encarou as estátuas mais uma vez, se certificando de que não o seguiriam assim que virasse as costas. Ele desceu a corda e num salto aterrissou com mãos e pés sobre o chão, tal qual uma aranha em seu bote.

- Me dê o livro. – Pediu Ezequiel a Elias, depois de pôr-se de pé.

Apressado, Elias abriu a bolsa de couro, e de dentro dela retirou o *Rastreador*. Estendeu o braço para entregar o livro, mas, neste momento, Ezequiel não estava mais disponível, estava paralisado, inebriado, entorpecido pelo que vira. Quando Elias deu uma olhada ao seu redor, entendeu o porquê.

Agora, os quatro admiravam tudo ao redor, embasbacados, pareciam quatro crianças de fazenda entrando pela primeira vez num parque de diversões, tendo seu primeiro contato com a magia da luz elétrica.

O estado de conservação do prédio, que presenciaram do lado de fora, era sem dúvida fascinante, mas o que estavam vendo naquele momento era absolutamente inacreditável. O piso em peças grandes e ladrilhos, límpido e brilhante. As colunas emolduradas sustentando o prédio. Anjos, santos e outras figuras sagradas estáticas em seus magníficos altares. Estava tudo lá, intocado, perfeito. O interior da basílica parecia ter sido inaugurado no dia anterior. Tudo era tão lindo, tão limpo. Poderiam se alimentar naquele chão, se houvesse um pouco de comida por ali.

Tudo aquilo era tão fascinante, tão impressionante, que chegava a ser aterrador. Não era uma força humana que mantinha tudo aquilo em estado tão impecável, tão destoante de todo o resto do mundo. E sabiam bem, pelo que buscavam no lugar, que a força que realizava tamanha proeza não era em nada divina.

Ficaram cerca de três minutos olhando ao redor, admirando e contemplando aquele espetáculo visual com o qual foram presenteados. E continuariam parados ali, olhando o cenário, não fosse o chamado de volta para a realidade de um som crescente de passos ecoando no interior do templo. De repente, os caçadores se viram cercados por quatro sujeitos que saíram de trás das colunas.

Os quatro que surgiram das sombras não estavam armados, mas não precisavam de armas para que fossem bastante intimidadores. Os homens pareciam cópias um do outro. Os novos inimigos eram extremamente altos, não menos de quatro metros cada um. Eram também fortes, como um fisiculturista que exagerara nos anabolizantes. Vestiam trapos de coloração acinzentada, provavelmente cortadas com uma faca cega, um corte irregular formava um furo maior de onde brotava um pescoço monstruoso, mais dois furos laterais, um pouco menores, davam lugar aos braços, grossos como uma tora de madeira, cada músculo exageradamente saliente. As veias tinham uma coloração azulada, e se destacavam inchadas sob a pele branca.

Porém, diferente de seus amigos defuntos da praça, esses brutamontes tinham uma aspecto vivo. A pele era de homens saudáveis, branca com detalhes rosados no rosto. Os cabelos eram lisos e pretos, não muito curtos,

mas também não eram compridos, brilhavam, como nos antigos comerciais de xampu exibidos na televisão.

Os quatro opositores, que haviam estacado em suas posições após se revelarem, voltaram a caminhar, batendo os pés descalços sobre o chão e produzindo novamente aquele som que despertou os caçadores do transe em que estavam.

- Parece que o natal chegou mais cedo. – Disse Ezequiel, desembainhando sua espada. – Mandaram um presente pra cada um de nós.

Instintivamente, o grupo formou uma pequena roda, costas coladas e armas empunhadas. Havia um gigante para cada um deles, mas não se intimidavam tão facilmente, estavam prontos para a briga que só terminaria com a morte, seja de quem fosse.

Mantiveram a guarda, esperando pelo ataque do adversário, mas a investida pegou a todos de surpresa. Os brutamontes musculosos partiram em disparada, convergindo para o mesmo ponto. Quando estavam a menos de cinco metros do grupo, Ezequiel já tinha a espada em punho, preparado para atacar, no momento em que estendeu o braço, buscando o inimigo com a ponta da lâmina, os quatro gigantes saltaram, se elevaram a uma altura de cinco ou seis metros, aterrissando no centro da roda.

Os sujeitos monstruosos desceram do ar de mãos cerradas, deferindo golpes contra os caçadores com uma força sobrenatural. Ezequiel levou um soco no rosto, e sentiu o impacto de um martelo a maltratar o prego para que penetre na madeira dura. Elias foi atingido no estômago e logo caiu sobre os próprios joelhos. Salomão foi atingido onde o ferimento à bala tentava cicatrizar, rompendo parte dos pontos e fazendo fluir um filete de sangue que atravessou o tecido de suas vestes. Abel não teve mais sorte que os outros, e recebeu um golpe nas costelas do lado direito, fraturando uma ou duas daquele lado.

Ezequiel e os outros foram castigados pelo primeiro golpe, mas se recompuseram rapidamente, abrindo a roda e se dispersando pelo salão, jamais venceriam aquelas criaturas pela força, e isso ficava cada vez mais claro, assim, necessitavam de espaço para traçar uma estratégia de defesa e ataque. Cada um recuou para uma das extremidades do salão, onde a iluminação era ainda mais precária.

Ao contrário do que perceberam no primeiro contato, os sujeitos monstruosos, apesar de parecidos, tinham suas peculiaridades. Cada um deles seguiu um dos caçadores, o que foi no encalço de Ezequiel era quase tão alto quanto os outros, mas tinha os braços mais espessos, a testa se alongava um pouco mais que as de seus companheiros. Ezequiel recuou, andando de costas, alcançando um local onde o teto se rebaixava, isso evitaria mais um daqueles saltos que o surpreendera há pouco. Na penumbra, a lâmina de Ezequiel refletia fragmentos de luz e denunciava sua localização, porém, não desejava fugir, estava levando o gigante exatamente onde queria.

Sem a possibilidade de saltar, o monstro moveu seu enorme e pesado braço num movimento curvo, projetando sua mão destruidora em direção ao rosto de Ezequiel. O caçador se esquivou e golpeou as costas da mão

do inimigo, fazendo escorrer um sangue encorpado e escuro que coagulou em segundos. O gigante replicou o golpe, agora com a mão direita, sendo novamente enganado por Ezequiel que golpeou sua outra mão, vendo o fenômeno da coagulação se repetir.

Irritado com o escapismo de Ezequiel, o monstro entrelaçou os dedos, unindo suas mãos e atacando em um movimento de martelo. A cada golpe, o caçador se esquivava, ora saltando, ora rolando pelo chão para o lado oposto. As pancadas, que não encontravam seu alvo, atingiam o chão fazendo o belo e impecável piso em pedaços, os estilhaços voavam, como se uma britadeira estivesse fazendo o serviço. Num dos golpes, Ezequiel deslizou, passando por debaixo das pernas compridas do gigante, e estocando e lâmina em suas costas, perfazendo um extenso corte vertical, o sangue escorreu, agora em quantidade bem mais significativa, mas o ataque de Ezequiel também enfureceu o monstro que se virou veloz e atingiu o caçador com as costas da mão fechada, lançando seu corpo contra uma parede, há mais de dez metros de distância.

Ezequiel atingiu a parede, trincando o concreto em vários pontos, na certa o impacto lhe quebrara algumas vértebras. Sentado no chão, tentando se recuperar de seu violento encontro com a parede, o caçador avistou o gigante se aproximando. Seu andar era lento, porém vigoroso, parecia não ter se abalado com o golpe da lâmina de Ezequiel.

Na extremidade oposta do salão, Elias digladiava com seu gigante, era visivelmente o mais alto dos quatro, porém, não possuía braços tão fortes como o que combatia com Ezequiel. Tinha uma testa curta, o nariz amassado no rosto e uma boca larga de lábios finos. As orelhas, levemente de abano, davam ao agressor a aparência de um duende gigante do Inferno. Como seu companheiro, o monstro usava suas mãos como martelos a golpear Elias, mas seus movimentos eram aleatórios e descoordenados, e apesar de há muito estar longe das lutas, Elias se mantinha ágil e forte. Eventualmente era atingido pelo oponente, e quando ocorria o estrago era certo, mas na maior parte das vezes conseguia se desvencilhar das investidas mal calculadas da criatura.

Elias não portava espada como o irmão, somente uma escopeta que equilibrava em uma das mãos e uma faca, que mesmo afiada, tinha um alcance reduzido. Tinha os movimentos pensados, e atacava de forma fria e calculada. Era difícil atingir o colossal adversário, mas eventualmente sua faca encontrava a carne do sujeito, e o espantoso fenômeno observado por Ezequiel ocorria da mesma forma. Elias possuía pouca munição, por isso dava prioridade à lâmina, guardando as balas para o momento mais adequado.

O monstro atacava, Elias se esquivava e, quando podia, contra-atacava, era como uma dança, uma tortuosa e desagradável dança. Aos poucos, Elias se familiarizava com os movimentos lentos e letais do imenso oponente, era cada vez mais difícil para o gigante acertar o pequeno adversário, e as investidas de Elias, portando sua pequena faca, se faziam mais eficientes. O sangue do gigante coagulava de forma mágica, mas ao receber uma série de ataques em sequência, o sangue começou a verter, quase como ocorreria com um humano normal. Cada estocada de Elias deixava a criatura mais furiosa, mas a fúria para nada servia, a não ser para deixar seus pesados movimentos mais aleatórios e

falhos.

Os braços descomunais do gigante flutuavam a esmo, sem chance de encontrar seu alvo. Elias aproveitou o momento de descontrole da criatura e acompanhou com os olhos o movimento do seu braço esquerdo. Quando o membro se aproximou de seu rosto. Elias se abaixou, erguendo seu braço com a faca na horizontal. A lâmina perfurou a parte interna do antebraço monstruoso. Agarrado a faca, Elias foi projetado para o alto, o caçador puxou a lâmina e pousou montado nas costas do gigante. Suas pernas envolveram o espesso pescoço do sujeito e, calculando onde estariam os olhos da criatura, Elias enfiou o punhal repetidas vezes, com golpes rápidos e certos. Antes que aquela mão gigantesca lhe alcançasse e apanhasse seu corpo, como quem retira um inseto morto em um prato de salada, Elias saltou, jogando o peso do corpo para trás e se livrando de seu agressor.

O gigante de Elias agora tinha sangue escorrendo pelos globos oculares, mesmo que aquelas feridas cicatrizassem de forma mágica, como ocorrera com os outros ferimentos, aqueles olhos estavam inutilizados, o monstro não voltaria a enxergar. Era a hora certa de se valer da escopeta, pensou Elias.

O jovem se afastou andando de costas, sem fazer barulho, observou seu agressor tatear o ar a sua procura, os movimentos do gigante eram desarticulados, o monstro urrava de dor e fúria e, sem enxergar, não conseguia encontrar seu alvo. Todo aquele embaraço só fazia aumentar sua raiva. Elias apanhou um pedaço de pedra, resultante dos ataques que destruíram parte do chão. Atirou o artefato à retaguarda do inimigo, enganando seus sentidos e fazendo se voltar para trás. A criatura tateou buscando Elias, mas só encontrou destroços de seu feito destrutivo. Enquanto o monstro procurava inutilmente por ele, Elias se aproximava pelas costas do sujeito. Chegou bem perto, a um metro de distância, esticou o braço e sua escopeta quase tocou a nuca suada do gigante. A criatura se calou e sentiu a presença do caçador em seu cangote, tentou se virar para atacar, porém era tarde demais. Elias puxou o gatilho sem dar tempo ao monstro, disparou por sete vezes, liberando as cápsulas de calibre 12.

As balas perfuraram a cabeça do gigante, abrindo um enorme rombo, um buraco pelo qual Elias passaria tranquilamente sua cabeça. Pedações de ossos triturados e miolos incinerados se espalharam para todos os cantos. Elias recuou ao perceber que a criatura se mantinha de pé e se virava buscando o autor daqueles disparos. O monstro deu alguns passos cambaleantes em direção a Elias e, antes de alcançá-lo, desmoronou no chão. O impacto da queda do corpanzil anômalo fez tremer o chão, e os outros, que resolviam suas próprias contendas, cada um com seu gigante, reservaram um segundo de seu tempo para contemplar o inimigo derrotado estirado no piso destruído.

Quando Ezequiel parou para assistir a queda do Gigante, involuntariamente baixou sua guarda, se esquecendo de que tinha seu próprio Titã para enfrentar. O caçador pagou por sua falta de atenção com uma pancada no estômago que o fez voar até o centro do salão, ultrapassando o inimigo derrotado por Elias e caindo ao lado do irmão. Vendo Ezequiel vulnerável, a cerca de trinta metros de distância, o gigante partiu em disparada, seus olhos, de íris negra rodeados de veias vermelhas protuberantes, se inflamaram de ódio e seus passos

pesados fizeram o chão tremer.

Ezequiel se esforçava para ficar de pé antes que a criatura o alcançasse, mas suas pernas lhe traíam e não conseguiria se levantar tão rápido. Elias fitou o irmão e o gigante, calculou o momento do encontro e agiu. Ajudou Ezequiel a se levantar, passando o braço do irmão sobre seu pescoço. Não havia tempo para correr, então Elias estacou, encarando o demônio titânico, ergueu o braço e apontou a arma para o rosto do monstro.

- Atire logo no desgraçado! – Gritou Ezequiel, com a voz rouca e a respiração forçada.

Elias ignorou a súplica de Ezequiel e permaneceu imóvel, assistindo a aproximação do inimigo colossal. Aguardou até que o gigante estivesse bem próximo, e num movimento totalmente inesperado desviou a mira e puxou o gatilho.

O projétil atingiu a ponta do pé direito do gigante, arrancando-lhe os três dedos menores. O ferimento não foi letal, mas a dor e o impacto o fizeram se desequilibrar, trocando as pernas e avançando em queda até o chão. O corpo gigantesco foi atirado com força, o rosto se enterrou no piso abrindo um rastro e espalhando estilhaços para todos os lados. Elias permaneceu impassível enquanto a monstruosidade deslizava até ficar a menos de um metro de seus pés. Fitou os olhos do monstro, que agora deixavam de exprimir raiva para revelar um grande temor.

Não houve tempo para que o gigante se levantasse, Elias esticou o braço, colocou o cano da escopeta entre as têmporas do Titã caído e, sem hesitar, puxou o gatilho. O crânio se partiu em vários pedaços se espalhando ao redor do imenso cadáver, que agora maculava o chão da Basílica de São Pedro.

- Belo tiro! – Congratulou Ezequiel, já recomposto e de pé sem a ajuda do irmão.

- Os velhos! – Gritou Elias, não dando importância ao comentário de Ezequiel, e apontando para Salomão e Elias em outra extremidade do salão.

Ezequiel se virou e viu que seus amigos não estavam se dando muito bem. O corpo de um dos gigantes jazia estirado no chão, o que era bom, mas ao lado do cadáver, o último inimigo de pé tinha Salomão preso na mão direita e Abel na mão esquerda, segurava os dois homens como uma criança que brinca com seus bonecos dos comandos em ação. Assim que avistou os dois em perigo, Ezequiel correu em sua direção, Elias o seguiu, apontando a escopeta, que agora tinha apenas uma bala para o monstro agressor.

Os dois alcançavam a metade do caminho, Ezequiel percebeu que o Titã infernal esmagaria seus amigos antes que pudessem se aproximar, lembrando-se do tiro de Elias que desequilibrara o seu gigante, Ezequiel sacou a espada sem diminuir a corrida, a lâmina brilhou sobre sua cabeça e ele a atirou contra o monstro. A espada voou ligeira, alcançou o inimigo perfurou seu calcanhar, fazendo seu joelho dobrar e tocar o chão, ele afrouxou a mão direita e Salomão foi capaz de se soltar.

A desengonçada criatura tentava se levantar com dificuldade, o que deu a Ezequiel o tempo que precisava. O caçador alcançou o gigante e deslizou por entre suas pernas, puxando a espada presa no calcanhar direito e

rapidamente lhe infligindo um largo corte no esquerdo. O inimigo dobrou parcialmente o joelho esquerdo, tentou se levantar, mas não tinha firmeza nas pernas e acabou tombando para trás e libertando Abel de sua mão.

Ezequiel trepou na barriga do gigante e caminhou sobre seu tronco até chegar ao tórax, estendeu o braço direito em direção a Elias, o irmão sabia exatamente o que ele queria. Elias, que estava a cerca de dez metros de distância, lançou a escopeta ao ar na direção de Ezequiel. O caçador apanhou a arma pelo cabo, acomodou o indicador junto ao gatilho, mirou entre os olhos do demônio, que lhe lançava um olhar triste de derrota, e puxou o gatilho. O último dos quatro gigantes havia enfim caído.

Abel e Salomão resfolegavam, caídos ao chão, aquele animal quase lhes quebrara todos os ossos do corpo. Elias e Ezequiel ajudaram os dois a se levantarem, em seguida, os dois experientes caçadores reclamaram em coro:

- Estamos velhos demais pra isso! – Arrancando um sorriso dos dois mais jovens.

XXI

NUM PEQUENO SALÃO, DE FORMA OVALADA, ILUMINADO apenas por tochas e velas, Adolf estava deitado sobre uma comprida mesa de mármore alvo. Logo atrás dele, um sinistro altar fora organizado. Ossos velhos misturados a artefatos metálicos e líquidos não identificáveis, todos espalhados em uma mesa antiga de madeira. No centro da mesa, um livro grosso, capa espessa de couro e folhas enrugadas e amareladas.

De pé, ao redor do corpo, Giovanni, Alfredo e Antônio observavam inertes enquanto uma mulher de túnica branca misturava vários ingredientes em um refratário de metal dourado. A mulher era Lúcifer, nos últimos tempos, o decaído adotara aquela aparência quando deixava sua morada, achava graça da ironia pois, todos que o viam naquela forma humana, enxergavam doçura, delicadeza, beleza, bondade: coisas que jamais fizeram parte de sua natureza. O Príncipe das Trevas adorava brincar com as sensações dos humanos, enganar os sentidos dos inferiores, se divertia com sua imperfeição.

Adolf permanecia imóvel enquanto o Diabo em forma feminina preparava o ritual. Don Giovanni virou o pescoço, olhando para trás, foi o primeiro a ouvir o barulho, eram passos, eles sabiam bem de quem. Lúcifer mandara quatro de seus bichinhos de estimação para deter os invasores.

- Estão chegando. – Comentou Alfredo.

- Sim. – Concordeu o Diabo. – Nossos convidados já estão na Basílica, preparei uma calorosa recepção. Em breve tudo estará terminado.

- E teremos nossa liberdade. – Completou Giovanni.

- Se é isso que deseja. – Replicou o maldito. – Quando o ritual for completado serei soberano aqui também, certamente seus serviços poderão ser dispensados, mas saiba que se quiserem me seguir, terão tudo que puderem desejar, não haverá limites para o meu poder, e tenho planos muito interessantes para o futuro dos três, meu caro.

- Não haverá mais nada entre nós. Quando terminarmos isso, não quero nunca mais ver sua cara, Diabo. Nenhuma delas. – Retrucou raivoso o criminoso.

- Não há motivo para ser tão rude, eu te dei tudo que me pediu, e se fosse da minha vontade, sua dívida jamais seria saldada. Mas, ao contrário do que pensam, sou um Deus benevolente, diferente de meu Pai. Vai ter o que quer, meu caro, mas se pensa que encontrará a paz longe do meu domínio, muito se engana. Não existe paz para você, e só encontrará a plenitude quando assumir o que é, quando se entregar à sua essência. Você é um executor, um carrasco, sua existência deve servir ao castigo dos outros, e disso eu entendo bem, fique comigo e terá uma eternidade de almas para fazer sofrer. Pense nisso, meu caro.

Giovanni não respondeu, mas sua carranca de ódio deixava claro que, se pudesse, faria aquele maldito em pedaços, porém, sabia que não estava ao seu alcance tal realização.

Alfredo afagou o ombro do pai, dando um leve apertão, como se dissesse: *calma pai, tudo vai ficar bem*. O pai não era de demonstrar carinho, nem tampouco de receber uma carícia de um dos filhos, mas desta vez agiu diferente, desfez parcialmente a carranca e balançou a cabeça como se respondesse: *sim, tudo vai ficar bem*. Mas ele sabia que nada ia ficar bem, afinal, estava ajudando o Diabo em pessoa a alcançar o poder supremo. Como alguma coisa daria certo em tais circunstâncias?

O decaído voltou a seus afazeres, encarando ocasionalmente seus servos. Giovanni percebia o olhar do Diabo em sua direção, mas se forçava a não corresponder.

- Prepare o receptáculo. – Ordenou o maldito de trás do altar.

Alfredo se antecipou e partiu na frente, o pai e o irmão o acompanharam até a mesa de mármore. O rapaz apanhou uma tesoura metálica que repousava ao lado de Adolf, e se pôs a cortar as roupas do cadáver. Começou da gola da camisa até chegar ao fim do abdômen. O corpo nu da monstruosidade ostentava uma pele bege, cheia de erupções avermelhadas e veias azuis elevadas. No estômago, algo se mexia, como se tentasse deixar o interior daquele sujeito asqueroso. A pele nessa região se contraía, esticando como uma bexiga de borracha. Uma luminosidade dava um tom avermelhado para a tez áspera de Adolf.

Enquanto Alfredo despia o receptáculo, Antônio e Giovanni tratavam de prender seus pulsos e tornozelos em algemas metálicas de aspecto grosseiro, rudimentar. Adolf não reclamava, mas sua expressão era de alguém nada satisfeito. Giovanni e os dois filhos concluíram a tarefa e estacaram em suas posições, fitando o Diabo que observava tudo.

- O que estão esperando? Façam logo! – Ordenou o caído, subindo

o tom da voz e liberando um hálito de enxofre em demasia mal cheiroso.

Giovanni deu um suspiro, mas não reclamou, não podia desobedecer, não agora que estava tão perto de romper seu pacto e ser finalmente livre. Não fazia ideia do que faria com tal liberdade, mas a desejava mais que tudo na vida. O criminoso apanhou, ao lado de onde estava a tesoura, uma adaga de cabo metálico, repleta de inscrições em baixo relevo, a lâmina brilhava, Giovanni podia ver sua imagem refletida no metal imaculado.

Tocou a garganta de Adolf com o polegar, e mediu um palmo, tocando de leve a ponta da adaga abaixo do peito descoberto do homem morto. Em um golpe certo e silencioso afundou a lâmina, rompendo a pele e fazendo escorrer um líquido negro e pegajoso, da abertura saiu também um filete grosso e intenso de luz que atingia o teto, reduzindo a penumbra e o clima fúnebre do pequeno salão. Com a faca ainda enfiada, puxou a lâmina até abaixo do umbigo, depois puxou a adaga e a introduziu novamente próximo à última costela, traçando um corte que cruzava o primeiro.

As quatro pontas que convergiam no centro da cruz traçada se arquearam, formando uma abertura quadrada, da qual uma enorme esfera luminosa se precipitava. A luminosidade era tão intensa, que Giovanni e os filhos se fizeram valer dos óculos escuros que levavam nos bolsos.

O Diabo arreganhou um sorriso infernal, admirando com encanto a luminescência que brotava daquele estômago apodrecido e fétido. Seus olhos brilhavam ao estar tão perto de tanto poder. Centenas de almas puras, cheias de luz, habitavam aquele ser sombrio e horrendo.

Enquanto a liturgia se seguia, o barulho de batalha penetrava abafado no pequeno salão, um som que agradava os ouvidos de Lúcifer, *o doce som de ossos se partindo, de carne se dilacerando, o som da guerra, da morte e da destruição*, pensava o Diabo, se regozijando em seu íntimo. Mas de repente, o ruído, que era música aos ouvidos do rei do Inferno, cessou, e um sinistro silêncio encheu todo o ambiente.

- Abram as portas. - Ordenou a mulher de branco. - Nosso convidado chegou.



Após derrotar os gigantes do Inferno, os quatro caçadores estavam feridos, sujos e maltrapilhos. Mas, apesar de tudo, estavam bem, estavam prontos para a batalha culminante, mesmo sem saber que tipo de criatura o Diabo invocaria para confrontá-los.

- Onde está o livro? - Indagou Ezequiel.

Elias levou a mão próximo à cintura, fazendo menção ao local onde sua bolsa com o livro estava amarrada. No calor da luta, perdera a mochila e não notara. Olhou ao redor e, em meio aos escombros, avistou a bolsa de couro marrom, presa sob um pedaço irregular de concreto. Correu para apanhá-la,

puxando o livro com pressa e largando a bolsa no chão. Abriu o *Rastreador* e mostrou aos outros. Ezequiel tomou o artefato em suas mãos e se situou dando uma volta de trezentos e sessenta graus. Apontou para a esquerda do salão e afirmou:

- Eles estão ali, atrás daquela porta. – A firmeza que trazia na voz não deixou margem a questionamentos.

- Então é isso. – Disse Abel. – Vamos acabar logo com essa droga toda.

Os quatro caçadores separaram as armas que restaram, contaram a munição e se equiparam. O grupo se encontrava bastante desguarnecido. Ezequiel tinha o velho trinta e oito com seis balas no tambor e uma pistola calibre 44, além de algumas facas e a espada. Elias tinha a escopeta, mas não sobrou nenhuma bala, tornando a arma inútil, fora isso, sobraram as facas e um machado que apanhara no carro de bombeiros. Salomão empunhava uma espingarda com pouca munição mais algumas lâminas. E Abel carregava duas pistolas automáticas, só com as balas dos pentes, parcialmente carregados.

- Se alguém quiser desistir e correr, essa é a hora. – Falou Ezequiel, fitando os três companheiros.

- Não passamos por tudo isso pra perder o melhor da festa. – Replicou Salomão.

- Estamos nessa até o final. – Completou Abel.

- Vamos ficar de conversa mole ou vamos fazer o que viemos fazer. – Disse Elias, num tom descontrado que não lhe era peculiar, surpreendendo Ezequiel.

- Provavelmente vamos todos morrer. – Declarou Ezequiel. – Mas pelo menos, chutamos uns bons traseiros de volta pro Inferno. – Balançou a cabeça, reverenciando os três companheiros. Eles retribuíram o gesto e marcharam até a porta.

Apesar da urgência, o grupo caminhava sereno até o covil do lobo. E apesar de tudo que disseram uns para os outros, estavam com medo, todos, sem exceção, estavam com muito medo. Mas o medo é o combustível dos valentes, e levariam aquela história até o fim, resolveriam aquele problema, ou morreriam tentando.

Chegaram até a porta e estacionaram em frente ao enorme objeto de madeira, era uma porta pesada, com detalhes entalhados à mão. Ezequiel deu um passo à frente, empurrando de leve a porta, estava trancada. Deu dois passos para trás e se preparou para arrombá-la. Iniciou a investida quando a porta simplesmente abriu.

Ainda do lado de fora, os quatro avistaram uma luz forte, que dificultava a visão do cenário. Viram o vulto de três homens, não podiam identificá-los, mas sabiam quem eram. Ezequiel atravessou a entrada, portando as duas pistolas, engatilhadas e apontadas, mesmo sem uma boa visibilidade, podia acertar os três sujeitos sem problema, não pensou duas vezes e disparou três vezes. Viu os homens se desfalecerem, tombando ao chão.

Antes que visse que havia mais alguém na sala, a luz que irradiava do centro do local cessou. Pode ver então uma figura que lhe surpreendeu. Elias,

Salomão e Abel também haviam entrado no salão, e acompanhavam Ezequiel bem de perto. Sem aquela incrível luz tomando todo o ambiente, os quatro visualizaram uma mesa comprida de mármore e um cadáver em decomposição sobre ela. Atrás da mesa, viram uma mulher, uma bela mulher, de pele alva, olhos celestes e cabelos negros, vestindo uma túnica de um branco glacial, a qual se diferenciava discretamente da coloração da pele.

Ezequiel continuou avançando em direção ao altar, caminhava a passos lentos e cautelosos, só parou quando a mulher misteriosa rompeu o silêncio dominante.

- Finalmente. – Disse a mulher. – Você e seus amigos resistiram, transpuseram todos os obstáculos. Confesso que não esperava tanto.

- Quem é você? – Indagou Ezequiel, mantendo a jovem desconhecida sob sua mira.

- Não sabe quem eu sou? – Ela respondeu. – Eu sou o término de sua busca.

- Você?

- Não gostou dessa aparência?

- Eu esperava algo mais criativo.

- Não me diga que me imaginava como um monstro de pele vermelha, calda com ponta de seta e dois chifres na cabeça. Posso ser horrível quando quero, mas a beleza costuma me agradar bem mais.

- Peço desculpas, mas estou sem tempo para muita conversa. – Disse Ezequiel.

O caçador puxou os gatilhos das pistolas e disparou quatro vezes, duas balas de 38 e duas de 44. Todas atingiram a forma feminina na qual o Diabo se disfarçara. O corpo miúdo da criatura foi lançado cerca de três metros para trás, mas ele não caiu. Imediatamente, deu três passos a frente, estendeu o braço, abriu a mão e deixou cair sobre o altar as quatro cápsulas deflagradas contra seu corpo.

Ezequiel puxou o gatilho novamente, mas as armas travaram. Elias tentou atirar e também não obteve sucesso. As armas de Salomão e Abel também não funcionaram.

- Não seja tolo. – Falou o Diabo. – Pensa que pode me ferir com sal, metal e pólvora. Eu sou a criação mais perfeita de Deus. Todos os demônios que derrotaram até chegar aqui foram apenas distração, corpos de homens mortos habitados pelas mais pírias almas do Inferno. Eu sou o soberano do abismo profundo, comandante de legiões infernais e, em breve, serei soberano também nesse mundo torpe no qual vivem.

O caçador ignorou as palavras do Infernal e sacou sua espada, avançando em direção ao altar. Nos primeiros passos, sentiu o corpo gelar, as pernas não mais respondiam, assim como os braços, que se paralisaram em posição de combate. Ouviu-se um disparo, seguido de outros seis. As balas perfuraram o peito de Ezequiel, rompendo a caixa torácica e dilacerando seu coração. A paralisia cessou, o caçador tombou ao chão e seu corpo não mais se moveu, fora embora toda vida contida naquela carne. Ezequiel estava morto.

Os três caçadores, que estavam logo atrás de Ezequiel, avistaram

Giovanni se levantando com a pistola na mão, o cano do revólver ainda expelia fumaça da munição disparada. Correram em direção ao criminoso, mas foram contidos por uma espécie de barreira invisível, a qual não conseguiam transpor. Presos a menos de um metro do corpo falecido de Ezequiel, eles gritaram, bateram e choraram. Impotentes, viram Alfredo e Antônio se levantarem, batendo as mãos nas roupas, como quem se recupera de um leve tropeço.

Os dois irmãos seguiram até o cadáver do caçador, Antônio puxou um canivete e infligiu um talho no pulso do morto, Alfredo aproximou uma taça metálica do corte, amparando o sangue que escorria em abundância. A espada caíra ao lado do corpo, e Ezequiel ainda tinha o 38 preso à mão, o indicador colado ao gatilho e o polegar pronto para recuar o cão. Antônio e o irmão não se importaram em retirar a arma, Ezequiel, agora, não lhes oferecia perigo algum.

- Por quê? – Bradou Elias, o rosto coberto de lágrimas e os olhos tomados pela dor.

O Diabo fitou Elias e nada respondeu como se aguardasse um complemento à pergunta.

- Poderia tê-lo matado quando quisesse. Por que se importou em mandar hordas de malditos demônios atrás de nós? Por que nos fez passar por tudo isso quando tinha o poder de acabar com qualquer um de nós quando quisesse? – Berrou Elias, completando a pergunta.

- Você não entende, não é mesmo? – Replicou Lúcifer, sem alterar a suave voz feminina que sua boca produzia. – Eu não podia matá-lo, não antes da hora. O sangue de Ezequiel é a chave, o ingrediente final. Precisava de sua essência vital logo após sua morte, um cadáver frio de nada me serviria.

- Desgraçado! – Gritou Elias, enfurecido. Ele se debatia contra a parede invisível, e as lágrimas escorriam por seu rosto como cascatas. – E porque não acaba com a gente de uma vez?

- Vou permitir que assistam. Terão o privilégio de presenciar minha ascensão. O nascimento de um novo Deus, na terra e no Inferno.

Elias se calou. Socou o campo de força que o prendia por mais algumas vezes e cessou, se prostrou sobre os joelhos e assistiu impotente o corpo do irmão ser profanado.

Alfredo levou a taça com o sangue de Ezequiel até o infernal. Lúcifer segurou o recipiente cuidadosamente, com as duas mãos, e despejou todo o conteúdo no refratário onde depositara os demais ingredientes. Recitou algumas palavras em um idioma desconhecido para todos os demais presentes. Fez um sinal discreto com as mãos, Alfredo retirou um estranho pedaço de tecido que cobria a barriga aberta do receptáculo e novamente a luz tomou conta de todo ambiente.

Em poucos segundos, a luz, que se espalhava por todo o recinto, se converteu em numa estrutura tubular que vertia do estômago de Adolf até a mulher de branco. A cascata de luminescência se derramava sobre o Diabo que se regozijava em expressões insanas e assustadoras. Absorvendo toda aquela energia, o corpo de Lúcifer começou a se transmutar, os olhos saltavam das órbitas, os ossos se quebravam e se recolocavam, a pele escurecia e clareava, se esticando como elástico. A túnica branca se rasgou quando o corpo, recém-

crescido, não coube mais em seus limites. Aos poucos, o corpo, inteiramente nu, deixava o aspecto deformado e monstruoso para alcançar uma forma simétrica e harmoniosa.

Lúcifer tocou o próprio corpo sentindo sua forma, girou o pescoço para ambos os lados em busca de um espelho, precisava ver como estava. Encontrou uma estrutura de vidro fixada à parede, se aproximou e se admirou. O Diabo agora tinha a forma de um homem, os músculos perfeitamente delineados, a pele clara, levemente bronzeada, reluzia na sala, agora escura. O rosto fino parecia uma escultura, os traços desenhados com perícia na pele lisa. Sorriu e admirou sua denteição alva e brilhante, os olhos azuis refletiam o cenário sombrio, e os cabelos dourados se assemelhavam a finíssimos fios de puro ouro.

Satisfeito com o que vira e com o que sentira (podia sentir o poder percorrendo suas entranhas), o Anjo Maldito desfez a parede invisível que prendia os caçadores, liberando seu caminho. Elias saltou até o corpo de Ezequiel que jazia pálido sobre o chão frio da basílica. Salomão e Ezequiel rodearam o cadáver sem ação, sabiam que nada podiam fazer contra o maldito Rei do Inferno. O Diabo fitou Giovanni ao lado dos filhos e deferiu a ordem:

- Mate-os. Dê fim aos corpos e venham até mim.

- Não trabalhamos mais pra você, já teve o queria, agora quero minha liberdade! – Retrucou Giovanni.

- Será que você não entende humano? – Lúcifer soltou uma gargalhada demoníaca, e um odor de enxofre emanou de seu hálito. - Todos devem me servir a partir de hoje, pois agora não sou mais apenas o soberano do Abismo Profundo. – Pausou a fala, caminhou até seu rosto quase colar ao de Giovanni e sussurrou em seu ouvido. – Eu agora sou Deus.

XXII

EZEQUIEL ABRIU OS OLHOS E A VISTA EMBAÇADA SÓ LHE mostrava um branco total. *Estou cego*, pensou. Sentia uma queimação no peito, mas quando levou a mão ao local dolorido, estava intacto. Levantou-se devagar e percebeu que estava trajado com roupas que não eram as suas. Uma calça jeans branca, chinelos de borracha brancos, e uma camiseta de malha igualmente alva. Deu uma boa olhada ao seu redor e tudo que viu foi o chão branco que se estendia até onde a visão alcançava.

Não sabia onde estava, não tinha suas armas, e a última coisa de que se lembrava e de estar correndo em direção ao Diabo, quando sentiu todos os músculos paralisarem. Estaria em coma? Seria aquele lugar uma ilusão do infernal para impedi-lo de estragar seus planos? Um turbilhão de suposições povoou sua mente confusa, nenhuma delas fazia o menor sentido.

O caçador se pôs a andar a esmo, aquele lugar estranho certamente não era infinito, em algum lugar encontraria um caminho, encontraria respostas. Mas sua caminhada não durou muito, depois de andar por cerca de trezentos metros, ouviu uma voz infantil vinda de sua retaguarda.

- Hei, está perdido? – Disse a voz.

Ezequiel se virou de costas e avistou, bem próximo dele, uma criança, um garoto com não mais que doze anos de idade. Assim como ele, o menino usava um traje inteiramente branco, ao invés da calça, usava uma bermuda de linho, fora isso, e o tamanho reduzido, suas vestes eram idênticas às do caçador. O garoto tinha cabelos lisos, castanhos claros e curtos, uma discreta

franja cobria-lhe parte da testa. A criança fazia Ezequiel se lembrar de si mesmo quando tinha aquela idade.

O caçador fitou o garoto e, inicialmente, não disse nada, *certamente está tão perdido quanto eu*, pensou em silêncio, observou mais um pouco e reconsiderou, *não, um pivete como esse não teria esse sorriso na boca se estivesse perdido*. Ezequiel estava confuso, mas tiraria aquela história a limpo. O garoto olhava para ele calado, e aquele sorriso muito o incomodava. *Por que Diabos esse pivete está tão feliz?*

- Hei, garoto! – Falou Ezequiel, dando alguns passos em direção à criança sorridente. - Quem é você? E que droga de lugar é esse?

- Olá, Ezequiel. Vejo que trouxe seu peculiar humor do mundo dos vivos.

- Mundo dos vivos? O que isso significa? Tá dizendo que eu estou morto? Não era bem assim que eu imaginava o Inferno.

- Agora o sarcasmo. Essa é uma das coisas que eu gosto em você. Seu sarcasmo, aliado ao terrível mau humor sempre me fizeram rir.

- Se aqui é o Inferno, quem é você? Um carrasco? Deviam ter mandado alguém maior, ao menos alguém com mais de um metro de altura.

- Ezequiel, você sabe onde está? Sabe quem sou eu?

- Não, eu não sei. Me diga. - Falou com cinismo. - Por que Diabos eu estou preso num maldito quarto do pânico com um menino de oito anos vestido como um maldito dentista?

- Tudo bem, nunca te vi como alguém preguiçoso, mas dessa vez vou ser didático: você não está no Inferno e muito menos eu sou seu carrasco, mas em um ponto você está certo. Você morreu. Neste exato momento, seus amigos estão debruçados sobre seu corpo carnal sem vida.

- Fala sério. – Balbuciou para si, emendado um suspiro.

- E a essa altura, sei que você sabe exatamente onde está e quem eu sou. Não é mesmo?

- Tá certo, então Deus é um garotinho de bochechas rosadas e o paraíso é um enorme e infinito nada?

- Não sou eu quem decide o que você vê agora, essa é sua percepção do pós-morte. Cada pessoa encara a passagem à sua maneira, e cada um leva um tempo diferente para absorvê-la, entendê-la. Alguns levam meses para desfazer sua percepção distorcida do que é o céu ou do que é Deus. Pode levar tempo para que você consiga ver realmente o lugar onde passará o resto da eternidade.

- Se você é mesmo Deus, me diga uma coisa, porque não sobrou nada? As poucas pessoas boas que eu conheço estão morrendo agora mesmo enquanto você perde o meu e o seu tempo com besteiras sobre eternidade e paraíso. Você ficou o tempo todo só nos observando, enquanto tudo se perdia, tudo se destruía. Eu não vejo diferença entre você e seu filho lunático lá embaixo.

- Não seja infantil, Ezequiel! Você chega ao paraíso, encontra a salvação, fica cara a cara com o criador e é isso que você vai fazer? Choramingar como uma criança? Você acha que eu me satisfaço vendo meus

filhos entregues à escuridão? Todos os dias eu tenho vontade de intervir, acabar com tudo e começar outra vez, do zero. Mas ambos sabemos que eu já tentei isso antes e veja aonde chegamos.

- Mas porque pessoas boas têm que pagar pelos erros de outras? Essa é justiça de Deus?

- Não se trata de justiça, Ezequiel. Eu criei o homem e todas as coisas, lhe dei tudo o que precisava para viver em harmonia com essas coisas e com ele mesmo, eu lhe dei tudo o que era necessário para a felicidade plena. Tudo o que eu pedi em troca foi que ele fizesse as escolhas corretas.

- Talvez você tenha esperado muito dos seus filhos. Agora a humanidade não tem mais esperança. Vamos todos morrer por nada e sem nada. Essa é a grande verdade.

- Talvez esteja certo, por outro lado, se você acreditasse no que está me dizendo, não estaria aqui ao meu lado, agora. Seu pessimismo, sua arrogância e descrença não passam de uma máscara, uma proteção. A mim não há como enganar, Ezequiel. Seu coração continua tão cheio de esperança quanto era quando você era apenas uma criança vagando sozinho por uma cidade destruída. Não há nada mais claro pra mim que isso.

- Você não me conhece, você pensa que sabe quem eu sou, mas só eu sei o que eu passei, o que eu vi. Você não sabe quem eu sou.

- Sim, eu o conheço muito bem, e é por isso que, infelizmente, você não pode permanecer aqui.

- Enfim algo sensato.

Deus se aproximou de Ezequiel, abriu sua mão e nela depositou duas balas de revolver calibre 38, fechando-a em seguida. Com a mão de Ezequiel envolvida nas suas, Deus disse:

- Sua visão está turva e você não consegue enxergar com clareza. Existem coisas diante de seus olhos que não são aquilo que você vê. Para enxergar a luz é preciso conhecer as mais profundas trevas.

Com indicador direito, Deus tocou a testa de Ezequiel e no mesmo instante toda a luz foi consumida, deixando o caçador em uma total escuridão. Sentiu o chão desaparecer sob seus pés. Com a sensação de uma eterna queda livre, Ezequiel sentiu seu corpo se desintegrar, como se estivesse deixando a existência. Desapareceram todas as sensações físicas, restou apenas um emaranhado de imagens indecifráveis a percorrer sua mente, até que sua consciência também se apagou.



Ezequiel acordou, abriu os olhos, mas nada enxergava. Tentou mexer os olhos, mas nem mesmo sentia os globos oculares nas órbitas. Sentia um frio congelante e seus membros não lhe obedeciam. Tentou se mover por alguns minutos, porém, o esforço se mostrara inútil, apenas lhe causando mais dor. Não

fazia ideia de onde estava, nem de como chegara lá. Talvez estivesse sonhando, pesadelos não eram novidades para ele. Depois da morte de Josué, todas as noites o mesmo pesadelo lhe assombrava, revivia o momento em que encontrara o pai assassinado, pregado em uma cruz de madeira, só conseguira cessar aqueles horríveis sonhos ruins ingerindo grandes quantidades de álcool, o que apagava sua consciência por completo.

Talvez fosse isso, talvez aquilo fosse fruto de uma bebedeira daquelas. Mas não podia ser, pois se lembrava da ida ao Vaticano, de confrontar o Diabo e ser mandando para um estranho lugar onde conversara com um garotinho com roupas de dentista. Ezequiel ainda não sabia como, mas descobriria o que Diabos estava acontecendo com ele.

Já havia desistido de se mover, ao menos por enquanto, o que quer que fosse aquilo, alguma hora iria passar, então se levantaria e encontraria respostas. Sentiu que logo perderia os sentidos novamente, mas adiou o desmaio quando ouviu um barulho se aproximar, pareciam passos, mas o som era abafado e baixo. Ouviu o som aumentar gradativamente até cessar por completo.

- Mais um imbecil tentando fugir. – Disse uma voz rouca e grave.

- Isso vai lhe custar pelo menos cem. – Manifestou uma nova voz, fina e trêmula, como se batesse os dentes de frio enquanto falava. – Vamos levá-lo de volta e fazer o infeliz funcionar novamente.

Ezequiel não sentia mais seus membros, ouviu alguns ruídos que não foi capaz de interpretar, os ruídos foram sumindo, sumindo, e desapareceram. Ele desmaiou.

Quando acordou, Ezequiel notou que sua visão voltara, mas não teve tempo para interpretar o que seus olhos captavam, pois a dor era tudo o que seus sentidos podiam apontar. Sua carne estava queimando, e quando percebeu que podia se mover, já estava de pé, saltando e se debatendo, tentando se livrar daquela maldita dor. As queimaduras ardiam, porém não sentia mais a carne se dilacerando no fogo. Acalmou-se e viu à sua frente, no chão, um quadrado com aproximadamente dois metros em cada lado. A figura geométrica estava coberta por brasas. Concluiu que estava deitado ali, olhou ao redor e vislumbrou uma extensão infinita de chão coberto de neve, não pensou duas vezes e se atirou na cobertura gelada, a fim de abrandar o ardor da pele chamuscada.

Um enorme alívio correu todo seu corpo quando repousou o dorso tostado sobre a neve fria. Ainda deitado, divisou um sujeito caminhando em sua direção. Na posição em que se encontrava, via o estranho apenas da cintura para cima, tratou de se levantar rapidamente, estacando de frente para o sujeito. Não sabia se o estranho era hostil, então preferiu não atacá-lo logo de cara, entretanto, manteve os punhos cerrados, firmes junto à cintura. Caso fosse atacado, estaria pronto para se defender.

- Vejo que se recuperou rápido. – Disse o estranho. Ezequiel reconheceu sua voz, era o homem rouco que ouvira quando estava paralisado.

Ezequiel ensaiou abrir a boca e perguntar o que estava acontecendo, mas algo fez seus lábios selarem-se. Ficou quieto, encarando o sujeito. O estranho, que se aproximava, tinha a pele marrom, era uma pele áspera e cheia de pequenas erupções. A cabeça era enorme, desproporcional ao

corpo, tinha uma testa comprida e a cabeça careca, as orelhas eram pequenas como as de um bebê. No lugar do nariz havia apenas um orifício, um corte horizontal que abria e fechava, como guelras. A boca era larga e sem lábios, dentes quadrados e espaçados brotavam amarelados.

A criatura tinha corpo de homem, como o de um fisiculturista com cento e vinte anos de idade, a pele velha se mantinha firme, apesar da aparência desgastada. O monstro não trajava roupas e não possuía genitália. Quando vislumbrou a falta de vestes do estranho, atentou para o fato de que também estava nu. Levou a mão abaixo do umbigo para cobrir o órgão que lhe envergonhava e se assustou ao perceber que, assim como a criatura, seu corpo estava desprovido do órgão genital.

Olhou para si mesmo e não reconheceu o próprio corpo. Sua pele era como a do estranho, o novo corpo era magro e fraco. Estendeu a mão diante dos olhos e divisou dedos compridos, a pele seca cobria os ossos finos, quase sem carne a envolvê-los. Fechou os olhos, imaginando que tudo aquilo não passava de um louco pesadelo e que acordaria a qualquer momento. Mas ao invés de acordar, sentiu um golpe lhe ferir as pernas e caiu de joelhos sobre a neve congelante. Abriu os olhos antes de ter seu rosto afundado na neve.

Sentiu uma mão lhe puxando pelo pescoço e uma voz soprou ao pé do ouvido:

- De volta ao trabalho, condenado. Acabou a folga. – Disse baixinho. Ezequiel também reconheceu essa voz, era o outro ser que escutara antes de desmaiar.

Virou-se para trás e fitou o novo estranho. A aparência era similar a de seu companheiro monstruoso, porém era magro e baixinho. O rosto era fino e comprido e os dentes minúsculos na boca que insistia em sorrir. O baixinho lhe açoitou com um chicote fino, obrigando-o a se colocar de pé novamente.

Ezequiel não viu como aconteceu, mas de repente percebeu seus pulsos envoltos em grossas algemas de ferro, o metal feria a pele que sangrava um líquido espesso e esbranquiçado. Ele agora caminhava, puxado por uma corrente presa às algemas. Estava tão atordoado com tudo aquilo, que era incapaz de esboçar qualquer reação a não ser seguir pelo caminho que lhe era imposto.

Por cerca de duas horas, Ezequiel caminhou nu sobre a neve. No início, o gelo sob seus pés faziam as plantas queimarem, mas depois de um tempo, tudo o que sentia era uma desconfortável dormência, como se suas pernas se apoiassem sobre uma carne morta e sem sensibilidade. O frio já lhe parecia natural, o que não diminuía a constante dor nas articulações. Pensava que mergulhar em uma piscina cheia de lâminas de barbear seria menos doloroso do que aquilo. Mesmo assim, se mantinha firme, e caminhava de cabeça erguida, alheio aos puxões que o monstro forte aplicava na corrente e às chicotadas que o baixinho lhe infligia durante todo o percurso.

Avançaram por uma subida íngreme, o esforço era tremendo e Ezequiel sentia suas articulações serem esmigalhadas enquanto andava. Quando alcançaram um terreno plano, Ezequiel se chocou com o que viu e caiu sobre os joelhos, perplexo.

Milhares de homens, talvez milhões, com aparência semelhante à sua. Formavam filas compridas, sem início e sem fim. Todos estavam nus e carregavam nas costas rochas tão grandes quanto um carro. Enquanto carregavam as pedras gigantes, eram açoitados por chicotes compridos e cravejados de espinhos, manuseados por monstros, como aqueles que o conduziam por aquela terra gelada e desconhecida.

O chicote do monstro de baixa estatura estalou nas costas do caçador. Ezequiel conteve o grito de dor, mas não se levantou. O baixinho se fez valer do chicote outra vez, agora ainda com mais força, o caçador se manteve de joelhos, calado e fitando a multidão de escravos que caminhava sobre a neve branca. O carrasco magro lançou seu ataque novamente, se surpreendendo quando Ezequiel se virou numa velocidade assombrosa e agarrou com as mãos a ponta do chicote. Puxou a arma, trazendo com ela o açoitador que lhe castigava com tanto prazer. Envolveu o pescoço magricelo entre suas mãos e começou a sufocar o sujeito.

O corpo sem carne do carrasco se debateu freneticamente, os braços descoordenados balançavam ao acaso, os olhos esbugalharam-se, quase saltando das órbitas, a boca asquerosa ficou roxa e uma saliva pastosa e esverdeada escorreu nas laterais. Ezequiel fitava os olhos agonizantes da criatura enquanto empreendia toda sua força no sufocamento. O sujeito estava quase sucumbindo quando seu companheiro acertou a cabeça de Ezequiel com um grande porrete de madeira. O caçador ficou tonto e libertou o baixinho.

- O condenado te pegou de jeito, Rolloc. – Disse o carrasco maior, ostentando um sorriso de deboche para o companheiro.

- Por que não me ajudou? Você é mesmo um desgraçado, Fulam! Um demônio cruel carregavam os mesmos organismos vivos que habitavam seu flagelando Ezequiel dezenas de vezes.

- E não somos todos? – Replicou Fulam.

Ezequiel sentiu seu grotesco corpo doer, o chicote lhe provocara dúzias de cortes por toda a pele, das feridas vertia um sangue espesso, esbranquiçado, misturado a dezenas de pequeninos vermes marrons. Aquilo o enojara, seu estômago se revirou na barriga e ele vomitou. Sobre a neve alva viu que seus dejetos carregavam os mesmos organismos vivos que habitavam seu novo sangue. Vomitaria outra vez, não fosse Fulam lhe puxar pelo pescoço, colocando-o de pé novamente.

- Continue andando, condenado! – Disse o carrasco. – E nada de gracinhas, sua conta já está bem extensa, só hoje deve ter acumulado uns quinhentos anos a mais.

Fulam lhe empurrava com sonoros e violentos tapas nas costas retalhadas. Ezequiel fitou os olhos do carrasco com ódio, mas o monstro não se assustou, naquele maldito lugar o que não faltava era ódio, podia ter certeza disso.

- Olhe para frente, condenado. Se insistir nessa atitude, talvez seja necessário cortar-lhe um braço ou uma perna. – Alertou Fulam.

Ezequiel achou melhor obedecer, estava em desvantagem agora, e não conseguiria nada naquele momento. Mas aqueles dois iriam pagar, disso tinha certeza.

Avançaram a parte plana, e em cerca dez minutos, Ezequiel se juntava aos outros condenados. Um dos novos carrascos, que açoitava seus companheiros de fila, se aproximou com uma enorme rocha em uma das mãos. *Como ele consegue erguer uma pedra tão grande com apenas uma das mãos*, pensou Ezequiel. O carrasco era tão robusto quanto Fulam, e não fosse pelos dentes pontudos, poderia se passar pelo outro sem problema.

O carrasco posicionou a pedra sobre a cabeça de Ezequiel, por um reflexo, ele ergueu os braços e abriu as mãos, imitando os outros que já carregavam suas próprias rochas. O sujeito feioso largou a pedra, e todo o peso daquele enorme artefato recaiu sobre o caçador. Ezequiel reuniu todas as suas forças para se manter de pé, mas aquele objeto era em demasia pesado para que pudesse carregar, nenhum humano, por mais forte que fosse, suportaria tal peso. Em poucos segundos suas pernas arquearam, seus braços fraquejaram, e ele caiu sem forças sobre a neve. A rocha gigante foi jogada em suas costas, quebrando-lhe todas as vértebras do tronco.

Ezequiel gritou, aquela dor era algo insuportável, podia sentir cada órgão se esmagar dentro do corpo, cada osso se romper em dezenas de pedaços. Ficou tonto e perdeu a visão. Pensou estar morto, se é que já não estava. Mas se estava morto, porque a dor não passava? Ao contrário, a dor só fazia aumentar, era como se cada parte de seu corpo enviasse ao seu cérebro um sinal de que precisava sentir dor, podia sentir a dor de cada pedaço, separadamente. De repente, sentiu que a rocha rolava para o lado, liberando seu corpo esmagado do esmagamento e, como por mágica, percebeu seu corpo voltar ao normal, ouviu o som dos ossos moídos se regenerando, a carne esmigalhada se moldando novamente ao redor dos ossos, a pele rasgada se unindo e as falhas desaparecendo. Estava novo em folha.

O chicote do carrasco lhe lambeu as costas, então percebeu que estava vivo novamente. A rocha esmagadora lhe foi entregue outra vez. Dessa vez, as pernas arquearam novamente, algo se rompeu dentro dele e o sangue esbranquiçado escorreu do orifício nasal. Mas não caiu, avançou com o grupo em passadas tortuosas e repletas de dor excruciante. Levou a rocha por certa de dez quilômetros, sofrendo o esmagamento mais três ou quatro vezes. Como da primeira, se regenerara, pronto para passar por todo o tormento outra vez.

O grupo alcançou um barranco, cada um dos condenados atirou sua rocha no precipício. Quando a vez de Ezequiel chegou, olhou para baixo e uma vertigem o acometeu. Não havia nada lá, era um abismo sem fim, o paredão de gelo ia até onde a vista alcançava, e depois somente a escuridão. Deram meia volta e começaram a seguir pelo mesmo caminho pelo qual haviam chegado lá.

Durante a volta, os condenados não carregaram pedras, mas os açoites de chicote não cessavam. Nesse percurso, Ezequiel teve a chance de observar com mais atenção os detalhes do cenário. Apesar de só haver neve para todos os lados, o fedor de enxofre invadia suas narinas agressivamente. Concentrou-se na fila, mas não foi capaz de vislumbrá-la por inteiro, nos limites que sua visão alcançava, contou aproximadamente dois milhões de condenados, os carrascos, por sua vez, não somavam mais que dez mil. Notou que os monstros

castigadores percorriam pela fila a infligir seus castigos, porém, eram muitos condenados a chicotear, o que lhe dava um tempo entre um açoite e outro. Essa era a hora de descobrir o que estava acontecendo.

- Hei. – Sussurrou Ezequiel, puxando a corrente que o prendia ao condenado da frente, tentando chamar sua atenção. – Hei você.

O sujeito da frente ignorou a investida do caçador e permaneceu concentrado em sua marcha.

- Qual o seu nome? – Perguntou Ezequiel. Aguardou alguns segundos, esperando algum tipo de resposta.

- Você é o novato por aqui. Diga você como se chama. – Respondeu o condenado, a voz baixíssima era quase inaudível.

Ezequiel hesitou, não revelaria seu nome, não sabia se era seguro. Para ele, todos ali eram monstros, acorrentados ou não. Precisava inventar um nome para ludibriar o condenado, buscou em sua memória e lembrou-se dos livros que lera no passado, lembrou de um cujo nome do autor vinha estampado em letras garrafais, ocupando quase metade da capa.

- É King. – Balbuciou Ezequiel, quase não emitindo som. – Meu nome é King.

- Muito prazer, senhor King. – respondeu o condenado. – Eu sou Paulo, seja bem vindo a uma eternidade de sofrimento. – Completou, ainda sem olhar para trás.

- Onde estamos? Que lugar é esse? – Perguntou.

Paulo não respondeu, continuou andando. A neve dificultava o caminhar, os pés descalços dos condenados afundavam no gelo, fazendo o esforço para se locomover ser ainda mais tortuoso. Ezequiel insistiu, dessa vez aumentando um pouco o volume da voz.

- Por favor, preciso saber onde...

Ezequiel foi pego desprevenido, e o chicote do carrasco que atingiu as duas pernas, seu corpo tombou, mas, antes de ser puxado pelo pescoço por aquele maldito monstro açoitador, se levantou, continuando a marchar.

- Fique calado, condenado. Não estão aqui para ficar de conversinha! – Berrou o verdugo – Mais um pio e terá a boca selada com aço e fogo.

O monstro ameaçador se fizera entender claramente, mais logo que se afastou, Ezequiel voltou a incomodar o colega da frente.

- Hei, Paulo. Me diga uma coisa.

- Cale a boca ou vai arranjar problemas para nós dois. – Advertiu Paulo.

- Me responda apenas um pergunta e te deixarei em paz – Paulo se calou, Ezequiel entendeu aquilo como um sim e prosseguiu. – Estamos mortos?

- Você tem alguma dúvida sobre isso? – Respondeu Paulo, deixando escapar uma risada irônica da boca. Avistou o carrasco se aproximando e tratou de apagar o sorriso mais que depressa.

O carrasco passou e estacou ao lado de Ezequiel, fitou demoradamente o caçador com uma expressão intimidadora. Ezequiel manteve a cabeça baixa e marchou. A vontade de saltar sobre o desgraçado e lhe dar uma

lição era enorme. Em sua mente, via a imagem do monstro caído ao chão, o chicote envolvendo seu pescoço, impedindo o fluxo do ar, seus olhos lacrimejando e o corpo perdendo os movimentos. Essa visão lhe agradava e um sorriso no canto da boca denunciava seus pensamentos.

- Do que está rindo, condenado? – Gritou o açoiteador, golpeando o pescoço de Ezequiel, quase o derrubando.

O caçador vacilou e seu joelho esquerdo chegou a tocar a neve, mas se levantou com firmeza, recebendo um novo golpe em seguida, aguentou a pancada como se seu corpo agora fosse rocha. O carrasco insistiu no castigo e repetiu o golpe por várias vezes. Ezequiel não queria dar o gosto da vitória àquele bastardo, mas percebeu que o desgraçado só cessaria a investida quando ele caísse. Poderia aguentar por mais alguns minutos, mas preferiu deixar o corpo cair, simulando que sucumbira ao espancamento.

- Levante-se, condenado. Os outros não vão te esperar. – Disse o carrasco, voltando a caminhar contra o fluxo da fila com um sorriso vitorioso na grotesca bocarra aberta.

Depois de cerca de oito horas de caminhada, chegaram a uma enorme pilha de rochas. Ezequiel ergueu a cabeça e não conseguiu ver onde terminava aquela imensa torre de pedras escuras e irregulares. A coloração azulada, quase negra, contrastava com a brancura perturbadora da neve que, aparentemente, se estendia ao infinito para todos os lados. *Preciso dar o fora desse lugar*, pensou Ezequiel. Mas para onde iria? Se estava mesmo no Inferno, e acreditava cada vez mais nisso, não tinha para onde ir, e isso era pior que toda a dor física a qual fora submetido desde que acordara naquele maldito lugar gelado.

Antes que pudesse começar a arquitetar sua fuga, uma enorme rocha caiu sobre sua cabeça, estava distraído e não ergueu as mãos para segurá-la, a pedra novamente esmagou sua carne e despedaçou seus ossos. Rapidamente seu corpo bizarro voltou à forma, ele levantou a rocha e seguiu a fila. Refizeram o mesmo caminho da primeira viagem, e atiraram as rochas ao precipício inatingível. O procedimento se repetiu por diversas vezes, e continuava a se repetir. Durante os percursos, Ezequiel tentava arrancar informações de Paulo, mas o condenado se reservava a dizer poucas palavras vez ou outra. A penosa repetição daquele trabalho que, pelo menos para Ezequiel, não fazia o menor sentido, o fez perder a noção das horas, não havia sol nem lua para se guiar, nem mesmo nuvens ornavam aquele inóspito e sombrio firmamento.

Sem respostas, Ezequiel insistia em quebrar a resistência de Paulo, e o enchia de perguntas.

- Há quanto tempo está aqui, amigo? – Perguntou Ezequiel.

- Não somos amigos, novato. – Respondeu rispidamente o condenado. – Não sei se percebeu, mas não temos dias e noites por aqui.

- Não sabe há quanto tempo está nesse lugar?

- No início, tentei contar as horas, os dias, mas chega um ponto em que isso realmente não importa. Não importa quanto tempo esteja aqui, porque a tortura sempre vai continuar.

- E toda essa neve? Sempre pensei que o Diabo vivesse num reino

de fogo.

- Nosso chefe se enche de tédio com facilidade, quando isso acontece, tudo é redecorado. Fogo, água, gelo, já tivemos várias versões, todas igualmente terríveis. Certa vez, ele cobriu o chão de lâminas e fez com que nos arrastássemos sobre elas, cada pedaço da nossa carne foi retalhado milhares de vezes.

Ezequiel engoliu a seco. As palavras de Paulo o fizeram enxergar nitidamente aquela imagem de monstros condenados rastejando sobre lâminas afiadas. O caçador tinha um estômago forte, mas a visão lhe causou um ligeiro enjoo.

- Se está aqui há tanto tempo, porque nunca tentou fugir? – Indagou Ezequiel.

- Todos que chegam aqui tentam escapar, mas é estupidez.

- Por quê?

- Porque não há para onde fugir, tudo isso que vemos ao nosso redor não tem fim. Fugir só nos traz mais sofrimento, um motivo a mais para nos açoitarem com ainda mais violência.

- Tem de haver um jeito! – Exclamou Ezequiel.

- Não perca seu tempo, condenado. É melhor se conformar e se render ao seu destino.

- Mas... – Ezequiel calou-se ao avistar um dos carrascos se aproximando, o monstro passou por ele, chicoteando suas costas, assim como fez com cada um da fila. O carrasco parou e retrocedeu até ficar cara a cara com o caçador.

- Eu conheço esse olhar, condenado. – Murmurou o açoitador. – Sei o que pretende. Por favor, tente. Saia correndo e faça o meu dia.

O carrasco voltou a caminhar, açoitando os condenados, em sua boca funesta um sorriso de satisfação se destacava na monstruosa carranca. Ezequiel se enfureceu, seus olhos queimaram de cólera, mas Paulo estava certo, e o que o monstro lhe dissera confirmava isso. Não havia para onde fugir, mas não desistiria assim tão fácil, não depois de tudo que passou, tinha que haver uma maneira, e ele descobriria como, não importava o preço.

Ezequiel parou de importunar Paulo, fizeram o percurso por incontáveis vezes, em várias o caçador viu seu corpo ser massacrado pelas rochas, porém, a frequência de acidentes assim era cada vez menor. Enquanto aguentava firme seu castigo, Ezequiel observava tudo, contou novamente quantos carrascos vigiavam o grupo, como se organizavam, calculou o tempo entre a passagem de um castigador até a chegada do próximo. Notou que, além do chicote, os monstros carregavam um porrete de madeira, e uma cimitarra, uma daquelas espadas árabes de lâmina curva. Observou e memorizou como se movimentavam, como empunhavam as armas. Percebeu que eram extremamente fortes, porém lentos. E como havia constatado quando atacara Rolloc, podiam ser feridos. Se agisse no momento certo, teria uma chance.

Os condenados marchavam com certa regularidade, assim, Ezequiel contou os segundos de cada percurso, converteu o tempo em horas e minutos e, desse modo, passou a contar os dias. Durante dias ele permaneceu

observando, confirmou a exatidão de suas constatações e aguardou o momento correto. Exercitou sua paciência, foi necessário um tremendo esforço para não agir antes da hora, a vontade de partir pra cima daqueles malditos demônios carrascos era quase incontrolável.

No seu trigésimo sexto dia no Inferno, Ezequiel marchava junto aos outros condenados, em suas mãos, sobre sua cabeça, uma enorme e pesada rocha se equilibrava a caminho do abismo. O caçador percebeu que o carrasco se aproximava, olhou discretamente para trás e viu o demônio que passara anteriormente bem afastado. Ezequiel aguardava por aquele momento há dias, longos e tortuosos dias. Acompanhou com os olhos o avançar do castigador, a cada açoite que infligia aos condenados, uma micro-expressão de prazer dominava seu rosto. Mas se entregar ao deleite era cair numa armadilha que ele mesmo fabricara.

O demônio se aproximou de Paulo, lhe aplicando a costureira chicotada, no momento em que o carrasco recolhia o chicote, abrindo aquele breve sorriso de satisfação, Ezequiel lançou a rocha que carregava sobre o monstro. Apesar de surpreendida, a criatura agiu veloz, largou o chicote e agarrou a pedra com as duas mãos. Mas Ezequiel previu esse movimento e, antes que o demônio se livrasse da rocha, deslizou até ele, apanhou a cimitarra do cinturão da criatura e num golpe certo atingiu suas pernas na altura dos joelhos.

A lâmina afiada da espada separou os membros do demônio de seu corpo, o monstro caiu sobre a neve, sendo esmagado pela rocha que ainda carregava. Porém, a força da criatura era colossal, rapidamente ele se livrou do esmagamento, jogando a pedra a metros de distância, quando tentava se levantar, com a parte que lhe restara das pernas, Ezequiel saltou sobre ele, fazendo-se valer da cimitarra e decapitando também os braços. O demônio se debateu e antes que liberasse um urro de dor, sentiu a espada lhe atravessar o pescoço. A cabeça caiu morta ao lado do corpo sem vida.

Ezequiel se levantou e olhou ao redor, todos os condenados pararam de caminhar e fitavam-no boquiabertos. A cimitarra, apontada para baixo, gotejava o fluido corporal escuro e espesso do demônio abatido, o líquido maculava a brancura da neve, causando um efeito mórbido e esplêndido. A reação dos condenados se estendeu. Aquela paralisia na fila rapidamente alertaria os outros demônios carrascos. Com a voz baixa e grave advertiu os outros:

- Voltem a marchar, seus idiotas!

Os condenados, ainda demasiadamente surpresos, voltaram a caminhar. Em pouco tempo o próximo carrasco chegaria até Ezequiel, quando o demônio avistasse um de seus colegas estirado em partes sobre o solo, daria início a um verdadeiro pandemônio. O caçador guardou consigo a espada e o cinturão do açoitador, amarrou a correia na cintura e prendeu nela a cimitarra. Voltou a marchar com os outros condenados, a pedra elevada sobre a cabeça e os olhos atentos no demônio que se aproximava lentamente.

Quando o carrasco chegou a uma distância de aproximadamente dez metros, avistou o outro demônio estraçalhado sobre a neve. Ezequiel havia aumentado sua força e resistência nos últimos dias, e mesmo àquela distância, foi

capaz de arremessar a rocha na direção do monstro. O sujeito se esquivou, rolando para a esquerda, mas quando se levantou, Ezequiel já estava a um palmo de distância. O caçador empunhava a espada roubada, e com cinco golpes velozes, fez o demônio cair ao chão e os membros, separados do corpo pela eficiente lâmina da cimitarra, se espalharam ao redor do tronco caído.

Ezequiel retirou todas as armas que o maldito carregava, atirando-as em direção aos condenados mais próximos. Os sujeitos agarraram os artefatos no ar, sem pensar, por um reflexo automático que nem sabiam possuir. O caçador se aproximou de um dos homens de sua fila e murmurou em seu ouvido:

- Repasse a mensagem: agora é a hora da revanche, dois deles já caíram, as armas estão em nossas mãos, ataquem os carrascos.

O condenado repassou a mensagem ao sujeito à sua frente, que fez o mesmo. Pela primeira vez, Ezequiel percebera que cada um daqueles sujeitos falava em uma língua diferente, mas, apesar disso, todos eram perfeitamente compreensíveis. A mensagem circulou por toda a fila em segundos e, dois minutos mais tarde, a interminável fila de condenados se dispersava e os carrascos eram esmagados por hordas furiosas. Em meio à confusão, Ezequiel danou a correr, se afastou do grupo em direção ao penhasco onde atiravam as rochas, não sabia explicar como, mais seu instinto dizia que lá encontraria respostas, lá encontraria uma saída para sua situação.

Ele correu, avançou com o vigor que jamais tivera. Nem em sua infância, quando atravessava sozinho a cidade fantasma em busca de comida e avistava um vulto à espreita nos becos escuros. Na velocidade em que seguia, quase podia sentir algo parecido com o vento a lhe lamber o rosto, não parou para descansar, não olhou para trás, e não diminuiu o ritmo um momento sequer. Havia calculado vinte quilômetros de corrida quando enfim avistou o penhasco.

Arriscou olhar para trás e vislumbrou o esplêndido motim. Os condenados se amontoavam sobre os demônios, e com as mãos nuas lhe arrancavam os membros que se separavam dos corpos despedaçados. Nem mesmo quando atravessara a Praça de São Pedro, repleta de demônios mortos-vivos, presenciara tamanha violência. A espiada na rebelião durou menos de três segundos, voltou a cabeça para frente e acelerou a largas passadas em direção ao penhasco.

Ezequiel alcançou a beira do precipício, parou e fitou a profundidade negra, que parecia não ter fim, deu um suspiro profundo, olhou para trás e admirou a rebelião uma última vez. Ele fechou os olhos, respirou fundo pelo bizarro orifício que adornavam sua face metamorfoseada, e saltou, atirando seu corpo em direção ao nada, em meio a uma imensidão de sombras e escuridão.

XXIII

O CORPO DE EZEQUIEL EM QUEDA LIVRE SE ENCAMINHAVA em direção ao desconhecido. Enquanto mergulhava, sem saber o que aconteceria quando chegasse ao fundo, se é que havia um fim naquele abismo, ele começou a sorrir, sentia como se estivesse pilotando sua moto negra, o vento batendo no rosto e projetando os cabelos para trás. Por um momento, apenas se entregou àquela sensação de liberdade e desligou sua mente, não pensou em nada, não se preocupou com nada, apenas aproveitou o momento.

Já tivera a prova de que seu corpo era resistente, e podia se despedaçar inteiro e se reconstituir novamente, porém, não sabia que surpresa o destino lhe reservava naquele abismo escuro. Nas últimas semanas fora surpreendido tantas vezes, que não se daria ao luxo de julgar nada como certo. Ezequiel não fez questão de contar o tempo, mas já despencava pela escuridão há minutos. Percebeu o frio amenizar, apesar da sensação de ventania que a queda lhe causava. Não podia enxergar nada, mas tinha a impressão de que não encontraria neve lá embaixo.

Após certo tempo despencando rumo ao incógnito, Ezequiel voltou a raciocinar, e lembrou-se de seus amigos no templo. *O que teria acontecido? Aposto que o maldito já os matou.* Mas isso teria sua hora, agora precisava se concentrar no próximo passo, e como tudo era novo naquele lugar, era melhor se preparar para o pior. Levava na cintura a cimitarra roubada, quando chegasse a seu destino, seja lá onde fosse, estaria pronto para lutar com quantos fosse preciso, mas teria as respostas pelas quais ansiava, disso tinha certeza.

Depois de incontáveis minutos em queda livre, o caçador avistou o que parecia ser uma superfície sólida, havia uma iluminação precária, mas suficiente para acordar os olhos de Ezequiel, já habituados à escuridão. Ao se aproximar, a visão ficava mais clara, era uma estrutura rochosa que perfazia a superfície, e de algum lugar uma luz fraca iluminava. Prevendo a chegada, Ezequiel agarrou os joelhos e se posicionou para uma aterrissagem mais confortável, contudo, à velocidade que descia, dificilmente adiantaria alguma coisa.

Viu o chão distante se aproximar rapidamente e, em poucos segundos, seu corpo colidiu contra a superfície. Apesar do cuidado ao se posicionar, o impacto foi tremendo, e as avarias severas. Um estrondo irrompeu por todo o ambiente, os pés foram os primeiros a tocar o chão, mas a colisão refletiu em cada átomo de seu corpo, seus ossos se fizeram em pedaços, como se fossem feitos de areia, a carne se rompeu em vários pontos, da pele esfolada o estranho sangue vertia em quantidades generosas, o corpo quase se liquefez. Uma insuportável dor na cabeça o afligia antes que a consciência enfim lhe deixasse.

Ezequiel despertou sentindo uma coisa úmida a lhe tocar o rosto, abriu os olhos e enxergou um vulto através da visão embaçada, a imagem se clareou gradativamente e notou que um estranho animal lambia sua face, se arrastou para trás evitando a criatura. O “bichinho” se assemelhava a um cão, porém, tinha seis patas, era desprovido de pelo, e a pele era branca e fosca como cera. Tinha dois olhos, mas um deles parecia ser cego e não se movia, o animal tinha a língua pendurada para fora da boca e respirava ofegante, inspirava e expirava com tremenda pressa.

Todo corpo dói, como se tivesse sido moído e remodelado diversas vezes. Ezequiel tentou se colocar de pé, e então percebeu que lhe faltava um dos braços, o horror aumentou quando avistou o membro arrancado a alguns metros de seu corpo, quando tentava se mover, os dedos da mão decapitada se moviam também, como se ainda fizessem parte dele. Ouviu passos e percebeu uma sombra projetada no paredão de pedra a cerca de dez metros de onde o animal fitava-o curioso. Arrastou-se até o membro perdido, agarrando-o com a mão que lhe sobrava e tratou de se entocar no primeiro buraco que encontrou.

- Goglim! Encontrou alguma coisa aí, garoto?

O animal permanecia estacado, em silêncio. A respiração do pequeno monstro era agora mais lenta e compassada, seus olhos ainda fitavam o condenado que tentava se ocultar na escuridão do buraco que encontrara. Ezequiel se agarrava ao membro perdido, encarando apreensivo o animal à sua frente. A sombra que se projetava cresceu e surgiu em seu campo de visão um homem. Não um monstro como os condenados ou os carrascos que encontrara nas geleiras, mas um homem comum, como fora ele mesmo antes de desembarcar no Inferno.

O homem se aproximou do animal e ajoelhou-se ao seu lado, acariciando sua cabeça entre as orelhas. A criatura fechou parcialmente os olhos e encolheu o corpo, aparentemente aquele afago lhe agradava bastante.

- E então, Goglim? O que encontrou? – Indagou o homem.

Ezequiel, oculto na minúscula caverna, examinou atenciosamente o homem. Era um sujeito forte, alto, os cabelos compridos e negros caíam sobre os ombros, a pele era morena e os traços grosseiros, como os de um gladiador romano. Os olhos negros eram emoldurados por grossas sobrancelhas negras. Vestia um blusão largo de cortes rudimentares, o material se assemelhava a couro cru, porém era vermelho como sangue. A calça, feita do mesmo material, terminava na metade da canela, e os pés calçavam sandálias cujo solado era feito de madeira, e tiras de couro brotavam das extremidades.

O animal ainda fitava Ezequiel, mas sem denunciá-lo. Sem pensar no que estava fazendo, o caçador estendeu o indicador verticalmente em frente à boca, rogando à criatura que não acusasse sua presença. O animal virou-se para o homem e balançou a cabeça para a esquerda e para direita duas vezes, como quem responde negativamente a uma pergunta sem utilizar palavras.

- Está bem. - Disse o homem, ao entender a resposta do animal. - Vamos continuar procurando. O barulho veio de algum lugar por aqui. Talvez tenha sido a rocha de um condenado retardatário, mas não custa verificar.

O animal se afastou para o lado contrário do qual o homem surgira. O sujeito permaneceu de joelhos por um instante, deu uma boa olhada ao redor e também partiu, tomando a mesma direção pela qual Goglim seguira.

Ezequiel aguardou por alguns minutos e saiu do esconderijo, caminhou de volta ao ponto onde caíra e olhou para os dois lados, não havia sinal do homem nem de seu animal. Decidiu seguir a direção contrária aos dois estranhos, se pôs a caminhar com dificuldade, segurando o braço perdido junto ao corpo. O cinturão roubado permanecia em sua cintura, porém, a cimitarra sumira. Examinou o local, mas não encontrou a espada. Continuou caminhando, avançou cerca de vinte metros quando sentiu um metal frio tocar-lhe a garganta.

- O condenado está perdido? - Balbuciou uma voz grave e potente em seu ouvido.

Ezequiel gelou, olhou para o lado sem mover a cabeça e tudo que viu foi a ponta de espada de lâmina curva. Era a cimitarra que roubara, estava certo disso. O sangue dos demônios que decapitara mais cedo ainda cobria a lâmina, porém não era mais líquido, e sim uma cobertura endurecida, como se houvesse passado a lâmina quente em plástico preto. O caçador não respondeu, o homem pressionou a lâmina com mais força em seu pescoço, fazendo escorrer uma finíssima linha de sangue da pele cascorenta.

- O que faz aqui, condenado? Não tem permissão para circular por esta área! - Insistiu o homem.

- Eu caí! - Respondeu Ezequiel, o movimento da garganta ao falar fez a lâmina penetrar alguns milímetros em sua carne.

- E porque ninguém está a sua procura? - Indagou o sujeito.

- Eu não sei!

- Não tente me enganar, condenado. Diga a verdade ou vai voltar lá pra cima em pedaços.

- Estou dizendo! Eu não sei!

O homem afastou a espada e puxou o ombro de Ezequiel, fazendo ficar de frente para ele, em seguida empurrou seu peito e manteve a ponta da

cimitarra a um centímetro de sua garganta.

- Resposta errada, condenado. – Disse o homem num tom ameaçador.

O homem ergueu a espada acima da cabeça e deu início ao movimento contrário. Ezequiel estava ferido, suas articulações doíam de forma insuportável e sua agilidade estava longe de ser suficiente para escapar àquele ataque. A lâmina estava prestes a atravessar o pescoço do caçador e degolá-lo, quando o sujeito refugou, interrompendo a investida. Ezequiel se preparava para morrer, outra vez. Demorou a perceber que o homem cessara o ataque, olhou para o sujeito e notou que ele o fitava com um olhar de surpresa. O que aquele homem vira que o impedira de matá-lo: ele não sabia. Mas o que quer que fosse, acabara de salvar seu peçoço.

- O que você está fazendo aqui? – Perguntou o homem, novamente.

- Já disse, eu estava fazendo meu trabalho e caí, então...

- Não. Digo o que você está fazendo aqui, no Inferno? Não deveria estar aqui, não é seu lugar. Quem te enviou?

Aquele homem estava confuso, mas Ezequiel tinha muito mais dúvidas que ele. Como poderia responder a tais perguntas? O homem carregava um semblante de preocupação e o tom de sua voz não era o mesmo da primeira fala. Sua voz agora estava repleta de surpresa e apreensão.

- Diga o seu nome. – Exigiu o homem.

- Ezequiel. – Respondeu o caçador, sem pestanejar. Não sabia o por quê de ter se revelado tão facilmente, mas o fez, foi como se não pudesse evitar, as palavras simplesmente lhe saltaram a boca, como se um força externa agisse sobre ele.

Ao ouvir o nome do caçador, o homem recolheu a cimitarra. Ezequiel respirou aliviado, ainda sem entender o que estava acontecendo, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, o estranho lhe acertou a cabeça com o cabo da espada, fazendo-o perder a consciência, mais uma vez.

Ezequiel despertou com uma forte dor de cabeça, tentou se mover, mas não pôde, tinha os pulsos e tornozelos amarrados, preso em uma espécie de maca feita de palha e bambus. O lugar onde estava preso era escuro e quente, o calor chegava a dar-lhe uma sensação de alívio depois de tanto tempo naquele frio congelante. A corda que prendia seus membros era forte e os nós muito bem feitos. Desistiu, ao menos por ora, de se soltar, e decidiu examinar o cenário.

O teto era baixo e feito de algo similar a uma lona. Estava, com certeza, em algum tipo de barraca. Girou o pescoço e avistou ao seu lado o animal que lhe acordara a lambidas anteriormente. Somente depois de alguns minutos acordado, se deu conta de que o braço que havia se desprendido do corpo estava intacto, podia sentir as articulações em perfeito estado, a dor no corpo e a fadiga também haviam se dissipado, não fossem as grossas cordas que o prendiam, estaria pronto para correr quilômetros outra vez.

O ruído de passos se aproximando fez Ezequiel voltar a se debater, a fim de se livrar das amarras que o mantinham prisioneiro, porém, todo o esforço se mostrou inútil. Quando o homem entrou na barraca, Ezequiel estava

tão vulnerável quanto no momento em que despertou. O sujeito puxou um pequeno banco de madeira debaixo da cama de bambus e calmamente se sentou. O prisioneiro respirava ofegante, e a atitude daquele homem só fazia aumentar sua tensão. Um tipo como aquele, agindo de forma tão calma, só poderia ser alguma espécie de psicopata, um psicopata do Inferno. Precisava fugir, e tinha que fazê-lo já.

O homem carregava uma bolsa de couro, a correia atravessava o peito na transversal e o corpo era pequeno, não maior que um palmo. O sujeito abriu a bolsa com assustadora tranquilidade, de dentro dela extraiu um pequeno estojo de madeira, era retangular e estreito. Abriu o estojo e Ezequiel foi capaz de ver seu conteúdo. Retalhos de palha seca e sobre a palha um rolo marrom escuro, se assemelhava a um fino tronco retorcido. O homem voltou à bolsa e retirou um canivete do tipo suíço. Isso espantara Ezequiel. *O que Diabos faz um canivete suíço nas profundezas do Inferno?* Com o canivete, o estranho começou a raspar o rolo marrom, despejando fiapos do objeto sobre a palha, juntou uma boa quantidade e então guardou novamente o canivete.

Ezequiel não mais se debatia, apenas observava. Estava bastante tenso, o suor brotava em sua testa, escorrendo em encorpadas gotas por todo seu rosto. Não imaginava o que o homem pretendia fazer com ele, mas acreditava que não seria nada agradável. O sujeito seguiu com seu estranho ritual, segurou a palha com as duas mãos e espalhou os fiapos com uma sacudida. Ezequiel, então, percebeu do que se tratava, nunca vira fotos, mas lera em romances sobre o velho oeste a respeito de homens que fumavam cigarros de palha que eles mesmos preparavam. Aquele maldito estava preparando um fumo para tragar. O homem umedeceu a palha com a língua e colocou o cigarro na boca. Não foi preciso um fósforo ou um isqueiro pra incendiar o fumo, o cigarro simplesmente se acendeu, como que por magia.

O homem trouxe o cigarro e depois de alguns segundos expeliu pelo nariz uma encorpada nuvem de fumaça. O cheiro do fumo alcançou as narinas de Ezequiel, e involuntariamente ele tossiu. Apesar disso, o cheiro oriundo daquele cigarro lhe despertava uma vontade feroz de fumar, desde que se livrara do cantil, na casa de Salomão, não experimentava uma boa dose de nicotina. O sujeito permaneceu parado, sentado de frente para o prisioneiro até terminar seu cigarro artesanal.

Ele fumou até sobrar apenas um pequeno pedaço de palha nas pontas dos dedos, livrou-se da bituca e ficou de pé, aproximando-se ainda mais de Ezequiel. Apanhou uma cuia ao lado da cabeceira da cama de bambus. O caçador não havia atentado para a mesinha ao seu lado. O homem levou a cuia até a boca do prisioneiro e lhe serviu com água. O líquido desceu pela garganta umedecendo a mucosa ressequida e proporcionando uma sensação de alívio. Ezequiel não bebera um gole sequer de água desde que aportara no Inferno, aquele líquido era para ele um verdadeiro néctar dos deuses.

- O que quer de mim? Por que ainda estou vivo? – Indagou Ezequiel.

- Nós dois vamos ter um conversa. Confabularemos e então decidirei o que fazer com você.

Ezequiel respirava ofegante, a água passava pelo seu corpo seco, alcançando os órgãos. Nesse momento, quase se sentiu humano novamente. Sentia algo mudar em seu corpo de condenado, uma dor percorria cada célula daquela bizarra estrutura na qual estava aprisionado há mais de um mês. A pele opaca e áspera voltava à cor e à textura normais.

- O que fez comigo? – Questionou Ezequiel.

- Eu ajudei. Em breve voltará ao normal e lhe providenciarei algumas roupas. – Respondeu o homem. - Agora, por favor, me diga como chegou aqui.

- E seu eu me recusar a dizer?

- Então permanecerá preso no lugar onde está. Sua forma regressará ao seu estado natural, seu estado mortal. Sentirá fome, sentirá sede, sentirá dor. Em poucos dias estará tão fraco que todos os seus órgãos não mais funcionarão e você estará morto. Mas antes disso, provará da pior agonia que um homem pode padecer antes da vida deixar seu corpo humano, sentirá dores com as quais jamais sonhou, depois sua sanidade se perderá, e tudo que você é não passará de uma lembrança esquecida.

Ezequiel fitou o estranho com horror, acreditou em tudo que dissera, via verdade naqueles olhos. Viu-se sem opções, contaria tudo que sabia, tudo pelo que passara, e que Deus o ajudasse.

- Não posso te obrigar a me dizer nada, a escolha é inteiramente sua. – Completou o homem. – Então, vamos conversar? Como dois velhos amigos. Qual a sua decisão, meu caro?

O prisioneiro desviou o olhar para o teto da cabana, deixou as pálpebras cobrir-lhe os globos oculares e suspirou de forma sonora.

- Tudo bem. – Respondeu Ezequiel. – Deixarei que saiba de tudo. Acho que não me sobram grandes opções, não é mesmo?

O sujeito riu discretamente com a resposta e voltou a sentar-se no banco de madeira. Seu olhar para o prisioneiro era de alguém ávido por respostas.

- Pois bem, Ezequiel. – Disse o homem. – Diga-me o que quero saber.

- Como sabe meu nome? – Perguntou Ezequiel, surpreso.

- Sei de muita coisa meu caro. Mas, se não se lembra, você me disse como se chamava antes de desmaiar.

- E qual o seu nome? E porque não tem uma aparência repugnante como seus amiguinhos do pólo norte?

- Terá as respostas pelas quais anseia, tenha paciência. Tudo tem sua hora.

- Como vou saber que não vai acabar comigo assim que te der o que quer?

- A única forma de saber é contando toda a verdade. Terá que arriscar, caçador.

Ezequiel se livrou do receio que guardava e começou a falar, enquanto falava, via o próprio corpo passar daquela forma horrenda para a forma humana com a qual estava habituado, isso o deixava mais tranquilo, e o

relato fluía ainda mais facilmente. Contou ao homem sobre o encontro com os italianos, sobre a travessia da Praça de São Pedro, a luta com os gigantes na basílica, até o confronto com Lúcifer e sua primeira morte. Relatou o encontro com o garoto engomadinho se dizendo ser Deus, sobre a queda ao Inferno, a tortura, os trabalhos forçados, até enfim chegar à rebelião, que eclodiu em sua queda naquele lugar estranho e rochoso.

O homem ouvia atentamente, parecia se deliciar com todas aquelas informações, não interrompeu Ezequiel em momento algum, só voltando a falar quando o caçador findou seu relato.

- Fascinante, meu amigo. Você fez uma jornada e tanto. – Comentou o homem.

- Pois é. No entanto Lúcifer está aterrorizando a terra e eu estou preso no Inferno com um lunático. Foi tudo por nada.

- Ainda não é tarde para resolver as coisas.

- Acho que só um milagre daria jeito nas coisas, e parece que Deus não está muito disposto a trabalhar ultimamente.

- Não blasfeme caçador. O rumo dos acontecimentos ainda pode te surpreender.

- Agora me diga, quando é que terei algumas respostas?

- O que quer saber, Ezequiel?

- Pode começar me dizendo seu nome, e a razão de me manter preso nessa barraca imunda. – Bravejou Ezequiel. O cativo, na verdade, era bem limpo, mas era de seu feitio exagerar em suas queixas.

- Meu nome é Azazel. – Respondeu o homem.

Ezequiel voltou a se debater, agora com mais vigor, as cordas lhe feriam os pulsos, deixando uma marca avermelhada na pele.

- Eu sei quem é você. Você é um demônio! Um dos decaídos. – Gritou Ezequiel. – Me tire daqui e acabarei com a sua vida.

- Acalme-se, caçador. – Falou Azazel. Sua voz agora era potente como um trovão, e fez Ezequiel se aquietar. – Está certo, sou um anjo caído, lutei ao lado da *Estrela da Manhã* contra os exércitos de Miguel e fui condenado, assim como meu irmão. Entretanto, muita coisa se passou desde aquela época, muita coisa mudou. E eu estou disposto a ajudá-lo, caçador. Mesmo sabendo do ódio que nutre por todos os meus semelhantes.

- Como pode me ajudar, e o que um demônio ganha com isso? – Indagou o caçador.

- Quando combatemos lado a lado, eu e o Príncipe das Trevas, tínhamos o mesmo objetivo: poder, poder e poder. Ao sermos derrotados, ficamos condenados à vida eterna no abismo. Éramos apenas nós, os derrotados, e uma imensidão de puro nada. Nosso poder celestial fora preservado, porém, jamais poderíamos voltar ao paraíso. No início, decidimos construir uma nova vida, fazer daquele exílio maldito nosso lar. Construimos casas, fizemos estradas, transformamos o solo em terra fértil, cultivamos florestas, formamos cascatas, rios e mares. Tínhamos um mundo fantástico somente nosso. O castigo que recebemos não foi tão severo assim, muitos de nós estavam satisfeitos com a vida que passamos a levar. Eu era um deles.

- Mas tudo que vejo aqui não passa de dor e flagelo, o que você descreve em nada se parece com o Inferno. – Rebateu Ezequiel.

- Lúcifer subverteu tudo que construímos. Depois de alguns anos, meu irmão descobriu uma passagem para o seu mundo. No início, apenas observávamos, nos fazíamos invisíveis e circulávamos livremente entre as pessoas, aprendíamos com seus comportamentos, suas invenções. Voltávamos para casa e incorporávamos os conhecimentos obtidos em nosso modo de vida. Durante anos vivemos em paz, sem interferir na vida dos homens. Mas ele não se satisfaz.

O demônio desviou o olhar e interrompeu seu relato, como se precisasse tomar um fôlego para desenterrar uma lembrança ruim.

- Diferente da maioria de nós, Lúcifer não se interessava pela paz e pela harmonia. Ao contrário do que a maioria dos humanos acreditam, ainda tínhamos amor no coração, apesar de nosso erro, ainda éramos anjos. Mas nosso líder só estava interessado nos vícios e pecados dos homens, ele passou a interagir com as pessoas, assumindo formas sedutoras ludibriava homens e mulheres, incitando o lado mais sombrio da natureza humana. Cada vez que alguém matava, roubava, enganava, e machucava um semelhante, mais cruel Lúcifer ficava. Ele aliciou muitos de nossos irmãos, e selou a passagem para o seu mundo, só permitia que seus aliados atravessassem. Eu fui contra sua atitude todo o tempo.

- Então porque o deixou fazer o que fez? – Perguntou Ezequiel.

- Eu tentei impedir, confrontei-o e lutamos um contra o outro durante dias, quase tudo o que havíamos construído foi destruído e, no fim, fui derrotado. Mas Lúcifer não pôde me matar, descobrimos que a eternidade fazia parte de nossa maldição, não podíamos tirar a vida uns dos outros. Os que estavam do meu lado se acovardaram, e o Diabo me condenou ao exílio eterno. Desde então, Goglim e eu vivemos aqui, eu não interfiro nos assuntos do meu irmão e ele não perturba meu eterno descanso. Depois que fui exilado, Lúcifer transformou nosso lar no lugar que você conhece como Inferno. Viagou até o purgatório e trouxe hordas de bestas e monstros terríveis. Mas o pior deles foi ela. – Azazel fez uma careta de asco e respirou fundo pelo nariz.

- Ela quem?

- A primeira mulher. Lilith, a víbora. Ele fez dela sua esposa, deu a ela parte de seu poder e juntos governaram um reino de horror. Se meu irmão está em seu mundo se preparando para construir um novo Inferno, com certeza ela está com ele.

Ezequiel se sentiu embriagado ao ser bombardeado com tantas informações. Nunca lera nada sobre isso nas escrituras sagradas, nem mesmo nos apócrifos mais secretos viu nada parecido com o que Azazel acabara de lhe contar. Certo de que o caçador não oferecia mais perigo, o demônio soltou as amarras e o deixou livre. O corpo agora já havia retornado totalmente à sua forma normal. Ezequiel se viu nu e se envergonhou, mas logo viu um blusão e uma calça cair em seu colo. Azazel lhe entregara vestes quase idênticas às que usava.

- Obrigado. – Disse Ezequiel, a essa altura já sentia empatia pelo

caído. Jamais imaginou que teria bons sentimentos por um demônio, mas era exatamente o que acontecia naquele momento.

- Acho que já ouviu o suficiente. Você tem um trabalho a fazer. Vamos te tirar desse lugar.

- Espere. – Disse Ezequiel. – Eu estava lá durante o ritual, e não havia nenhuma mulher.

- Assim como ele, Lilith pode assumir diversas formas. É assim que ela espalha o mal e procria com os humanos.

Ainda havia dúzias de perguntas rondando a mente de Ezequiel, mas ele achou sensato guardá-las para outro momento. Assuntos mais urgentes requeriam sua atenção.

- E quando partirmos? – Indagou o caçador, pondo-se de pé e arriscando um sorriso apagado no semblante preocupado que ostentava.

O demônio respondeu com um sorriso igualmente amargurado e saiu da barraca, acenando para que o caçador o seguisse. Ezequiel saiu da cabana improvisada e vislumbrou um cenário absolutamente improvável. Ao primeiro passo, os pés descalços sentiram a grama úmida sob os pés, olhou ao redor e uma cerca baixa circundava o terreno diminuto e circular. Dez metros à frente, havia um casebre, todo de madeira, as ripas cuidadosamente colocadas davam à residência um aspecto de uma maquete, tamanha a precisão do trabalho. Goglim estava sentado à porta da casa, se divertindo com um generoso osso, possivelmente humano.

- Vamos, rapaz. – Gritou Azazel, próximo à porta do casebre. – Tem que fazer uma boa refeição antes de partirmos. Vai precisar também de um par de sapatos fortes.

Ezequiel o seguiu e adentrou a residência logo após o caído. Dentro da modesta cabana, a decoração não era em nada menos rústica, móveis de madeira entalhados à mão, um fogão à lenha feito de pedra e duas esteiras de palha estiradas no chão, provavelmente o dormitório do demônio e de seu bichinho de estimação. E era apenas isso, a simplicidade do local o fazia lembrar-se da velha casa de Josué, porém, a morada de Azazel era ainda mais humilde e rudimentar.

O caído ofereceu uma cadeira para que o caçador se sentasse, Ezequiel aceitou agradecido. Azazel foi até o fogão, onde uma panela de pedra descansava ao fogo. Segurou o vasilhame com as mãos nuas e levou até a mesa onde o caçador aguardava, lá repousavam duas cuias de madeira. O demônio serviu uma sopa amarelada e salpicada com ervas verdes, despejando o líquido cremoso sobre os recipientes. Ezequiel não fez cerimônia e atacou o alimento de maneira voraz. Não comia há quase quarenta dias, e agora que voltara a forma humana, a fome lhe corroía as entranhas como soda cáustica.

-Vá com calma, caçador! – Divertiu-se Azazel, ao ver a investida desesperada de Ezequiel à sopa.

O caçador repetiu mais duas vezes, antes mesmo de seu acompanhante terminar a primeira dose servida. Ezequiel terminou seu “banquete” enfasiado, o estômago inchado fazia o abdômen se elevar além de sua normalidade. Emitiu um sonoro arroto que lhe escapou pela boca, Goglim

rosnou assustado, largando o osso ao qual dedicava toda sua atenção e fitando o visitante. A calda articulada e esquelética do animal balançava alegremente da esquerda para direita, como um cão doméstico que se sorria para seu dono.

Azazel se levantou, Ezequiel o seguiu com os olhos até o demônio desaparecer de seu campo visual. Menos de um minuto mais tarde, o anfitrião voltava trazendo consigo uma minúscula sacola de pano marrom, a bolsa mal cobria a palma da sua mão. Azazel se aproximou de Ezequiel e depositou o objeto em sua mão.

- Considere isso um presente. Creio que lhe ajudará em sua jornada. – Disse o anjo caído.

- O que é? – Indagou Ezequiel.

- Abra e mate sua curiosidade.

Ezequiel afrouxou a corda que selava a bolsa e despejou o conteúdo sobre a palma da mão esquerda. A visão do objeto que escorrera do invólucro o deixou, ao mesmo tempo, eufórico e atordoado. Um relógio de bolso dourado, extremamente conservado e polido, na tampa a inscrição em relevo permanecia incólume. Era o relógio que fora de Josué, a única lembrança que tinha do pai.

- Como conseguiu isso?

- Tirei de uma janela. – Respondeu Azazel.

O olhar confuso de Ezequiel mostrava ao demônio que ele não entendera a explicação demasiadamente vaga que lhe dera.

- Você está aqui, mas não pertence a esse lugar, não possui a marca. Quando alguém sem a marca chega ao Inferno, uma janela para o lugar onde deveria estar o acompanha. Tudo que fiz foi esticar o braço e alcançar um objeto de sua estima. Esse relógio te ajudará a se conectar com seu mundo. É a ele que pertence e é lá que deveria estar.

- O que significa essa marca? – Perguntou Ezequiel.

- A marca dos condenados, apenas nós, os decaídos, podemos vê-las. Lúcifer só pode trazer para o Inferno aqueles que receberem a marca, e você não é um deles. – Esclareceu o caído. – Agora chega de conversa, meu caro. Você tem um portal para atravessar.

Ezequiel assentiu com a cabeça e não fez mais perguntas. Azazel lhe passou um casaco grosso, botas de couro reforçadas, uma picareta pequena e uma mochila com suprimentos. O demônio se ajoelhou e imediatamente Goglim correu até ele, Azazel acariciou o animal atrás das orelhas e ele reagiu com um ronronar manhoso, fechando os olhos e encolhendo o pescoço.

- Eu e o caçador vamos fazer uma viagem. Cuide da casa e se comporte, sua comida está no lugar de sempre. – Goglim lambeu o rosto do caído que sorriu para o animal antes de voltar a ficar de pé. Ele saiu pela porta, Ezequiel o seguiu e iniciaram sua jornada.

O exilado e o caçador rumaram a um destino, até então, desconhecido para Ezequiel. Apesar de ainda ser um demônio, Azazel conquistara a confiança e até mesmo a empatia do caçador, que entregara sua sorte nas mãos do infernal. Os dois passaram pelo local onde Ezequiel caíra quando saltou do precipício dos condenados, e seguiram viagem por um longo

caminho, escuro e rochoso. Nas primeiras horas, Ezequiel se manteve quieto, apenas seguindo as orientações de Azazel, porém, sua mente fervilhava em dezenas de questões, ansiava por saber mais daquele lugar e sobre todas as coisas novas que aprendera com o exilado.

Após doze horas de viagem, o caído decidiu que precisavam parar e acampar.

- Vamos parar e descansar. – Avisou Azazel.

- Vamos continuar, não estou cansado, posso seguir por mais algumas horas. Você está cansado?

- Meu corpo não se cansa, caçador. Mas, apesar de se sentir disposto, não deve se sobrecarregar, vai precisar de toda sua energia para o que está por vir. Confie em mim. Seu corpo agora é humano novamente, e se forçar demais, não vai ter forças suficientes para a passagem.

Ezequiel não se conformava com a decisão de fazer uma pausa, mas não discutiu, estava num mundo desconhecido e sua melhor chance era o demônio. O caçador estendeu um cobertor sobre o chão e se deitou. Apesar de querer continuar, não foi preciso mais de um minuto para que se deixasse levar pelo sono. Pela primeira vez em anos ele sonhou.

Em seu adormecimento, viajou de volta ao continente, não conseguia reconhecer o local, a visão era enevoada e embaçada, como uma foto fora de foco capturada em uma manhã cheia de neblina. Via pessoas igualmente enevoadas as quais lhe pareciam familiares, se aproximou e pôde reconhecer seu irmão. Viu Elias ajoelhado sobre o chão ao lado de um cadáver, Salomão e Abel estavam de pé, também fitando o corpo morto que jazia imóvel. Ezequiel caminhou até os amigos e tentou tocar o ombro do irmão, mas sua mão atravessou o corpo de Elias, como se não passasse de uma ilusão de ótica, não estava realmente lá, era como se assistisse há um filme de dentro da tela do televisor. Caminhou ao redor dos três e se chocou com a visão que surgiu diante dos seus olhos.

O que impedia sua visão de reconhecer o local desaparecera por completo, e agora podia ver com clareza o defunto que roubava a atenção de seus amigos com tanta eficiência. O corpo era o seu, e o local era a pequena sala na Basílica de São Pedro, onde confrontara o Diabo e fora derrotado. Fitou Elias, e viu as lágrimas correndo seu rosto e morrendo em sua barba grossa. Salomão e Abel também tinham os olhos marejados d'água. Jamais vira aqueles dois velhos chorarem, mas agora, toda a dureza de seus amigos caçadores era encoberta por uma tristeza avassaladora. Conhecía bem aquela sensação, pois já sentira tal dor. Reconhecía a expressão, pois já enfeitara seu próprio rosto, quando encontrou o pai adotivo cruelmente pregado na cruz de madeira.

Ezequiel tentou falar com os companheiros, chegou a gritar, mas era inútil. Cessou o esforço quando ouviu uma voz distante lhe chamar, não pelo nome, mas pelo adjetivo que definia aquilo que fazia de melhor.

- Caçador, caçador... – Dizia a voz distante.

Uma luz branca começou a brilhar, e a visão de seus amigos se perdeu em meio ao clarão.

- Caçador, acorde! Hora de seguir em frente. – Ezequiel acordou

com Azazel lhe balançando pelos ombros e chamando-o.

- Eu os vi. – Disse Ezequiel.

- Estamos sós aqui, caçador. Como poderia ver alguém nestas inóspitas profundezas?

- Em meu sonho, estive no local onde fui morto. Vi meus amigos chorarem sobre meu cadáver. Foi tão real. Não parecia um sonho.

- Isso é impossível!

- O quê?

- Aqui é o Inferno, um pesadelo que se vive acordado. Não existem sonhos por aqui. – Explicou o caído, seu olhar era de surpresa.

- Então o que foi que eu vi?

- Sinceramente? Essa é uma novidade para mim. – A surpresa do demônio deixou Ezequiel ainda mais confuso. – Agora temos que continuar. Vamos.

Azazel ofereceu a mão, Ezequiel tomou-a e se levantou, guardou a manta na qual deitara e seguiram em frente. Enquanto caminhavam, o caçador relatou o que sonhara e notou, pela reação do demônio, que não teria respostas para o que acontecera. Guardou essa pergunta para depois e sabatinou o caído em busca de outras respostas que também lhe incomodavam.

- Para onde estamos indo, e por qual razão precisarei da energia que me falou? – Indagou curioso o caçador.

- Você vai enfrentar o desconhecido, um local que ninguém jamais se atreveu a penetrar, nem homens, nem anjos, nem demônios. Nem mesmo o rei do Inferno teve coragem para tanto.

- E que lugar é esse? – Perguntou impaciente.

- É melhor que você não saiba.

Ezequiel adiantou seus passos e estacou de frente para o infernal.

- Mas eu preciso saber, eu tenho esse direito!

Azazel suspirou com força, soltando o ar vagorosamente. Fitou os olhos inquietos do caçador por longos segundos. Ezequiel não o deixaria em paz enquanto não lhe desse a resposta a qual desejava. O caído estava relutante, mas ainda assim, fez a vontade do humano.

- Eu costumo chamá-lo de “O Fundo do Poço”, mas também é conhecido como o fim.

- O fim?

- Sim, o fim. O fim do Inferno. Você terá que descer até o abismo mais profundo do Inferno, é lá que encontrará a saída desse mundo.

- O que há por lá que causa tanto temor?

- Acreditamos que lá se encontra o pior de todos os castigos, a dor suprema, o sofrimento que nem o mais desgraçado demônio poderia suportar.

- E por que Diabos acha que devo ir até lá?

- É sua única opção, a não ser que queira passar o resto da eternidade por aqui.

Ezequiel se calou e deu as costas para Azazel, voltando a caminhar. O caído logo o seguiu. Durante as próximas doze horas não se ouviu nenhum ruído sequer. Pararam mais uma vez para dormir e em seguida retomaram a

caminhada. Avançaram por mais quatro horas, alcançando o fim do caminho de pedras, a trilha estreita e cercada de paredões que subiam até onde a vista alcançava. Naquele ponto, começava um novo cenário, um terreno deserto, amplo e lamacento. Ezequiel avançou na frente. Ao pisar no novo terreno, seus pés afundaram na lama marrom, e se viu coberto até os joelhos.

O odor fétido do barro invadia as narinas de Ezequiel, como lâminas de barbear embebidas em suco de limão, o pântano exalava uma fumaça sépia que turvava a visão. Contudo, a temperatura do líquido pastoso era agradável ao corpo, não fosse pelo cheiro de enxofre que dominava o ar, um banho naquele pântano seria deveras apazível.

Seguiram pelo pântano infernal por mais dezesseis horas. Não havia margens para se abrigar, e não poderiam parar para descansar ali. Azazel repousaria sem problemas no fundo daquelas lamacentas águas, mas Ezequiel era de novo humano, e não possuía tal privilégio. O caçador começou a sentir as pernas lhe traírem, atravessar aquela lama demandava um esforço demasiadamente maior que o de uma caminhada, seu corpo todo doía e seus passos eram cada vez mais lentos. O demônio lhe ofereceu ajuda para caminhar, mas Ezequiel reuniu suas forças e preferiu seguir sem o auxílio de seu acompanhante. Chegaram a um ponto onde o barro marrom se modificava, aos poucos, os dois peregrinos testemunharam a lama fétida e pegajosa se clarear, o líquido viscoso e encorpado se enraleceu, a coloração escura gradativamente deu lugar a água límpida e cristalina. O odor de enxofre também se dissipou, e Ezequiel começou a sentir-se melhor.

O caçador abriu seu cantil e se preparou para armazenar um pouco daquela água que aguçava sua sede. Quando a boca da garrafa quase alcançava a água, uma mão forte conteve o pulso de Ezequiel, impedindo-o de encher o cantil.

- Não faça isso! – Advertiu Azazel. – Nem mesmo eu arriscaria provar destas águas, o simples contato com sua pele já fará estrago suficiente. Estamos entrando no território proibido, tudo aqui é venenoso, temos que tomar cuidado. Vê, logo à frente? Vamos sair da água assim que alcançarmos aquela margem.

Ezequiel seguiu o conselho de seu guia, e recolocou a tampa na garrafa, ainda tinha um pouco de água e a sede era muita, mas resolveu guardar suas reservas para mais tarde. Visualizou a margem que surgia a cerca de duzentos metros de onde estava. Poderia nadar e alcançar a beirada rapidamente, mas depois do que ouvira, concluiu que seria sensato não expor suas mucosas naquela água. Seguiram caminhando. O pântano que se convertera em um rio estreito, de margens visíveis dos dois lados, abaixava e, antes de alcançarem cem metros da beirada, a água não passava de seus joelhos. Chegaram até a beira e deixaram o rio. Azazel não precisou dizer nada, Ezequiel sabia que precisava descansar, estendeu a manta sobre a terra e desmoronou, caindo em um pesado sono.

O demônio jamais fora tão longe naquele caminho. Enquanto Ezequiel dormia, barulhento como um motor de caminhão, o exilado observava tudo ao seu redor. A água corria serena no rio que dividia duas enormes porções

de terra. O solo árido era desprovido de vegetação e tão compactado que parecia rocha. Olhando para cima, tudo que se via era uma escuridão sem fim, olhando para os lados, a Terra se estendia ao infinito, encontrando um manto negro no horizonte. Qualquer pessoa comum estaria aterrorizada em tão bizarro cenário, mas Ezequiel não se alarmava e dormia como um bebê, um grande e barulhento bebê.

Azazel deixou que o caçador dormisse por quatro horas e então o acordou, dessa vez Ezequiel despertou logo ao primeiro chamado, em menos de dois minutos estava de pé e pronto para seguir. Começaram a caminhar às margens do rio, Ezequiel administrava com parcimônia uma porção de carne seca com a qual o demônio o presenteara, mordiscando pequenos pedaços de tempos em tempos. Tinha fome suficiente para devorar todo seu suprimento de uma só vez, mas não era a primeira vez que racionava comida e não teve dificuldades em conter a voracidade de seu apetite.

Avançaram sem cessar por mais doze horas, depois de uma pausa de mais quatro horas, seguiram viagem novamente. À medida que prosseguiram à margem do rio, as águas pareciam mais puras e cristalinas. Ezequiel lamentava não poder provar um pouco de toda aquela água enquanto administrava um suprimento parco em seu cantil. Caminharam por mais dez horas e chegaram a um ponto crítico. Estacaram num despenhadeiro, onde o rio se convertia numa extensa cascata, as águas caíam violentas rumo à escuridão.

- Descanse um pouco, depois vamos saltar. – Disse Azazel.

- E o que têm lá embaixo?

- Seu transporte de volta pra casa.

- Você vem comigo?

- Vou descer para ajudá-lo a deter a fera, depois terá que seguir sozinho.

- Fera? De que está falando?

- Da besta que guarda a passagem. Para atravessar é preciso detê-la, e vai precisar de ajuda para isso.

O exilado caminhou até uma rocha próxima, se ajoelhou e com o indicador direito tocou a pedra. Ezequiel precisou cobrir os olhos para bloquear a forte luz que emanou da rocha, depois de alguns segundos, a claridade findou-se e Azazel se aproximou do caçador carregando uma espada.

- Tome isto. – Disse o demônio. – Vai precisar.

Ezequiel tomou o objeto em suas mãos com admiração e assombro. Azazel forjara de um rochedo em estado bruto uma lâmina magnífica, sólida e brilhante, de um metal prateado que refletia as águas em queda livre. Era uma arma simplesmente maravilhosa.

- Como fez isso? – Indagou Ezequiel, maravilhado.

- Apesar de tudo, ainda sou um anjo, e há alguns privilégios nisso. Agora trate de descansar, a descida vai ser deveras desgastante, amigo.

O caçador não resistiu, e contemplou o majestoso objeto por mais vinte minutos antes de deitar para descansar. Em segundos estava dormindo, as águas cadentes embalaram seu repouso de forma sublime. Durante o sono, Ezequiel sonhou. Diferente de sua incursão anterior, esse foi um sonho bom, em

sua imaginação visitou lugares esplêndidos, os quais só conhecia por fotos desbotadas de revistas velhas. Quando Azazel o acordou, se sentia totalmente revigorado. Despertou sorrindo, mesmo sabendo que se dirigia ao abismo dos abismos, a profundidade mais abissal do Inferno, o fim.

XXIV

A VISTA DO ALTO DA CASCATA ERA, AO MESMO TEMPO, deslumbrante e fantástica. As águas cristalinas despencavam brilhantes em uma queda de incontáveis quilômetros. Ezequiel fitou as águas que morriam na escuridão desconhecida, o som ecoava daquele buraco negro como se fosse apenas uma lembrança do barulho que um dia existiu. Olhou para o lado e vislumbrou a expressão do exilado, recheada de dúvidas e apreensão, estava claro que Azazel jamais chegara tão longe e não sabia o quão tortuoso seria o desafio que os esperava.

- Pronto? – Indagou o demônio.

- Sempre. – Respondeu confiante Ezequiel.

Azazel acenou com a cabeça em sinal positivo, seus pés preenchiam os últimos centímetros de solo antes do precipício. Deu um passo a frente e deixou o corpo ser dragado pela ferocidade das águas. Ezequiel imitou o novo companheiro e se deixou levar pela correnteza cadente. Depois de tantas quedas nos últimos tempos, o caçador esperava algo mais desagradável, mas foi presenteado com uma grata surpresa. Indo contra todas as suas expectativas, a queda foi algo sublime, seu corpo deslizou pela majestosa cascata com a suavidade de pinguins a se divertir descendo as montanhas geladas.

Os dois já despencavam há cerca de vinte minutos em queda livre, Ezequiel calculava que a distância percorrida ultrapassava os quinze quilômetros. Não muito distante, ele via o vulto de Azazel deslizando rumo à escuridão. Nenhuma de suas quedas anteriores levaram tanto tempo, apesar disso, Ezequiel

não se preocupava, sentia o frescor das águas a passar pelo seu rosto e gostava disso, em seu mundo, água nunca foi algo abundante, e aquilo parecia o paraíso. O caçador era agora uma criança, se divertindo num brinquedo fantástico. Apesar da sensação inebriante que tudo aquilo lhe causava, Ezequiel não se esqueceu do que lhe dissera o demônio, manteve a boca fechada, e procurou evitar ao máximo, por difícil que isso fosse, que aquele líquido alcançasse suas mucosas.

A sensação de prazer que lhe preenchia, logo foi substituída por temor e apreensão. Finalmente alcançaram a escuridão distante que, do alto da cascata, não passava de um pequeno borrão. As águas refrescantes que percorriam seu corpo abandonaram a temperatura agradável para se tornarem ferventes e lhes queimaram a carne. Parecia que todas as feridas que contraira quando estava aprisionado naquele funesto corpo de condenado do Inferno voltavam, toda a dor que sentira desde que chegara a morada do Diabo se condensavam em uma única sensação de dor. A velocidade da queda regredia, como se com o intuito de fazer o sofrimento se arrastar por ainda mais tempo. A essa altura, Ezequiel não contava mais o tempo ou a distância percorrida, tudo o que ocupava sua mente naquele momento era aquela maldita dor.

A descida se tornou em demasia lenta. Parecia que, a qualquer momento, parariam em plena queda, e simplesmente se congelariam no ar, como se o tempo parasse para que pudessem desfrutar daquela dor angustiante que tomava todas as forças de seu corpo humano. Mas não pararam no ar, quando a velocidade era quase nula, alcançaram o solo e tudo se apagou. O som das águas cessou, as roupas molhadas secaram, a dor se foi, a luz não mais estava lá, e um silêncio aterrador preencheu tudo.

- Azazel! Você está aí? – Indagou Ezequiel, tateando o chão no escuro, tentando se colocar de pé.

- Estou aqui, caçador. – Respondeu o exilado. – Tem uma pequena tocha em sua bolsa, pegue-a e faça-a queimar.

Imediatamente ele soltou uma das alças, levando a bolsa à frente do corpo, abriu-a e tateou até encontrar a tocha, lembrou-se então que não tinha com o que acendê-la. Nesse momento, viu uma pequena chama irromper a escuridão e se aproximar dele. A pouca luminosidade não lhe permitia ver muita coisa, mas se aliviou quando distinguiu o rosto de Azazel se aproximar dele, atrás da parca chama flutuante. Aproximou a ponta da tocha à chama, produzindo uma quantidade de fogo consideravelmente maior, pôde ver então qual era a fonte daquela chama que o demônio lhe trouxera de forma tão oportuna.

Aquela pequena, porém, providencial chama, nascia do dedo indicador de Azazel, o caído produzia fogo do nada, e o que espantava ligeiramente Ezequiel não era o quão fantástico aquilo parecia, e sim que algo tão inacreditável já lhe parecesse algo comum, ordinário.

- E agora? O que fazemos? – Indagou Ezequiel.

- Agora detemos a besta e você volta pra casa. – Respondeu o demônio, apagando a chama que brotava de seu dedo, a pele chamuscada rapidamente clareou, sem deixar vestígios da chama que produzia há pouco.

- E onde encontramos esse monstro?

- Não precisaremos. – Disse Azazel, deixando escapar um sorriso discreto de sarcasmo. – Ele nos encontrará. Só precisamos...

Uma explosão interrompeu a fala do exilado, e um clarão no horizonte dissipou a escuridão. Duas faixas grossas de fogo surgiram distantes, correndo ligeiras em direção aos peregrinos, em poucos segundos se viram cercados por duas linhas paralelas de violentas chamas. O fogo amarelado ardia inquieto e as chamas alcançavam sete metros de altura. Ouviu-se um urro distante, um ronco grave e rouco, absolutamente assustador. Ezequiel apanhou a espada que ganhara do demônio e se posicionou para o combate. Azazel não se preocupou em levar uma arma para si, e agora Ezequiel sabia o motivo.

O caído esticou o pescoço, apontando a cabeça para cima, abriu a boca e puxou uma boa porção de ar para os pulmões, sua caixa torácica se elevou de forma monstruosa, tomando a proporção de um enorme gorila, os braços também se incharam com veias azuladas, inchadas e latejantes. O blusão grosseiro que usava se rasgou e os retalhos dilacerados foram ao chão. Ezequiel fitava impressionado a transformação de Azazel, pensou até mesmo em oferecer ajuda quando o demônio caiu de quatro no chão, mas desistiu quando viu algo lhe romper a pele e lhe brotar das costas. Dois conjuntos de ossos, envoltos em uma pele vermelha e besuntada de um líquido grosso e viscoso, escaparam das fendas paralelas recém-nascidas nas costas do exilado, um grito abafado de dor escapou de sua boca quando o pedaço maior atravessou o orifício. A pele dobrada se esticou e viu-se formar duas gigantescas e horrendas asas de morcego. Azazel se levantou ofegante e com o suor a escorrer por sua testa, e então se voltou para o caçador.

- Esteja preparado, caçador. A besta está vindo.

Ezequiel queria responder, mas não pôde, apenas assentiu com a cabeça, segurando com força o cabo talhado da espada com a qual fora presenteado. Fitou rapidamente o companheiro e a visão era fantástica, um monstro imponente, com a elegância de um lorde e o poder de destruição de uma horrenda máquina de guerra. Se o demônio precisava daquela forma para combater a fera guardiã, não queria nem imaginar como se pareceria a besta que se aproximava.

Passados alguns minutos, um som alto de passos começou a ecoar, a terra tremia e as chamas que os rodeavam se agitavam ainda mais. Ezequiel e seu novo amigo aguardavam em guarda a aproximação do inimigo. Antecedendo a chegada da besta, uma sombra de dimensões colossais os encobriu, enquanto o som das passadas do monstro aumentava gradativamente. Ezequiel se lembrou de quando estivera em Dubai, e presenciara construções faraônicas, titânicas, que apesar de destruídas, conservavam sua imponência e tamanho assombroso.

Os dois se entreolharam, mas não disseram nada, não que houvesse algo a dizer, mas talvez fosse a última oportunidade que teriam para fazê-lo. A sombra avançou mais trinta metros e então puderam ver o guardião. A fera tinha cerca de vinte metros de altura. A largura das costas, à altura dos ombros, não era menor que dez metros. A pele negra brilhava como porcelana envernizada, e estranhos desenhos em baixo relevo ornavam todo o seu corpo.

Do pescoço, grosso e cheio de veias, brotavam três enormes cabeças, mas não cabeças humanas, a do meio se assemelhava à cabeça de um leão, a da esquerda era bovina, com chifres compridos e curvos, e a da direita era de ave, com um bico alongado e branco. O dorso musculoso era como o de um homem, um exageradamente musculoso homem. Os membros inferiores eram compridos e arqueados, os pés como os de um dinossauro, desproporcionais de tão grandes, deles brotavam apenas três dedos, curtos, grossos e com enormes garras nas pontas.

Ezequiel fitou o monstro dos pés a cabeça, sentindo uma dor no pescoço ao olhar onde terminava aquele bizarro corpanzil. Antes de pensarem em atacar a criatura, uma imensa labareda foi expelida da boca de leão. Por reflexo, o caçador tentou se proteger com a espada, segurando-a em frente ao corpo. Surpreendentemente, nenhuma fagulha o atingiu, uma estranha força emanava da espada, como se o objeto possuísse vida própria, a lâmina prateada, agora emanava uma luminosidade verde que envolvia todo o metal.

- Você está bem? – Indagou Ezequiel para o demônio. Azazel não tinha nenhum tipo de arma para se defender e poderia estar ferido.

- Eu sou um demônio genuíno. – Respondeu Azazel. – Quando o fogo do Inferno foi atizado eu já estava aqui, não se preocupe comigo, caçador. Se preocupe com ele. – Completou, apontando para a fera que preparava outro ataque.

Ezequiel avançou em direção a besta e viu mais uma labareda passar por sobre sua cabeça, o calor quase lhe chamuscou os cabelos. Saltou por entre as pernas do monstro e o atacou com a espada, provocando um corte largo em seu tornozelo. Da ferida aberta correu sangue, tão vermelho quanto o sangue de qualquer ser humano, mas rapidamente o sangramento cessou, e o corte se fechou diante dos olhos incrédulos de Ezequiel. Tornou a estocar a espada no mesmo ponto, mas antes de retirar a arma da carne da criatura, a cauda pesada do monstro lhe lambeu as costas, atirando seu corpo há metros de distância, rolou pelo solo, esfolando o corpo e atravessando a linha de fogo, caindo na escuridão.

Azazel corria ao redor do monstro quando viu Ezequiel ser cuspidos violentamente para fora da região iluminada. A besta se virou para ele e deu dois passos em sua direção. O exilado rolou no chão, se esquivando da pata monstruosa que buscava esmagá-lo. Com o punho cerrado, saltou bem alto e atingiu o joelho da criatura com um soco. A perna do monstro se arqueou e ele urrou de forma assustadora. Voltou a procurar o caído com pisadas violentas que faziam a terra tremer. Azazel se esquivava com habilidade, incitando ainda mais a ira do guardião. O exilado saltou mais uma vez, agora pisando sobre a gigantesca pata do monstro para alcançar uma altura ainda maior. Acertou-o na coxa e a outra perna também se arqueou. Azazel não voava, mas saltava de forma sobre-humana, e as asas faziam-no aterrissar suavemente como uma pluma soprada ao vento.

O exilado saltou, montando o joelho ferido da besta. Com a agilidade de um felino, escalou o torso e chegou ao ombro da criatura. Lá em cima, desferiu inúmeros golpes contra a cabeça de boi. O monstro ficou aturdido,

e levou a mão potente contra a própria cabeça, lançando Azazel para longe. Ainda estirado no chão, o demônio viu Ezequiel irromper as chamas e avançar em direção ao monstro, o brilho da espada iluminava ao seu redor com mais eficiência que as colossais labaredas da fera gigante. Ao perceber a investida do caçador, a fera escancarou a bocarra de leão e expeliu um fogaréu infernal, mas Ezequiel não parou, empunhou a espada à frente do corpo e intensificou a corrida, perfurou a parede de fogo alcançando a criatura.

Ezequiel subiu na pata descomunal do monstro e escalou sua perna, usando a espada como apoio. Ele espetava a lâmina na carne da criatura que parecia nem sentir. Rapidamente, o caçador alcançou o peito da besta, fincou a espada na carne até o cabo, abaixo da axila da fera, agarrou com força o cabo da arma e soltou todo o peso de seu corpo. A lâmina deslizou até parar no osso do quadril. Ezequiel puxou a espada e caiu ao chão. Do corte enorme que infligira ao guardião, uma mistura grotesca jorrava em grandes quantidades. Vermes horrendos misturados a cabeças humanas desprovidas de corpos, as cabeças gritavam, contorcendo suas bocas em decomposição como se estivessem morrendo, mais nunca chegassem lá. Tudo isso misturado ao sangue e uma substância pastosa esverdeada, além de vísceras podres dos mais variados animais.

A besta caiu sobre um dos joelhos e emitiu um grito de dor pavoroso. Dos quatro cantos do Inferno se ouviu aquele berro doentio que saía em coro das três bocas do monstro. Azazel se recompôs e avançou em direção à criatura, estava vulnerável e era o momento perfeito para finalizá-lo. O demônio saltou em direção ao peito da fera, mas para sua surpresa, o monstro se levantou num rompante insano e com um tapa atirou o corpo do exilado com violência contra o solo, a terra afundou e Azazel se arrastou por alguns metros, formando um sulco reto no chão. Antes que o caído pudesse levantar, a besta disparou em sua direção, esmagando-o contra o solo com sua pata monstruosa.

- Não! – Gritou Ezequiel em desespero, temendo ter perdido seu aliado.

O caçador correu até o gigante e escalou suas costas com incrível rapidez. Não houve tempo para reação. Ezequiel se pôs de pé sob o ombro do monstro e com um único golpe decepou a cabeça de pássaro. O crânio colossal caiu com brutalidade no chão, se desfazendo em pedaços assim que encontrou o solo. Ele se preparava para esquarterar mais uma parte da criatura quando sentiu-se envolvido por uma mão maior que seu próprio corpo. O monstro apertava tão forte que Ezequiel não podia respirar, todas as articulações de seu esqueleto estalaram, e em poucos segundos seus ossos seriam convertidos em farinha e o resto dele em massa de tomate.

Sem conseguir respirar, Ezequiel sentiu sua consciência escorregar entre seus dedos, a visão estava turva, e em breve seus órgãos parariam. Não podia morrer. Para onde iria agora? Já estivera no céu e agora vivia uma perigosa aventura no Inferno, se morresse agora não haveria mais nada, além do mais, tinha assuntos a tratar, tinha amigos a proteger, não poderia morrer agora após chegar tão longe. Mas o que seus sentidos diziam não estava de acordo com isso, o esmagamento não permitia que seu sangue pulsasse, e já não suportava

mais não poder respirar. Foi quando sentiu a mão do monstro afrouxar e o ar voltar a penetrar seus pulmões. O braço da fera desceu, e Ezequiel ficou pendurado de cabeça para baixo, à altura da cintura de seu algoz. O monstro gritou. Era Azazel.

O caído não estava morto, e seu corpo de demônio brotou do peito do pé da criatura, Azazel o perfurara, atravessara a pata do monstro e ressurgira imponente, as asas abertas e o peito estufado. Ezequiel deu um suspiro de alívio. Com a dor do ferimento na pata, o monstro largou o caçador e ele despencou sem jeito no chão, bateu com as costelas no solo e sentiu que duas ou três haviam se rompido. Um gemido baixo foi toda a reação que teve, estava se acostumando à dor. Azazel não perdeu tempo e, aproveitando a vulnerabilidade do monstro, atacou o tornozelo da outra perna com um chute preciso, o osso da criatura se quebrou ele caiu sobre os joelhos. Ezequiel se levantou e atacou a Besta, escalou novamente seu corpo lhe atingiu o braço, o membro se desprende do corpo e despencou, encontrando o solo.

Azazel continuou deferindo golpes contra todo o corpo da besta enquanto Ezequiel atacava com a espada. O caçador cortou-lhe o outro braço, deixando o monstro inofensivo. Como golpe de misericórdia cortou-lhe as duas cabeças restantes com um único golpe, fazendo-as rolar em direção ao fogo, e deixando tombar aquele imenso corpo. A terra tremeu uma única vez e, em seguida, todo o fogo que os cercava se apagou.

Ezequiel saltou de cima do cadáver e se ajoelhou no chão, respirando ofegante e aliviado. Seu companheiro de luta se aproximou e interrompeu o descanso merecido do guerreiro.

- Levante-se, homem! Não há tempo pra isso, temos que correr antes que ele se recupere.

O caçador não acreditava que houvesse recuperação para aquele monstro, porém, ele mesmo já havia experimentado ter o corpo feito em pedaços e se reconstituir de forma inacreditável.

- Certo, então vamos.

Azazel apanhou a tocha apagada no chão e fez sua “mágica”, tinham iluminação para seguir. Apertaram o passo e avançaram em uma corrida alucinada, Ezequiel estava cansado e desejava seguir sem tanto desespero, mas se havia alguma chance daquele monstro voltar a vida, deveriam correr como loucos. A intensa disparada durou pouco mais de dez minutos. O exilado sinalizou que haviam chegado, Ezequiel não conseguia falar, estava tão ofegante que sentia que cuspiria fora um dos pulmões a qualquer momento. Parou por um breve instante, com o corpo arqueado e as mãos apoiadas nos joelhos, até recuperar o fôlego, só então olhou o que havia à sua frente.

Um buraco no chão, com não mais de um metro de diâmetro, as paredes internas tinham a aparência de brasa e do orifício emergia uma fumaça escura e rala. Ele se aproximou e sentiu um forte calor quando estendeu sua mão para tocar a fumaça expelida.

- Vamos descer por aí? – Indagou Ezequiel. - Vamos torrar aí dentro!

- Daqui para frente terá de seguir sozinho, caçador. Eu só vou até

aqui.

- Como vou passar por esse buraco? Está quente como o Inferno!

- Para voltar ao seu mundo, tem que chegar ao fundo do poço. Não se preocupe, vai sentir o calor invadir seu corpo e todos os seus átomos se derreterem antes de perder a consciência, mas no final, estará a salvo e voltará para os seus amigos.

Ezequiel fitou o buraco mais uma vez, suspirou fundo e levou a mão até o bolso. Olhou para o relógio do pai e pensou: *que Deus nos ajude.*

- Venha comigo, pode ter uma vida lá fora, começar de novo.

- Não, caçador. Eu sou um condenado, e minha dívida nunca será totalmente paga, eu tenho que ficar.

- Mas a besta? E se ela acordar? Você estará sozinho, não poderá com ela, vai acabar morrendo.

- Aquela fera é de fato imortal, mas eu também não posso morrer, faz parte do meu eterno castigo. Alguma hora ele vai se cansar, afinal, tenho todo tempo do mundo. – Azazel sorriu, e não havia alegria naquele sorriso, apenas aceitação e conformismo.

- Foi bom conhecê-lo. – Disse Ezequiel, estendendo a mão para o novo amigo, que ia embora tão depressa quanto chegara.

- Boa sorte, caçador. Não faça meu esforço ter sido em vão. – Respondeu, apertando a mão de Ezequiel e caminhando de volta ao monstro guardião.

Ezequiel pisou na borda do buraco e a sola do seu calçado começou a derreter, apanhou uma pedrinha no chão e atirou no buraco, ele caiu até desaparecer, não houve som algum. O caçador abriu a mochila e apanhou a pequena picareta que Azazel lhe entregara quando iniciaram a jornada, sentou à borda do túnel, sentindo a pele de seu traseiro ser tostada por aquela brasa infernal, cravou a picareta na parede e iniciou a descida.

Ao primeiro toque, suas mãos ficaram em carne viva, a dor era tão forte que ele nem mesmo gritou, precisava de toda sua energia para a descida, não desperdiçaria nada com gemidos inúteis. Avançou até que todo o seu corpo estivesse queimado, sentiu os órgãos e ossos se liquefazerem. Essa situação, extremamente desagradável, durou algumas horas até que sentisse sua carne adormecer, os olhos pesaram, o calor se dissipou, e com ele toda a dor. Adormeceu.

XXV

-**TODOS VÃO MORRER!** – Gritou Elias, enfurecido. Sacou a arma e disparou seis vezes, duas balas para Giovanni e mais duas para cada um dos filhos do criminoso.

Os Mancini tombaram ao chão, estavam mortos, assim imaginava Elias. Mas, rapidamente, se levantaram, tirando a poeira dos ternos e voltando a caminhar em direção ao trio de caçadores. Elias deixou a arma cair da mão, puxou um crucifixo pendurado no pescoço e começou a proclamar um milenar exorcismo, era um idioma que Abel e Salomão desconheciam, mas logo nas primeiras palavras, os italianos estacaram e permaneceram imóveis como as estátuas que ornavam a basílica.

- Cale-se – Urrou o Diabo, sua fala não trazia a doce voz que vinha usando, mas um tom grave e distorcido, que causava arrepios.

Mas Elias não cessou e deu prosseguimento à sua liturgia secreta. Lúcifer começou a gemer e sua pele branca de pêssego se distorceu, como uma boneca barata exposta ao fogo, as formas ficaram confusas e ele se transformou mais uma vez, porém, agora não era uma forma bela que se apresentava, nem mesmo humana era sua aparência. A nova pele tinha um tom marrom-avermelhado, e era grossa e cascorenta como asfalto velho, os olhos amarelos reluziam, a boca larga exibia dentes compridos e pontiagudos, sua estatura se elevava, e os membros eram uma mistura de homem, réptil e bode.

- Onde aprendeu essas palavras? – Urrou o Diabo. – De onde conhece essa língua morta há tantas eras? – Elias não respondeu, apenas

continuou repetindo aquelas palavras incompreensíveis.

- Pare seu imbecil! – Gritou o infernal. – Isso tudo é inútil, você revelou minha verdadeira forma, mas os ritos que proclama não podem fazer mais do que já foi feito. – E com isso, Lúcifer estendeu a garra e uma força invisível fez o corpo de Elias levantar e se lançar até o Diabo.

O Rei do Inferno agarrou Elias pelo pescoço e comprimiu sua traquéia, rapidamente sua respiração cessou e sua pele passou de sua cor natural para um tom roxo. Os olhos se arregalaram e uma baba espessa escorreu pelos lábios cianóticos.

- Você é um homem bravo, devo admitir. Merece morrer por minhas próprias mãos. – Sussurrou o maldito, apertando ainda mais o pescoço do homem.

Abel observava estático, ao lado do corpo morto de Ezequiel. Salomão tentou sacar a arma para ajudar Elias, mas teve o corpo imobilizado pelo Diabo. Abel podia se mexer, mas, chocado com tudo o que acontecia, não conseguiu esboçar a mínima reação, e era melhor que permanecesse assim, ao menos por enquanto. A letargia do velho caçador findou-se quando vislumbrou um fenômeno o qual jamais presenciara. A poça de sangue, sobre a qual o cadáver do amigo repousava, estava sendo sorvida, olhou mais atentamente e notou que o sangue formava um filete e retornava para o corpo do morto, entrando pelos buracos de bala abertos na pele.

Sem demonstrar que estava alerta, Abel visualizou todo sangue voltar ao corpo do amigo morto, e então o milagre aconteceu: Ezequiel abriu os olhos.

A primeira visão que Ezequiel teve no mundo dos vivos foi um agrupamento de borrões multicoloridos que nada significavam, aos poucos, o que não passava de uma figura manchada e distorcida tomou forma e nitidez, em menos de um minuto acordado ele já sabia onde estava. *Deu certo*, pensou, *estou de volta*. Estava de volta à basílica, moveu os olhos e viu Abel de pé ao seu lado, o homem tinha os olhos arregalados e estava imóvel como uma estátua. Ezequiel testou mexer as mãos, estavam funcionando perfeitamente, as queimaduras que sofrera não estavam mais lá.

Ezequiel balbuciou para Abel, pedindo para que ele ficasse quieto. Olhou para baixo e percebeu o revólver 38 em umas das mãos. A outra mão estava fechada, ele a abriu e encontrou as duas balas que ganhara depois de sua primeira morte. Ainda deitado, ele carregou a arma, encaixou o tambor e puxou o cão.

- Largue ele, seu filho da puta! – Gritou Ezequiel, após se levantar sorrateiramente.

O Diabo imediatamente cessou o enforcamento, deixando o corpo nauseabundo de Elias escorrer para o chão.

- Isso não é possível! – Exclamou o infernal. – Você acabou de ser morto! Não pode ser!

Ezequiel segurava a pistola, tinha a cabeça de Lúcifer na mira. O Diabo, pela primeira vez, parecia surpreso, por alguns segundos foi incapaz de reagir de imediato, e esses segundos seriam mais que suficiente para que

Ezequiel puxasse o gatilho e encerrasse o assunto.

- Adeus, Lúcifer. – Disse Ezequiel, puxando o gatilho.

- Pare! – Gritou uma voz juvenil, fazendo o caçador congelar os dedos e deixar o gatilho voltar à sua posição de origem.

Do fundo do salão, surgiu uma menina, vestia uma longa camiseta branca, tinha pele alva e os cabelos pretos e compridos. Estava descalça e caminhava lentamente em direção ao caçador.

- Lília? – Exclamou Ezequiel, surpreso. – Como chegou até aqui?

- Ele me trouxe. – Ela respondeu. – Por favor, não lhe faça mal. Se machucá-lo, vai me machucar também.

- O que?

- Ele fez algo comigo, se lhe fizer mal vai me ferir.

Ezequiel se viu perdido, sabia o que tinha que ser feito, mas não tinha mais certeza se seria capaz. Há algumas semanas atrás, não relutaria e meteria uma bala na cabeça do maldito. Mas agora as coisas haviam mudado, tinha sua família de volta e até mesmo fizera amizade com um demônio. Seu coração estava amolecido, não faria nada que machucasse a garota. Enquanto ele lutava com a própria mente para decidir o que fazer, Lília se aproximava a passos curtos e lentos. Ela chegou até ele e o olhou nos olhos, as mãos unidas pendiam em frente ao corpo. Ezequiel olhou de volta e viu algo que mexeu com sua cabeça.

Lília o olhava com doçura, os olhos grandes e brilhantes eram quase hipnotizantes, mas havia algo de errado naquele olhar, depois de algum tempo imóvel fitando a menina, ele descobriu o que era: a calma. Era um olhar cheio de calma e tranquilidade, Ezequiel conhecia bem o medo, e sabia que não havia nem uma fagulha dele naqueles olhos. Como uma menina frágil e desprotegida, acuada pelo próprio Diabo, não teria medo? Isso não estava certo, não fazia sentido. Ele mesmo, que se acostumara a enfrentar as mais terríveis criaturas, tinha a semente do medo plantada em seu coração. Havia algo de muito errado com aquilo.

De repente, em meio a toda confusão que tomava seus pensamentos, Ezequiel teve uma Epifania, rememorou todos os momentos que estivera com Lília, e de como entidades o encontraram em vários desses momentos. A besta no acampamento, o coletor no posto de gasolina, e agora a menina estava ali, há milhares de quilômetros do Brasil. Lembrou-se também da história que Azazel lhe contara sobre a mulher-demônio que acompanhava Lúcifer em todos os seus estratagemas. Estava claro para ele: Lília era na verdade Lilith, a primeira mulher.

Num rompante inesperado, Ezequiel puxou a menina pelo pescoço e pressionou o cano do revólver contra sua cabeça. Lúcifer assistia à cena surpreso, mas sem se alarmar. Lília, chorando, insistiu na tentativa de persuadir o caçador

- O que está fazendo, Ezequiel? Ele vai me matar!

- Não. – Respondeu ele. – Eu vou te matar. – Puxou o cão novamente.

- Parece que solucionou a questão. – Disse o Diabo, com

sarcasmo. – Sempre acreditei no seu potencial, mas não pensei que pudesse chegar tão longe. – Lilith gargalhou, Lúcifer a acompanhou.

Ezequiel firmou o dedo no gatilho e começou a puxar. Sentia uma dor, pois para eliminar a mulher-demônio, ceifaria a vida de uma criança, uma criança que nem chegou a conhecer. Mas tudo na vida vem com um preço, e ele estava disposto a pagar. O gatilho estava recuado até a metade quando ela começou.

- Até que enfim. – Disse Lilith, sua voz agora era aguda e estridente, extremamente nociva aos ouvidos humanos. – Já estava me cansando de fazer o papel da menininha frágil.

- Então você é a primeira. – Disse Ezequiel. – A vagabunda das vagabundas.

- Se pretende me ofender. – Respondeu ela, com um sorriso. – Vai ter que se esforçar bem mais.

Lúcifer ria da postura ameaçadora de Ezequiel, afinal, o que metal e pólvora poderiam causar ao rei do Inferno e à sua rainha. Porém, o Diabo notou algo que apagou o sorriso que estampava sua boca demoníaca. A pistola, com a qual Ezequiel ameaçava a infernal no corpo da criança, estava envolvida em uma luminosidade esverdeada cheia de pontos azuis que se moviam ao redor do metal. E aquela era uma energia que ele conhecia bem, era a mesma energia luminosa que das trevas criou a sua própria existência, era a energia de seu pai.

- Pare! – Gritou o Diabo, alarmado. – Não vai querer usar essa arma, confie em mim!

- Confiar? – Rebateu Ezequiel. – Você não sabe o que eu passei para chegar até aqui, eu conheço sua história, sei que tipo de desgraçado você é. Aliás, Azazel mandou lembranças.

- Ele! – Surpreendeu-se o infernal. – Agora eu entendo, meu irmão o ajudou, ele sempre foi fraco, simpatizava com os inferiores.

- Por isso o condenou ao exílio?

- Ele pediu por isso! Ele me traiu!

- Não, você traiu sua família. Mas seus dias de glória chegaram ao fim. Assim que eu der cabo dessa vagabunda, você será o próximo.

- Não pode matá-la! – Berrou o Diabo, havia medo em sua voz. – Deixe-a ir!

- E por que Diabos eu faria isso? – Ezequiel apertou com mais força o pescoço de Lilith.

Um breve silêncio dominou o ambiente, Abel e Salomão observavam inertes, Elias jazia no chão desmaiado. A Rainha do Inferno se contorceu, a fim de aliviar o enforcamento, e então respondeu a pergunta de Ezequiel com uma revelação totalmente inesperada.

- Por que eu sou sua mãe. – Ela sussurrou.

A primeira reação de Ezequiel foi a surpresa, depois a confusão, e em seguida a descrença.

- Não use de artimanhas para me enganar. – Vociferou Ezequiel. – Estou cheio de tantas mentiras, vou acabar com toda essa merda de uma vez por todas. – E se preparou para disparar.

- O que ela diz é verdade. – Salomão se manifestou.

Ezequiel se virou de lado, segurando a menina com força e dividindo a atenção de seus olhos entre o velho caçador e o Príncipe das Trevas. Estava determinado a estourar os miolos daquela criança, mas agora tudo se embaralhava novamente em sua mente. Como poderia ele ser filho daquela criatura asquerosa e desprezível.

- Sempre estivemos de olho em você. – Continuou Salomão. – Tentamos te proteger dessa cobra.

- Então é verdade? – Indagou Ezequiel. – E vocês sabiam de tudo, todos vocês.

- Apenas eu, Abel e Josué.

- Diga a ele caçador. – Disse Lilith, voltando o olhar para Salomão. – Conte a ele toda a verdade, diga quem é o pai que o abandonou.

- Você sabe quem é meu pai? - Perguntou Ezequiel, mantinha o pescoço da mulher-demônio apertado em sua mão.

Salomão abaixou a cabeça, lágrimas brotaram de seus olhos e rapidamente encharcaram seu rosto cansado.

- Olhe bem pra ele, filho. – Ela sussurrou, maliciosa. – Não vê a semelhança?

Ele encarou o velho, e apesar de tentar conter, seus olhos também se encheram d'água.

- Isso é verdade, Salomão? Eu sou seu filho?

O velho não conseguiu falar, mas assentiu com a cabeça. As lágrimas represadas nas pálpebras de Ezequiel enfim se libertaram, rolando sobre o rosto sujo e ferido.

- E por que me abandonou? Você sabe pelo que passei? Como eu cresci?

- Eu fui enganado, a víbora me seduziu, assumindo uma forma maravilhosa. Eu só descobri tudo anos depois. Procurei por você durante anos, até que tive a notícia que havia chegado à casa de Josué.

- E por que não me procurou?

- Eu estava lá, não estava? Achei melhor que não soubesse a verdade, para sua segurança. Sabia que mais cedo ou mais tarde iriam te caçar. Sabíamos da profecia, e achávamos que você era o único que poderia deter Lúcifer, mas fomos todos enganados, o plano dele era esse desde o início. A chave para o ritual foi guardada sabe-se lá quanto tempo no sangue de Lilith e, por consequência, no seu sangue.

Ezequiel se virou para o Diabo e encarou-o com ódio, seus olhos marejados ardiam de cólera. Por alguns segundos, ele nada disse, todos se calaram. Ele ensaiou libertar a víbora, era sua mãe, era uma das criaturas mais vis e desprezíveis do universo, mas, ainda assim, era sua mãe. Estava perdido, como se tivesse voltado ao momento em que aportou no Inferno, sem saber onde estava, sem saber aonde ir, sem saber quem era.

- Você sempre quis ter uma família, filho. – Sussurrou a Diaba. – Fique conosco e terá tudo que deseja, temos o poder supremo agora, podemos enfim ser uma família.

- Se quiser pode escolher uma parte do mundo para governar, talvez o Brasil. – Propôs Lúcifer. - Teria todos os vermes habitantes dos esgotos como seus escravos, seria supremo e soberano. Venha conosco e serei o pai que jamais teve.

Confuso, Ezequiel fitou o Diabo, virou para outro lado e Salomão lhe olhava com olhos tristes e cansados. Lilith arquejava, mas sem perder o sorriso demoníaco impregnado em seu rosto juvenil.

- É uma proposta tentadora. – Respondeu Ezequiel. – Mas receio ter que recusar. Eu já tenho uma família, e preciso cuidar bem dela agora. – Ele empurrou Lilith e ela se virou para ele. – Adeus, mamãe. – Disse, puxando o gatilho a acertando o corpo da menina bem no peito.

Um clarão tomou conta de todo o salão, ouviu-se o grito monstruoso da víbora do Inferno e então a luz se apagou. Lúcifer fitou o corpo da menina desfalecido ao chão, sabia que sua amada maldita não mais estava lá. Correu até Ezequiel urrando e inflamado de ira

- Não! – Berrou aturdido o Diabo. Os olhos de monstro lacrimejavam uma lava vermelha e incandescente.

Ezequiel esticou o braço, apontou o 38 para Lúcifer e puxou o gatilho sem pestanejar. O corpo do Diabo foi atirado para trás, chamas brotaram de seu corpo animalesco fazendo a carne podre torrar, em alguns segundos o corpo do infernal era uma estátua deformada deitada no chão. Ezequiel se aproximou e com a ponta da bota tocou o monumento caído, o que era pedra se transformou em pó, e o que era pó o vento varreu dali e se perdeu.

Ele caminhou até o altar e sentou-se no chão, apoiando as costas no púlpito. Abel correu até Elias, verificando se ele estava bem, o homem retomou a consciência devagar e se levantou com a ajuda do amigo. Salomão foi até Ezequiel e estacou a um metro dele, seu corpo tremia e as lágrimas não paravam de verter de seus olhos.

- Por favor, me perd...

A fala do velho foi interrompida quando Ezequiel se levantou e o surpreendeu com um abraço apertado e carinhoso. Ele correspondeu ao abraço e se agarrou ao filho, como um náufrago em alto mar agarrado à última tábua de sua jangada.

- Você fez o que pensou ser certo, e eu entendo. – Disse Ezequiel com a voz calma e cadenciada.

Elias e Abel se juntaram aos outros dois e só então notaram que os três italianos desgraçados ainda estavam lá, e intactos. Cada um dos caçadores sacou sua arma e apontaram para os três. Giovanni foi o primeiro a levantar as mãos, seus filhos o imitaram no gesto de rendição.

- Não somos seus inimigos! – Agitou-se Giovanni.

- Com o Diabo que não são! – Exclamou Elias. – Eu vi esses desgraçados serem baleados e se levantaram como se nada tivesse acontecido, e eles estavam com ele. – Disse, apontado para a região no chão onde Lúcifer perecera.

- Éramos escravos, agora estamos livres. – Explicou Giovanni.

- Deixe-nos ir, e nunca mais nos verão. – Completou Alfredo.

Antônio não disse nada, mas assentiu com a cabeça aos argumentos dos outros.

- Podem sair daqui num caixão. – Disse Elias, engatilhando sua pistola.

- Não. – Disse Ezequiel, pousando a mão sobre o braço do irmão e fazendo-o abaixar a arma. – Podem ir. Mas não quero ter notícias de vocês nunca mais, ou a nossa conversa vai ser bem diferente.

Os três se viraram e se puseram a caminhar em direção à saída. Foram interrompidos quando Ezequiel os chamou.

- Esperem. – Disse ele, apontando a arma para os homens. – As chaves do carro, por favor.

Antônio sacou um chaveiro do bolso onde a chave do velho carro estava afixada, numa pequena corrente, via-se uma miniatura em madeira da torre de pizza. Ele atirou o chaveiro em direção aos caçadores e Salomão o apanhou no ar.

- Agora podem ir. – Concluiu Ezequiel.

Ezequiel aguardou até que os homens atravessassem a porta e então baixou a guarda. Devolveu a pistola ao coldre, fitou o corpo da menina que ele não conhecia e sentiu um aperto doido no peito. Foi até ela e envolveu o corpo mirrado em seus braços, se virou para os outros e disse:

- Ela merece um enterro decente.

Voltou-se novamente para o cadáver infantil em seus braços, vestido com uma túnica branca, maculada por uma mancha rubra no meio do peito, um rosto tão singelo e angelical, era como se tivesse assassinado uma santa, um anjo. Esse peso teria de carregar por toda a eternidade. Ezequiel a fitou demoradamente, com tristeza e admiração. De repente, pensou ter visto a menina piscar. Estariam seus olhos lhe traindo? Aquilo era impossível, acabara de acertar-lhe à queima roupa bem no peito. No entanto, ele mesmo voltara dos mortos naquele mesmo dia, não havia mais coisas impossíveis para Ezequiel. Aguardou um pouco e a garota piscou novamente, estava viva.

A menina piscava com fraqueza, com muito esforço conseguiu abrir os olhos, retomara a consciência. Tentou dizer alguma coisa, mas o que veio a boca foi uma tosse seca e dolorida, tentou novamente e tudo o que conseguiu foi um sussurro inaudível antes de desmaiar outra vez.

- Ela está viva. – Sussurrou Ezequiel. – Está viva! – Repetiu em alto e bom som. – Depressa, precisamos alcançar o avião.

Dispararam em direção à saída. Atravessaram o grande salão e encontraram a porta da entrada aberta, vislumbraram a multidão que enfrentaram mais cedo. Porém, não eram mais ameaça, a maioria era de cadáveres em decomposição que jaziam podres no chão ou empilhados uns sobre os outros. Os poucos que caminhavam não estavam mais possuídos, e vagueavam confusos sem saber como chegaram ali e que horror ocorrera naquele local.

O caminhão estava totalmente destruído, mas podiam avistar no extremo oposto da praça o carro preto dos Mancini. Avançaram, trotando sobre uma pasta de pessoas mortas, ossos podres e carne humana em decomposição. Os caminhantes confusos se assustavam e se afastavam da comitiva.

Alcançaram o veículo, Salomão logo abriu as portas e se acomodou no banco do motorista, os outros se espremeram como puderam e seguiram até o avião.

Chegando à aeronave, Salomão remendou o pára-brisa com um plástico velho e fosco que achara no corpo de bombeiros e uma fita adesiva cinza que trazia na mochila. Todos se acomodaram e o piloto fez a máquina ganhar os ares, rasgando o céu cinzento e opaco.

Ezequiel carregava cuidadosamente a menina nos braços, e estava olhando fixamente para seu pequeno rosto quando ela novamente acordou. A garota estava confusa e, com dificuldade mexeu a cabeça, divisando o ambiente, para ela até então, estranho.

- Onde estou? – Disse ela baixinho, após uma breve tosse.

- Está segura agora, vamos pra casa. – Respondeu Ezequiel, com idêntica suavidade.

- Quem é você? – Ela indagou outra vez.

- Meu nome é Ezequiel, e esses são meus amigos. – Disse, apontando para Elias e Abel. – Qual é o seu nome, garotinha?

- Maria.

- Pois bem, Maria. Você tem uma família em algum lugar?

- Não, meus pais estão mortos, e não tenho mais ninguém.

- Então hoje é seu dia de sorte, pois a nossa família está com uma vaga sobrando. Agora descanse um pouco, temos uma longa viagem pela frente. – Disse ele, beijando a testa de Maria enquanto ela fechava os olhos novamente, agora, não num desmaio, mas num sono tranquilo que há muito tempo esperava.

Visite o site:

<http://demoniosnaochoram.wix.com/livro>

Conecte-se

[Facebook](#)

[Skoob](#)

[Google+](#)

[Twitter](#)

[Youtube](#)

Vire a página e comece a ler agora a nova obra do autor: "Um Cântico de Silêncio"

UM CÂNTICO DE
SILÊNCIO

*O encontro
inesperado de
dois corações
atormentados*

SAMUEL CARDEAL

SAMUEL CARDEAL

UM CÂNTICO DE
SILÊNCIO

*O encontro inesperado de dois corações
atormetados*

*Edição do Autor
Belo Horizonte 2014*

Prefácio

Fiquei extremamente feliz por ter o privilégio de prefaciар essa obra maravilhosa de meu querido e dileto escritor Samuel Cardeal. Jovem e talentoso escritor, tornou-se um dos poucos autores em que tenho a voracidade de terminar de ler todo o livro no menor tempo que posso. Sou um leitor inveterado e tenho lido muita coisa desde que consegui decifrar e ter um sentido para mim uma determinada sequência de letras e símbolos.

Li alguns dos principais clássicos da literatura estrangeira, mas adoro e sempre que posso incentivo a leitura da nossa excelente e fantástica Literatura Nacional, são diversos autores tais como: Machado de Assis, José de Alencar, Ariano Suassuna, Jorge Amado, Dias Gomes, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Rubem Fonseca, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Mario Quintana, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Adélia Prado, Carlos Drummond, Samuel Cardeal e tantos outros excelentes escritores com uma qualidade excepcional. Tanto em verso e em prosa, romances e poemas tão belos, capazes de tocar fundo a alma de quem os lê, de modificar suas vidas e suas histórias.

Samuel nos brinda com mais um roteiro do que um livro, que poderia ser perfeitamente filmado por grandes diretores de Hollywood. Tive a oportunidade de ler seu primeiro romance: Demônios não Choram, e já podia imaginar que o futuro deste talentoso escritor estava traçado. Tenho certeza que muitos vão se inebriar ao ler este romance que prende o leitor do início ao fim. O enredo muito bem elaborado e cativante nos conduz a uma linha tênue muitas vezes entre a realidade e a ficção.

Em Um Cântico de Silêncio, Samuel nos relata a história de Lúcia, uma pequena órfã que tem seus dias atormentados por ser fruto do acaso. No decorrer da trama ficamos conhecendo um pouco sobre suas agruras e suas esperanças em ser tratada de uma forma melhor, em conhecer o que a vida nos oferece de bom.

Um romance intrigante que nos faz repensar algumas atitudes com relação ao ser humano, em especial à família de cada um. Reconhecer nesta narrativa personagens semelhantes à vida real não será mera coincidência, muitas pessoas têm alguns traços e perfis dos personagens da história.

O leitor será envolvido pela condução dos fatos e ficará bastante curioso para saber o que acontecerá com nossa protagonista. Tenho certeza que muitos farão como eu fiz, não conseguir largar o livro até terminar. O grande problema é que ficamos tão presos ao romance que não notamos que o final chega muito rápido. Recomendo buscar outros livros deste ilustre autor que aos poucos vai ganhando o mercado e logo será consagrado como um grande escritor.

Agradeço a Samuel Cardeal por escrever obras cativantes e com enredos elaborados e fáceis de ler, sendo uma leitura agradável, mesmo sobre

temas desconcertantes e controversos, como tratados nos seus romances.

Do seu mais fiel leitor e amigo,

Sândalo Salgado Ribeiro.

Bibliotecário e um leitor inveterado
(Tem mais utilidades que Bombril)

Capítulo 1

– Me ajuda aqui! Ele *tá* desacordado.

– Vamos no três.

– Ok Um . . . dois. . . TRÊS.

O paramédico bateu duas vezes na janela, ordenando ao motorista que botasse a ambulância para andar.

– Ele está gelado, devia estar na chuva há horas. Qual a saturação?

– 72. Colocando máscara de O2.

– Pressão?

– 7 por 4.

– Glicemia?

– 37.

– Aplica uma intravenosa, 100 de glicose e mais 100 de tiamina.

– Saturação caindo, lábios cianóticos.

– Não *tá* respirando, *vamo* ter que entubar.

– A garganta fechou, ele *tá* empurrando de volta.

– Vai ter que forçar.

– Pronto, consegui.

– *Tá* ventilando?

– Sim, saturação em 83.

– *Tá* sentindo o cheiro?

– O que?

– De bebida, o cara *tá* cheio de álcool.

Um momento de calma. Não durou muito. Um silvo agudo e ininterrupto fez retornar o corre-corre.

– O coração parou, ele *tá* indo embora!

Saltando sobre o homem quase morto, um dos paramédicos iniciou a massagem cardíaca, enquanto o outro operava o reanimador com as duas mãos, bombeando ar para dentro dos pulmões do sujeito.

– Não *tá* respondendo, me passa o desfibrilador.

Um dos homens dentro da ambulância abriu um tubo flexível e o espremeu, derramando um gel incolor sobre a superfície metálica das pás. O paramédico esfregou uma pá contra a outra, espalhando a substância quase uniformemente.

– Carrega 100!

– Carregando. . . Carregado.

– Afasta! – O metal encontrou o peito do homem inerte. O choque fez o corpo subir, porém, o coração não voltou a bater. – Mais 100!

– Carregando. . . Carregado.

– Afasta! – O paramédico operador tinha suor escorrendo pela testa, sua respiração era ofegante. Um novo choque: o paciente não reagiu. – 200! –

Ele ordenou.

– Carregando. . . Carregado.

– Afasta! – Mais um choque e nada. – 300! – Insistiu.

– Carregando. . . Carregado.

– Afasta! – O peito saltou e voltou à maca, inerte e sem vida. – Outra vez! – Tornou a ordenar.

– Declare. – Sugeriu o assistente. – Ele se foi, Carlos. Declare logo a hora do óbito!

– Eu disse: mais trezentos! – Falou Carlos, alterado. Notou seu colega interromper a ventilação, e também chamou sua atenção. – E você, continue com isso!

– Carregando. . . Carregado.

– Afasta.

Carlos deu mais um choque no desconhecido. O peito se elevou e o corpo repousou de volta à esteira. Por breves segundos, todos fizeram silêncio; o único som audível era o sibilar constante e irritante do monitor cardíaco, indicando que o coração do homem estava parado. Mas, para a surpresa de todos, inclusive de Carlos, o apito fulminante deu lugar a um compassado agrupamento de assobios em sequência. Aquele som irritante e estridente era música para os ouvidos daqueles profissionais. Pois significava que o homem não estava morto.

– A temperatura está muito baixa. – Constatou Carlos. – Dê-me alguns cobertores. – Ele o cobriu, embrulhando o paciente dos pés até o pescoço. O pior já havia passado, em no máximo cinco minutos estariam no hospital.

Sob uma chuva torrencial, a ambulância cortou as ruas da pequena cidade de Provação. Em exatos oito minutos do momento em que recolheram o paciente, estavam às portas do hospital católico, o único do município. Os homens da viatura saltaram do veículo apressados, movendo a maca com cuidado, apesar da rapidez de seus movimentos. Carlos tomou a frente e empurrou a maca para dentro do prédio, fazendo-a deslizar sobre o assoalho emborrachado. O segurança abriu passagem e ele avançou pelo corredor diretamente para Unidade de Tratamento Intensivo. Pelo rádio, já haviam informado a chegada do paciente, e o médico de plantão estava à sua espera.

– Ele agora está estável. – Explanou Carlos ao plantonista. – Mas deve ter bastante álcool no sangue e os pulmões têm fluido acumulado.

– Vamos fazer uma drenagem e providenciar o toxicológico. – Disse o médico. Era frio ao falar, não era simpático nem antipático, apenas frio e impassível. Carlos não gostava dele, mas também não tinha motivos para desgostar. – Bom trabalho, eu assumo daqui. – E se virou, fechando a porta da UTI.

O sangue do paciente foi colhido e o exame indicou um nível em

demasia elevado de álcool. A desintoxicação foi providenciada, e o paciente ficou estável, em breve sairia do estado de coma. Estabilizada a situação, o Doutor solicitou à enfermeira que identificasse o paciente. A enfermeira, uma mulher magra e alta, parecia não ter mais que quarenta anos de idade e carregava um semblante bondoso. Procurou nas roupas sujas e esfarrapadas que o homem usava, mas não havia documentos com ele, apenas uma nota de dois reais e uma peça de xadrez. Uma rainha, visivelmente entalhada à mão; uma bela peça, apesar de maltratada pela sujeira e água da chuva. Outra enfermeira, uma mulher jovem, baixinha, e notadamente acima do peso, entrou no quarto, se dirigindo à primeira.

– Encontrou algum documento?

– Não, nem carteira ele carregava.

– Espere aí. – Disse a gordinha, com um ar de quem acabara de descobrir algo. – Eu conheço esse sujeito!

– Conhece de onde?

– É o professor que sofreu aquele acidente anos atrás. Eu o vi algumas vezes na universidade, quando ainda estudava. Ele tinha uma aparência bem melhor. – Ela suprimiu uma risada, mais a compressão de seus lábios revelou um divertimento ligeiramente mórbido em seu semblante.

– E sabe como se chama? – Perguntou a enfermeira de rosto agradável.

– Ronaldo, Renam. . . Alguma coisa do tipo.

– Oh, sim. Agora me lembro. Renato! Esse é seu nome. Não me estranha sua aparência, foi uma tragédia horrível o que lhe aconteceu. – Lamentou a mulher. – Agora vamos sair daqui e deixar o pobre homem descansar. Fale com a assistente social. Peça que ligue para universidade e consiga o telefone de alguém da família, devem estar preocupados. – Disse ela, mostrando certa autoridade sobre a jovem.

Renato ficou desacordado por três dias inteiros, seu estado físico era razoavelmente estável e já respirava sem o auxílio de aparelhos, mas seus olhos se recusavam a abrir, como se ele realmente não quisesse voltar à consciência. Enquanto dormia, Renato tinha a mente cheia de imagens ao acaso que se misturavam como um emaranhado de lembranças boas e ruins, todas embaralhadas e deformadas. Via a chuva, via sangue, via um menino, uma mulher, flores espalhadas sobre um tapete vermelho e pilhas de livros que caíam lentamente do céu. O som da chuva ecoava em meio a vozes, gritos, risadas e sussurros abafados e ininteligíveis.

O barulho que preenchia sua audição perdeu força, dando espaço para baques surdos se aproximando. Um ruído abafado de pés se movendo em sua direção; pés sorrateiros e acelerados. As imagens também sumiram e tudo escureceu. O torpor se dissipou, sentiu seu corpo dolorido sobre a cama, ouviu a própria respiração, pesada. Abriu os olhos lentamente e enxergou um borrão

branco: era o teto. Levantou discretamente a cabeça, pendendo-a para a direita. Avistou um vulto que se moveu e sumiu em meio ao mar de branco que o cercava. Quando a visão ficou nítida, só havia a parede alva e a porta do quarto, entreaberta.

O homem girou o pescoço e varreu o ambiente com os olhos, não demorou muito para perceber que estava em um quarto de hospital, apesar de não se lembrar como chegara lá. Acordou completamente, e então pôde sentir todo o corpo dolorido, a cabeça latejava sem parar. Perecia que mineiros microscópicos trabalhavam dentro de seu cérebro, empunhado picaretas e golpeando sem cessar. Tinha a impressão de que até os fios do cabelo doíam, mesmo sabendo que isso era impossível. Afundou a cabeça no travesseiro e avistou um interruptor vermelho. Levantou o braço direito com dificuldade e acionou o dispositivo. Ouviu um bipe ligeiro.

Antes que pudesse pensar em apertar de novo o botão, uma mulher vestida de branco entrou pela porta. Era a enfermeira de olhar simpático que mexera em suas roupas à procura de um documento de identidade. Ela sorriu e se dirigiu a ele antes que pensasse em perguntar algo.

– Bom dia, senhor Renato. Vejo que acordou. Deve ter algumas perguntas; vou trazer-lhe algo para comer e daqui a pouco o Doutor vem te examinar.

Ela se virou e saiu rapidamente. Em poucos minutos voltava portando uma bandeja branca com um prato de porcelana. Dentro dele um líquido amarelado expelia uma fumaça cheirosa. Renato, de fato, estava com fome. Apanhou a colher e se alimentou sem cerimônia. A enfermeira o olhava com olhos bondosos, mas o homem a repelia com uma carranca mal humorada de alguém amargurado.

Terminou a sopa em poucos minutos, encarou a enfermeira e leu em seu crachá o nome Samanta. Empurrou a bandeja na direção da mulher, sugerindo que ela a apanhasse e *desse o fora* dali. Solicita, Samanta pegou a bandeja, deu meia volta e o deixou sozinho novamente. Duas horas e cinquenta e seis minutos depois, Renato recebeu outra visita. Dessa vez era um homem, também de branco, que adentrava o quarto.

– Bom dia, eu sou o Doutor Oliveira, o médico responsável. – Disse o homem.

Renato não disse nada, apenas encarou o homem que, diferente da enfermeira, carregava um olhar frio, quase arrogante, e era tão simpático quanto uma porta fechada. Ele reconheceu o médico, era também professor e já o vira pelos corredores da universidade, apesar de nunca terem trocado sequer um bom dia. O Doutor certamente não se lembrara de Renato, e isso era bom. Tudo que não queria era alguém tentando puxar conversa com ele; quanto mais distante aquele médico fosse, melhor.

Oliveira checkou os sinais vitais, aferiu a pressão arterial e tomou nota dos indicadores na aparelhagem conectada ao paciente. Encarou a prancheta com um semblante de indiferença por algum tempo. Voltou a falar.

– Eu vou lhe fazer algumas perguntas. OK?

Renato apenas assentiu com a cabeça, não ia com a cara daquele médico, pelo que sabia, sempre fora um esnobe, pedante e arrogante. Tudo que queria é que aquilo terminasse logo e pudesse voltar para casa. O médico iniciou a sabatina.

– Há quanto tempo tem problemas com a bebida?

– Não tenho problema algum com bebida. Bebo socialmente, às vezes passo da conta, é só isso.

– O senhor esteve por três dias em coma, em virtude de uma intoxicação por ingestão de substâncias alcoólicas. – Afirmou Oliveira, indiferente.

– Eu me distraí e exagerei um pouco. – Teimou o professor.

– Pois bem, vejo que não está disposto a colaborar. – Disse o Doutor, sem encarar o paciente. – Você está melhor, porém, o álcool não deixou totalmente seu organismo e ainda está bastante debilitado. Vamos prosseguir com o tratamento e nos vemos amanhã. – Ele se virou e rumou em direção à porta.

– Espere! – Disse Renato, fazendo o médico retroceder e se voltar para ele. – Quando é que eu vou poder sair desse lugar?

– Nos vemos amanhã, Senhor Renato. – Respondeu Oliveira, deixando o quarto.

Renato praguejou contra o Doutor, mas não houve resposta. Por cerca de duas horas, ou mais, se dedicou a maldizer o médico e o hospital, manifestando desprezo e ojeriza daquele lugar. Cessou o falatório quando viu entrar pela porta a enfermeira Samanta. A mulher era tão doce e educada, que até mesmo ele se sentia constrangido em ser tão hostil em sua presença. Samanta trazia uma bandeja com uma fatia de pão integral, um pedaço de ricota sem sal, uma maçã descascada e cortada em cubos e um copo grande de suco de maracujá. Ela nada disse, além de um cordial bom dia. O suco era uma maneira discreta e educada de dizer *acalme-se*. O professor entendeu o recado, mas não teve coragem de retrucar, como era sua mania. A enfermeira saiu quarto e o deixou comendo.

Depois do lanche, mal se passaram vinte minutos e Renato já estava dormindo. Um ronco grave e abafado ressoava de suas narinas. Os sonhos voltaram: a chuva caía sobre seu rosto e tudo estava escuro e frio. Olhou para as mãos e as viu cobertas de sangue, um sangue escuro e espesso; o cheiro de carne queimada pairava no ar, provocando-lhe enjoos. As imagens se repetiam e, enquanto sonhava, seu corpo se agitava na cama do hospital, os batimentos estavam acelerados e a respiração ofegante. Sentiu uma mão lhe tocar o braço,

era uma mão macia e minúscula. Olhou para o membro sacudido e não havia ninguém a lhe agitar.

De repente, uma claridade ofuscante tomou seus olhos, logo depois tudo se escureceu. Acordou. Estava outra vez na cama daquele maldito hospital. Abriu os olhos e levantou a cabeça para ver quem lhe resgatara daquele tenebroso pesadelo. Fitou-a, por não mais que um segundo, antes que a intrusa se agitasse tentando fugir, mas foi o suficiente para notar cada detalhe daquele pequeno, delicado e triste rosto infantil. Esticou o braço e envolveu o membro magricelo da criança, impedindo sua fuga. Encontrava, pela primeira vez, a menina que mudaria sua vida.

Capítulo 2

Ela não usava sapatos, havia deixado as sapatilhas do uniforme escondidas sob a cama, e caminhava só de meias. Há muito descobrira que as meias abafavam o som dos passos, assim era mais fácil passar despercebida pela vigilância atroz da madre. Naquele mês, já havia sido flagrada três vezes vagando pelo hospital durante a noite, por isso, todo cuidado era pouco.

Lúcia percorria sorrateiramente os corredores mal iluminados do hospital, fazia isso quase todas as noites, pois tinha pesadelos e preferia ficar acordada, desbravando os quartos, da enfermaria à UTI. Gostava de ver os pacientes dormindo e, às vezes, entrava em um quarto para ver televisão na companhia de algum doente que adormecera com o aparelho ligado. Quando ouvia qualquer barulho se aproximando, tratava de se esconder o mais rápido possível. Apesar disso, vez ou outra era apanhada, e sempre havia um castigo.

Com dez anos de idade, a menina vivia naquele orfanato desde que podia se lembrar. Jamais conhecera seus pais, e jamais ultrapassara os limites dos altos muros de concreto que cercavam o complexo. O hospital era administrado pela igreja. No mesmo terreno ficavam a paróquia e o orfanato. As crianças não tinham permissão para entrar no hospital, mas Lúcia sabia de caminhos que ninguém conhecia. Por diversas vezes, depois de pegá-la vagueando pelos corredores, a madre Pietra interrogou-a sobre como conseguira chegar até lá sem que ninguém a visse, mas a pequena órfã não se dobrava facilmente, e jamais revelara seu segredo.

Com seu corpo magro e sua pele pálida, Lúcia tinha um aspecto extremamente frágil, como se fosse de papel e pudesse se despedaçar com algumas gotas de água. Era pequena para sua idade, e os cabelos, pretos como a escuridão, lhe davam um aspecto fúnebre. Aspecto esse que era quebrado pelo brilho ofuscante de dois olhos azuis como o céu. O rosto era suave e de traços delicados, sua expressão era carregada de tristeza, mas também de curiosidade e esperteza.

O que a órfã tinha de pequena, tinha de inteligente. Carregava sempre consigo um tabuleiro de damas, feito de papelão; as pedras eram velhas tampinhas de garrafa que apanhara furtivamente das latas de lixo, quando ninguém estava olhando. Sua única companheira no jogo era Ângela, que também era sua única amiga naquele lugar. Ensinar a colega sobre as regras e sempre jogavam escondidas. Porém, Lúcia quase sempre vencía, exceto quando entregava a vitória, temendo que a amiga se sentisse mal em ser derrotada todas as vezes.

Naquele noite, Lúcia se sentia especialmente aventureira, e explorou diversos quartos sem ser notada. Em certas ocasiões, ela apenas caminhava, procurando os cantos mais desertos e escondidos do prédio. Mas não naquele dia. Havia algo que a empurrava ao desconhecido, algo que lhe dava coragem. Era

como se precisasse encontrar um tesouro há tempos escondido, e somente ela pudesse fazê-lo. Não entendia o que aquela sensação significava, apenas sentia. Não pretendia retroceder, mesmo que Pietra lhe encontrasse e lhe infligisse os castigos de sempre; não iria parar, não podia parar.

No primeiro quarto em que entrou, uma velhinha assistia a um filme em branco e preto no televisor. Na tela, Lúcia vislumbrou uma mulher loura, de olhos grandes e vivos. A mulher fumava um cigarro com um tipo de tubo que o alongava. Os cabelos, impecáveis, ornavam o belo rosto com cachos cuidadosamente penteados. Lúcia ouviu passos se aproximando, correu e se escondeu atrás da cama. A velhinha tinha os olhos abertos, mas não estava de fato acordada, não esboçou nenhuma reação quando a menina entrou no quarto, e também não o fez quando ela correu para se esconder.

A pessoa que se aproximava passou direto pela porta. Lúcia não a viu, mas pelo ritmo compassado dos passos e o som duro do solado sobre o chão, sabia exatamente de quem se tratava. A menina deixou o quarto e seguiu na direção contrária do vulto inquisidor que passara há pouco. Abriu a porta que dava acesso às escadas e subiu os degraus até o próximo andar. Saiu por outra porta, idêntica à primeira, e seguiu em sua aventura noturna. Passou por diversos quartos. Viu um jovem com as pernas engessadas; uma mulher que fumava um cigarro escondido; e até um quarto vazio, onde uma das enfermeiras se atracava com um dos seguranças do hospital. Chegou ao berçário – essa era uma de suas partes favoritas em seu passeio secreto –, parou por um momento e observou os bebês pelo vidro. Eram tão pequenos! Lúcia sabia que, antes de nascer, os pequenos ficavam guardados na barriga da mãe, mas por mais que se esforçasse, ainda não conseguira desvendar o mistério de como é que eles conseguiam sair, já que o único orifício que conhecia na barriga era o umbigo, por onde mal passaria uma das mãos.

Tratou de seguir em frente quando uma das enfermeiras adentrou o berçário. Continuou caminhando até chegar a um quarto que lhe chamou a atenção. A televisão estava desligada, as luzes estavam apagadas e, com a pouca luz que vinha do corredor, avistou um homem deitado na cama. Era um sujeito negro, alto, de traços grosseiros e expressão dura. O homem estava bastante agitado, se mexia de um lado para o outro, e murmurava queixas incompreensíveis. Em sua testa escorria suor, e seus olhos estavam apertados, como quando a claridade nos incomoda mesmo após fecharmos os olhos e comprimimos as pálpebras tentando aliviar o incômodo.

Lúcia se aproximou até suas mãos poderem tocar a beirada da cama. Tomava cuidado para não ser acertada pelos braços inquietos do paciente, que insistiam em balançar descoordenados de um lado para o outro. A menina espiou uma prancheta na mesinha ao lado da cama, e identificou o nome do homem: *Renato*. Ela esticou o braço e se preparou para acordar o sujeito, sabia

bem como era ter pesadelos, e tinha certeza: era melhor ficar acordada. Antes que pudesse tocar o braço forte do homem, ouviu passos acelerados vindos do corredor, os mesmos passos que ouvira no andar inferior. Abaixou-se e escondeu-se debaixo da cama, à sombra da mesinha.

O algoz adentrou o quarto, acendeu a luz e vislumbrou Renato agitado em seu sono atormentado, caminhou até a cama, ficando a centímetros do pequeno pé de Lúcia, que escapava do abrigo da mesinha. A menina não via o perseguidor, mas conhecia aqueles passos, aquela respiração, e aquela silhueta fantasmagórica que a luz projetava na parede branca: madre Pietra estava em seu encaço.

O professor trocou os sussurros por uma fala arrastada e sonora. A barulheira fez Pietra recuar e apagar a luz, seguindo pelo corredor. Passados alguns segundos, a menina saiu do esconderijo e voltou a observar o homem. Fitou seu rosto e viu dor, muita dor. Tocou seu braço e começou a sacudi-lo, tentando acordá-lo. Demorou um pouco até que Renato parasse de se debater. Lúcia gelou ao ver a carranca do sujeito lhe olhando. Deu um passo para trás e tentou correr, mas era tarde demais. Seu braço branco e fino estava envolvido por uma mão grande e áspera. Quando foi encontrado, Renato tinha as mãos esfoladas sobre o concreto, certamente fruto de quedas causadas pela embriaguez.

– O que faz no meu quarto? – Inquiriu o professor, com a voz rouca e baixa, provocando calafrios na menina.

Lúcia se manteve calada, tentando se livrar da pegada de Renato. Mas a menina era pequena e desprovida de força física, não era necessário se esforçar para conter sua fuga. O homem apertou um pouco mais o braço e repetiu a pergunta.

– O que faz aqui, menina? – O tom de voz era mais alto, mas não menos assustador.

Quando Renato ensaiava uma nova fala, a luz se acendeu. Lúcia girou o pescoço e lá estava ela: Pietra se prostrava sob o batente da porta, impassível. O olhar inquisidor era terrível, tinha na mão esquerda um molho de chaves, e na direita uma régua de madeira com quarenta centímetros. O aperto do homem machucava o braço da menina, e a voz rouca e angustiada lhe arrepiava os pelos da nuca. Mas o que lhe esperava era em demasia pior. Lúcia conhecia aquela régua, e sabia bem a dor que podia provocar. Por um momento, desejou que estivesse sozinha com o homem negro assustador, pois sua companhia parecia ser bem mais agradável do que a daquela velha cruel.

– O que pensa que está fazendo, sua diaba? – Vociferou a madre.

Lúcia murmurou, se sacudiu e logo o homem a soltou. Queria fugir daquela mulher malvada que certamente lhe açoitaria com o pedaço de madeira que carregava. Mas a presença de Pietra lhe causava um temor que faziam seus

pés pregarem-se no chão. Ela não se mexeu. Pietra caminhou até ela com seu andar ereto e duro, puxou-a pelo braço e arrastou-a para fora do quarto. Antes de atravessar a porta, se dirigiu ao homem na cama, que estava sem reação.

– Desculpe pelo incomodo. – Disse ela, apagando a luz. As palavras saíram mergulhadas numa secura que fazia a indiferença do Doutor Oliveira parecer o canto hipnótico de uma linda sereia.

Renato não respondeu. Apenas acompanhou com os olhos a sombra da mulher levando a menina se afastar pelo corredor até sumir. Ouviu palavras ofensivas que eram vomitadas pela velha sem nenhuma reserva. As injúrias ecoaram pelo corredor até também desaparecerem.

– Não importa o castigo que te dê. Não é, sua diaba? Pois hoje vou lhe dar uma lição pra jamais se esquecer. – Enquanto falava, Pietra atacava as nádegas sem carne de Lúcia com a régua.

A menina não gritava, apenas murmurava, enquanto lágrimas vertiam teimosas de seus olhos celestes. Não gostava de chorar na frente da madre, mas, às vezes, não conseguia evitar. Pietra levou Lúcia para um quarto vazio e a castigou com a régua por longos e tortuosos minutos, depois, levou-a para o quarto e ordenou que dormisse.

– Amanhã acorde cedo e vá direto para a cozinha. – Exigiu a madre. – Tem uma pilha de pratos sujos à sua espera. – Finalizou.

Pietra seguiu para seu quarto com um sorriso torto de satisfação na boca enrugada. Como uma árvore, que sintetiza gás carbônico para produzir oxigênio, a perversa madre se alimentava da dor e do medo de Lúcia para encher-se de satisfação.

Naquela noite, Lúcia não dormiu. Em pouco tempo, os hematomas em suas nádegas não a incomodavam mais, e nem se lembrava das injúrias que a velha, com sua voz estridente e irritante, praguejara em seus ouvidos. Só pensava nele, no homem negro de expressão atormentada que segurara seu braço e lhe assustara. Mas não era medo que permeava seus pensamentos, mas sim um inacreditável fascínio, uma curiosidade inexplicável que habitava sua mente confusa. Queria vê-lo de novo, não sabia por que, mas sabia que precisava voltar àquele quarto.

Capítulo 3

O dia amanheceu ensolarado. Lúcia estava encolhida sobre a cama; os braços magros envolviam os joelhos e o olhar cansado fitava os raios de sol atravessando o vidro da janela. A menina não havia pregado os olhos durante toda a noite. Ouviu o silêncio se dissipando: as irmãs já caminhavam pelos corredores, o que a fez lembrar-se do castigo que recebera de madrugada e da ordem que lhe fora dada. Levantou-se e tratou de vestir o uniforme; ainda estava com as meias da noite anterior, as solas negras de poeira. Não se importou e calçou as sapatilhas sem se preocupar em trocar as meias. Penteou os cabelos de qualquer maneira, escondeu o tabuleiro improvisado de damas debaixo do colchão e partiu apressada até a cozinha.

Chegando ao local, encontrou-o vazio; a pia tinha uma pilha inalcançável de pratos, copos, panelas e talheres sujos. Estacou ao lado da torre de vasilhames e aguardou. Cinco minutos mais tarde, as passadas sonoras de Pietra anunciaram sua chegada. Adentrou o cômodo e fitou a menina.

– O que é que você está esperando? – Disse a madre. – A louça não vai se lavar sozinha!

Imediatamente, Lúcia tratou de empurrar um banquinho até a beira da pia e começou a esfregar os pratos. A velha ficou a observar o esforço da pequena por alguns minutos, para em seguida bater em retirada.

– Depois que terminar com isso, vá até meu quarto e esfregue o chão até que possa ver seu reflexo nele. – Disse ela. – E trate de pentear esse cabelo direito, sua pivete desleixada. – E deixou-a sozinha com sua árdua tarefa.

Lúcia tinha as mãos pequenas e pouca força física, assim, a tarefa de lavar todo aquele vasilhame, impregnado de sujeira, era ainda mais difícil. Levou cerca de uma hora e meia até que acabasse o trabalho. Quando desceu do banquinho, viu junto à porta um balde com água e um esfregão; já havia esquecido de que ainda tinha a missão de faxinar o quarto da madre. Pegou o balde, com dificuldade, e apanhou o esfregão, arrastando-o pelos corredores. Quando chegou ao quarto de Pietra, bateu duas vezes na porta e aguardou. Rapidamente a mulher abriu, sinalizando para que entrasse.

A menina já havia recebido tal castigo antes, limpar aquele quarto não era novidade, mas, desta vez, o recinto estava especialmente imundo. Roupas sujas jogadas pelo chão, pegadas de terra por todo o assoalho, e um cheiro nauseante de cigarro. As janelas estavam fechadas e, quando Lúcia fez menção de abri-las, Pietra logo a repreendeu. A lâmpada, no centro do teto, iluminava precariamente, dificultando ainda mais a limpeza. *Como um ser humano pode viver numa pocilga dessas?*, pensou a pequena órfã. Com certeza a nefasta madre

fizera aquela bagunça propositadamente, apenas com o intuito de tornar a tarefa mais penosa.

Enquanto Lúcia limpava, Pietra a observava, fulminando-a com seu costumeiro olhar inquisidor, como se não fosse suficientemente desagradável estar dentro daquele quarto imundo. Levou cerca de uma hora para terminar o serviço. Depois disso, a madre desdenhou o trabalho, taxando-o de porco. Atribuiu à menina uma série de outros trabalhos: organizar os livros da biblioteca, preparar o altar da igreja, engraxar os sapatos de todas as irmãs, picar cebolas e descascar batatas para o almoço e varrer o pátio.

A última tarefa agradava bastante à menina, pois podia sentir o ar, ver as nuvens em toda sua amplitude, e saborear o calor do sol a tocar-lhe o rosto. Após varrer o pátio, às quinze horas e trinta minutos, Pietra permitiu que Lúcia almoçasse; a refeição já esfriara, mas a órfã estava tão exausta e faminta que nem se importou. Depois de comer, a menina foi encaminhada para o banho coletivo com as outras órfãs e, em seguida, jogada no quarto pela madre. Lúcia ouviu o ruído da porta sendo trancada pelo lado de fora. Não conseguia parar de pensar no homem negro que segurara seu braço na noite anterior e, por mais que fosse um alívio estar finalmente livre de Pietra, precisava sair do quarto, não sabia como, mais daria um jeito.

Lúcia se permitiu um merecido descanso, se deitou e até mesmo dormiu. Quando escureceu, começou a maquinar em sua mente uma maneira de sair daquele quarto. A primeira coisa que fez foi examinar a porta; não era uma fechadura que fosse capaz de abrir, desistiu rapidamente daquela saída. A outra única opção era a janela. Era um vitrô basculante estreito, com um vidro fosco que mal deixava a luz do sol entrar. A menina era pequena e magra, não seria problema para ela passar pela fresta, porém, havia complicações: seu quarto ficava no terceiro andar, era uma altura considerável para simplesmente pular e esperar que caísse suavemente como um felino. Não que seu peso fosse muito superior ao de um gato, mas, ainda assim, era arriscado demais para ser levado em consideração. Ela se sentou e pôs-se a pensar.

Após cerca de vinte minutos pensando sobre como efetuar a fuga, Lúcia teve uma ideia. Arrancou com pressa os lençóis da cama e os jogou no chão, fez o mesmo com a cortina e o pijama sujo que usara na noite anterior. Sentou-se no chão, junto ao montículo de tecido. Esticou cada uma das peças sobre o assoalho e uniu as pontas com nós caprichados. Segurou uma das pontas e amarrou no puxador da janela, apagou as luzes do quarto e se deitou. Manteve os olhos bem abertos e os ouvidos atentos, ainda se ouvia as irmãs passarem de um lado para o outro nos corredores. Só poderia avançar em sua investida depois que todos estivessem recolhidos aos seus aposentos.

Quando ouviu os ruídos cessarem, Lúcia se levantou e ficou de pé em cima da cama. Passou a cabeça pela greta da janela e espiou. No alto do céu

vislumbrou a lua cheia, brilhante e majestosa; parou alguns minutos para contemplá-la e sentir a brisa noturna acariciar-lhe o rosto. Retomou o foco e fez um reconhecimento do terreno. Normalmente, o pátio não era vigiado durante a noite, os poucos vigias disponíveis ficavam nas portarias e dentro do hospital. Naquele dia não foi diferente, tudo estava calmo e o pátio deserto, a iluminação precária também foi providencial para o escape da menina.

Lúcia juntou todo o tecido com as duas mãos e espremeu o monte de pano pela fresta do basculante. Observou a corda improvisada se estender até quase tocar o chão. Tratou de se apertar pela abertura, até que todo seu corpo estivesse do lado de fora do prédio. Ajeitou-se, segurando firme a corda, os pés apoiados na parede e as mãos agarradas ao tecido. Antes de dar início a decida, olhou para baixo e sentiu uma leve vertigem. Agora, que estava pendurada por um monte de pano no terceiro andar do edifício, a altura não parecia tão pequena quanto julgara. Mas nada disso a impediria de prosseguir com seu plano. Puxou o ar com força até encher os pulmões, fez o sinal da cruz mentalmente, pedindo ajuda divina para a empreitada e começou a descer.

Os primeiros três metros foram os mais difíceis, depois disso, Lúcia já se acostumara com a altura. Chegou à janela do segundo andar, seguiu em frente, passou pelo primeiro andar – todas as luzes estavam apagadas –, prosseguiu até ficar a um metro do solo. A corda acabava ali. Olhou para baixo, agora não havia vertigem alguma, estava quase no fim. Saltou cuidadosamente, pousando na grama baixa como um felino, pés e mãos sobre o solo úmido.

Olhou para um lado, olhou para o outro. Correu. Avançou sorrateira, se esgueirando junto às paredes; deu a volta no prédio e avistou a entrada do hospital. Um vigia fazia a segurança, estava sentado em uma cadeira elevada e assistia a um programa da madrugada em uma velha televisão preto e branco de cinco polegadas. Lúcia se aproximou, engatinhando no escuro até ficar a menos de cinco metros da portaria. Pôde ouvir o som da televisão. Das caixas de som, abafadas e cheias de chiado, uma voz enérgica dizia: *satanás nos cerca de todos os lados, e a sujeira dos pecados está impregnada em nossas almas. Mas DEUS está do nosso lado, e com o sabonete ungido nas águas milagrosas da terra sagrada, ELE vai nos limpar de toda a imundície do mundo. Ligue para nós e receba em sua casa, sem nenhum custo, o sabonete sagrado da Igreja Pentecostal Pisa no Capeta. Tudo que pedimos é uma contribuição voluntária e espontânea de sete parcelas de R\$ 199,00. Você. . .*

A última palavra foi gritada, e trouxe o guarda sonolento de volta à plena consciência. O vigia, um sujeito magro e baixo, de barba cerrada preta, e de olhos profundos, se incomodou com a chiadeira do televisor, levantou da cadeira e ajeitou um pedaço de palha de aço que envolvia a ponta da antena, o ruído diminuiu e ele voltou a se sentar. O pastor cessou o falatório e uma música suave ressoou nos alto falantes, rapidamente o vigia estava entregue ao sono. Lúcia voltou a avançar, passou pelo homem dormindo e seguiu engatinhando.

Quando achou que estava segura, ficou de pé novamente e continuou avançando, com passos macios e apressados. Chegou a uma porta, abriu-a e encontrou as escadas.

Lembrava-se que o quarto de Renato ficava no segundo andar; venceu dois lances de escadas, chegando à outra porta. Encostou o ouvido na madeira e notou duas mulheres conversando trivialidades. Sentou-se e esperou. O bate papo levou cerca de quarenta minutos. Quando Lúcia começava a ceder ao sono, ouviu uma das mulheres ser chamada e sair andando, a outra também se moveu e rapidamente o silêncio se fez presente. A menina abriu uma pequena greta na porta para espiar, não viu ninguém. Abriu mais um pouco e esticou o pescoço, botando a cabeça para fora; arriscou dar um passo a frente, deixando seu pé aparecer além do batente. Passos ressoaram no corredor e ela se apressou em recuar, continuou espiando pela fresta e viu um médico passar por ela. Deixou o sujeito se afastar e se esgueirou sorrateira pelo corredor.

Seguiu discreta até o fim e dobrou à esquerda; passou por oito portas até chegar ao destino. Estacou sob o batente e divisou o homem negro dormindo; sussurrava palavras ao acaso e se movia com agitação, tal qual na noite anterior. Ela entrou e se aproximou da cama, velou o sono de Renato por alguns minutos, antes de ter coragem para acordá-lo. Tocou seu ombro e começou a sacudir. Ele abriu os olhos lentamente, mas, dessa vez, ela não correu; permaneceu imóvel, fitando o despertar do professor. Renato piscou algumas vezes até seus olhos reconhecerem a menina.

– Você aqui outra vez! Que *diabos* quer de mim, menina? – Inquiriu ele, cheio de mau humor.

Lúcia levantou a blusa parcialmente, exibindo a barriga magra e às costelas proeminentes, puxou da calça do pijama um pedaço de papelão e um pequeno saco de papel. Segurou cada um em uma das mãos e estendeu-os em direção ao interno.

– O que é isso? – Perguntou ele. Ajeitou-se na cama, esticou o braço e acendeu a luz do abajur.

Renato fitou os pertences da garotinha. O pedaço de papelão tinha nove traços paralelos na vertical e nove na horizontal, formando sessenta e quatro pequenos quadrados. As figuras eram coloridas alternadamente. Movido pela curiosidade, o professor apanhou o saco na mão de Lúcia e deu uma breve espiadela. Encontrou um punhado de tampinhas de garrafa. Não se deu ao trabalho de contá-las, mas supôs que eram vinte e quatro, e acertou em cheio.

– Vejo que tem um belo jogo de damas. – Ironizou o professor, devolvendo o saco de papel para sua dona. – Agora pode dar o fora daqui e me deixe dormir.

O mau humorado paciente apagou o abajur e puxou o lençol até o pescoço, porém, Lúcia não deu um passo sequer, permanecendo com os braços

elevados, estendidos na direção de Renato.

– Não ouviu o que eu disse? – Repreendeu Renato. – Dê logo o fora daqui!

Ao invés de sair, a menina balançou o jogo que segurava, encarando o professor com um olhar corajoso.

– O que mais você quer? Eu já vi o joguinho que você fez, é muuuuito bonito. Satisfeita? Agora me deixe em paz! – Ela insistiu, agitando os objetos mais uma vez. – Diga logo o que quer, criança! – Se irritou ele.

Lúcia não respondeu, não recuou, e não desviou o olhar. Apenas manteve os braços erguidos segurando o tabuleiro improvisado e as tampinhas.

– Qual o seu problema? – Renato agora quase gritava. – Por acaso você é muda?

A pequena órfã abanou a cabeça em sinal afirmativo. Renato se sentiu ligeiramente envergonhado; jamais imaginara que aquela garotinha abusada fosse realmente muda. Mas ele era um homem amargurado, e um simples constrangimento não seria capaz de mudar sua atitude.

– Saia logo ou vou chamar aquela velha que te arrastou daqui na noite de ontem. – Ameaçou o professor.

A menina balançou novamente a cabeça, agora negativamente. Mas Renato se manteve impassível e reforçou a ameaça.

– Não estou brincando, vou contar até três, se não estiver longe da minha vista, estará com sérios problemas. Um. . . dois. . .

Quando Renato chegou ao três, Lúcia trotava descoordenada pelo corredor a caminho da escada. Antes de alcançar a porta, tropeçou e quase caiu, mas recuperou o equilíbrio a tempo de evitar a queda. Mais que depressa desceu as escadas, o primeiro andar estava deserto; na portaria, o vigia ainda dormia. Da TV vinha um som de disparos com armas de fogo, mas nem mesmo o filme de ação fizera o segurança despertar. A menina passou pelo homem, dessa vez de pé. Quando o sujeito emitiu um ruído, a órfã gelou, olhou para o lado, mas era apenas um pigarro do homem adormecido. Contornou o edifício do orfanato e chegou até a corda improvisada que deixara pendurada.

Com a adrenalina nas alturas, Lúcia subiu até sua janela como se fosse uma exímia escaladora. Passou pela fresta do basculante com dificuldade, caindo desajeitada sobre a cama. Mantendo as luzes apagadas, recolheu a corda e tratou de desfazer os nós, guardando tudo em seu devido lugar. Depois de tamanha aventura, ela se deitou e adormeceu. Naquela noite não teve pesadelos.

O dia amanheceu. Lúcia acordou antes de qualquer outra menina, trocou o pijama surrado pelo uniforme do orfanato: um vestido azul escuro, com uma fita branca prendendo a cintura. As sapatilhas eram pretas, e as meias brancas iam quase até o joelho. Pentear os cabelos não era uma de suas atividades preferidas, mas naquela manhã achou conveniente não dar motivos à

madre para se irritar. Ajeitou as madeixas da melhor maneira que podia; ainda assim, sabia que não havia feito um grande trabalho.

A pequena foi até a porta e testou a maçaneta; para sua surpresa, a porta se abriu sem problemas. Empurrou a madeira lentamente, tentando evitar o ranger insistente das dobradiças. Esticou o pescoço e espiou o corredor: estava deserto. Avançou com passos suaves até o extremo oposto. Estacou em frente a uma porta e colou o ouvido na madeira; o silêncio era total. Girou a maçaneta, abriu uma estreita fresta e entrou.

À sua frente, via seis camas enfileiradas, em cada uma delas dormia uma criança. Todos os órfãos ficavam em dormitórios como aqueles, com exceção de Lúcia. Cerca de um ano atrás, Pietra flagrou a menina, durante uma madrugada, brincando escondida no órgão da igreja. A madre achou aquilo um disparate e castigou a menina a dormir sozinha naquele quarto. Depois de algumas semanas, o castigo foi suspenso, mas não tardou que a órfã fosse apanhada passeando pelos corredores do hospital, e o castigo foi retomado. Depois de algumas vezes, indo e vindo, do quarto para o dormitório, Pietra achou de *bom tom* que o castigo se tornasse permanente. Não queria que a menina incentivasse outras crianças a imitar seu comportamento transgressor.

Lúcia tirou as sapatilhas e caminhou sorrateira e silenciosa até a quinta cama do agrupamento. Nela repousava uma garotinha negra, bem maior que Lúcia; tinha as bochechas arredondadas e rechonchudas, os lábios carnudos e uma testa estreita. O cabelo crespo estava dividido ao meio, e preso em duas tranças, uma de cada lado. A criança dormia um sono pesado e sua respiração era sonora. A pequena sacudiu a órfã adormecida pelos ombros até que ela abrisse os olhos. Quando a recém-desperta fitou Lúcia, ela estendeu o indicador à frente dos lábios, rogando silêncio.

A pequena levantou um pouco a saia do vestido e puxou de dentro da vestimenta um pequeno caderno velho e um lápis curto. Rabiscou alguma coisa e virou a folha para a outra menina.

– *Quero te contar uma coisa.* – Dizia a inscrição.

– Espere eu me trocar. – Sussurrou a outra.

Mas não houve tempo. Quando a menina se levantava da cama, a maçaneta da porta começou a girar. Lúcia imediatamente se esgueirou para debaixo da cama, agarrando o caderninho e o lápis contra o peito. De onde estava, viu os pés número quarenta e dois da madre Pietra e se esforçou para não emitir um ruído sequer, torcendo para que a velha não olhasse para baixo.

– Levantem logo, suas preguiçosas! – Berrou a desagradável mulher. – Isso não é uma colônia de férias, vistam seus uniformes e estejam à mesa para o café em cinco minutos. – E com isso, Pietra bateu a porta e seguiu para aterrorizar o dormitório seguinte.

Lúcia se levantou, mas não teriam tempo para conversar naquele

momento. Ela deixou o dormitório e correu para o refeitório, antes que Pietra notasse sua ausência. Cinco minutos mais tarde, todas as crianças estavam a postos para a refeição matinal. No refeitório, havia duas enormes mesas, com vinte metros de comprimento cada uma, e cercadas de um grande número de cadeiras parafusadas no chão. Cada criança devia apanhar uma bandeja e seguir ao balcão, onde algumas freiras despejavam o alimento. Depois disso, se encaminhavam para a mesa e se sentavam para o desjejum.

A pequena Lúcia estava faminta, havia vivido uma aventura e tanto na noite anterior e, assim que se sentou, tratou de atacar a refeição. Pegou um pedaço de bolo e levou-o até a boca. Antes que pudesse dilacerar a guloseima com os dentes, sentiu um pancada nas costas da mão, levantou os olhos e deu de cara com Pietra, segurando a “régua de acossar criancinhas”. *Essa mulher parece uma assombração*, pensou a pobre menina, *está em todos os lugares!*

– Não antes da oração. – Advertiu a madre. – Por ser tão desobediente vai ficar sem. . .

Pietra retirava a bandeja de Lúcia quando notou o Padre Francisco se aproximar. Devolveu o desjejum da pequena e cumprimentou o sacerdote, tomando-lhe a mão direita e beijando-a.

– A sua benção, Padre. – Dissimulou a religiosa.

– Deus te abençoe, irmã. – Respondeu Francisco.

A menina suspirou aliviada; salva por um triz. A madre se afastou, mas antes fulminou Lúcia com aquele olhar inquisidor que tanto usava. A menina negra, que acordara a pouco, se sentou ao lado de Lúcia, sorrindo para ela.

– O que queria me contar?– Cochichou ela.

Lúcia olhou para o lado e divisou um das irmãs se aproximando, se voltou para a companheira e mexeu a boca sem emitir som. A menina leu em seus lábios a palavra *depois*. A irmã passou por elas e seguiu em frente; a pequena cutucou a órfã ao seu lado e lhe passou uma maçã que trazia escondida no bolso do vestido. A outra apanhou a fruta e sorriu. Começaram a comer.

A pequena comia com delicadeza, apesar da fome voraz que lhe acometia. Por outro lado, sua amiga se alimentava de um jeito peculiar: comia muito rápido e quase não mastigava, parecia que tinha medo que a comida acabasse ou lhe fosse roubada. Como era de costume, não demorou a ser advertida.

– Ângela! – Chamou irmã Paulina. – Pare com isso e coma como uma pessoa normal!

A menina reduziu o ritmo e abaixou a cabeça. Não fosse a cor escura da pele, teria corado. Porém, mal a irmã se afastou, as duas trocaram sorrisos divertidos, e Ângela voltou a atacar o alimento de forma voraz.

Após o café da manhã, seguiram direto para a sala de aula. Ângela e Lúcia estavam em salas separadas, devido à diferença de idade. Lúcia tinha dez

anos, e a amiga era dois anos mais velha. A conversa ficaria para mais tarde. A pequena órfã assistiu às aulas regulares até o horário do almoço, quando se reencontrou com a amiga. Comeram juntas, mas, sob vigilância, não puderam conversar. O período da tarde era dedicado aos estudos religiosos, e somente a irmã regente podia falar, também não conseguiram conversar. Por volta das dezessete horas, após os estudos, as crianças tinham um tempo livre até o jantar. No entanto, uma ingrata surpresa impediu Lúcia de compartilhar sua mais recente aventura com a amiga.

Na saída da sala de aula, Pietra esperava pela menina. Puxou-a pelo braço até o quarto. Antes de sair e trancar a porta, a madre se pronunciou:

– O castigo não terminou, vai comer aqui essa noite.

Aquela conversa ficaria para outro dia. Mas, no dia seguinte, Lucia teria bem mais coisas a contar, pois não pretendia dormir naquela noite.

Gostou?

Para continuar lendo acesse agora:

<http://umcanticodesilencio.wix.com/livro>